# CARTAS DOUTRINÁRIAS

## SÔBRE A VIDA CRISTÃ

*S. E. McNair*

CASA EDITÔRA EVANGÉLICA

# CARTAS OCASIONAIS SOBRE ASSUNTOS INTIMOS DA VIDA CRISTÃ

## Carta 1 — As Coletas da Igreja

*Carangola — Minas*
20-vi-1914

Querido irmão,

Desejo de vez em quando mandar-lhe uma carta sôbre algum assunto de interêsse atual. Hoje farei certas observações sôbre a COLETA, visto ser um assunto do qual a falta de compreensão dá prejuízo de diversas maneiras.

Uma vez que haja coletas, é preciso que haja quem tome conta e dê conta delas.

1º. O dinheiro não deve ser confiado a um novato nem a uma pessoa necessitada. Se êste «tesoureiro» não tem aptidões para a necessária escrituração, deve valer-se do auxílio de alguém que seja competente.

2º. Os gastos, exceto os mais insignificantes, nunca devem ser feitos sob a responsabilidade individual. Convém sempre consultar dois ou três outros, e, tratando de uma despesa avultada, apresentar primeiro a proposta à igreja, para então só gastar com o consentimento dela.

3º. Convém relatar à igreja mensalmente — por exemplo, no 1º. domingo do mês — as receitas e as despesas, evitando tudo quanto seja de mistério e segrêdo. Os contribuintes, não sabendo o que se faz com o seu dinheiro, perdem a vontade de contribuir. Quando o encarregado do serviço descuida de apresentar êste relatório, outros irmãos devem pedí-lo. Os livros devem estar sempre disponíveis para qualquer membro da igreja ver.

4º. Necessidades que podem ser socorridas são: O ministério (Rom. 15:27, 1. Cor. 9:6-18, Gál. 6:6, etc.); os crentes pobres

(Atos 20:35, Rom. 12:13,) etc. algumas viúvas, mas não tôdas elas 1. Tim. 5:3-16); e tôdas as despesas que são pròpriamente da igreja, e não de um indivíduo, como aluguel da Casa de Oração, luz, etc.

5º. Necessidades que não podem ser socorridas da coleta são: as viúvas moças ou viúvas que têm parentes que devem mantê-las; pessoas que não se têm portado bem, e cuja pobreza parece ser castigo de Deus (veja-se 1. Tim. 5:1-13). Contudo, não devemos deixar nenhuma dessas pessoas morrer de fome. Podemos socorrê-las (como também os mendigos) particularmente, e não da Coleta da Igreja.

6º. Não esperamos ouvir irmãos pedindo dinheiro da coleta para as suas necessidades; muito menos demandá-lo. A Escritura nos ensina a dirigir as nossas petições a Deus e não aos homens (Fil. 4:6). Mas por isso mesmo deve haver zêlo e simpatia entre todos em conhecer onde há necessidade, e em oferecer o socorro preciso.

7º. A palavra ensina que cada um dê «*conforme a sua prosperidade*» (1. Cor. 16:2); contudo, temos liberdade para contribuir à parte da coleta da igreja, porém sempre em sujeição à vontade de Deus.

Termino agora esta, com saudações fraternais no Senhor,

Seu por amor de Cristo.

* * *

## Carta 2

### O Asseio

*Carangola — Minas*

Meu caro irmão,

Nesta segunda carta desejo chamar a sua atenção para um perigo que ameaça o progresso do Evangelho neste país. Refiro-me ao fato de que muitas vêzes a casa e a pessoa do crente desmentem o que as suas palavras afirmam.

O cristão declara que ama a pureza e a santidade, e, contudo, às vêzes se encontra usando a mesma falta de asseio que mostrava enquanto ainda incrédulo.

Que havemos de pensar a respeito de uma pessoa convertida quanto à sua linguagem, mas que no seu corpo e na sua casa ainda está por converter?

A Escritura ensina-nos a chegar a Deus, tendo o «*corpo lavado em água limpa*» (Heb. 10:22). Esta palavra é para desprezar, ou obedecer? Causa admiração o empenho de alguns em procurar a imersão em água *uma vez* (no batismo), entendendo que isso lhes

é mandado por Deus, enquanto omitem o outro e frequente uso da água que é expressamente ensinado!

Como podemos esperar que as crianças cheguem a amar o que é puro e belo, se são criadas no meio da imundícia? Às vêzes uma pequena economia sai bem cara. Por não gastar mais alguns tostões com colheres, os pais deixam os meninos acostumar-se a comer com os dedos, lambuzando a cara tôda, e parecendo mais bichos do que criaturas feitas na imagem de Deus para a Sua glória. A criança desmamada deve ser sempre servida com uma colher até, pouco a pouco, aprender a servir-se com ela. Essa reforma necessita um pouco de capricho da parte dos pais, mas bem merece a pena.

Um pequeno espelho, que pode custar dez tostões, *pregado em lugar baixo* para os meninos poderem ver, seria o seu primeiro livro de estudo, onde haviam de aprender a amar o asseio e a pureza. Deixar a criança comer com as mãos sujas é ensiná-la a ser bicho e não homem.

O menino deve ser ensinado, quando se lava pela manhã, a tirar a camisa e lavar bem com água e sabão não sómente a cara, mas o pescoço, os sovacos, os braços e o peito; e a banhar o corpo todo mais de uma vez por semana. Assim evitará a sarna e outras moléstias que se originam na falta do asseio do corpo. E o costume que aprende quando pequeno não perderá depois de ser homem, uma vez que disponha de uma bacia para poder lavar-se dentro do quarto, ou haja um banheiro conveniente.

O costume de varrer a casa todos os dias, mostra que o asseio é apreciado; mas por que só varrer o soalho, deixando teias de aranha nas paredes, atrás das janelas e no tecto, quase a cair nos pratos? E' descuido ou desleixo, visto que dá pouco trabalho varrer por cima de vez em quando.

O apóstolo Paulo, «*pondo-se de joelhos, orou com todos êles*» (Atos 20:36), mas no Brasil não se pode orar de joelhos nas casas onde não lavam o soalho. E, contudo, o costume de cuspir dentro da casa (que é frequente antes da conversão) torna ainda mais necessária essa medida higiênica.

Uma casa lavada tôdas as semanas fica livre de bichos e pulgas. Importa algum trabalho, mas cantamos:

«*Vamos nós trabalhar, somos servos de Deus*»

e não devemos estranhar que o trabalho tenha de principiar na própria casa.

O crente, que, nestas coisas íntimas, se esmera por agradar a Deus, verá que o seu testemunho não é vão.

Seu servo por amor de Cristo,

* * *

## Carta 3 — Hospedagem

*Carangola — Minas*

Meu caro irmão,

Tenho estado a ler em 2. Reis 4:9 e 10 o seguinte: — «*E ela disse ao seu marido: Eis que tenho observado que êste que sempre passa por nós é um santo homem de Deus. Façamos-lhe, pois, um pequeno quarto junto ao muro, e ali lhe ponhamos uma cama, e uma mesa, e uma cadeira, e um candieiro: e há de ser que, vindo êle a nós, para ali se retirará.*»

E' muito frequente ouvir a queixa de que o pregador demora tão pouco e anda sempre com pressa: uma circunstância que não é de admirar em vista do muito serviço que há. E, contudo, muitas vêzes êle deseja demorar mais tempo em algum ponto; mas onde?

Ninguém no lugar se lembrou de aprontar «um pequeno quarto», reservado e asseado, para os servos do Senhor; mas se o tivessem feito, lembrados que um «homem de Deus» às vêzes necessita de um lugar privado (Mat. 6:6) que qualquer camarada não espera, êle o teria apreciado tanto que, se possível fôra, teria ficado ali uns dias, dando graças a Deus e aos irmãos pela comodidade.

Quem está na sua casa, e sabe muito bem como se arranja, às vêzes nem pensa quanto custa ao pregador, acostumado com as conveniências da civilização, passar alguns dias onde não há nem banheiro, nem privada, nem quarto de dormir. Se êle é casado, vê que é impossível levar a sua espôsa para um tal lugar que, inconveniente na roça, vem a ser quase intolerável num patrimônio, onde a visita é constantemente observada por vizinhos curiosos. Se o mal fôsse inevitável seria sofrido com mais resignação, mas em muitos casos pode ser fàcilmente remediado, com um pouco de trabalho.

As condições da civilização moderna pouco mais mobília necessitam do que as peças mencionadas no versículo acima citado. Uma bacia e uma vasilha com agua são apreciáveis, não resta dúvida, mas quando o quarto é pequeno, quanto mais vazio melhor. Às vêzes, espiando por baixo da cama, temos visto umas peças de roupa suja, guardadas ali para o dia da lavagem! E temos pensado que uma caprichosa dona de casa ajuntaria tôda a roupa para lavar, não debaixo das camas da família, mas num balaio reservado para êsse fim.

E' bem compreendido que a falta de recursos pode impedir

qualquer irmão de oferecer a comodidade que convém. Mas às vêzes, com um pequeno esfôrço, três ou quatro poderão juntos fazer um quartinho destinado a servir algum servo de Deus que venha. Com tôda a certeza o seu zêlo seria honrado!

Saudações no Senhor.

* * *

## Carta 4

### Coleta e Dívida

*Carangola — Minas*

Meu caro irmão

Na minha primeira carta referente à *Coleta*, deixei de mencionar um ponto de importância. O irmão encarregado de tomar conta do dinheiro da igreja precisa usar o maior escrúpulo em não misturá-lo com o seu, mas tê-lo separado, e disponível em qualquer momento que seja necessário. O desleixo nesta parte às vêzes resulta em consequências deploráveis, que deixam os crentes sem nenhum gôsto em contribuir.

O assunto desta quarta carta será *A Dívida*. No Brasil a dívida é um dos maiores males que reina entre o povo, as suas consequências prejudicando tanto aos crentes como aos incrédulos.

Atualmente em alguns meios custa encontrar um homem casado que não deva mais do que pode pagar com três meses do seu trabalho.

Se o moço ainda não tem contraído dívidas (talvez por não ter crédito), é quase certo que vai arranjar dinheiro emprestado para comprar um terno de casimira para o seu casamento, metendo-se assim numa escravatura ao comêço da vida casada, da qual nunca mais sai. O negociante em grande escala que compra fiado, podendo em qualquer momento satisfazer os seus credores pelo capital que tem em reserva, ou por devolver os mesmos gêneros, está em melhor caso do que o trabalhador que compra um cavalo fiado, contando em pagar com o que ainda não possui: trabalho no futuro e futura saúde para trabalhar.

E' mais fácil evitar as dívidas ao comêço do que liquidá-las ao fim. Muitos crentes lamentam o apêrto em que se encontram, mas não podem sair dêle de repente. Nem seria uma verdadeira caridade pagar-lhes essas dívidas antes de êles terem sentido o pêso delas e feito todo esfôrço para as remover.

Mas especialmente desejo exortar os moços a tomarem uma sagrada resolução de, pela graça de Deus, nunca dever nada a nin-

guém, senão o amor — que é um dever pagar, ainda que seja uma dívida que nunca podemos liquidar.

Nêste propósito êles — e todos — podem provar que «*Deus é poderoso para fazer abundar em vós tôda a graça, para que, tendo sempre, em tudo, tôda a suficiência, abundeis em tôda boa obra*» (2. Cor. 9:8).

Seu irmão em Cristo.

* * *

## Carta 5

### Casamentos

*Carangola, — Minas*

Meu caro irmão.

Ùltimamente tem havido uma porção de casamentos neste distrito, e alguns dêles entre noivos bem moços.

São sinceras as nossas felicitações e os nossos desejos que os dois possam, unidos, gozar mais abundantemente da bênção divina do que conheceram quando solteiros.

Os pais naturalmente, e com razão, procuram para as suas filhas noivos que possam aprovar. O que nem sempre é bastante estudado é se o pretendente à mão da filha é inteiramente do gôsto dela, que, afinal, é um ponto da máxima importância. Tenho conhecido casos em que os pais deliberaram muito tempo sôbre as pretensões de algum moço sem se lembrarem de consultar a filha e saber se tal enlace seria do agrado dela. Com certeza a pessoa mais interessada tem o direito de saber do caso e manifestar a sua preferência.

E' muito justo que um pai verifique que o futuro marido de sua filha tenha meios suficientes para a manter no estilo de vida em que foi criada, mas êle deve sempre compreender que os bens materiais são de uma importância muito secundária aos dotes espirituais, que devem ser procurados em primeiro lugar.

Ao ouvir, às vêzes, que um pai tem conseguido que a sua filha se unisse com um homem rico mas ruim, nos parece que êle tem feito uma transação desastrosa, pois no seu empenho de adquirir um genro rico, tem vendido o corpo da sua própria filha!

As três filhas de uma viúva crente e pobre casaram-se com homens ricos, porém o resultado foi uma infinidade de amarguras para elas e sua mãe.

Causa pena encontrar algumas mulheres, depois de poucos

meses de vida casada, envelhecidas, doentias e abatidas. E o marido, naturalmente, não se alegra muito ao ver a formosura da sua espôsa desaparecer tão depressa. Contudo, é bem possível que o mal teria se evitado, se tivesse sido compreendido que a *continência* tem, em boa medida, o seu cabimento no matrimônio como também no estado de solteiro.

E aí está um êrro gravíssimo, de consequências lâstimáveis. Muitos têm sentido que a abstinência de bebidas alcoólicas é mais fácil do que o uso moderado delas; e muitos também concordam que os casados precisam ainda mais govêrno sôbre as suas paixões do que os solteiros, visto terem constantemente a oportunidade de as satisfazer.

No que segue não me atrevo a oferecer uma opinião particular, mas podendo consultar os livros de algumas das melhores autoridades médicas estrangeiras, reconheço o dever de pôr o ensino dêles ao alcance dos meus irmãos. Insistem em que desde o momento que a mulher se sente grávida, não deve haver relações sexuias entre ela e o marido. E acrescentam que, sendo assim, os partos serão muito menos dolorosos. Isto pode importar alguma abnegação, mas o verdadeiro amor põe à parte o próprio agrado em proveito do outro.

Com o desejo que os novos casais realizem a plenitude de felicidade que poderá ser sua, continuo a ser

Vosso, no serviço do Mestre.

* * *

## Carta 6

### Ceia do Senhor

*Carangola — Minas*

Meu caro irmão,

Creio que é preciso haver alguma explicação referente à Ceia do Senhor, visto ser um assunto mal compreendido por alguns.

Às vêzes um novo grupo de crentes manda perguntar se já não podem celebrar a Ceia do Senhor na sua própria localidade, dando assim a entender que pensam ser necessário pedir licença a outros, ou contar com outros para os ajudar no serviço.

Os crentes de qualquer lugar devem poder descobrir se ou não podem ter a Ceia do Senhor, tomando sentido no seu próprio desenvolvimento espiritual.

Lemos que ao partir o pão o Senhor Jesus *deu graças*; e sem haver alguém que possa dar graças a Deus pelos elementos — o

pão e vinho — seria difícil celebrar a Ceia do Senhor, como também se houvesse só um que abrisse a sua bôca em uma reunião seria impossível realizar o lindo método de ministério descrito em 1. Cor. 12:11, onde o Espírito Santo reparte «*particularmente a cada um, como quer*», diferentes partes do serviço.

Mas é na reunião de Oração que os irmãos podem ficar conhecendo a capacidade espiritual que haja entre êles, e descobrir se podem dar graças ao Senhor ou não.

A idéia porém de ficar à espera de alguém que venha de fora para lhes «administrar a Ceia», ainda que seja muito comum entre os crentes evangélicos, não se encontra na Escritura.

Havendo-me referido à coletividade, vou agora estudar o indivíduo: Fulano deseja tomar parte na Ceia do Senhor, e quer saber se existe algum embaraço.

O que mais nos interessa é saber *por que* é que êle tem êsse desejo, pois a exposição que faz do seu motivo nos deixa conhecer melhor o seu estado espiritual.

Tomar parte na Ceia do Senhor é o privilégio de todo crente, até do mais novato. O que às vêzes leva algum tempo é os demais poderem saber se Fulano é realmente crente, porque só podem saber pelas obras dêle, e por ver tôda a sua vida transformada pelo poder da graça de Deus.

Mas muitas vêzes dá-se o caso que a maior parte dos irmãos não têm oportunidade para observar a vida da pessoa; e por isso não podem afirmar nada positivo sôbre o testemunho que ela representa. Em tal caso, o pretendente deve procurar ao menos duas testemunhas (1. Tim. 5:19) que o conheçam bem de perto e possam dar provas da sua conversão.

Causa-nos pena ver pessoas professadamente crentes assistindo às reuniões durante meses ou anos sem nunca manifestar o desejo de aceitar o convite do Salvador à Sua Ceia. Interrogadas, geralmente manifestam ser o motivo da sua abstinência, oû que se acham indignos, ou que acham alguma culpa nos outros que já participam.

Nem um nem outro dos motivos é adequado ao caso. Digno ninguém é, em si, mas todos os crentes o são em Cristo. Para tomarmos parte dignamente, havemos de reconhecer a nossa indignidade, e que em Cristo somos idôneos. Julgar aos outros e assim não tomar parte, tampouco concorda com a Escritura que nos ensina a julgarmo-nos a nós mesmos e assim tomarmos parte.

Aqui convém haver uma palavra de advertência para aquêles que já participam da Ceia. Alguns, com uma facilidade extraordinária, afastam-se da Ceia em qualquer ocasião em que não aprovam a conduta de alguém ali: um modo de proceder que a Escri-

tura não ensina. Se todos assim fizessem, que confusão haveria na Igreja! Se fugíssemos de algum dos convidados, seria fazer bem pouco caso de Quem nos convidou. Se houver males, têm que ser julgados conforme ensina a Palavra; mas se os que devem julgar já fugiram, quem há de exercer a disciplina?

Êste assunto carece ser mais compreendido entre os crentes.

Saudações no Senhor.

* * *

## Carta 7

## Ensinos errados

*Carangola — Minas*
iii — 1916

Meu caro irn.ão,

Na minha mocidade na Inglaterra, frequentando as grandes reuniões ali, fiquei impressionado por ver o número de irmãos de posição e respeito que ministravam a Palavra.

Desde êsses tempos tenho me lembrado do proveito que deve haver para um crente novato e inexperiente em poder sempre consultar com irmãos antigos na fé e experimentados na vida espiritual. Não só êstes conhecem bem a verdade, mas também sabem as várias formas em que o êrro costuma manifestar-se, e por isso podem livrar a mocidade dos enganos que tão fàcilmente se deixa prender.

E' justamente o que falta em certas partes do Brasil, onde não há crentes idosos, ou os que há não são de respeito e pêso espiritual.

E o resultado é que, muitas vêzes, o crente moço e inteligente se deixa seduzir por um ensino errado que lhe parece tão novo e bonito, quando, se tivesse consultado alguém mais experimentado, teria sabido que o êrro era coisa bem conhecida — e reprovada; e teria escapado do laço.

Pode ser, por exemplo, uma *questão de batismo*, e alguém lhe afirma que batizar é sempre imergir, um ensino tão simples que o aceita com tôda a facilidade; e talvez em seguida êle consinta em fazer parte de um grupo batista vizinho. Se tivesse consultado alguém mais experiente na matéria, êle teria ouvido que o assunto não pode ser resolvido tão fàcilmente, e que de maneira alguma convém dividir os crentes sôbre pontos problemáticos.

Pode ser também uma propaganda *sabatista* que o atrai, sem êle saber que o Sabatismo é um êrro bem conhecido pelos ensinadores experientes, e refutado muitas vêzes por escritores instruídos,

que, conhecendo muito bem a história da propaganda, não se deixam impressionar pelas plausíveis citações da lei mosaica.

Talvez o crente incauto se deixe cativar por uma das modernas propagandas de *curas pela fé* ou de *línguas estranhas*, ignorando por completo os males que têm resultado de tais ensinos em outras partes e outros países. Se êle tivesse consultado alguém mais bem informado sôbre o assunto teria sido avisado a tempo, e teria evitado caír em mais um êrro que prejudica pelas suas extravagâncias o testemunho do Evangelho.

Com certeza mais cedo ou mais tarde êle há de encontrar algum ensino *espírita*, e, ouvindo das suas maravilhas, sonhos, consultas com os mortos, curas, etc., ficará com desejo de ter experiência pessoal, não sabendo que o espiritismo é expressamente proibido por Deus (Lev. 19:31 ; Deut. 18:10, etc.).

E' de notar que muitos erros modernos têm o mesmo distintivo : o de apresentarem «*outro evangelho*» para o benefício do corpo em vez do Evangelho de Cristo, que salva a alma.

Tenho passado pelo Centro Espírita no Rio e visto uma imensidade de gente à porta querendo entrar e obter as curas que essa propaganda promete, enquanto as reuniões de evangelização, que oferecem antes salvar o homem dos seus pecados do que dos seus incômodos, são pouco frequentadas.

Pode ser que a tentação não lhe apareça em nenhuma forma extravagante, mas alguém se interessa em o ocupar com *uma disciplina* ou *um govêrno* muito bem elaborado, com regras muito sensatas, porém que não são da Palavra. Inexperiente, e talvez incauto, êle acha tudo muito bom, e pensa que a ausência de semelhantes regras entre os crentes que tem conhecido desde a sua conversão importa um defeito (não sabendo que os irmãos instruídos entre êstes têm compreendido não impôr sôbre os crentes nenhuma regra que a Palavra não prescreve) e com facilidade êle se liga a uma denominação que apresenta uma disciplina mais detalhada do que êle tem encontrado na Bíblia.

E todos êstes erros teria evitado, consultando algum crente para quem êstes e outros ensinos errados não são novidades mas males cujos efeitos e prejuízos à igreja são tão bem conhecidos como as várias moléstias que afligem o corpo humano. Na dificuldade que muitas vêzes há em falar pessoalmente com irmãos de experiência, temos um recurso na imprensa evangélica e na correspondência particular.

Por minha parte estou pronto a servir por carta, na medida que possa, qualquer irmão que deseje esclarecimento sôbre algum ensino novo que lhe esteja preocupando o pensamento.

Contudo, não devemos pensar que os ensinos errados nos

tragam só prejuizo. Êles têm a vantagem de ao menos obrigar o crente a pensar e a verificar bem as bases das suas convicções, e assim podem dar como resultado final êle ser mais bem arraigado na verdade.

Vosso servo por amor de Cristo,

* * *

## Carta 8 — As crianças

*Carangola — Minas*

iv — 1916

Meu caro irmão,

Visto que atualmente dedico algumas horas do dia ao ensino de meninos, estou um pouco preocupado com o progresso espiritual dêles, e mais especialmente com o auxílio que recebem de seus pais.

Corrigir a conduta do pequeno pode ser semelhante ao limpar o exterior do copo ou prato; mas, que há lá dentro no coração?

Posso acreditar que importa um trabalho cuidadoso e constante para os pais, ganharem a confiança de seus filhos e conhecer o que há nos seus corações, mas é a única maneira de os influir no bem e tomar a direção das suas vidas.

Lembro-me de oferecer alguns pensamentos que oportunamente podem ser praticados com vantagem espiritual.

1º. A CONVERSAÇÃO. Nota-se muitas vêzes que os pais não conversam com seus filhos, e por isso não há intimidade entre êles. Os meninos estão em casa para dormir e comer, e depois, saem para estar com os seus companheiros. Mas nunca pensaram em encontrar um companheiro no pai. Em casa, que não interrompam a conversa dos outros, é o mais que se espera dêles; mas que mantenham uma palestra amigável com seus pais, isso nunca se pensa, nem de uma parte nem da outra! E o resultado é que frequentemente o menino em casa fica calado e reprimido, e só pode expandir-se fora dela, onde procura gozar uma verdadeira intimidade, não com seus pais mas com os da sua idade.

Mas, em falar da conversa, não me refiro apenas a ensinos morais e religiosos. O pai deve animar os pequenos a falar com êle de tudo: dos seus brinquedos, seus gostos, seus pensamentos, seus desejos, suas dificuldades e, finalmente, das suas opiniões.

Por mais insignificante que seja o assunto, não será sem im-

portância, porque a conversa sôbre assuntos triviais pode resultar em estabelecer uma intimidade que não será uma coisa trivial.

O pai que pergunta ao filho à mesa do almôço se êle gosta mais de farinha ou angu, e depois, por que êle gosta, terá ao menos feito algum caso do pequeno, e mostrado um interêsse nêle que será apreciado. E em seguida pode abordar outro assunto de mais nota.

2º. A OBSERVAÇÃO. O burro no pasto não vê mais do que o capim que está diante dêle, apesar de estar rodeado de tôdas as belezas da natureza. Os índios na mata pouco mais enxergam além daquilo que é indispensável para sua comida e abrigo. E a criança sem educação será como os índios. Porém a primeira educação não se encontra na escola, mas na convivência com os pais.

O pai deve ensinar seu filho a *ver*, e a observar, porque muitas pessoas presenceiam as coisas sem as perceber. Podemos ter a certeza de que, de duas pessoas, quem observa mais é a mais inteligente, e esta inteligência pode ser desenvolvida.

Na casa e no campo o pai deve chamar a atenção de seu filho para tudo — plantas, árvores, animais, insetos — ensinando-lhe os nomes, e chamando a sua atenção para os seus costumes. Assim é que o pequeno aprende a *ver* e *tomar sentido.*

3º. ENSINO ESPIRITUAL. Desde os primeiros anos deve haver um cuidadoso ensino espiritual e bíblico para os pequenos. Ao menos devem ser acostumados a ler a Bíblia, a conhecer as suas histórias e a pôr em prática os seus ensinos.

Precisa haver o maior cuidado que êste ensino seja interessante e agradável, para que os pequenos não encarem o ensino bíblico como uma espécie de castigo.

4º. ORAÇÃO. Esta é tão importante como o estudo bíblico e pode-se praticar antes de a criança saber ler. Ajoelhada junto com a mãe a criança deve aprender a orar logo que possa falar, e depois, durante os anos que seguem, deve ser cuidadosamente guiada a orar com sinceridade e fé.

E' muito bom que o rapaz nunca perca o costume de orar em voz alta, em presença de seus pais ou da família. E' uma boa prática deixar os diferentes meninos dar graças à mesa, para que não pensem que isso é coisa só do pai.

5º. ENSINO MORAL. Muitos pais descuidam totalmente de aconselhar a seus filhos com respeito aos seus instintos sexuais, deixando-os satisfazer a sua curiosidade natural em conversa com os camaradas, ou companheiros inexperientes. O rapaz deve ser advertido por seu pai a êsse respeito com tôda a simpatia, para o seu bem presente e futuro.

Outros tópicos importantes podem, sem dúvida, ocupar a nossa atenção, mas êstes pelo menos merecem ser cuidados com todo o zêlo. Tratei dêstes assuntos mais detalhadamente, há anos, no impresso «*O Cristão em Casa*» que desejava que fôsse lido atentamente por todo chefe de família.

Com saudações fraternais,

* * *

## Carta 9

## O Clericalismo

*Carangola, Minas*

x — 1916

Prezados irmãos,

Um dos males que, no decorrer dos séculos, mais tem aumentado na Igreja Romana é o *clericalismo*: a saber, o reconhecimento de uma classe privilegiada que manda e domina na Igreja com uma autoridade que afirma ser divina, usurpando para si o direito exclusivo de ensinar, ministrar e governar o povo de Deus.

E' certo que tanta autoridade não podia ser adquirida por uma parte da Igreja sem consentimento da outra, sendo o motivo mais evidente dêsse consentimento a *conveniência* que o arranjo oferecia. Para um povo pouco dado ao estudo, parecia ser uma excelente idéia deixar todo o serviço religioso a uma classe especialmente educada para êsse fim. Assim o desenvolvimento espiritual de cada membro do Corpo de Cristo tornou-se desnecessário. O padre era quem dizia a missa, e ao povo não cabia mais obrigação do que assistir calado.

Quando a abençoada obra da Reforma corrigiu inúmeros erros em doutrinas e ritos, infelizmente ainda ficou no seio das Igrejas reformadas a distinção essencialmente romana entre «*clero*» e «*leigo*», uma distinção desconhecida no ensino apostólico. E até hoje é praxe, mesmo nas Igrejas protestantes, atribuir aos seus ministros o título de «*Reverendo*»: um resto do romanismo, que seria melhor ter deixado com a Igreja que o inventou.

O motivo imediato desta carta é de manifestar o meu pesar por ver a mesma tendência para o clericalismo aparecendo onde menos era de esperar. Conheço lugares onde os crentes ficam privados da Ceia do Senhor, se não vier alguém de fora para administrá-la, e outros lugares onde contam que há de ser sempre o mesmo irmão que a administre, por ser êsse o único no lugar julgado competente!

O que é isto senão o princípio clerical, que no romanismo constitui o padre, e no protestantismo um «pastor», como chefe da Igreja local?

O resultado será sempre o mesmo que sucede em todo lugar onde o clericalismo reina: a maior parte dos crentes ficará sem desenvolvimento espiritual, e a Igreja local será limitada ao ministério de um só homem; uma situação sempre lastimável e quase sempre desnecessária.

Quando me perguntam se não creio que cada Igreja deve ter um pastor, costumo dizer que acho *um* muito pouco, e só tolerável se *Deus não tem dado mais.*

O sistema divino minuciosamente eloborado em 1. Cor. 12 e 14, contempla a distribuição do serviço no culto da Igreja entre vários irmãos, e não a sua concentração em um só chefe ou diretor. Efetivamente, o único dirigente reconhecido na Epístola aos Coríntios é o Espírito Santo, que reparte particularmente a cada um como Êle quer (1. Cor. 12:11). E' verdade que devemos distinguir entre êste culto coletivo do «*sacerdócio santo*» (1. Pedro 2:5) e o trabalho individual de um evangelista ou ensinador, dotados por Cristo para êsses serviços.

A natureza humana pende para o clericalismo, por isso devemos estar de sobreaviso contra êle. Quem tem algum dom para a edificação deve ser zeloso no seu ministério, mas deve fugir de figurar como um chefe na Igreja, e deve cuidar que o exercício do seu dom não seja motivo de completa inação dos outros. Quem sente em si pouco ou nenhum dom para o ensino deve compreender que há muito serviço na Igreja, tal como louvores, ações de graças, etc., que não depende de dom algum, mas sim de um coração que trasborda com adoração a Deus.

Aqui, porém, cabe uma palavra de cautela: Que êsse irmão não pense ser o serviço mais fácil na Igreja citar um hino para se cantar. Precisamente por parecer tão fácil é que se necessita ainda maior dependência do Espírito de Deus para cantar um hino que esteja de acôrdo com a corrente de adoração pela qual o divino Dirigente está guiando a congregação.

E' evidente que há diferença entre um irmão assistir ao culto, apenas para ouvir o ministro, e o mesmo ir com a impressão de que êle também poderá ser um instrumento, sob a influência do Espírito Santo, para tomar alguma parte ativa no serviço. Neste último caso êle vai com o seu espírito exercitado e a sua alma atenta para ser guiado pela vontade divina.

Apesar de tantos crentes terem as mesmas Escrituras é estranho que êste assunto seja tão pouco entendido. Às vêzes me dizem: «Sabemos que nas vossas reuniões qualquer pode falar se

quiser», e respondo: «De modo nenhum. A vontade individual absolutamente não tem cabimento. Mas há liberdade para o Espírito de Deus servir-Se de quem quiser, sem ser limitado a um só.»

E existe mais outro corretivo. Leio em 1 Cor. 14:29 — «*falem dois ou três profetas, e os outros julguem*». Os crentes que escutam devem resolver se o ministério é para proveito, e manifestar o seu parecer aos que falam.

Peço a sua atenção e oração para êste assunto.

Seu servo por amor de Cristo,

* * *

## Carta 10 — Os Hinos

*Carangola, Minas*
xi — 1916

Meu caro irmão,

Um crente bem conhecido e de bastante experiência chamou a minha atenção para o assunto do canto dos hinos, no seu atual desenvolvimento entre as famílias evangélicas.

«*Está alguém alegre? Cante louvores*», diz a Palavra, e não há dúvida que o canto muitas vêzes representa a expressão do gôzo que o crente sente na alma. E muitas vêzes é o meio pelo qual êle oferece os seus louvores a Deus.

Embora poucos hinos tenham merecimento poético, já existem diversos que mostram grande valor espiritual. E todos se referem a assuntos de bastante importância e solenidade. Cantados pela Igreja reunida, vêm a ser uma confissão de sua fé, esperança e amor.

E, contudo, uma coisa tão preciosa como é o cantar hinos a Deus pode tornar-se altamente prejudicial, quando as condições essenciais não são atendidas.

As duas condições do canto são indicadas em Efésios 5:19 — (1) «*falando uns aos outros em salmos e hinos e cânticos espirituais*, (2) *cantando e louvando ao Senhor em vosso coração*».

O hino deve servir, ou para animar os crentes na sua vida espiritual, ou para expressar a Deus o louvor dos seus corações.

Infelizmente, porém, há ocasiões, principalmente nas casas dos crentes, em que ouvimos cantar hinos sem pensar nem em uma coisa nem na outra.

Fulano canta porque tem boa voz e quer exercitá-la. Sicrano acha a música bonita e quer ouvi-la. Beltrano quer aprender uma

música nova. Outros apenas desejam passar o tempo agradàvelmente e se servem dos hinos para êsse fim. As crianças gritam bem alto: «*Minh'alma louva ao Redentor*» sem saber o que é «alma» nem «louvor» nem «redenção». E' raríssimo alguns dos cantores parar para notar a importância das palavras que entoam. Muitas vêzes depois de ouvir um ensino solene querem cantar uma porção de hinos, dissipando assim todo o efeito do ministério.

Há uma denominação da qual se tem dito que a sua bíblia é o hinário. É regra geral, quando os crentes se encontram em grupos de três ou mais, aparecerem os hinários, e um após outro pede para cantar os seus hinos prediletos.

Mas, quão raro é abrirem as suas Bíblias para conversarem sôbre os belos ensinos que recentemente têm encontrado na Palavra! Uma aula de música sacra costuma ser bem freqüentada, mas nem sempre sucede o mesmo com as reuniões de oração ou estudo bíblico.

Não é de maneira alguma o meu desejo desanimar totalmente o canto de hinos nas horas desocupadas do dia. O tempo podia ser empregado pior. Mas, desejo que haja sempre proveito espiritual dêsse exercício, e que não degenere em um mero passatempo. Quando nos parece que o ensaio está passando o limite que convém, podemos perguntar a quem pede mais um hino, *por que* o pede! Será pela música ou pelas palavras? Se nos disser que é pelas palavras, perguntemos mais, o que é que êle está achando nelas? E a sua resposta dará ocasião de aparecer algum proveito espiritual.

Com saudações no Senhor Jesus,

* * *

## Carta 11 — Um Tratado Batista

*Carangola, Minas*

xii — 1916

Meu caro irmão,

O crente que lhe deu o tratado batista «*Ligeira Resposta ... ao Rev. Aníbal Nora*» pediu-lhe que fôsse lido atentamente e respondido *por escrito*. Prontifico-me a anuir ao desejo do seu amigo, respondendo-lhe por meio desta carta, embora reconheço o perigo que qualquer corre, intervindo entre dois contendedores. Está sujeito a apanhar de ambos e não contentar a nenhum. Não pretendo defender o Rev. Aníbal Nora, mas aproveito a ocasião pa-

ra referir-me a algumas considerações que o escritor deixou de notar, e examinar de novo certas Escrituras que êle cita.

O que mais me entristece em tôda a propaganda batista no Brasil é uma falta de candura e franqueza na sua maneira de angariar adeptos. Muitos propagandistas batistas pouco escrupulosos abusam da simplicidade dos crentes novatos e menos instruídos, dando-lhes a entender por indiretas que a sua salvação é problemática se têm sòmente o batismo que receberam em pequeno. Dizem: «Você não é crente: é apenas amigo de Cristo». Conversando com êsses que querem ser rebatizados, quase sempre verifico que o seu verdadeiro motivo é de ficar com a própria salvação mais garantida. *Êles não são crentes na plena eficácia do sangue de Cristo*, pois, como um irmão notou, «procuram na *água* o que devem achar no *sangue*».

Os escritores da missão batista insistem bem alto que o mergulho e só o mergulho é batismo, mas deixam de explicar aos seus leitores que o único mergulho que serve é o mergulho *praticado por êles mesmos*. Há anos, em Portugal, um zeloso pregador com convicções batistas formou uma congregação e batizou os crentes por imersão. Mais tarde a Missão Batista mandou do Brasil um missionário para tomar conta da congregação, e êle *tornou a batizar todos êsses crentes já batizados!* Conversando um dia com um dos mais conhecidos missionários batistas no norte do Brasil, quis verificar êste ponto, e disse-lhe: «Consta-me que a sua Igreja não reconhece a imersão praticada por ministros de outras denominações, mas repete o batismo dos crentes imersos por êles. E' assim?» Êle admitiu que eu tinha sido bem informado, e então tive que falar bem claro, e disse: «Pois vejo que nesse caso o seu zêlo não é por uma doutrina, nem por um rito, mas apenas por *um partido* na Igreja». E êle não podia contradizê-lo.

Pois isso considero que o modo de proceder de tais propagandistas revela mais astúcia do que candura cristã.

O escritor da «*Ligeira Resposta*», o sr. Júlio Martins Viana, dá referência a muitas Escrituras, mas às vêzes elas nada têm que dizer com o assunto. Quatro vêzes acrescenta à Escritura a palavra «sòmente» (nos parágrafos 4º, 6º, 8º, e 13º.), apesar de ter-se referido à passagem que condena quem aumenta ou diminui a Palavra de Deus (Apoc. 22:18,19).

Êle funda seu argumento também sôbre Atos 8:37, que qualquer pode ver, pela Versão Brasileira, não ser do original.

O sr. Viana afirma (8) que as Escrituras mandam que sejam batizados *sòmente* os que crêem, e aponta Marcos 16:16 e Atos 2:41 que não o dizem. Também nos diz (5) que o batismo de João é o mesmo de Jesus. Leio então em Atos 19:4. «*Certamente João batizou com o batismo de arrependimento, dizendo ao povo* (alguns

dos que êle chamou «raça de víboras» e não «prezados irmãos») *que cresse no que após êle havia de vir, isto é, em Jesus Cristo*». Evidentemente, pois, êsses ao menos ainda não eram crentes. Êle os batizou afirmando apenas o seu arrependimento.

O escritor queixa-se da linguagem inconveniente e pouco amorosa do seu reverendo adversário, e parece que a sua queixa tem algum fundamento. Mas não poderá êle estender as suas exortações aos seus companheiros batistas, pois êles a miúdo ofendem os demais crentes, alcunhando-os de «pagãos», «cães», «porcos», «cabras» e semelhantes títulos feios? Dizem êles: «O Senhor queira nos abençoar e nos unir», mas como pode Deus unir-nos se os batistas não deixam os outros crentes comungar com êles, nem consentem que os seus membros se reunam com outros crentes?

Por não achar proveito algum na ocupação com o processo de qualquer rito, não desejo entrar na questão tantas vêzes debatida: «Imersão ou aspersão?» A quantidade de água necessária para efetuar um batismo é um ponto difícil de resolver, e é de pouca importância. Embora nos digam que as palavras gregas *baptizo, baptisma, baptismos* sempre significam *imergir, imersão*, os batistas não se atrevem sempre a traduzi-las assim. Vejamos o efeito de o fazer em alguns casos: «*Êsse vos imergirá no Espírito Santo*» (Lucas 3:16) como se o Espírito fôsse um rio ou um lago. «*Ou não sabeis que todos quantos fomos imersos em Jesus Cristo fomos imersos na Sua morte?*» (Rom. 6:3). «*Mas o fariseu admirou-se, vendo que se não imergira antes de jantar*» (Lucas 11:38). «*Pois consistiam sòmente em manjares e bebidas e várias imersões . . .*» (Heb. 9:10); mas no ritual mosaico não havia nem uma só imersão, muito menos várias delas. Logo a palavra *baptismos* aqui é bem traduzida «abluções» e não pode ser «imersões».

Excuso-me de escrever mais agora sôbre o assunto, por ter já publicado dois impressos referentes ao batismo.

Vosso pelo amor da verdade,

* * *

## Carta 12

## Sabatistas

*Carangola, Minas*

1 — 1917

Querido irmão,

Acho conveniente dar mais uma advertência contra os livros dos sabatistas, que se oferecem à venda em tôda parte. São co-

nhecidos fàcilmente, pois trazem o nome da casa publicadora: «*Sociedade Internacional de Tratados*». Os livros são bem impressos, e tendo gravuras representando terremotos, chuvas de estrêlas, etc. o povo não faz questão de comprá-los bem caro, pensando que vai encontrar ensino de valor sôbre a profecia, a vida de Cristo, etc.

E' certo que a maior parte dos livros que oferecem à venda não apresenta os erros pelos quais os sabatistas são reprovados por tôdas as Igrejas evangélicas, a saber o *judaísmo*, ou a colocação de cristãos sob a lei de Moisés, que Paulo condena tão enèrgicamente na epístola aos Gálatas, e que Pedro chama «*um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar*» (Atos 15:10), como também a *negação da imortalidade da alma, do eterno castigo dos ímpios e da justificação por graça sem as obras da lei.* Mas os livros apresentam ensinos bastante errados, principalmente sôbre a profecia, e é pena ver os crentes pagar caro por livros que não edificam, quando há uma grande literatura evangélica boa e barata que muitos crentes ainda não compraram por falta de meios.

Visto que os sabatistas se colocam debaixo da lei, era de esperar que a guardassem tôda; mas não o fazem. Sabendo como insistem em guardar o Sábado, perguntei uma vez a um emissário dêles em Ribeirão Preto se êle aquentava café no Sábado? Êle disse-me que sim. Então repliquei-lhe que êle merecia ser apedrejado, e li em Números 15:32-35, «*Estando pois os filhos de Israel no deserto, acharam um homem apanhando lenha no dia de sábado... Disse pois o Senhor a Moisés: Certamente morrerá o tal homem; tôda a congregação com pedras o apedrejará para fora do arraial*». Os sabatistas não têm o direito de modificar a Lei de Moisés conforme a sua maior conveniência. Se estão sob a lei, pesam sôbre êles tôdas as suas penas. «*Dizei-me, os que quereis estar debaixo da lei: não ouvis vós a lei?*» (Gál. 4:21).

Os crentes que querem informar-se do verdadeiro caráter do Sabatismo devem ler «*O Sabatismo Desmascarado*» pelo dr. Anderson Berry, ou o novo tratado «*Lei ou Graça*». A seita teve origem na América do Norte, onde o povo é um tanto propenso a novidades religiosas, sendo a principal propagandista uma senhora chamada White, cujo nome figura em alguns dos livros vendidos no Brasil. As «*Visões*» dela são muito apreciadas nos meios sabatistas nos Estados Unidos do Norte, e é de supôr que qualquer dia aparecerá uma edição brasileira delas. Para dar-lhe uma idéia do estilo das «*Visões*» cito as palavras copiadas na página 70 de «*O Sabatismo Desmascarado*»: «*Enquanto que o sacrifício pelo pecado apontava para Cristo como um Sacrifício, o Sumo Sacerdote representava Cristo como um Mediador, o bode de expiação representava Satanás, autor do pecado, sôbre quem os pecados dos verdadeiros arrependidos serão finalmente lançados*».

«*Quando Cristo, em virtude de seu próprio sangue, removeu do Santuário celestial os pecados do seu povo, no fim do seu ministério coloca-os sôbre Satanás, que, na execução do julgamento, tem de levar o castigo final.*»

«*Satanás será banido para sempre da presença de Deus, e aniquilado na destruição final do pecado e dos pecadores.*»

Diz o Dr. Berry: «Eis aqui, então, a suma e essência do plano de salvação dos sabatistas: *O Salvador não é Cristo. E' Satanás!!*»

Foi com razão que o apóstolo escreveu: «*Não permito, porém, que a mulher ensine*», se as visões e ensinos da senhora White apresentam doutrinas tão erradas como esta!

Estamos nos últimos tempos, e erros abundam por todos os lados. Urge *provarmos* tôdas as coisas, e retermos sòmente o bem.

Vosso, no amor de Quem é o Fiel e Verdadeiro,

* * *

## Carta 13 — A Morte de Cristo

*Carangola, Minas*

6 — iv — 1917

Prezados irmãos,

Depois da nossa reunião no sábado passado senti o desejo de assentar as minhas impressões sôbre o que se passou, e recordar-vos as Escrituras que citamos em prova de que a morte de Cristo não foi nenhum recurso ulterior devido aos príncipes dêste mundo não O terem conhecido, mas que foi predeterminado por Deus em vista da entrada do pecado no mundo, como o único e suficiente meio para êsse pecado ser tirado. .

Felizmente a verdade da morte de Cristo ser, e sempre ter sido, necessária para a nossa redenção, não depende de um só texto da Escritura, mas é provada por uma grande variedade de passagens, algumas das quais foram citadas e frisadas na referida reunião.

Primeiramente citou-se Romanos 3:25. «*Ao qual* (Jesus) *Deus propôs para propiação pela fé no seu sangue, para demonstração da sua justiça, pela remissão dos pecados d'antes cometidos, sob a paciência de Deus*». Estudamos com cuidado o argumento do versículo. Deus, nos séculos passados, tinha perdoado pecados, mostrando assim a Sua misericórdia. Mas a Sua justiça em os perdoar não ficara evidente, porque ela nenhuma satisfação tinha recebido.

Essa satisfação havia de ser obtida mais tarde no sangue — na morte — de Cristo, e não podia ter sido obtida por outro qualquer meio. E' necessário também notar que a satisfação que a justiça divina ofendida achou na morte de Cristo não foi apenas uma coisa que Deus *aceitou* mas o que Êle mesmo propôs, segundo reza o texto. Esta escritura só por si basta para estabelecer a absoluta necessidade da *morte* de uma Vítima Perfeita para os nossos pecados poderem com justiça ser perdoados.

Também no mesmo sentido citamos: «*Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu mesmo a dou . . . Êste mandamento recebi de meu Pai*» (João 10:18). Uma escritura de suma importância, porque contempla a morte expiatória de Cristo inteiramente à parte do crime dos homens e sòmente em obediência à vontade de Deus.

O ensino que nos oferecestes, se bem o entendi, foi que o propósito de Deus era exatamente o contrário: não que Cristo morresse como Vítima de expiação, mas que, se tivesse sido aceito pelos príncipes dêste mundo, Deus teria achado algum outro meio de remir o Seu povo, sem o «derramamento do sangue» do Salvador.

Para confrontar tal ensino também citamos Atos 2:23. «*A êste, sendo entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós o crucificastes e matastes pelas mãos dos injustos*». Admitistes a presciência de Deus e assim procurastes explicar as inúmeras profecias que se referem à morte de Cristo: mas não ouvi ninguém admitir que foi «*pelo determinado conselho*» dÊle: uma verdade afirmada também no cap. 4:27,28. «*Se ajuntaram . . . para fazerem tudo que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado o que se havia de fazer.*»

Admito que fizeram ainda mais, mas a passagem não permite evitar a conclusão de que na sua essência, se não na sua forma (e muito menos no seu crime), a consumação fatal foi não sòmente prevista, não sòmente predita, mas predeterminada por Deus.

Neste ponto, se insisto em ser aceito tudo quanto as Escrituras dizem, reprovo todo o exagêro que acrescenta a elas outras afirmações que não são da Bíblia, tais como: «Deus mandar matar Seu Filho», «Deus querer que os homens cometessem um crime», etc. Nem as Escrituras, nem tampouco os crentes que reprovam a vossa doutrina, falam assim. São expressões que apenas resultam do vosso raciocínio sôbre o assunto.

Um hino que tem sido reprovado entre vós como errado começa: —

«*Cristo Jesus veio para morrer*»

que vós dizeis não ser a verdade. Por isso citamos Mat. 20:28. «*O Filho do Homem não veio para ser servido mas servir, e dar a Sua*

*vida em resgate por muitos»*, palavras que apoiam cabalmente o ensino do hino. Como é que podeis rejeitar Escrituras tão positivas e terminantes, sem ter nenhumas contrárias para lhes opôr?

O vosso pensamento — que a morte de Cristo apenas se tornou uma necessidade pela rejeição dos homens, e que não foi de modo algum predeterminado por Deus — é refutado, não sòmente pelas escrituras acima citadas, mas por muitas outras. Por exemplo, em Heb. 2:14 lê-se «*porquanto os filhos participam da carne e do sangue, também êle participou do mesmo para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo*». Aqui vemos ser o principal motivo da Sua encarnação o poder assim *morrer*, e morrendo, triunfar. Êste também é o argumento de Heb. 10:5-10, que merece ser estudado cuidadosamente.

As muitas referências proféticas à morte de Cristo às vêzes encaram-na segundo a determinação divina e outras vêzes segundo o crime humano: — «*Me puseste no pó da morte.. o ajuntamento dos malfeitores me cercou*» (Salmo 22:15,16); «*Ao Senhor agradou moê-lo*» (Isaías 53:10); «*O' espada, desperta-te contra o meu Pastor e contra o varão que é o meu companheiro, diz o Senhor dos Exércitos*» (Zac. 13:7).

Admito que a vossa doutrina teve origem numa tentativa de reivindicar o caráter de Deus: pensando que importava uma imoralidade Deus determinar a morte de Seu Filho! O vosso sentimento natural repugna a idéia de um pai querer a morte de um filho seu e obrigar o inocente a sofrer pelos culpados. Melhor teria sido, para o vosso bem e para a paz da Igreja evangélica, se nunca tivésseis especulado sôbre um mistério tão profundo! Aqui não se trata de um «pai» e de um «filho» como nós os conhecemos entre os homens. Aqui o Pai e o Filho *são um*, de um acôrdo e um propósito. A satisfação que Deus exigiu, Êle mesmo forneceu, nem Êle necessita das nossas teorias para justificar o acôrdo entre a Sua retidão e o Seu amor.

Peço que de novo examineis as escrituras citadas, para poderdes retificar a vossa doutrina e depois fazer a vossa retratação do êrro tão público como tem sido o ensino dêle.

Vosso servo por amor de Cristo,

• • •

A Carta 14, sôbre Escolas Bíblicas, não é impressa aqui, por ser de interêsse passageiro.

Carta 15

## O Dízimo

*Carangola, Minas*
19-vi-1919

Prezado irmão,

Por todos os lados sente-se a falta de meios para corresponder às despesas do serviço do Evangelho. Em alguns lugares esperam anos para poderem conseguir *Salas* adequadas às necessidades locais. Em outros lugares os que pregam as boas novas sofrem por falta dos meios suficientes para os seus gastos na evangelização, e por tôda parte a distribuição de impressos é limitada, não pela vontade dos distribuidores, mas por não ser possível imprimir os tratados com abundância.

Porventura tôda esta escassez não terá alguma explicação, algum remédio? Êste é o problema que tenho estudado últimamente, e a conclusão a que cheguei é que a falta é devida ao fato de muitíssimos crentes não terem ligado suficiente importância às alusões bíblicas referentes ao *dízimo*, e por isso não corresponderem com a vontade de Deus nas suas contribuições para a causa do Evangelho.

O *dízimo* quer dizer a décima parte, ou 10% das nossas rendas. No Velho Testamento Deus ensinou Seu povo a dar essa décima parte a Êle e a Seus servos (Lev. 27:30. Núm. 18:24).

Antes da Lei ouvimos Jacó dizendo: «*De tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo*» (Gên. 28:22).

Debaixo da Lei Deus mandou: «*Também todos os dízimos do campo, da semente do campo, do fruto das árvores, são do Senhor. Todos os dízimos do gado e do rebanho, de tudo o que passa debaixo da vara, a décima parte será santa a Jeová.*» (Lev. 27:30,32).

Também lemos no Novo Testamento que o Senhor Jesus disse: «*Dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei, que são a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Estas coisas, porém, devíeis fazer sem omitirdes aquelas.*» (Luc. 11:42).

*Tôdas as coisas que dantes foram escritas, para nosso ensino foram escritas* (Rom. 15:4). Qual é o «ensino» para o nosso próprio govêrno que achamos nas referências bíblicas ao dízimo? São apenas para sabermos como em tempos remotos o povo de Deus O servia? Ou são para nós fazermos o mesmo? Não podemos nós também provar o valor da promessa em Malaquias: «*Trazei o dízimo todo à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz Jeová dos exércitos, se não vos abrir eu as janelas do céu e não derramar sôbre vós uma bênção até que não haja mais lugar para a recolherdes*»?

As despesas de evangelização em lugares novos não podem ser providas da mesma localidade, e por isso é próprio que se mande contribuições de longe ou até do estrangeiro para o sustento da Obra. Mas onde há muitos crentes que, se todos contribuissem ao menos tanto como os judeus, poderiam suprir abundantemente tôdas as despesas, não devemos querer que o trabalho seja sustentado maiormente por donativos do estrangeiro. Ao menos era de esperar que as contribuições locais fôssem em suficiente abundância para as necessidades dos trabalhadores nacionais.

Nesta zona de Carangola os lavradores gozam atualmente de uma prosperidade excepcional, devida à alta do café. Seu preço aumentou inesperadamente 200%: isto é, em vez de receber 5$000 por arroba, recebem 15$000 ou mais.

Não há dúvida que os lavradores incrédulos gastarão todo êste aumento consigo e com as suas famílias, mas é de esperar que os crentes procederão de outra maneira, consultando antes de tudo a vontade de Deus com respeito à sua disposição, procurando assim «*honrar ao Senhor com a sua fazenda*». Creio que tem havido casos em que o crente, que gastou pouco ou nada com Deus, depois teve que gastar muito *com o médico*.

Tive a curiosidade de fazer um cálculo aproximado sôbre a colheita esperada do café êste anos nesta zona, entre os crentes meus conhecidos, e assentei os nomes de 18 dêles, com a provável colheita (descontando a parte que tocava aos seus meieiros). O total veio a ser 7.450 arrobas de café, o qual, se fôr vendido a 14$000 por arroba, dará 104.300$000.

Ora; para calcular a décima parte, basta cortar um zero à direita, e andar com o cifrão e o ponto um lugar à esquerda. Fazendo isto, vem a ser 10.430$000. Uns *dez contos* é o que o dízimo dêstes 18 crentes pode render, só pela venda do seu café, sem contar o dízimo de milho, cana, arroz, gado, porcos, etc. nem o dízimo dos demais crentes, que ganham de diversas maneiras. E tudo isto, só no distrito de Carangola!

Creio que tenho razão em entender que existem meios com fartura para tôdas as despesas da obra do Senhor, uma vez que os crentes se achem levados a imitar o procedimento do antigo povo de Deus na contribuição do dízimo das suas rendas,

Não escrevo esta carta com a idéia de obrigar alguém a contribuir contra a sua vontade, mas convido a todos os irmãos a fazerem disto assunto de oração, procurando com muito interêsse saber a vontade de Deus a seu respeito. O Senhor ama a quem dá *com alegria*, e realmente há poucos prazeres maiores ou mais à mão do que êsse que resulta de servirmos ao Senhor com a nossa fazenda.

Alguns «dão-se a si mesmos ao Senhor», e gastam as suas vi-

das no Seu serviço. E outros, que não têm o dom de evangelizar ou pregar, também podem ter uma parte importante no mesmo serviço, dando dos seus bens. Mais precioso que tudo é quando alguém pode servir das duas maneiras.

Resta acrescentar uma palavra com respeito ao crente que tem dívidas: se lhe é permitido dar o seu dízimo, ou se deve considerar-se privado disso?

A proporção de contribuir, em 1. Cor. 16:2, é *segundo a sua prosperidade*, mas num caso de indigência ou quando a pessoa não tem prosperidade alguma, pode ter razão em supôr que não está em condições para contribuir. Mas quando possui propriedade de muito mais valor que a soma que deve aos seus credores, não precisa pensar que está de modo algum proibido de pagar ao Senhor o que Lhe deve a Êle. Contudo, o primeiro empenho do crente será de «*não dever nada a ninguém*».

Não desejo pensar que o cristão, na plena luz da graça de Deus, e recebedor do Seu «Dom inefável», possa entender que deve contribuir *menos* que o judeu, que está debaixo da lei; ou que não dá porque não há um mandamento que o obrigue.

Alguns entendem que o cristão pode dar mais que o judeu, mas o caso é que o próprio judeu contribuía, entre primícias, dízimos e ofertas voluntárias, ainda mais que a décima parte de sua renda. Em todo caso, se cada crente casado contribuir a décima e cada crente solteiro a quinta parte, teremos mais que suficiente para todo o trabalho na zona, sem precisarmos receber um vintém do estrangeiro, ou dos crentes sobrecarregados com a carestia da vida que resultou da guerra.

O pregador que vive do Evangelho não é proibido de contribuir. Êle dá o *dízimo dos dízimos* que recebe dos outros crentes (Núm. 18:26-30).

Desejoso que esta carta anime muitos crentes a fazer experiência de um novo e importante ramo do serviço cristão.

Sou, vosso servo, pelo amor de Deus,

* * *

## Carta 16 — Oração e Cura

*Pedra do Sino, Minas*
6-VIII-1919

Prezado Irmão,

Os crentes que tiveram oportunidade para estudar o livrinho «*Oração e Cura*» têm visto claramente apresentado o ensino bí-

blico sôbre êsse importante assunto, mas infelizmente a edição dêsse precioso tratado está esgotada, e há muitos crentes que ainda não o leram. Por isso escreverei hoje alguma coisa a respeito do mesmo tópico, que é de constante interêsse para o povo de Deus.

Todos os crentes reconhecem que a cura do corpo é pela graça e bondade de Deus, quer seja sem tratamento ou com tratamento. Por isso dão-Lhe graças pelas melhoras, mesmo quando resultam de um medicamento acertado, que não podiam fazer se Deus não tivesse absolutamente nada que ver com o caso.

E' verdade evidente que Deus criou o homem um *ser racional*, e por isso com a obrigação de usar o seu raciocínio, a sua inteligência, e de valer-se das lições que a experiência ensina (Tiago 5:13-17), nem devemos esperar que Deus faça para nós aquilo que podemos fazer muito bem por nós mesmos, sem qualquer intervenção milagrosa. O homem sabe plantar e colhêr seu feijão e milho, por isso não deve pedir que Deus o faça por êle. Êle sabe que a fraqueza e abatimento que sente depois da lida de um dia laborioso são curáveis pelos remédios do feijão e arroz e angu, por isso deve comê-los em vez de pedir que Deus o restaure por meios sobrenaturais. Êle sabe que quando uma criança é escaldada por água a ferver, é preciso *tapar o ar* imediatamente, para tirar a dor das partes queimadas, por isso êle aplica azeite ou polvilho, ou panos constantemente molhados em agua com bicarbonato de sódio, mesmo antes de chamar os anciãos da Igreja para orarem sôbre ela. Mas quando *não sabe* de tratamento algum, nem pode ter assistência médica, é seu privilégio como filho de Deus implorar uma intervenção divina, pedindo que o Pai lhe mande algum recurso, por meio de um anjo, de um irmão entendido, de uma lembrança feliz, ou de um médico; ou que lhe tire a dor, se tal fôr a Sua vontade, por algum ato sobrenatural.

Há ocasiões em que devemos *orar*, e há ocasiões em que devemos *agir*. Em Josué cap. 7 vemos um servo de Deus prostrado em oração, pedindo um socorro divino contra o inimigo, mas a palavra de Deus é: «*Levanta-te: por que estás prostrado assim sôbre o teu rosto? Israel pecou . . . Levanta-te, santifica o povo.*»

E o crente cujo corpo é assaltado pelo inimigo da doença precisa orar, e às vêzes precisa agir, se Deus mostrar ser essa a Sua vontade. Deus quis dizer a Josué: «A culpa é contigo»; e exigiu a santificação do povo. Conosco Êle talvez diga o mesmo, e exija, em vez de permanecermos prostrados em oração, que tratemos da purificação do corpo, exteriormente pela água e interiormente por algum depurativo, para que o «inimigo» seja expelido.

Em tôda a Escritura vemos que *Deus nunca opera um milagre desnecessário.* O que o homem não pode ou não sabe *fazer*, Deus às vêzes faz por êle, mas o que o crente sabe e pode fazer, não de-

ve pedir que Deus faça milagrosamente. Tenho visto crianças, cujos pais sòmente oravam, sofrendo por meses com uma sarna que fàcilmente se cura em 24 horas com tratamento caseiro, mas também tenho ouvido o testemunho de um crente que ficou curado do mesmo incômodo mediante a oração, depois de experimentar debalde remédios da farmácia. Êle fêz muito bem, *depois de provar sem resultado os meios ao seu alcance*, em recorrer à graça especial de Deus; mas eu, sabendo de um tratamento que tem curado a moléstia em dezenas de casos, devo servir-me dêsse meio e pedir que Deus o abençoe, sòmente implorando uma intervenção milagrosa quando os recursos conhecidos fracassam.

Para a maior parte dos incômodos dos quais o povo sofre no interior do Brasil, não é preciso ocupar nem o farmacêutico, nem os anciãos da Igreja. Basta um pouco mais de asseio no corpo, e uma quase completa abstinência do café, das comidas gordurosas e da carne de porco, para se conseguir uma cura sem ser preciso tomar remédio algum. Mas causa-nos pena ver um crente orando meses inteiros pela cura de uma impureza do sangue que em pouco tempo teria remediado se tivesse largado o *café* e usado um chá de *chapéu de couro*; ou vê-lo à espera de *milagre do céu* para curar uma moléstia que nunca teria contraído se tivesse feito mais frequente uso da *água do córrego*, com bucha e sabão, na lavagem do corpo!

Os crentes condenam redondamente os incrédulos que estragam corpo e alma com o vício de beber cachaça, mas muitos devem se condenar a si mesmos pelo *abuso do café*, que é vício tanto como o outro, quando é usado apenas para agradar o paladar e sem nenhuma necessidade física. Precisamos subjugar os nossos corpos e dizer «não» às suas vontades, ainda que seja uma vontade que pareça tão inocente como esta de beber mais uma chícara de café. Tenho visto com tristeza um crente cujo estado nervoso claramente mostra que para êle o café é um verdadeiro veneno, e que ainda assim está tão viciado com êle que não o quer largar de maneira alguma. Para que serve êsse crente pedir a Deus que cure os seus incômodos e alivie as suas tribulações, se êle mesmo os está aumentando de vontade própria? Oxalá que houvesse um verdadeiro exercício de consciência entre os irmãos a êste respeito!

Visto que Deus, na Sua infinita bondade, criou tantas ervas e sais que alimentam, corrigem e beneficiam o corpo humano, seria um triste atrevimento da nossa parte insistir que Êle deve nos curar sem servir-nos de nenhum dêles. Antes procuremos *saber a Sua vontade:* se Êle nos curará por um ato do Seu poder, pelo uso do competente tratamento, ou pelos processos curativos naturais que operam incessantemente em todo corpo sadio.

Com certeza é para a nossa instrução que se recorda em 2. Reis 20:1-7 que Ezequias, depois de ter a promessa de saúde restau-

rada, recebeu por ordem do profeta Isaías o curativo de uma cataplasma de figos (v. 7), como também é para nosso aviso que se recorda que o rei Asa *não buscou ao Senhor, mas antes aos médicos* (2. Crôn. 16:12). Devemos sempre buscar ao Senhor primeiro, não tanto para pedir a saúde, mas para, antes de tudo, indagar por que Êle nos deixa sofrer: se quer nos ensinar alguma coisa por meio da doença, ou se quer chamar a nossa atenção para algum pecado que deve ser confessado (Tiago 5:16). É depois do tratamento da alma que o do corpo pode ter êxito.

O ensino de Tiago 5:14-16 sôbre a oração dos anciãos da Igreja em casos de doença, é de tôda a importância, e carece ser mais observado entre os crentes. Mas precisa ser a *oração da fé*, havendo alguma garantia, alguma convicção divinamente dada, que se trata de um caso em que a vontade de Deus é curar e não castigar (Heb.12:6). Nem é para ser usado em todo e qualquer sofrimento que nos incomode. Timóteo, que sofria do estômago, não foi mandado chamar os anciãos da Igreja para orarem sôbre êle, mas apenas usar um simples remédio caseiro, um pouco de vinho que, com a bênção de Deus, o havia de beneficiar (1. Timóteo 5:23).

Tenho tido ocasião de observar em muitos lugares os resultados de um ensino exagerado sôbre a cura divina, e tenho notado que o seu maior prejuízo é que às vêzes quem o segue perde a fé. As suas orações não sendo sempre atendidas, êle pensa que a culpa é de Deus, e depois fica descrente de tudo.

Sejamos *sóbrios e prudentes* em tôdas estas coisas!

Vosso, pelo amor de Deus,

* * *

## Carta 17

## 'A Mocidade

*Carangola, Minas*
13-v-1929

*À mocidade desta vizinhança:*

Não me é preciso dizer-vos que um jovem amigo e companheiro vosso não está mais neste mundo, porque tais notícias tristes espalham-se tão ràpidamente que, sem dúvida, haveis de o ter ouvido mais cedo do que eu, que estava de viagem bem longe quando soube do falecimento do nosso querido Joãozinho Batista de Andrade.

Mas, sem dúvida, a notícia vos impressionou tão profundamente como a mim, que durante meses no ano findo tive o prazer

da companhia dêle na minha casa, a sós, nós dois, por todo o tempo que estava residindo na cidade de Carangola.

Imediatamente na minha volta da viagem, procurei a família enlutada, a fim de saber quanto possível das últimas horas do meu pequeno amigo, que terminou uma vida irrepreensível depois de uma doença que durou apenas 24 horas.

E ouvindo, parecia que estava vendo o quadro, pintado em vivas côres, daquelas horas de angústia! Por fora, as viagens a procura de médico e remédios, para chamar amigos, para tomar tôdas as providências possíveis; por dentro da casa, no leito da morte, a tranqüilidade e a paz, a calma de um espírito que espera o doce encontro com Seu Salvador amado!

Êle orava a Deus freqüentemente, e pedia que cantassem seus hinos prediletos; dizia várias vêzes que ia hoje estar com Jesus, que ia ver seu Salvador: sim — O via agora; e no ato e atitude de oração êle passou dêste mundo para a Casa do Pai, deixando entre todos os seus conhecidos infinitas saudades, sem nenhuma recordação triste, exceto o pezar que a sua preciosa vida durara apenas 17 anos incompletos.

Mas não é para contar tudo isto que escrevo, porque sem dúvida já o tendes ouvido, mas é para indagar quais são as lições dessa vida exemplar e morte feliz?

Poucos dias antes, estive com um ancião que tem vivido neste mundo mais de oitenta anos, e ainda não está bem preparado para sair dêle; e mesmo entre os crentes nesta vizinhança, quem está melhor disposto para abandonar êste mundo presente, que o nosso jovem amigo, que hoje dorme com Jesus?

Podeis, e com razão, invejar uma alma capaz de assim triunfar sôbre tudo que torna a morte amarga, mas deveis compreender que, para morrer como João Batista morreu, é preciso viver como êle viveu: uma vida de comunhão com Jesus, de sujeição à Sua Palavra e de constante oração a Deus. Vós, acostumados como êle, desde pequeno, a ouvir as palavras do Evangelho, talvez ainda não as tenhais recebido no vosso coração, e assim, vivendo sem Cristo, se a morte vos tocar hoje ou amanhã, morrereis também sem Êle. Que a perda do vosso amigo vos fale bem alto da *paciência* de Deus, que levou um que estava bem preparado para sair, e vos deixou ainda mais um pouco — por que?

Pouco antes da sua última doença, João tinha manifestado seu desejo de freqüentar a próxima Escola Bíblica, dizendo que não queria ocupar-se só da lavoura, mas também pregar o Evangelho. Pouco êle pensava que, pela sua vida verdadeiramente cristã, já pregava, e que, mais cedo do que sonhava, pela sua morte triunfante, ia testemunhar ainda mais alto do poder da graça de Deus para

tornar até um humilde rapaz superior àquilo que amedronta os homens fortes que não conhecem a Jesus como seu Salvador.

Podemos dizer de João Batista de Andrade como de Abel, «*Estando êle morto, ainda fala*», e quem sabe se alguém entre a mocidade desta vizinhança ouvirá o testemunho que êle deixou?

Que seja assim, ainda mais abundantemente do que nós pensamos, é o que roga a Deus o vosso afeiçoado amigo.

* * *

## Carta 18

## A Contribuição

*Carangola — Minas*
31 — iii — 1921

Meu caro irmão,

Dou graças a Deus pelo despertamento que estamos vendo ùltimamente na contribuição para o Fundo Central, e pelo bom rendimento (embora insuficiente) que assim tem resultado para as despesas da evangelização.

Mas ao mesmo tempo vejo que o serviço da contribuição ainda não foi compreendido pela imensa maioria dos crentes, que por isso não correspondem com o sentido da Palavra que diz: «*Honra a Jeová com a tua fazenda, e com as primícias de tôda a tua renda; assim se encherão de fartura os teus celeiros e trasbordarão de mosto os teus lagares*» (Prov. 3:9).

Esta Escritura nos ensina tão explicitamente que devemos servir a Deus com os nossos *bens*, como Romanos 6:13 ensina que devemos serví-Lo com os nossos *corpos*.

E é justamente nesse ponto que vejo tanta fraqueza: vejo que muitos dos crentes nunca compreenderam que uma parte importante da vida espiritual será no bom emprêgo dos seus meios, de acôrdo com a vontade de Deus.

Parece ser evidente na Bíblia que Deus quis ensinar Seu povo que Êle tinha direitos soberanos sôbre seus bens, e que o *reconhecimento* dêsse direito da parte do povo havia de ser pelo pagamento do dízimo de tudo.

Se ainda hoje, nesta dispensação de graça, Deus tem o mesmo direito, compete ao crente, mediante o estudo e a oração, verificar se a parte que êle paga a Deus em reconhecimento do direito divino sôbre seus bens, é a proporção que Deus aprova? Por isso, pensando no dízimo, pensamos em *pagar* a Deus o que Lhe devemos: não em *dar* alguma coisa por nossa vontade.

Por 1. Cor. 16:2 aprendemos que o crente deve contribuir «*conforme à sua prosperidade*», e uma vez que êle compreende que *deve a Deus* uma certa proporção dos seus rendimentos, só tem que verificar qual é essa proporção. Visto que em tôda a Escritura a parte que Deus tem marcado como especialmente Sua é sempre *a décima parte*, o crente não pode errar muito se adotar a mesma proporção.

Os que têm estudado o assunto com mais cuidado e espiritualidade, concordam que nós, debaixo da graça, devemos fazer tanto ou mais que os judeus debaixo da lei. A exortação ao crente é que *abunde* nesta graça de contribuição (2. Cor. 8:7). Não seria possível *abundar* na graça de contribuição, dando ainda menos que o judeu!

Ultimamente tenho recebido da América do Norte muita literatura referente a êste assunto, e vejo que está em ação um despertamento geral entre os crentes em tôdas as partes do mundo com respeito à contribuição. Por isso tenho pena em ver que muitos irmãos nesta zona ainda ficam atrás e não acompanham o progresso da Igreja em outros lugares.

Se disso resulta algum prejuízo para a causa do Evangelho, é certo que resultará ainda mais prejuízo para as nossas almas. Devemos estudar não sómente o *fato* de Deus determinar o dízimo dos rendimentos do Seu povo como sendo Seu, mas *porque* Êle marcou essa contribuição. Era porque Deus precisava de dinheiro? ou é porque a contribuição havia de ser *uma grande bênção para o contribuidor*? Com certeza esta última é a única explicação, e, na literatura que tenho recebido recentemente, notei muitissimas provas que os «dizimistas» têm sido abundantemente abençoados na sua vida material, e ainda mais na espiritual.

A seguinte circular foi mandada a uns 15.000 ministros do Evangelho na America do Norte: —

«*E' a minha convicção pessoal que Deus prospera nas coisas temporais aquêles que o honram por contribuirem uma proporção definida dos seus rendimentos ao serviço d'Êle. Nunca conheci um caso em contrário. Desejo saber se o leitor conhece tal caso, e quaisquer outros fatos da sua experiência referentes ao assunto.*»

As respostas foram umas 300, e concordam quase unânimamente que a prosperidade material resulta da prática de pagar o dízimo a Deus. Seria muito triste, porém, alguém adotar o costume com o motivo egoísta de ter lucros pessoais; mas o fato que quase invariàvelmente a prosperidade material resulta do uso de pagar a Deus a décima parte dos nossos lucros, deve animar as pessoas tímidas, que receiam não poder sustentar as suas famílias sem gastar com elas tôdas as receitas.

Atribuo a boa medida de prosperidade material que tenho sempre gozado, ao fato de pagar a Deus ao menos o dízimo das receitas, desde os meus 16 anos de idade. Creio que é um grande êrro os moços pensarem que o «dízimo» não tem nada com êles, mas só com pessoas de mais idade; ou crentes pobres pensar que êles não o devem pagar, mas só as pessoas mais ricas. E o praxe de pagar o dízimo *dos lucros pequenos* é expressamente aprovado pelo Senhor nas palavras «*dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé: deveis porém, fazer estas coisas e não omitir aquelas*».

Creio que alguns não usam honrar a Deus com a sua fazenda por não saber como e quando devem começar. Por isso algumas palavras de conselho podem ser uteis.

*Quando*, é agora. Ver o dinheiro que atualmente possui, e separar a décima parte dêle para o serviço de Deus. As pessoas que não têm prática com as contas nem precisam escrever nada, uma vez que tenham sempre um saquinho reservado para guardar nêle o dinheiro do dízimo. Qualquer dinheiro que receber em pagamento de serviços, ou por vendas de café, milho, arroz, porcos, ovos, etc. a décima parte irá imediatamente para o saquinho, notando-se, já se vê, que das vendas do café, etc, deve primeiro apartar o que pertence aos meieiros e aos outros trabalhadores, pagando o dízimo apenas do lucro que resulta, livre das despesas eventuais.

Mas não pense ninguém que pode «*honrar a Deus com a sua fazenda*» e pagar o dízimo das suas rendas a Deus, na própria fôrça. Sòmente pode fazê-lo com muita oração, pedindo sempre a direção divina. Deve ser um serviço de *obediência*, de *amor* e de *fé*. E' um uso que foi observado nos tempos primitivos (Gên. 14:18-20 e 28:20-22), confirmado na lei (Levítico 27:30-32; Números 10:20-32; Deut. 14:22), e aprovado por Cristo (Mat. 23:23). Por isso o crente pode contar com a bênção divina em seguir o mesmo costume, a não ser que tenha recebido uma revelação especial que o ensine a proceder diferentemente.

Um resultado de os crentes honrarem ao Senhor com a sua fazenda, seria uma abundância de meios para todo o serviço do Evangelho, para a construção de Casas de Oração e para o socorro dos necessitados. Outro resultado seria um aumento de gôzo e poder espiritual, por estarem de acôrdo com a vontade divina.

O que peço a Deus por todos os crentes é que sejam verdadeiramente convertidos no *coração*, no *corpo* e na *algibeira*.

Cabe, talvez, uma palavra referente à *distribuição* do dízimo. Um Fundo Central oferece um excelente meio para a boa distribuição de dinheiro no serviço do Evangelho, mas ninguém deve pensar que seja o único meio. Convém que cada crente seja exercitado em conhecer e servir as necessidades materiais na sua vizinhança, man-

dando para um Fundo Central apenas o restante, que não sabe repartir com proveito. Quanto mais direto e individual o nosso serviço, melhor. Não devemos fugir da responsabilidade de descobrir e servir pessoalmente as necessidades.

Em 1913 e 1914 a seguinte pergunta foi publicada em muitos jornais evangélicos norte-americanos:

«*Porventura o leitor conhece alguém que é menos alegre, menos generoso, ou menos próspero materialmente por ser «dizimista»?*

*Houve umas 10.000 respostas que «Não», e nenhuma que «Sim».* Muitas dessas respostas são impressas em forma de tratado. Traduzo algumas :—

«Tenho 20 anos de idade, e sou «dizimista» há dois ou três anos. Creio que para obter os melhores resultados do dízimo, o pagamento deve começar na mocidade, quando o ordenado é pequeno. Creio que é excusado insistir com os crentes mais velhos, ou ao menos com muitos dêles».

«Há dezoito anos, quando começámos a nossa vida casada, não prosperamos até que começámos a pagar o dízimo ao Senhor. Desde então estamos contentes, e todos os anos aumentamos nossos donativos à Igreja e à obra do Senhor».

«Nas minhas viagens tenho encontrado muitos dizimistas, e todos eram alegres e prósperos.»

«O único testemunho contra o dízimo, que tenho ouvido, tem vindo daqueles que nunca fizeram do sistema uma experiência própria».

«Três vêzes comecei a pagar o dízimo e prosperei, e três vêzes o larguei (não sei porque,) e perdi tudo. Agora estou outra vez pagando o dízimo e prosperando. Não penso em largar mais, pois creio que já aprendi a minha lição.»

Deus fala, às vêzes pela Palavra escrita; às vêzes pela bôca ou pena de algum servo Seu; às vêzes, por duras provações. Desde que escrevi a Carta n. 15 conheço mais de um irmão que não paga o dízimo das suas rendas a Deus, e que tem tido que gastar com o médico *mais que o dízimo.* Devemos estar prontos para aprender por tôdas estas coisas.

Terei muito prazer em ouvir por carta dos crentes que resolverem pagar a Deus o dízimo da suas receitas, se me querem escrever depois de um ano de experiência, e contar o resultado. Não duvido que terão coisas bem interessantes que revelar.

Com saudações de amor fraternal,

* * *

## Carta 19 Dízimo, Ministério, Disciplina

*Carangola, Minas*

16-viii-1921

Meu caro irmão,

(1) Dou graças a Deus que alguns que leram a minha segunda Carta sôbre o Dízimo já estão procurando harmonizar o seu procedimento com a vontade de Deus a êsse respeito. Não duvido nada que provarão por isso uma especial bênção na sua vida espiritual, e não creio que sofrerão prejuízo algum na parte material por terem «honrado ao Senhor com a sua fazenda».

(2) Algumas palavras de explicação ainda são necessárias. O dízimo é a décima parte do nosso rendimento: do resultado do nosso trabalho. No caso do trabalhador a jornal, é a décima parte do ordenado que recebe. No caso do lavrador que vive do produto de seu sítio, a décima parte de todos os mantimentos que o sítio produz, será do Senhor. É dízimo das *coisas pequenas* como das coisas mais abundantes; milho, feijão, arroz, porcos, etc. (Mat. 23:23). No caso do fazendeiro, é a décima parte de todo o seu produto e das suas vendas, livre das despezas; a décima parte do aluguel dos seus carros, depois de descontar as despesas que faz com carreiro, candieiro, pasto, etc.; é a décima parte de tudo quanto sobeja depois de pagar aos seus empregados. Nove décimos dos seus lucros êle gasta com o sustento da sua família, e um décimo — o seu dízimo — êle gasta com Deus.

(3) No caso do negociante, é a décima parte dos seus lucros, depois de pagar os empregados, aluguel da loja, etc.

(4) Sôbre a *aplicação do dízimo*, ainda algumas palavras de conselho talvez tenham cabimento. Não devemos pensar que o seu uso se limita exclusivamente às despesas de evangelização. E' aplicável a tôdas as *despesas que se podem fazer no Nome do Senhor*, à parte daquilo que gastamos com as nossas famílias. O dízimo pode ser empregado em esmolas, socorros aos necessitados e doentes, tanto como em auxílio aos pregadores do Evangelho, impressão de tratados, às Sociedades Bíblicas, etc. Cada crente deve pedir a direção divina sôbre a distribuição do seu dízimo, e no caso de não saber de uma aplicação digna, pode enviá-lo a um Fundo Central para ser distribuído pelos irmãos encarregados dêsse serviço.

(5) Passo agora a estudar a *Obra do Ministério*, no seu atual desenvolvimento entre as Igrejas locais que tenho visitado.

Por tôda parte nota-se falta de ministério nas igrejas. Apesar de não aprovarem o «ministério de apenas um só» na igreja, a maior parte dos irmãos conservam-se calados, nada contribuindo

para a «edificação do Corpo de Cristo em amor» (Efés. 4:12 e 16). Esta circunstância deve ser motivo de exercício espiritual e de oração, para que a falta seja suprida; mas que seja suprida no poder do Espírito Santo: não por qualquer esfôrço carnal.

(6) Outra coisa que pode ocupar as nossas orações e o nosso cuidado é o *aperfeiçoamento do ministério*, que muitas vêzes é prejudicado por males fáceis de corrigir. Quem ministra a Palavra às vêzes fala tão baixo, em voz tão desanimada, que ninguém ouve, ou, ouvindo, ninguém liga importância às palavras. Cita um hino, mas, o número não se ouve, e cada um está perguntando ao próximo qual hino é? O ministério assim prejudicado por males tão fàcilmente emendáveis mata o interêsse e a vida espiritual da Igreja em vez de o manter. Outro costume, ainda mais fatal ao interêsse dos ouvintes, é o uso do pregador olhar para baixo quando fala. O campo onde o ministro da Palavra deve exercer-se primeiro, e perder o acanhamento, é na sua própria casa. Ali, dando graças na hora das refeições em voz bem clara, orando diàriamente com a família, e lendo e explicando as Escrituras no culto doméstico, êle se acostuma a ouvir a própria voz, e acha-se preparado para tomar alguma parte no ministério da Igreja.

(7) As Igrejas, em vista da atual falta de ministério, devem preocupar-se constantemente com a exortação: «*Rogai, pois, ao Senhor da seara, que mande ceifeiros para a sua seara.*

(8) O *sustento do ministério* é outro assunto de interêsse atual. Está escrito: «*Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o Evangelho, que vivam do Evangelho*» (1. Cor. 9:14), e imediatamente depois o apóstolo acrescenta: «*Porém eu de nenhuma dessas coisas usei*», e segue dizendo que antes quis pregar gratuitamente, sendo «livre de todos», do que abusar do seu poder no Evangelho e ser pesado aos seus irmãos.

(9) Em alguma medida, todos os crentes devem anunciar o Evangelho, mas é evidente que nem todos devem «viver do Evangelho». Compreendemos, pois, que alguns — talvez poucos — são chamados para darem todo o seu tempo e esfôrço à obra do ministério; e que outros — talvez muitos — podem com proveito dar parte do seu tempo ao ministério da Palavra, e durante o restante do tempo prestar um excelente exemplo de indústria e abnegação, trabalhando com as mãos, como fêz o grande apóstolo (Atos 20:34).

(10) O valor do ministério torna-se bastante prejudicado ao ver que durante o dia o pregador fica à toa, apenas ocupando-se à noite na hora da reunião. Aumenta-se, porém, o valor das suas palavras ao vê-lo ocupado de dia em serviço laborioso, para não ser pesado a ninguém, e para poder dizer: «*Estas mãos proveram as minhas necessidades e as dos que estavam comigo*» (Atos 20:34).

(11) Por isso o pregador não deve ambicionar ser sustentado por um «Fundo Central», mas antes procurar cumprir um duplo ministério (como fêz o apóstolo Paulo), pela bôca ministrando as coisas espirituais e pelas mãos as materiais. Os casos excepcionais, em que o ministro da Palavra não deve ter outro meio de ganhar a vida, e deve viver exclusivamente do Evangelho, são relativamente poucos, e serão fàcilmente reconhecidos pelas Igrejas.

(12) Temos ouvido algum pregador tachado de «preguiçoso»; mas o verdadeiro servo de Jesus Cristo terá uma vida mais laboriosa do que qualquer dos seus ouvintes (1 Cor. 4:9-11).

(13) Todo irmão que se ocupa no ministério da Palavra deve pesar bem as exortações apostólicas aos anciãos em 1 Pedro 5:1-4. O versículo 3 é especialmente digno de reparo: *«Não como tendo domínio sôbre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho»*. Não há nada mais feio do que ver um espírito altivo e orgulhoso num servo, seja de Deus ou dos homens; mas a humildade é uma graça apreciável, mesmo no mais instruído.

Que o Senhor da seara aumente e melhore cada vez mais o ministério entre as Igrejas!

(14) Resta acrescentar uma palavra sôbre a *disciplina* da Igreja. Parece que alguns irmãos não entendem outra espécie de disciplina senão a exclusão, à semelhança de algum médico que não sabe curar um panarício, e quer cortar o dedo! A exclusão é o último recurso, para ser usado onde não há arrependimento, e então ser exercida pela Igreja tôda reunida (1 Cor. 5:1-5 e 13), mas nunca por dois ou três irmãos «por sua própria conta e risco»!

(15) A Bíblia indica várias espécies de disciplina, e não sòmente a excomunhão de quem procede mal. Veja-se Rom. 16:17; Gál. 6:1; 2. Tess. 3:6,14,15; 1. Tim. 5:1,20; 6:5; 2. Tim. 4:2, etc.

Saudações fraternais do vosso servo pelo amor de Deus.

* * *

## Carta 20 — A Mocidade Evangélica

*Carangola, Minas*
Janeiro de 1922

Esta vez dirijo a minha Carta à mocidade criada no Evangelho. Filhos de pais crentes, e acostumados desde a meninice a freqüentar as reuniões evangélicas, parece-me que muitos de vós vos tendes por crentes apenas porque conheceis o Evangelho.

E aí está o perigo de um triste e fatal engano, porque quem se tem por crente «de nascença» às vêzes passa a vida inteira na doce ilusão que tudo está bem com a sua alma, quando a verdade é todo ao contrário.

Por isso é urgente dirigir-vos algumas palavras de despertamento, para que possais provar-vos a vós mesmos, e saber se realmente nascestes de novo: se alguma vez passastes da morte para a vida.

É um completo engano uma pessoa se ter por «salva» simplesmente porque acredita certos fatos referentes a Cristo, que seus pais lhe ensinaram, ou que aprendeu na Escola Dominical. Podemos crer muita coisa com respeito ao médico, e contudo continuar doentes, *se não nos tratarmos com êle.* E da mesma maneira, crer os fatos do Evangelho não nos salva do vício e do pecado, a não ser que a nossa crença dêsses fatos nos leve a valer-nos da graça salvadora que em Cristo reside, e assim fazer uma prova pessoal dÊle como nosso próprio Salvador.

Por isso vem a ser uma pergunta de interêsse palpitante: Quando se deu convosco esta conversão?

Ninguém nasce crente, e por isso cada um necessita *«nascer de novo»* (João 3:5). E quais são os sinais do homem renascido? Segundo ensinou o próprio Senhor Jesus Cristo, uma prova é que a pessoa vê o reino de Deus: isto é, percebe uma esfera (seu próprio coração primeiro) onde a vontade de Deus é suprema.

Podeis dizer com sinceridade que a vontade de Cristo rege a vossa vida? Que Êle reina, supremo, no vosso coração? Sois acostumados a invocá-Lo em tôda hora de tentação, para serdes salvos do pecado? (Rom. 10:13).

É necessário distinguir entre uma crença intelectual das verdades do Evangelho, e uma sincera fé no coração em Cristo como vosso próprio Salvador. É sòmente quem deveras deseja ser salvo dos seus pecados que pode ter esta fé em Cristo. A pessoa que deseja ficar doente, não conta com o médico para a curar; e quem deseja ainda continuar com as suas vontades e vaidades, não conta com Cristo para salvá-lo delas.

Mas se realmente sentis um desejo ardente por uma vida pura, santa, agradável a Deus, o Evangelho vos declara que em Cristo encontrareis um poder sobrenatural para poderdes viver de acôrdo com a vontade dÊle. É muito natural cada um amar a sua vontade própria e querer fazê-la sempre, mas quando percebemos que as experiências mais amargas da nossa vida são resultado de seguirmos os nossos caminhos e fazer a nossa vontade, começamos a querer experimentar *«a boa, agradável e perfeita vontade de Deus»*. É verdade que conosco não está o poder para fazer, mas por isso

mesmo temos que recorrer a Cristo, para operar em nós tanto o querer como o efetuar segundo a Sua boa vontade (Fil. 2:13).

Outro sinal do homem renascido é que êle é *grato* ao Senhor por tão grande salvação. Freqüentemente dá graças a Deus por Se ter lembrado dêle, e ter-Se feito, (na Pessoa de Jesus), seu Salvador. E por essa gratidão nunca acha penoso serví-Lo.

Mais um sinal do verdadeiro crente em Cristo é ser êle *dependente*. Confiado em Cristo, desconfia de si, e, sabendo que nada pode fazer bem pelos seus esforços próprios, constantemente pede auxílio divino, para poder andar e agradar a Deus.

A vida do crente é uma vida transformada pelo poder de Cristo, que habita nêle. Pode continuar com as mesmas ocupações, mas faz tudo por outro motivo. Todo o seu desejo agora é de servir e honrar a seu Senhor, mesmo nos mais humildes deveres da vida. Êle já aprendeu a dizer «não» às solicitações de companheiros descrentes, e até às seduções da própria carne. Não digo que êle agora seja incapaz de pecar, mas se peca, lamenta imediatamente seu êrro, confessa-o, e obtém o perdão de seu Pai.

O crente deseja falar com seus irmãos do seu Salvador, e ganhar outros para Êle. Seria incrível alguém ter achado para si a maior das bênçãos, e não sentir o desejo de a partilhar com seus semelhantes. Quando não sabe como iniciar a conversa, às vêzes oferece um tratado evangélico ou cita uma passagem da Escritura. Contudo, entende que o exemplo da sua vida falará sempre mais alto que as suas palavras. Mas que vergonha quando dizem: «Não se sabe se Fulano é crente ou não. Êle em nada se diferencia de um incrédulo!»

O crente em Cristo *ora*. Não sòmente na reunião de oração, mas muito mais em secreto, no íntimo do seu quarto, a sós com seu Salvador. Êle *canta*, não tanto por gostar de música, mas porque sente seu coração transbordar de alegria, e não pode conter o louvor. Êle *gasta*, do seu tempo, seu dinheiro, suas fôrças no serviço do Mestre, achando ser um privilégio sacrificar alguma coisa por amor dAquele que por êle deu a vida

Contudo, não é por imitardes êstes sinais do crente que podeis tornar-vos crente também, como tão pouco podeis tornar qualquer árvore em laranjeira por atar laranjas sôbre ela. É preciso recorrer a Cristo, e, de joelhos, a sós com Êle, confessar-Lhe que sois perdido, que desejais a Sua graça, que quereis experimentar a Sua salvação. E se, apesar de tudo, sentis não ter alcançado a bênção, pedi o auxílio de algum crente, ou dêste.

Vosso servo, por amor de Cristo,

* * *

Carta 21

# O Sabatismo

*Carangola, Minas*

Fevereiro de 1922

Meu caro irmão,

Passo a contar-lhe o resultado da minha Conferência com os dois pregadores sabatistas, em S. João do Norte.

A Conferência foi pedida por um amigo, morador perto de S. João, que tem sido muito visitado pelos Sabatistas ou «Adventistas», e também acautelado a seu respeito pelos crentes seus vizinhos e que manifestou o desejo de ouvir uma discussão sôbre a diferença entre o sabatismo e o cristianismo por pessoas informadas do assunto. Fui convidado, e a Conferência deu-se no dia 5 do presente.

Achei os pregadores adventistas bem inteligentes e muito preparados com todos os argumentos que os propagandistas do sabatismo costumam empregar quando pretendem aliciar adeptos de entre as Igrejas evangélicas. Se desta vez não foram bem sucedidos, isso não pode ser atribuído a nenhuma incompetência da sua parte, e sim à inerente fraqueza da propaganda que procuram fazer.

Comecei, como faço em tôdas as minhas discussões com sabatistas, com duas perguntas de importância capital, cuja resposta resolve completa e finalmente a questão se o sabatismo é uma propaganda cristã ou anti-cristã.

Perguntei primeiro: *Se em qualquer parte do Novo Testamento se manda ao crente em Cristo guardar o Sábado?*

É um fato bem sabido que em vários lugares do Velho Testamento ordena-se expressa e formalmente a guarda do Sábado *aos judeus*, e isto até com penas tão severas que quem apenas apanhava lenha em dia de Sábado era condenado à morte (Núm. 15:32-36). Por isso tem bastante interêsse verificar se o mesmo mandato e as mesmas penas pesam sôbre o crente no Evangelho de Jesus Cristo.

Fiz a pergunta em menos de cinco minutos, mas os dois moços gastaram mais de cincoenta sem poder mostrar a ordem pedida. O melhor argumento que acharam foi apenas uma inferência que, visto que devemos andar como Cristo andou (I. João 2:6), e Êle foi na sinagoga dos judeus no Sábado, os crentes hoje têm a obrigação de fazer o mesmo.

Respondi-lhes que, se fôsse assim, se pudéssemos tomar tudo que Cristo fêz como importando uma ordem para nós fazermos o

mesmo, então os Sabatistas devem ser *circuncidados*, visto que Êle o foi (Lucas 2:21).

Isso, porém, não queriam admitir de modo algum. O exemplo de Jesus em freqüentar as sinagogas dos judeus nos dias de Sábado estabelecia (para êles) a obrigação de nós fazermos o mesmo, mas o exemplo de Êle ser circuncidado não era exemplo para nós obedecermos. Creio que os ouvintes (havia uma assistência de umas cincoenta pessoas) não acharam muita coerência na sua maneira de raciocinar!

Depois de ouvirmos com tôda a paciência os discursos dêles durante uns cincoenta minutos, sem aparecer nada do mandato pedido, fiz-lhes a segunda pergunta, a saber: —

*Onde, em todo o Novo Testamento, podemos ver os crentes em Cristo reunidos em dia de Sábado?*

Verificado conclusivamente que não existe em tôda a Bíblia mandato algum que ensine aos crentes em Cristo a guarda do Sábado, disse aos moços que me contentava com *um exemplo* — mesmo um só. Mas no caso de não haver na Bíblia nem ensino nem exemplo da guarda do Sábado pertencer ao Cristianismo, então rejeitaria positivamente a propaganda adventista como anti-cristã.

Fiz notar que nada menos de quatro vêzes lemos dos crentes estarem reunidos no primeiro dia da semana, o Domingo, mas nem uma só vez no Sábado. No Domingo da Ressurreição vemos Jesus no meio do Seu povo reunido no Seu nome (João 20:19) conforme a Sua promessa em Mat. 18:20, como também no Domingo seguinte (20:26). No Domingo de Pentecostes (Atos 2:1) outra vez vemos os crentes reunidos, e o Espírito Santo é «derramado» sôbre êles, e, afinal, em Atos 20:6 vemos os crentes reunidos em dia de Domingo para «partir o pão» em lembrança de seu Salvador ausente. Mas, em dia de Sábado: onde é que a Bíblia fala dos crentes terem reunido nesse dia?

Não resta dúvida que os moços bem perceberam a importância das duas perguntas, e muito se esforçaram por achar resposta. Falaram muito, de modo que talvez alguns ouvintes, pouco acostumados com estudos bíblicos, tenham pensado que, entre tantas palavras, a resposta naturalmente estava oculta. Mas os crentes insistiram que não tinham respondido — e ainda mais, que não podiam responder.

É claro que não haviam de se dar por vencidos. O amor próprio não o permitiu. Era preciso, falando ainda mais, ao menos dar uma aparência de vitória. E nós, que podemos confiar na

inerente fortaleza do Cristianismo que professamos, não queríamos fazer discursos, sentindo apenas dó daqueles que, moços ainda, se têm entregado à propaganda do êrro (uma espécie de judaísmo mestiço) em vez de empregarem na defesa da Sua verdade os talentos que Deus lhes deu.

No fim, as desculpas de costume, e um amável convite para nós visitarmos o seu Centro em Caparaó, seguido por um silêncio, em que, conhecendo a habitual hospitalidade da zona, podiamos ter esperado ouvir alguém franquear a sua casa para outras visitas dos Sabatistas. Aproveitei então a ocasião para lhes dizer que não nos era possível reciprocar o convite; que não podemos, sem escrúpulo, oferecer as nossas casas para tôda classe de propaganda, tanto do erro como da verdade; que na nossa Bíblia lemos: «*Se alguém vem ter convosco e não traz êste ensino (o ensino de Cristo) não o recebais em casa e nem tão pouco o saudeis*» (2. João 10).

Depois se prestaram para mais conferências, desejosos, sem dúvida, de ter outras ocasiões de fazer a sua propaganda entre os crentes em S. João do Norte; mas nós não achamos utilidade nisso. Se nem podem responder às duas primeiras perguntas, porque discutir outros assuntos? Não havendo em tôda a Bíblia nem ensino nem exemplo dos crentes em Cristo guardarem o Sábado, a propaganda adventista fracassa no seu ponto capital, e se torna quasi desnecessário refutar os outros erros que ensina.

O ressurgimento, de vez em quando, de doutrinas falsas e heresias, ao menos tem a vantagem de levar os crentes a estudarem a Palavra com mais atenção, e assim reforçarem as bases da sua fé.

Seu na defesa da Verdade.

* * *

## Carta 22 — Ministerio

*Carangola, Minas*
Maio de 1922

Prezado irmão A. B.

De o artigo em «O Cristão», de Março 31, com o título «*Atribuições dos Ministros, Presbíteros e Diáconos*», e publicado, como é de supór, com a aprovação dos editôres dessa Revista.

Fiquei surpreendido ao ver êste escrito, de um carater «oficial», confeccionado com tão pouco cuidado, e contendo tantos erros e inexatidões. Devemos, porventura, entender que a redação não

se importa com afirmações erradas, se elas servem para apoiar os costumes e usos da denominação?

O escritor ignora completamente a diferença bíblica entre os *dons* para a edificação da Igreja universal e os *ofícios* ou cargos para o govêrno e serviço da Igreja local. Engloba tudo em uma coisa só. Para êle o «ministro» é também *bispo, pastor, anjo da igreja, presbítero, ancião, embaixador, evangelista, pregador, doutor e despenseiro.* Assim êle parece apoiar a doutrina dos «Nicolaitas», (*) o clericalismo: a saber, a concentração do ministério da Igreja local nas mãos de uma só pessoa, em vez de aceitar o ensino bíblico da sua *distribuição* entre diversos irmãos, dotados com várias e diferentes aptidões (veja-se 1. Cor. 12:1-11).

Tem sido notado que cada doutrina importante é apresentada desenvolvidamente ao menos uma vez na Bíblia. O assunto de *ministério na Igreja* é discutido larga e amplamente nos capítulos 12 e 14 de 1. Coríntios.

E' curioso notar que os apologistas do clericalismo fogem destes capítulos «como o diabo foge da cruz»! No artigo que estamos examinando não se refere a êles, nem de longe, e, contudo, são os únicos capítulos na Bíblia que nos mostram detalhadamente o ministério em ação na Igreja de Deus.

O escritor do artigo evidentemente contempla cada Igreja local como tendo seu respectivo «chefe», que êle às vêzes chama *pastor* e outras vezes *ministro, ensinador, Bispo-Presidente*, etc. Porém, onde está a base bíblica de tudo isso? Diz êle: «Por êsse motivo os intitula S. Paulo: *Pastôres ensinadores*», mas deixa de fornecer qualquer referência, porque sabe, com certeza, que a Bíblia nunca fala em semelhante coisa. Escreve: «os pastôres eram os primeiros oficiais, as primeiras autoridades das Igrejas locais: eram também os ensinadores ou doutrinadores da comunidade». Onde foi que leu isto na sua Bíblia?

A verdade é que a lista dos dons que *Deus pôs na Igreja* (1. Cor. 12:28) é um tanto diferente da lista dos dons que Cristo, subindo ao alto, «*deu aos homens*» (Ef. 4:8-11). Na primeira lista não vemos nem *evangelistas* nem *pastôres*: talvez porque seu serviço não era para ser exercitado na Igreja quando reunida (o assunto em 1. Cor. caps. 10 a 14) mas, principalmente, fora dela: os evangelistas pregando entre os incrédulos em qualquer parte onde se achavam reunidos, e os pastôres zelando as ovelhas de Cristo nas suas próprias casas, afim de harmonizar a vida individual de cada um com o ensino da Palavra. Assim, longe de serem os pastôres «os pri-

---

(*) A palavra Nicolaitas significa «subjugando o povo»: um clero oficial dominando os leigos.

meiros oficiais e primeiras autoridades das Igrejas locais», descobrimos, ao examinar as nossas Bíblias, que onde se fala de pastor não se fala de Igreja, e onde se fala de Igreja nunca se fala de pastor!

Não é porventura, esta circunstância instrutiva?

Se tivéssemos sòmente a lista dos dons dada em Efés. 4:11, poderiamos pensar que a expressão «pastores e ensinadores» mostrava os dois dons reunidos numa só pessoa; mas na lista em 1. Cor. 12:28 o dom de «ensinador» é mencionado sem qualquer alusão ao dom de pastor. Por isso, evidentemente, precisamos discriminar entre êstes dons, e não pensar que devem sempre encontrar-se juntos.

E a experiência prática confirma isto; os ensinadores mais dotados nem sempre tem aptidões para pastorearem as ovelhas, e os irmãos mais competentes para os cuidados pastorais nem sempre têm notável capacidade para o ensino.

Ainda assim, o escritor afirma «ao escrever as últimas epístolas, ordenou S. Paulo que *todos os pastôres fôssem aptos para ensinar*», e, contudo, S. Paulo nunca escreveu tal coisa!

Mais adiante êle diz: «Como *pastores*, êles têm autoridade real sôbre a Igreja», e cita Atos 20:28, que nada diz de pastôres, mas sim, de *anciãos!* A idéia de um pastor «com autoridade sôbre a Igreja» é inteiramente alheia ao ensino bíblico. Para nosso escritor o *anjo da Igreja* é a mesma «autoridade», embora no Apocalipse não há nem sombra de ensino de tal anjo (ou mensageiro) ser também pastor ou bispo ou «ministro». (*)

O leitor cuidadoso perceberá uma grande semelhança entre o serviço atribuido em 1. Pedro 5:1-4 aos anciãos ou presbíteros e o de um pastor. Ambos devem «pastorear o rebanho de Deus», ocupando-se, não tanto com a *apresentação* da verdade (que é o serviço dos ensinadores) como com a sua *aplicação* à vida prática do crente. Mas o farão por motivos diferentes: os pastôres zelarão o rebanho de Deus porque estão expressamente habilitados por Cristo para tal serviço, e em todo o lugar que visitarem o seu interesse será o bem-estar dos fieis; os anciãos o farão, mesmo que não sejam especialmente dotados para tal serviço, por um sentimento de dever local, sendo êles constituídos pelo Espírito Santo «bispos» (superintendentes) para apascentarem a Igreja de Deus na sua localidade (Atos 20:28).

Em flagrante contradição a Efes. 4:11 o escritor do artigo afirma: «Êstes títulos, na atualidade, não significam diferentes ofícios na Igreja, mas indicam tôdas as qualidades que devem possuir os ministros do Senhor»; embora a Escritura insiste que não

---

(*) O sentido mais compreensível dos anjos ou mensageiros das igrejas é que foram irmãos de confiança enviados para visitarem o apóstolo no seu exílio, e que haviam de ser os portadores das cartas.

são a mesma pessoa, retindo: — «uns . . . e outros : . . e outros . . . e outros . . .» Evidentemente precisamos escolher entre o ensino da Palavra de Deus, e a praxe na atualidade, nas denominações evangélicas.

Depois êle acrescenta: «Aos ministros da Palavra compete a celebração das ordenanças cristãs, isto é, o batismo e a Ceia do Senhor» . . . devem ser ministradas única e exclusivamente por ministros regularmente ordenados e reconhecidos pela Igreja»; mas não cita passagem alguma em comfirmação disso, pelo suficiente motivo que a Bíblia não o diz! Parece-nos uma imperdoável leviandade afirmar terminantemente uma regra da qual nem sombra se encontra na Palavra inspirada!

E' por isso que, em vários lugares, os crentes são privados dêstes privilégios por anos inteiros, na falta da visita de um «reverendo» ministro habilitado para o serviço. E, contudo, o escritor diz que «deseja obedecer, em todos os detalhes, aos ensinos apostólicos», ao mesmo tempo que afirma uma regra que absolutamente não se encontra em qualquer escrito apostólico! O ensino bíblico, que deixa de precisar por quem os dois ritos devem ser praticados, êle tem a coragem de chamar «idéia darbista»!

Falando dos presbíteros, diz que «as suas atribuições fundamentais eram governar a Igreja *juntamente com o pastor*», mas a Bíblia nunca, em parte alguma, coloca o presbítero «juntamente com o pastor», nem diz que êste tem coisa alguma que fazer no govêrno da igreja! De acôrdo com o mesmo êrro diz mais tarde: «O pastor não deve governar sòzinho», ignorando que a Bíblia nunca supõe o caso de uma Igreja local com apenas um pastor, e nunca apresenta um pastor como «Bispo-Presidente», nem lhe atribui a função de *governar!*

Em conclusão noto que o escritor adota a interpretação romana de Mat. 18:18: «Nosso Senhor declara que os atos da Igreja (*), na terra, são confirmados no céu». Êste ensino tem sido o sustentáculo das maiores tiranias eclesiásticas durante os séculos, atribuindo às decisões e atos de homens falíveis uma autoridade divina e absoluta. A adoção do ensino romano pelas denominações protestantes expõe-nas aos mesmos males que têm arruinado aquela Igreja, destruindo nela a liberdade de consciência e impedindo o pleno desenvolvimento da vida espiritual dos crentes que se submetem ao sistema errado. A diferença é apenas na sede onde reside o poder absoluto. No Romanismo a infabilidade reside no Papa; no ensino de nosso escritor ela está na Igreja local: isto é,

---

(*) Em 1. Cor. 5 vemos que a disciplina deve ser ato da Igreja tôda e não apenas de certos oficiais.

no pastor e presbíteros, os únicos que «governam» a Igreja inerte. (**) Longe de pensarmos que «os atos da Igreja (bons, ruins ou indiferentes) são *confirmados* no céu,» é mais prudente entender que são *conhecidos* ali; e por isso cabe maior responsabilidade nas decisões eclesiásticas.

A leitura de artigos do carácter dêsse que acabamos de examinar, serve para mostrar-nos como são necessários cuidado e prudência na interpretação da Bíblia, não buscando nela um apoio pelas idéias e costumes que prevalecem atualmente na cristandade, mas lendo-a com o pensamento despreocupado, dispostos a submeter-nos inteiramente à sua autoridade absoluta.

Seu, na defesa da verdade de Deus.

* * *

## Carta 23

## O Batismo

*S. Manoel do Mutum, Minas*

22 — viii — 1922

Prezado irmão —

O irmão X — me mostrou a sua carta do dia 6 dêste referente ao Batismo, e pediu que eu respondesse. Não acho proveito em muita preocupação com qualquer rito, mas não posso negar-me a ajudar em tudo que diz respeito à Palavra de Deus.

Na sua carta o irmão é positivo, não é verdade? Escreve com uma plena convicção e certeza que o verdadeiro Batismo só pode ser de imersão e de adultos crentes.

E, contudo, convém (antes de entrar mais no assunto) olhá-lo primeiro de longe, para melhor apreciar a sua importância. Durante uns 300 ou 500 anos os crentes mais instruídos têm estudado o assunto de batismo de todos os pontos de vista, com as suas Bíblias abertas, e com muita oração — *e ainda não têm podido chegar a um acôrdo!*

Logo, não pode ser um assunto tão fácil de resolver como o irmão pensa; e convém sermos sempre muito prudentes em afirmar as nossas convicções, e muito pacientes com as convicções de outros.

Dirigiu a sua carta ao irmão X — que, segundo diz na carta, ainda não conhece pessoalmente. E' pena escolher um assunto de contro-

(**) Quando o pastor, «por sua própria conta e risco», tira o nome de alguém do rol dos membros, é isso um ato de Igreja, ou apenas de um indivíduo, feito absolutamente sem precedente bíblico?

vérsia para discutir primeiro com um irmão desconhecido. Melhor escrever-lhe de alguma consolação que tem achado em Cristo, do que ocupá-lo com alguma contradição que tem achado num rito! «*Sigamos, pois, as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros*»! (Rom. 14:19).

A insistência em fazer prevalecer um certo parecer sôbre o Batismo tem *dividido* o Cristianismo em seitas; e esta mesma insistência entre os crentes que se reunem no Nome do Senhor Jesus produzirá o mesmo triste resultado. Logo é evidente a necessidade de sermos muito prudentes e muito pacientes.

Que existe divergência de convicção com respeito ao Batismo é um *fato* que é evidente a todos. Nem é provável que nós, crentes humildes no interior do Brasil, vamos resolver num dia o problema que os mais instruídos têm discutido por séculos. Mas podemos resolver, agora mesmo, *não fazer divisão sôbre êle*, e tratar com tôda a tolerância as convicções dos nossos irmãos.

*A prova* que o irmão oferece que o batismo é só de imersão é que «*Jesus saiu da água*» (Mat. 3:16). Mas, afinal, isto não prova nada positivamente. Andando de noite, entrei no córrego inesperadamente, mas, logo que molhei os pés, *saí do córrego* imediatamente. Isto não quer dizer que me mergulhei no córrego!

Em Pentecostes os crentes foram batizados no Espírito Santo, mas isso não quer dizer que foram mergulhados no Espírito Santo, como se Êle fôsse um rio ou um poço. Os sinais do Espírito Santo foram as línguas de fogo, repousando sôbre cada um dêles, e o processo dêsse batismo era de «*derramar sôbre*» e não «*imergir em*» (veja-se Atos 2:17,18).

Menciono isto, não porque acho de importância ocupar-nos com o processo do rito, mas para mostrar que não é tão fácil provar o mergulho em todos os casos de batismo referidos na Bíblia. E de maneira alguma convém dividir os crentes sôbre um assunto tão problemático.

Em Atos 10:47 lemos: «*Pode alguém impedir a água, para que não sejam batizados êstes . . ?*» Em que sentido haviam de «*impedir a água*» se se tratava de uma imersão? Se, porém, era caso de alguém trazer água numa bacia, então outro podia «impedir» essa água e proibir o batismo. Se era caso de imersão, a linguagem teria sido «Quem nos há de impedir de irmos à água . . . ?»

No primeiro batismo da Bíblia, quando «*todos em Moisés foram batizados na nuvem e no mar*», é certo que não havia imersão, porque os israelitas andavam de pé enxuto (1. Cor. 10:2 e Êxodo 14:29). Alí também, evidentemente, as crianças foram batizadas

juntamente com seus pais, como provàvelmente aconteceu também no batismo do carcereiro «*e todos os seus*».

Em todo caso, são assuntos em que há divergência de pareceres, e não convém sermos positivos demais, mas sim longânimos e pacientes.

Saudações no Senhor Jesus.

* * *

## Carta 24 — O Denominacionalismo

*Carangola, Minas*

5—x—1922

Meu caro irmão,

... Tratei agora de estudar o assunto que o irmão propôs na sua carta: O Denominacionalismo—é aprovado de Deus, ou não é?

O irmão pergunta: Permitiria Deus que a *Sua Igreja* assim se dividisse, sendo para o mal?

Talvez. Que o tem «permitido» é um fato. Que é para o mal, havemos de ver. E' sumamente difícil marcarmos os limites do *que Deus permitirá.* Êle «permitiu» o pecado de Adão, a embriaguez de Noé, a desobediência de Israel à Sua santa lei, o maior crime dos séculos — a morte do Salvador, e, em nossos tempos, a apostasia da fé de muitos que professam ser ministros dÊle; por isso não é impossível Êle permitir um mal relativamente menor: a divisão na Sua Igreja.

Não devemos, porventura, antes encarar o assunto sob outro ponto de vista, e notar que, embora Deus sempre consegue, afinal, os Seus propósitos, *tudo que Êle confia à responsabilidade humana tem falhado:* Adão na inocência, Noé salvo pelo dilúvio, Israel sob a Lei, e, afinal, a Igreja debaixo da graça—o homem sempre *aquém* do propósito divino a seu respeito?

A divisão da Igreja de Deus em várias denominações independentes é um mal bastante triste porque:—

1. A divisão da Igreja nunca é aconselhada nas Escrituras como o remédio divino pelos erros que possam surgir no seu meio. Nos tempos apostólicos havia muitos males — de conduta em Corinto de doutrina entre os gálatas, de ambas entre as 7 igrejas da Asia, mas o remédio nunca é a divisão: nunca abandonar a Igreja e construir outra denominação melhor.

2. Ainda mais, o denominacionalismo é um mal, porque con-

trasta notàvelmente com o expresso desejo de Cristo «*que todos sejam um. . . para que o mundo creia*». Na bôca de duas ou três testemunhas tôda palavra será estabelecida. Duas testemunhas em confirmação das verdades do Evangelho ainda mantêm firme o seu testemunho: a Palavra e o Espírito testificam ainda — e o mundo está convicto e culpado na sua incredulidade. Se a terceira testemunha — a Igreja unida — não tivesse falhado, o mundo teria sido convertido (João 17:21).

3. Além disso, o denominacionalismo é um mal *porque é expressamente proibido na Palavra.* Vemos o começo e a reprovação dêle em 1. Cor. 1:12, 13, e ali também lemos o enérgico protesto do apóstolo: «*Está Cristo dividido?*»

4. A divisão da Igreja de Deus em várias denominações é um mal — um grande mal — porque as suas conseqüências são sempre funestas. E' verdade que às vêzes apresentam a suposta vantagem de *emulação no trabalho evangélico* por conseqüência de duas ou mais denominações trabalharem no mesmo lugar, mas essa vantagem é ilusória. O único motivo competente para um aumento de serviço cristão é um aumento de amor para com o Salvador, e de maneira alguma o é uma emulação carnal. Tal emulação pode muito bem resultar em ganhar aderentes para o partido, mas nunca em ganhar almas para Cristo.

Mas a divisão denominacional é um mal: (a) Porque sempre diminui o amor fraternal, semeando discórdias e contendas entre irmãos que devem estar unidos no mesmo amor. (b) Porque diminui o proveito do ministério entre os crentes. Ministério que Deus tem dado para a edificação da Sua Igreja tôda é muitas vêzes limitado a um punhado de crentes; muitas vêzes é alugado no interêsse de uma só denominação. Ainda mais (c) o ministério às vêzes é *rejeitado*, se não traz o carimbo do partido. O bem-conhecido pregador George Howes, depois de uma ausência de 6 anos, tornou a visitar o Brasil no ano passado. Juntos passámos uma noite na cidade de——, e assistimos a uma reunião dos Metodistas. Fomos tratados amigàvelmente, mas o serviço todo foi dirigido por um crente do lugar, e o Sr. G. H. nem uma palavra foi convidado a dizer. Assim os crentes ali, que bem queriam, sem dúvida, ouvir uma voz nova, foram privados dêsse privilégio porque G. H. *não era da sua denominação!* (*)

Passámos uma noite também em—— e visitámos a congregação batista. G. H. foi apresentado ao pastor, e êste convidou-o a ocupar *quatro minutos* em contar alguma coisa (bem pouco, é claro)

(*) Se estivesse ali um pastor residente, é bem provável que o resultado teria sido outro. Mas o encarregado local, provàvelmente, não tinha permissão de «dar a palavra» a um crente que não pertencia á sua denominação.

da obra evangélica em Portugal. Se depois de uma ausência de 6 anos, um missionário *batista* tivesse visitado o lugar, com quanto empenho o pastor teria solicitado o seu ministério! Que contraste notável! Como se explica? E' o denominacionalismo que faz isto entre os crentes.

Podem dizer-me: «Se não visitasse as congregações denominacionais, não teria tais experiências desagradáveis». Então concordam comigo que o sectarismo é um grande mal se um crente sem partido, para ver-se livre de desagrados, deve ficar no hotel entre incrédulos, e não procurar a companhia dos seus irmãos na fé, alienados dêle pelo denominacionalismo.

(d) O denominacionalismo tende pràticamente a limitar o ministério apenas aos dons que existem na denominação. Outro pregador visitando o lugar é olhado com uma certa desconfiança. Por que vem aqui? Êste não é *seu campo!*

Em dois lugares em Portugal fui um dos primeiros (salvo engano) a pregar o Evangelho: em Aguada de Cima e em Folharido. Ambos os lugares têm sido desde então visitados freqüentemente por pregadores do Evangelho, e o número de crentes tem crescido. Em cada lugar dei o conselho aos crentes de conservarem a obra livre de qualquer nome de partido. Disse-lhes: «Assim terão a visita de quaisquer pregadores evangélicos — aproveitarão o ministério de todos — de outra maneira serão limitados ao ministério de uma só denominação». Em Aguada de Cima consentiram, afinal, em constituirem-se em igreja metodista, e raras vêzes têm visita de outros crentes. Em Folharido, até hoje, têm-se conservado sem nome de partido, e continuam a ser visitados por pregadores diversos, pregadores com denominações e sem elas.

(e) O denominacionalismo resulta em anarquia e confusão. Em — temos um trabalho antigo que tem aumentado sempre, e agora está no ponto de os crentes construírem uma Casa de Oração para o seu uso. Não existe denominação alguma no lugar, nem perto.

Ali reside uma pessoa que quis ser aceita na igreja local, mas teve que esperar, porque os irmãos de responsabilidade (anciãos) desconfiaram que êle nem era crente. O colportor — enviado pelo Rev. — para visitar os nossos pontos de reunião na zona de —, estêve com êste homem, que em pouco tempo *quis ser presbiteriano.* Para resumir a história, basta dizer que há pouco veio o Rev. — batizar e (salvo engano meu) professar o tal homem. Não é isto anarquia e confusão? A disciplina da igreja local, com amplo conhecimento do caso, manda esperar para dar provas da crença. Um reverendo vem de longe, *não faz nenhum caso da igreja local ou suas decisões,* e admite o homem sem mais nem menos para a sua denominação!

Teria sido possível acontecer semelhante coisa nos tempos apostólicos? Sem dúvida convém ao Rev. — ter um ponto de reunião no meio dos nossos convertidos em —, e mais tarde professar alguns dêles no presbiterianismo, mas que seja para o proveito do Evangelho, duvido muito. Se, porém, o Rev. — não tivesse denominação alguma, se êle trabalhasse apenas para Cristo, e não para Cristo e um partido, o seu ministério no lugar não havia de fazer pouco caso da igreja local, nem havia de resultar em divisão e contenda. Por isso vejo mais um motivo para considerar o denominacionalismo um grande mal no meio evangélico.

Qual será o efeito dêste incidente no espírito do homem anexo agora ao presbiterianismo? Com certeza ficou bem contente de achar uma igreja com disciplina mais fácil, que não exige provas evidentes de um novo nascimento . . . Mas tudo isto é confusão, e tudo é conseqüência do sectarismo.

(f) Outra prova que o denominacionalismo é um mal, é ser êle atualmente reprovado por tôdas as missões mais espirituais e adiantadas. A *China Inland Mission* na China, a *União Evangélica Sul Americana* com trabalho no Brasil, Argentina e Peru, e as *Missões entre os Índios* absolutamente não usam nomes partidários, fazendo dos seus convertidos apenas «crentes» e não «crentes e sectários». E há muitas outras missões hoje nas mesmas condições.

(g) Mais uma prova do mesmo é que o denominacionalismo é reprovado pelos mesmos que o usam! Que reprovação podia ser mais terminante do que essa do bispo metodista Anderson, que citei no tratado *Todos um em Cristo*, pag. 14? E sempre os mais esclarecidos procuram diminuir ou desculpa-lo, dizendo «O nome não quer dizer nada», etc.

(h) O nome do partido não pode entrar no céu. E' uma bagagem bem pesada e inconveniente que alguns crentes carregam tôda a vida, mas que não podem levar consigo para a presença de Deus. Estarão todos unidos sem ela ali, e se a largassem desde já, podiam estar todos unidos aqui.

5 E' verdade, como o irmão me lembra, que muitos dos grandes servos de Deus, como Spurgeon Moody, Torrey, etc, têm usado denominações, mas creio que Deus Se tem servido dêles *apesar* disso e não por isso. Se o Dr. Torrey pertence a um partido na Igreja, é um mal; mas êle tem uma grande dedicação à obra de Deus, que é um bem muito maior que o mal (mas que nem por isso transforma o mal em bem). E é de notar que hoje todos os grandes servos de Deus de nomeada no meio evangélico *nunca salientam de modo algum* a sua denominação. Para tomar só dois exemplos; conheço o Henrique Maxwell Wright há vinte anos; êle pregava mensalmente na minha casa em Coimbra, mas até hoje não sei que denominação êle tem — nem desejo saber. Estive com o Dr. João R. Mott

em Lisboa e Coimbra, mas êle nada revelou da sua denominação. Nas grandes Convenções de Keswick, na Inglaterra, reune-se todo o ministério de mais valor no país, mas não aparece nada de partido. Todos são «um em Cristo».

Às vêzes comparam-se as denominações aos regimentos de um exército, todos empenhados na mesma luta. E' uma comparação falsa e enganosa, pois os casos são diferentes. A diversidade dos regimentos deve a sua origem à suprema autoridade militar; a das denominações à iniciativa dos «soldados». Os regimentos lutam de acôrdo, de combinação, governados por uma só vontade As denominações trabalham independentemente, cada uma sem importar-se com as outras; e muitas vêzes em lugar de combater o inimigo pelejam uma com a outra!

6. Alguns admitem que o denominacionalismo é um mal, mas crêem que é um mal inevitável, devido às diferenças de compreensão entre os crentes. Mas esta falta de acôrdo foi prevista na Palavra, e providenciada (Rom. cap. 14). O remédio divino não é divisão da Igreja, mas a tolerância das convicções alheias. Assim, das congregações que visito, alguns batizam seus filhos e outros não. Cada um faz o que faz «para o Senhor» (Rom. 14:6), de acôrdo com a luz que tem das Escrituras. E recusam dividir a Igreja sôbre o assunto.

7. Outros entendem que é preciso uma missão denominacional para angariar fundos para evangelização. Mas não é assim. Uma das missões mais acreditadas de hoje, a *China Inland Mission*, com mais de 1.000 obreiros, não representa denominação alguma, não pede dinheiro a ninguém, e não faz coletas. Obtém todos os seus recursos mediante a oração. Conheço muitos obreiros que, como eu, não pertencem a missão alguma, não têm ordenado nem «comités» nem qualquer recurso humano, mas *Deus os sustenta*. Achei-me há tempos numa reunião batista em Vitória, e alguém me estava interrogando: «Como pode sustentar-se sem pertencer a alguma missão ou denominação?» Respondi: «O caso é fácil de explicar; tenho um Pai muito rico, e quando preciso, peço a Êle».

Há mais ainda que poderia escrever sôbre o assunto, mas já me tenho prolongado demais. Preciso concluir. O irmão é muito moço ainda, e pode desconfiar do seu discernimento do assunto. Por isso convido-o a mostrar esta carta às pessoas mais instruídas. Não tenho nenhum receio de ser arguido por minha posição de pertencer ùnicamente à Igreja de Deus, sem usar título algum que me possa diferençar dos demais crentes. Tenho a Palavra de Deus comigo. E sei que quem pretende sustentar uma denominação, não o pode fazer com a mesma confiança e convicção.

Dir-me-ão, talvez: «Será tudo debalde. Há de ser alcunhado com algum nome, mesmo sem querer».

Isto é certo. O mesmo inimigo que dividiu a Igreja, naturalmente há de combater tôda tentativa para reunião. Especialmente êle há de chamar «mais uma seita» qualquer tentativa de ocupar o terreno comum da Igreja, onde todos podem estar juntos na mútua tolerância das suas convicções bíblicas. A pena é ver crentes sinceros cooperando com êle para manter as divisões e difamar os que protestam contra elas.

Seu servo, pelo amor de Deus,

* * *

## Carta 25

## Os Presbíteros

*Carangola, Minas*

30—x—1922

Meu caro irmão,

Ao chegar em Carangola no dia 28, recebi a sua carta de 29 p.p. com as interessantes apreciações dos tratados que enviei há tempos. Estou satisfeito que tenha encontrado nêles a verdade, pois o êrro não é vantajoso para ninguém, e não quero fazer propaganda de coisa alguma que não seja a verdade bíblica.

Também alegro-me em saber que o irmão está acompanhando êstes estudos com muita oração e sem confiar na sua própria inteligência. Sermos guiados por Deus é uma realidade da experiência cristã, uma vez que somos humildes e dependentes.

A ação do Espírito Santo na Igreja é uma preciosa realidade, da qual podemos ter experiência constante, se Êle não fôr «apagado» por regras e ordens humanas. Comparo a operação do Espírito Santo na Igreja com o trabalho do *condutor* duma banda de música. O condutor é a pessoa que não se ouve nem se vê (a não ser as costas) mas é a pessoa que dirige tudo. Tôda a harmonia deve a sua «inspiração» a êle.

Assim é a ação do Espírito Santo na Igreja, marcando o compasso, apontando os «instrumentos» que devem entrar em ação (como o condutor pode os indicar de vez em quando com a sua batuta), dando a um a palavra da ciência e a outro a palavra da sabedoria (I. Cor. 12:8), a um, ações de graças ou louvores, a outro, um hino de adoração, e tudo de acôrdo com a toada espiritual que Êle quer inspirar para a glória de Deus.

Conversando uma vez com um missionário a êste respeito, êle disse-me: «Eu gostaria de assistir a uma das suas reuniões, e ver

como tudo isto funciona». Respondi: «Desde já vou-lhe dizer o que há de ver. Se a companhia de crentes estiver espiritual, há de ver a coisa mais linda que se pode presenciar. Há de ver como que um côro celestial, entoando os louvores de Deus; um sacerdócio santo exercendo o seu ministério. Mas se a companhia de crentes estiver em estado carnal, então há de ver uma confusão completa. Porém, em qualquer caso, há de ver a *realidade*; há de conhecer a verdadeira altura espiritual daquela igreja: uma coisa que fica oculta no meio protestante como no Romanismo — escondida atrás de um ritual artificial, que não permite transparecer o verdadeiro estado espiritual dos adoradores»

Creio que terá recebido já a minha última carta, em resposta à sua, sôbre o *denominacionalismo*. Por isso não preciso acrescentar nada mais a êsse respeito. Tratarei agora de estudar as suas observações referentes aos presbíteros e diáconos.

Mas primeiro noto a conveniência de diferençar entre êles, sem pensar que as mesmas regras são aplicáveis a ambos os ofícios.

Os presbíteros são *governadores* sempre, e, às vêzes, pregadores também (1. Tim. 5:17). Os diáconos são *servos*, como a própria palavra significa. Se não me engano, a palavra grega *diakonos* é traduzida 20 vêzes «ministro», 7 vêzes «servo» e 3 vêzes «diácono». Teria sido mais conveniente empregar a palavra *servo* essas três vêzes também. A escolha dos nossos servos é um princípio bíblico; a escolha dos nossos governadores é de acôrdo com a democracia moderna, mas creio que não combina com os princípios bíblicos. Na Escritura, *todo o poder vem de cima, de um poder superior*. Nunca vem do povo. As ovelhas nunca escolhem o seu pastor.

Em nenhum caso bíblico podemos ler de os presbíteros serem eleitos pelas Igrejas. São sempre escolhidos pelos apóstolos ou seus delegados — por um poder superior. É, pois, um êrro bastante grave estabelecer, como característica essencial de uma denominação, a regra de *fazer sempre* uma coisa que na igreja primitiva *nunca se fêz*: eleger os presbíteros por voto da Igreja. Peço que o irmão note com muito cuidado que a única tradução portuguêsa correta de Atos 14:23 é a de *Figueiredo*: «*Tendo-lhes ordenado em cada igreja seus presbíteros*». Isto é fácil de verificar, comparado com o original. Se competia à Igreja local eleger os seus presbíteros, não era preciso deixar Tito em Creta para o fazer. (a)

O fato é que a Palavra não revela nada sôbre a maneira de perpetuar o ofício de presbítero, embora descreve minuciosamente as qualificações dêsses oficiais.

---

(a) Contudo acho muito provável o apóstolo consultar o parecer da Igreja local referente ás pessoas que êle devia estabelecer como presbíteros.

Escrevi, há pouco, para uma revista inglêsa, um artigo sôbre *Os Silêncios das Escrituras*, e dêsse artigo traduzo um pouco para o irmão ler: «Ainda mais, achamos que a Bíblia mantém silêncio sôbre como o ofício de presbítero havia de ser continuado nas Igrejas. Lemos, é verdade, de anciãos instalados por autoridade apostólica, imediata ou delegada, mas, como o ofício havia de ser continuado durante os séculos, a Bíblia não diz. Esta notável omissão, é verdade, tem sido reparada hàbilmente por humana inteligência e ingenuidade — tão hàbilmente que muitos crentes nem sabem que é uma reparação Mas aqui outra vez, infelizmente, os concertos oferecidos à Obra Divina são vários, e para aceitar um dêles temos que rejeitar os outros; e nenhum dêles traz a garantia de «assim diz o Senhor».

«Mas como é instrutivo procurar saber a lição dêste silêncio da Escritura! *Por que* não existe nenhuma provisão para uma autorizada continuação do govêrno na Igreja, tão necessário sempre?

«Vários interessantes motivos podem sugerir se. Por exemplo: podia ser quase desnecessário. Nos primeiros dias, quando as Igrejas aumentavam extraordinàriamente, podia ter precisado discernimento apostólico para declarar quais eram os homens de pêso e sabedoria, aptos para o govêrno. Mas, passados anos, a própria experiência havia de os mostrar, sem qualquer palavra apostólica. Então o novo convertido, depois de freqüentar por umas semanas as reuniões da Igreja, não teria nenhuma dificuldade em saber quais eram os anciãos a quem êle devia submeter-se, que estavam «sôbre êle no Senhor» e o «admoestavam», os quais êle devia estimar muito em amor por causa da sua obra.

«Quando alguma coisa está fora dos eixos, quando se necessita de piedoso cuidado ou conselho, os crentes do lugar sabem perfeitamente bem quais irmãos ajudarão para a paz e a harmonia, mesmo sem uma ordenação apostólica ou qualquer «eleição». Dois irmãos não falavam um com o outro, e era necessário ajuntá-los para promover uma reconciliação. Imediatamente foram mencionados os nomes de alguns irmãos que podiam ajudar, e que deviam ser chamados para a reunião. Muitos outros nem eram mencionados, e se tivessem sido referidos não teriam sido reconhecidos como aptos para o serviço. As *qualificações* de um ancião são tão plenamente detalhadas na Palavra que ninguém que carece delas precisa introduzir-se no govêrno da Igreja, embora às vêzes, quando tudo é decadente, alguém talvez precise prestar o serviço sem ser plenamente qualificado.

«Também êsse silêncio bem pode ser porque *a decadência da Igreja foi prevista*. No Judaísmo vemos como o caso se deu em experiência real: homens ocupando uma posição oficial muito depois de terem perdido tôdas as qualificações espirituais. Veja-se Ezequiel

cap. 34, etc. Quando acompanhamos a Igreja através da história, podemos bem dar graças a Deus que não existe nela nenhuma classe oficial, à qual os muitos devem submeter-se por motivo da sua posição. A exortação de 1. Tess. 5:12 nos parece muito adequada à condição da Igreja em tôdas as etapas da sua história: «*Conhecer bem aquêles que trabalham entre vós, sôbre vós presidem e vos admoestam, e prezá-los muito em amor por causa do seu trabalho*». Isto é sempre possível fazer, e sempre vantajoso.

Na sua carta o irmão escreve: «S. Paulo manda a Timóteo e a Tito que elejam anciãos, e fala dos deveres dêstes e dos diáconos (1. Tim. 3:1-13; 5:17; Tito 1:5-9). Como podemos dizer que êste uso não deve perpetuar?»

É justamente aqui que espero que o irmão não me compreenda mal. Creio que o uso, o serviço dos anciãos, como também dos pastôres, continuará sempre, onde os crentes rogam a Deus que assim seja. E o préstimo dos diáconos também, embora ignoramos qual era o serviço dêles. Os sete elegidos para servirem às mesas, salvo engano meu, não foram chamados diáconos, embora seu serviço podia muito bem ter sido isso mesmo. Que o serviço continue, é bíblico. Que seja por meio de uma eleição da parte da Igreja não é de maneira alguma bíblico; e se insistimos que há de ser assim entre nós, impomos sôbre a Igreja uma coisa que não podemos provar pelas Escrituras, e que por isso não pode obrigar a consciência de todo crente.

Precisamos recusar, absolutamente, acrescentar coisa alguma à Palavra de Deus, e sim *aprender pelos seus silêncios* tanto como pelas suas afirmações mais positivas. Cada denominação, no seu Livro de Ordem ou de disciplina, acrescenta alguma coisa à Palavra inspirada, querendo determinar o que na Bíblia não está determinado. E cada denominação o faz diferentemente, e nenhuma delas pode nos dizer: «Devíeis seguir o nosso sistema *porque a Escritura assim manda*». O resultado é a divisão da Igreja de Deus. Um romanista disse-me uma vez; «Por cada um interpretar a Bíblia ao seu modo, é que os protestantes têm se dividido em tantas seitas». Respondi: «As divisões na Igreja não são de modo algum o resultado de qualquer coisa que os crentes têm achado nas suas Bíblias, mas *daquilo que, não achando na Palavra de Deus, êles têm tentado suprir, cada grupo a seu modo*».

E esta divisão, no seu pleno desenvolvimento, é manifesta hoje. Cada denominação procura elaborar um sistema de govêrno que possa prescindir dos crentes que não pertencem à mesma irmandade. Os outros ficam por fora — à parte — esquecidos. O contrário deve sempre ser o caso. Devemos sentir que não podemos de modo algum prescindir dos outros membros do Corpo; que sem êles somos sempre aleijados; que não nos convém qualquer

sistema em que não façam parte. Por isso não queremos de maneira alguma elaborar um sistema de govêrno que não conte com todos os crentes da localidade; ou se, por qualquer motivo, não podemos nos reunir com todos êles, ou êles não querem reunir-se conosco, não vamos tentar formar outras Igrejas completas sem êles; vamos apenas reunir-nos no terreno comum aonde todos êles pertencem, e contar que, mesmo assim aleijados ou incompletos, Deus nos abençoará enquanto esperamos a volta dos outros crentes para o mesmo terreno.

Por isso, antes de procurar descobrir os oficiais da Igreja, devemos primeiro perguntar: *Onde está a Igreja?* Se ela está dividida — quase destruída — é excusado procurar os seus oficiais. Contudo, Deus é misericordioso, e apesar de tôda a ruína Êle pode proporcionar a Seu povo o ministério ou govêrno que necessita. Mas pensar em ver, nestes dias de decadência, tôda a perfeição de ordem que havia no princípio, seria ignorar o mal e não reconhecer quanto a Igreja se tem afastado da sua primitiva perfeição. Não posso estranhar a fraqueza que veio em muitas das nossas reuniões. O irmão que devia ser nosso ensinador é, talvez, contratado como ministro de uma denominação vizinha. Outro, que deve nos prestar serviços de diácono, é *ecônomo* de uma seita. Quando não sentimos mais a falta dêles, seremos tão sectários como êles o são!

Perguntam-me: «Haverá algum mal em a Igreja escolher os presbíteros?» Sim. O mal está aí: em fazer qualquer coisa que a Bíblia não ensina fazer, porque *não se pode insistir na consciência de todo crente acompanhar isso.* Alguns concordarão, outros não. Cada método de escolher será apenas o sistema de uma parte, de uma secção ou seita na Igreja—não será o dever e a obrigação de todo crente sincero acompanhar tal sistema. Em uma palavra, *tôda regra entre os crentes que não é claramente bíblica, que não é expressamente ensinada nas Escrituras, constitui um terreno sectário, que só ALGUNS podem ocupar, em contraste com o terreno comum da Igreja de Deus, em que cabem TODOS os crentes, quaisquer que sejam as suas convicções.*

O mais que uma igreja local pode fazer hoje é reconhecer os presbíteros que Deus tem preparado e escolhido.

E agora vejo que devo acrescentar algumas palavras sôbre o *ministério.* Mas logo ao começo preciso dizer que a distinção entre *clero* e *leigo*, usada no Romanismo e também entre tôdas as denominações evangélicas, absolutamente não se encontra na Palavra de Deus onde ela trata do ministério entre os crentes. Uma *classe ministerial* na Igreja Evangélica é uma invenção humana e não o ensino do Novo Testamento. O título «Reverendo», uma invenção

da Igreja Romana, podia muito bem ter ficado com ela, e não ter sido transferido para o Protestantismo.

Em Efésios cap. 4 lemos dos dons especiais dados para o ministério, «*para o aperfeiçoamento dos santos, para o trabalho do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo*», e também lemos daquilo que «*tôdas as juntas subministram*» para a edificação da Igreja em amor. E em 1. Pedro 2.5 vemos que a Igreja tôda é contemplada como um «*sacerdócio santo*» para oferecer sacrifícios espirituais, os quais, segundo Heb. 13:15, são «*sacrifícios de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome*».

Assim vemos que o ministério não é o direito exclusivo de uma classe privilegiada, mas, em alguma medida, compete a todos. Pena é que muitos crentes se consideram imprestáveis e não procurem desenvolver o dom que têm, e também que o sistema de ministério reconhecido entre tôdas as denominações tende a «*apagar o Espírito*» em qualquer irmão que não é «formado», considerando a sua intrusão no ministério como uma interrupção imperdoável.

Uma coisa que é raras vêzes reconhecida nos meios evangélicos é que muitos bons ministros da Palavra *não têm a capacidade espiritual para dedicar todo o seu tempo ao ministério*, mas que podem prestar excelente serviço, sem serem pesados à Igreja, dando ao ministério seu tempo desocupado. Nesta zona de Carangola conheço vários irmãos que podem, uma vez na semana, pregar com muita aceitação, mas se tentassem pregar todos os dias ficariam esgotados em pouco tempo.

A aprovação dos anciãos da Igreja, a sua cooperação, as suas orações, com ou sem a imposição das mãos, são coisas muito apreciáveis, mas o servo de Deus pode obedecer ao seu Senhor na obra do ministério ainda que tenha, por motivos suficientes, de prescindir de tôdas elas. Na passagem clássica que trata por extenso do ministério na igreja — 1. Cor. cap. 14 — a imposição das mãos nem é referida; por isso não podemos entender que seja indispensável.

Lembro-me de como, quando tive apenenas 20 anos de idade, estando na casa de um grande servo de Deus, cujos livros são conhecidos em tôda parte onde a língua inglêsa é lida, disse-lhe que tinha resolvido dedicar a minha vida ao serviço do Evangelho na América do Sul, e êle colocou as mãos sôbre a minha cabeça e invocou a bênção divina sôbre o meu serviço. Mas nem por isso quis chamar-me Reverendo!

Com amor fraternal, seu afeiçoado irmão em Cristo,

* * *

Carta 26

## O Ministério

*Carangola, Minas*

6-1-1923

Meu querido irmão,

Recebi ontem as suas longas cartas III e IV e li-as com muito interêsse. Estou vendo que o irmão tem um sincero desejo e propósito de pôr a sua vida de acôrdo com a vontade divina, e creio que Deus o abençoará ricamente nisso.

Cito da sua carta: «Alguém, porém, sôbre êste ponto de ministério, dirá: (1) Que Cristo escolheu *doze apóstolos;* enviou mais tarde outros 70; citará Atos 13:5 («João por ministro»), etc., como prova do ministério. (2) Citará 1 Cor. 14:40 para provar que, para haver «*ordem e decência*», é necessário haver um «ministério», pois, doutra maneira «ninguém se entenderia, todo o mundo batizaria às tortas e às direitas», etc (3) São Paulo, em suas epístolas, revela uma certa autoridade que evidentemente o destacava dos demais crentes a quem êle escrevia. Quais as melhores respostas que poderemos dar a estas objeções?»

*As melhores respostas,* não sei quais são. Vou apenas dar as minhas, pedindo ao mesmo tempo a direção divina para não dizer nada errado.

(1) O ministério da Igreja é uma preciosa realidade, e é dado e garantido por Cristo ascendido (Ef. 4:11). O verdadeiro ponto de divergência é *se êsse ministério necessita de alguma autorização humana para poder funcionar.* Cada denominação afirma que sim. Na Bíblia leio: «*Cada um de vós, segundo o dom que recebeu, comunicando-o aos outros, como bons despenseiros das várias graças de Deus. Se alguém fala, fale como orâculos de Deus . . .* » E não vejo em parte alguma qualquer palavra que me afirme ser necessária uma «ordenação» humana para eu poder exercitar um dom divinamente comunicado.

Atos 13:5, «*João por ministro*», pouco ou nada se refere ao assunto. Certamente não quer dizer que os dois apóstolos tinham a João para lhes pregar ou evangelizar. A palavra traduzida «*ministro*» significa primitivamente «remador subordinado», e é melhor traduzida *ajudante.* como na Versão Brasileira. É provável que João engraxava as botinas ou carregava a mala; mas o estudo de João Marcos, em tudo que a Bíblia revela dêle, é interessantíssimo, por mostrar-nos como um servo inútil, mais tarde, depois de longa meditação no perfeito serviço de Cristo, chegou a ser um servo proveitoso. Mas isso fica para outra ocasião.

(2) «Para haver decência e ordem, é necessário haver um *mi-*

nistério». Talvez, mas nem por isso precisa ser *um ministério humanamente abonado*. O pensamento geral é ser o ministério na Igreja como um disco branco e luminoso no centro do círculo preto e escuro do corpo leigo. É o disco luminoso que derrama a luz da verdade sôbre o círculo escuro, que nada derrama mas apenas recebe. Eu desejo oferecer outra figura mais adequada. Penso em um *ponto luminoso* no meio do círculo, e êsse ponto é Cristo. Dêsse ponto luminoso o brilho em redor vai diminuindo sempre tanto mais distante esteja do Centro, até chegar à extrema circunferência, onde não há brilho nenhum. Mas não existe nenhuma linha divisória para podermos marcar quem pertence ao ministério e quem não pertence. Em uma das nossas reuniões para obreiros nesta zona insisti com os irmãos que embora podemos conhecer obreiros — ou muitos dêles — não podemos dizer a ninguém: «Tu não és obreiro», porque cada um pode prestar algum serviço, ainda que seja pequeno.

«Decência e ordem» será apenas aquilo que o Espírito de Deus faz. Se alguém entrasse na minha casa e começasse a arrumar tudo a gôsto dêle e mudar o lugar de tôda a mobília, etc..., dizendo que viera «pôr tudo em ordem», eu havia de dizer que em lugar de ordem êle tinha feito desordem, porque aquilo não seria a ordem que eu quero. E assim na casa de Deus: a única verdadeira «ordem» é aquilo que Deus faz pelo Seu Espírito.

(3) «S. Paulo revela uma certa autoridade . . .» Sim, e muita. Era a autoridade apostólica, que segundo o ensino romanista foi *transmitida* através de uma longa linha de papas ao atual habitante do Vaticano! Mas escusado é dizer, nada dessa transmissão se vê na Bíblia.

Pode, então, perguntar-me: sendo assim, não há autoridade alguma na Igreja hoje? E responderei: Sim, há muita, mas é autoridade moral: quer dizer, nasce do próprio valor do indivíduo e não do lugar de destaque que êle ocupa. O imperador da Alemanha, Guilherme, tinha muita autoridade durante longos anos *devido ao lugar que ocupava como soberano*. Mas hoje, que não mais ocupa o lugar, êle não tem valor algum para dirigir os destinos da Europa, porque *em si* é pessoa de pouca capacidade e de pouco valor moral.

Há anos perguntei a um irmão na Inglaterra quais são os irmãos que governam nas igrejas, e êle respondeu que são aquêles que por sua evidente espiritualidade mostram que andam perto de Deus, e convencem os outros que êles sabem melhor como se deve proceder em quaisquer circunstâncias. Alguns me dirão: «Justamente, e êsses tais devem ser elegidos presbíteros»; ao qual teria que responder que pelo seu bom serviço hão de ser reconhecidos por todos como «anciãos», no caso de também terem tôdas as qualificações bíblicas.

Passo agora a estudar mais algumas perguntas suas: (1) «Prejudicaria a manifestação do Espírito Santo o ser a reunião presidida por uma pessoa que desse a todos a liberdade de falar?»

É possível que exista na Bíblia a idéia de presidir, no verbo *proistemi* (empregado em Rom. 12 8; 1 Tes. 5:12; 1 Tim. 3:4,5,12 e 5: 17 e Tito 3:8), traduzido também *guiar e tomar a dianteira.* Mas na passagem clássica sôbre o ministério em ação (1. Cor. 12 e 14) não há a menor alusão a qualquer presidente na Igreja, a não ser o Espírito Santo, que «*reparte a cada um como Êle quer*». Por isso creio que seria difícil «bìblicamente» *escolher* ou *apontar* um presidente da Igreja, permanente ou provisório, para dirigir o culto, embora, na prática, os irmãos mais instruídos às vêzes tomarão uma certa direção dos serviços ou mesmo de uma reunião. O serviço de «presidir» tem mais cabimento numa reunião de negócios da Igreja.

(2) «Os "profetas" devem esperar que o Espírito Santo lhes revele alguma coisa só na reunião? Não podiam de antemão meditar e estudar um ponto em que desejassem falar? Não devemos entrar com *a nossa parte?*»

Todos devem preparar-se para a reunião, e os que se ocupam com o ministério devem lembrar-se que Deus talvez Se sirva do seu préstimo, e não são proibidos de procurar saber com antecedência em que sentido poderão ser úteis. Mas, tratando-se de *uma reunião da Igreja* em que o ensino ou direção do Espírito só pode ser conhecida na ocasião, também o ministério de acôrdo com êsse ensino pode ser conhecido sòmente ao mesmo tempo. Assim às vêzes acontece que um servo de Deus vai à Igreja pensando que deva falar de um assunto, e ali descobre que a direção do Espírito é diferente, e êle fala de outro assunto.

Mas aqui, para evitar mal-entendidos, preciso discriminar entre uma reunião da Igreja e um serviço individual como de evangelizar ou ensinar. É *na Igreja* que «o Espírito reparte particularmente a cada um como Êle quer», mas se um pregador do Evangelho convida ouvintes, ou se êle é convidado pelos crentes a pregar, êle não espera que qualquer outro fale em vez dêle. O mesmo pode dar-se com um ensinador; mas também pode dar-se o caso do ensinador ser levado a apresentar a verdade de Deus em alguma reunião da Igreja. O evangelista nunca evangeliza a Igreja mas aos descrentes, embora êle possa ser convidado a servir-se do mesmo salão em que a Igreja costuma reunir-se. Tendo crentes e descrentes reunidos ao mesmo tempo, o pregador pode dirigir-se a ambos, mas sempre como prestando um serviço individual.

Acho interessante as suas impressões da visita aos irmãos reunidos à Rua —. Vejo que não encontrou tudo quanto esperava, que pode ser explicado por várias maneiras. Diz: «Falou ùnicamente um irmão sôbre algum assunto bíblico; um outro tocou num

assunto pessoal; os outros limitaram-se a orar e a mandar cantar hinos. Poucos «profetas», pois, falaram, parecendo-me a reunião um tanto *vazia*, de pouco confôrto espiritual.»

Primeiro eu havia de perguntar *que é que espera ver*, no caso de encontrar um «sacerdócio espiritual» reunido e em ação?

Eu diria: «Êstes crentes estão aqui *para dar, e não tanto para receber*». Uma vez na cidade de São Paulo, perguntei a um crente: «O irmão pode dirigir-me a qualquer grupo de crentes nesta cidade que se reune para *adorar a Deus em espírito e verdade?*» Êle me respondeu que não: que os crentes se reunem para ouvir sermões, para a Escola Dominical, para a oração, mas precisamente *para adorar a Deus* — para êsse fim não se reunem.

Então respondi que apenas procurava o que *Deus também procura*, e numa cidade tão vasta como São Paulo, com crentes tão antigos morando ali, parecia-me sumamente triste que Deus procurasse debalde.

Assim, quando num domingo de manhã vou à Rua——, não vou primeiramente com o desejo de *receber* edificação ou ensino. Vou desejoso de ajudar em dar a Deus o que Êle procura: a adoração de um povo que aprecia a Sua graça revelada em Cristo.

Tenho conhecido casos em que a Escritura não se abre: uma corrente de adoração e louvores desde o comêço ao fim. Mas geralmente a Palavra é lida — talvez sem comentário — para guiar as nossas almas às coisas divinas. E é sempre possível que haja (geralmente mais ao fim) algum ensino ou exortação, no caso de estar presente algum irmão dotado para isso.

E isto me traz a mais um ponto: Pàra adorar a Deus, não é preciso dom algum: mas para ministrar a Palavra aos homens é necessário haver dom. E no pequeno punhado de crentes que se reune à Rua ——, quase não há ninguém dotado para o ensino. Assim havemos de sentir pràticamente como é ruim ser a Igreja divida em frações. Os dons que devem nos edificar são chamados para servir alguma denominação vizinha, e o resultado é o enfraquecimento geral.

O irmão pouco sentiu ou percebeu a influência do Espírito. Não me admiro nada. A direção, a presidência do Espírito Santo de Deus no meio do Seu povo reunido qual sacerdócio santo, para entoar os Seus lovores, é uma maravilha, uma sublimidade tão excelente que nem sempre se realiza. Muitas vêzes o que mais se manifesta é a nossa fraqueza ou a nossa carnalidade do que o poder de Deus no nosso meio. Mas ao menos podemos dar graças a Deus *quando não há qualquer regulamento humano que proíba ao Espírito Santo a servir-Se de quem Êle quer* no serviço de adorarção.

Como já disse numa carta anterior, se os crentes reunidos

fôssem perfeitos, havia de ver uma perfeição de ministério espiritual, mas visto que o não são, o que pode haver é apenas o culto que êles são capazes de prestar: uma coisa pequena e fria, talvez, mas real. Quando alguém compra fazendas brancas, não prefere os panos fantasiados, com goma e outros preparos que dão um aspecto de o material valer muito mais do que a realidade: querem antes a coisa real, ainda que seja de pior aparência, porque qualquer fazenda, por ordinária que seja, para alguma coisa presta.

Quando eu era interno num colégio na Inglaterra, no fim do ano tivemos que escrever uma carta a nossos pais, ditada pelo professor participando o dia de terminarmos as aulas, etc. Era uma carta muito bem redigida e corrigida e bonita, e no mesmo envelope fomos permitidos meter outra *nossa* em que nos expressámos ao nosso modo — sem dúvida uma coisa muito mais tosca e feia, mais GENUINA; e não tenho dúvida alguma qual das cartas era mais apreciada pelos pais.

Assim é que contemplo a adoração que se oferece a Deus; no Romanismo é um coisa vistosa, magnífica, mas interamente falsa: não expressa de modo algum a verdadeira atitude espiritual dos «adoradores». Nas denominações protestantes é o melhor que um clero bem educado pode apresentar, mas também apenas serve para ocultar e não expressar os sentimentos dos crentes «leigos». Podem ser carnais, mundanos, contenciosos: tudo fica cuidadosamente oculto pela boa «ordem do culto». Mas creio que Deus está nos dizendo: «Eu quero uma adoração *real*, ainda que menos bonita e muito fraca, porque sòmente o que é verdadeiro presta».

Tenho observado que *as coisas melhores, mais fàcilmente se estragam.* O leite, por exemplo, qualquer contaminação altera e estraga, mas o alcatrão (uma substância grossa e bruta) dificilmente se estraga. Assim não estranho que uma ordem de culto que é de Deus fàcilmente se estrague pela mínima intrusão da carne.

O pequeno grupo que se reune na Rua — tem tido uma história muito acidentada. Durante muitos anos sujeito aos ensinos errados do falecido —, tem custado ver-se livre da sua influência perniciosa. Durante os últimos anos tem progredido no conhecimento da verdade e em graça espiritual, e os crentes têm convivido em paz e harmonia; mas a perfeição ainda está longe...

E assim também em outros lugares. Às vêzs se manifesta bastante fraqueza, às vêzes muita ignorância, mas às vêzes sente-se o poder do Espírito. O *atual* está sempre muito aquém do *ideal.* Para explicar as faltas evidentes, muitas vêzes basta cada um examinar o próprio coração e perguntar: «Estou eu tão chegado a Deus, tão isento de carnalidade, que o Espírito Santo de Deus possa servir-Se de mim?»

Tenho observado que tôda a bem-elaborada «ordem do culto» pode ser considerada como apenas um expediente para remediar uma *falta de espiritualidade*. Um irmão, por falta de espiritualidade, pode mandar cantar um hino impróprio. Por isso, determinou-se que só o pastor escolherá hinos. Outro pode ler mal e explicar pior a Escritura, pela mesma falta de espiritualidade; por isso é só o pastor bem educado e instruído que é permitido ler e explicar. Outro, não sendo espiritual, seria capaz de orar inconvenientemente, por isso o pastor é o único que pode mandar orar as pessoas que êle julgar competentes. Assim a *espiritualidade* dos assistentes (com que menos se pode contar) se torna quase desnecessária para a boa «ordem do culto». No Romanismo a ordem do culto continua com a mesma perfeição, ainda que todos sejam descrentes. No sistema bíblico, detalhado em 1. Cor. 12 e 14, a espiritualidade é absolutamente indispensável. Sem ela não haverá ordem alguma, e é precisamente esta circunstância que mostra a perfeição daquilo que é divino. Segundo a constituição da Igreja de Deus e a divina ordem de serviço no seu meio, onde não há muita espiritualidade a coisa não irá muito bem, e onde não há nenhuma, a coisa terá que findar. E acrescenta-se ainda mais esta circunstância: que a ordem do culto bíblica *revela imediatamente o grau de espiritualidade dos adoradores*, enquanto o sistema humano, inventado pelas várias denominações, *oculta fraquezas e carnalidades sem as corrigir.*

Passo agora a pensar nas suas observações sôbre o Domingo, e desde já preciso pedir a mais cuidadosa discriminação entre o Domingo e o Sábado. O costume, inteiramente sem base bíblica, de transferir os mandamentos dados por Deus com referência *ao Sábado*, para o Domingo, tem imensamente fortalecido a propaganda sabatista, e tem feito muita confusão entre os crentes evangélicos.

A guarda do *Domingo* pelos crentes em Cristo não pode de maneira alguma achar a sua razão de ser no fato de Deus ter mandado aos *judeus* a guarda do *Sábado*. O motivo por que o Cristianismo guarda o Domingo é por ser êle o dia da ressurreição de Cristo; e *quatro vêzes* no Nove Testamento achamos os crentes reunidos nesse dia.

Nem, tampouco, poderei por um momento admitir que o 4°. mandamento pertence à lei *moral*. A guarda de um dia não tem nada com a moralidade. Quando um pagão rouba ou mata, posso arguir a sua consciência natural de ter pecado, mas como posso convencê-lo de ter pecado por ter trabalhado no Sábado? Evidentemente é uma observação religiosa e não moral, por isso pertence à lei cerimonial e não à moral (se nos é permitido dividir a Lei assim).

Posso perfeitamente compreender o seu sentimento em ouvir de um crente, que assistiu à reunião de Domingo de manhã, ir à

tarde trabalhar no seu ofício. Por minha parte espero que nunca farei semelhante coisa, mas talvêz fôsse o mesmo crente que falou comigo há tempos: «Estou carregado de dívidas. A Bíblia me proíbe dever mas não me proíbe trabalhar no Domingo. Por isso sinto-me obrigado a ganhar para pagar as minhas dívidas, mesmo que importe trabalhar no Domingo.» E sei que êsse irmão o fêz, não por vontade, nem por gôsto, mas simplesmente porque achou que assim êle melhor andava de acôrdo com a justiça prática. E é necessário dizer que o mesmo irmão nunca aceitou serviço no Domingo durante as horas das reuniões.

Agora devo responder a mais uma pergunta sua com respeito aos presbíteros: «Se os diáconos (ou servos) podiam ser eleitos, por que o não podem ser os presbíteros, embora havendo grande distinção entre ambos os cargos? Se os diáconos foram eleitos não se poderia dar o caso de os presbíteros o serem também em alguma ocasião não registrada no N. T.?»

Perfeitamente. Podia se ter dado o caso, mas *não sendo registrado*, não nos pode servir de exemplo e guia. Não sòmente nos é instrutivo o fato de nenhuma eleição de presbíteros pela igreja ser registrada, mas o mero fato que Tito foi deixado em Creta para «*estabelecer presbíteros em cada cidade*» nos dá a entender que à igreja não competia fazê-lo.

Contudo, os crentes espirituais, a igreja local tôda, deve «*reconhecer os que trabalham e presidem no Senhor*» (1. Tess. 5:12).

Mas torno a repetir, todo o sistema denominacional de govêrno na igreja, de eleger presbíteros, pastores, etc. não é uma coisa iníqua nem perversa. E' uma coisa feita com tôda a sinceridade e com os melhores motivos, mas sendo um expediente humano e não uma ordem divina, *não é perfeito* e por isso é susceptível de melhoramentos. E o que um grupo de homens inventou, outro pode tentar melhorar, e em o fazer, constituem por isso mais uma divisão na Igreja. E assim de um mal muito pequeno resulta um mal muito grande. E a única maneira que conheço de evitar tudo isto é de escrupulosamente evitar qualquer uso na igreja que não seja claramente bíblico: qualquer coisa que não possamos insistir que todo o crente tenha que fazer, porque assim Deus manda. Assim também a *proibição* de o crente usar bebidas alcoólicas ou trabalhar no Domingo para poder pertencer à igreja seria uma condição sectária, porque a Bíblia não faz essa proibição; mas podemos exigir que quem bebe ou trabalha o faça *para a glória de Deus* — na convicção de que está fazendo a vontade d'Êle — porque a Palavra diz claramente «*fazei tudo para a glória de Deus*».

Pergunta se a autoridade apostólica não foi transmitida aos sucessores. Não leio nada na Bíblia sôbre essa transmissão. O

dom de apostólo pertencia ao fundamento da Igreja (Efés. 2:20), e hoje estamos mais nos tempos da «cumieira».

Sôbre a imposição das mãos, a Bíblia pouco revela. Cada vez que se emprega parece importar *identificação ou comunhão* e em um caso (2. Tim. 1:6) a *comunicação* de um dom (dado *pela* imposição das minhas mãos, e *com* a imposição das mãos do presbitério). Nunca se manda fazer, no Novo Testamento. Uma vez se manda não fazer apressadamente (1. Tim. 5:1).2 Pode muito bem pertencer à mesma categoria como o «*ósculo santo*»: uma coisa que hoje podemos fazer literalmente ou por outra forma.

Creio que devemos descriminar entre as coisas relatadas na Palavra e as coisas mandadas. A imposição de mãos é relatada (nunca mandada) no N. T. e sem dúvida é instrutiva, ou no seu sentido literal ou figurado. Que a mulher cubra a cabeça é expressamente mandado, e o não fazê-lo é uma desobediência, a não ser que a pessoa entenda que a diferença de tempo e lugar têm modificado a ordem. Assim não posso apontar qualquer circunstância na Igreja em que é obrigatório impor as mãos, mas posso reconhecer muitas circunstâncias em que é permissível, em vista do exemplo bíblico. O irmão pergunta: «*Deve-se* empregá-la hoje?» Não posso afirmar que *se deve*, visto nunca ser mandada. O mais que posso dizer é que *se pode* empregá-la, pois para isso não falta exemplo bíblico.

Na sua carta IV pede «um argumento sólido para defesa do que afirmamos — que a administração dos sacramentos não é privilégio dos «reverendos ministros».

Creio que em parte alguma da Bíblia temos um único caso de os «sacramentos» serem administrados por pessoas humanamente ordenadas: sòmente por homens como o apostólo Paulo, que receberam a sua autorização «*não da parte dos homens, nem por homem algum*» (uma coisa que Timóteo não podia ter dito). Por isso resta a quem afirma que uma ordenação humana é necessária para poder prestar os serviços, que prove isso pela Palavra.

Com respeito ao batismo de Roma, não posso provar que a criança batizada pelo padre não foi batizada, e por isso, se, depois de crente, a pessoa quer tomar a Ceia do Senhor, não poderei excluí-la por «não ser batizada». Admito que o padre não fêz o serviço muito bem, mas não posso afirmar que êle não fêz nada. Mas se a própria pessoa me diz que o padre não fêz nada, então direi que é melhor fazê-lo.

Este assunto pertence ao mesmo que já temos estudado! Qualquer exigência (incluindo o rebatismo) que não é claramente bíblica, é sectária, porque nem todos os crentes podem aceitá-la.

Mas o que é claramente afirmado na Palavra de Deus, todo crente tem que aceitar sem questão.

Com respeito à «bênção apostólica», não vejo motivo algum para pensar que fôsse exclusivamente privilégio dos apóstolos usá-la.

Quanto aos concílios, creio que são bons e bíblicos (Atos 15). Aqui nesta zona de vez em quando temos reuniões dêsse carácter de muitas igrejas locais, para tratar de assuntos de interêsse geral. Com respeito às igrejas mundanas como a Luterana, a Anglicana, etc., não posso ter nada com qualquer *partido* como tal, mas tenho muito com todos os verdadeiros crentes nêle, porque são meus irmãos em Cristo. E a mesma coisa dá-se com tôdas as denominações. Com a denominação não tenho nada que fazer, mas com os crentes nela tenho muitos preciosos interêsses em comum. Procuro pensar de todos e de tudo *como Deus pensa.* Para Êle, com certeza, não há nem Metodista nem Presbiteriano, nem tão pouco há para mim: mas todos os crentes são meus irmãos.

Referente à «profissão de fé», não acho bíblico nem proveitoso como geralmente se pratica: o pastor metendo as palavras na bôca do professando, que apenas responde «sim» ou «não». Acho de muito valor a «confissão de Cristo» perante os homens, ou pùblicamente na igreja ou particularmente em tôda ocasião oportuna. Mas o valor disso está na própria linguagem da pessoa, ainda que seja incorrente. O crente *já pertence à igreja* por ato de Deus (1 Cor. 12:18 e 28), e sòmente resta tomar o lugar que lhe compete entre seus irmãos. Mas por isso tem que manifestar o seu desejo e convencer os demais que êle é realmente um crente, e de uma vida inrepreensível. Então naturalmente tomará parte na Ceia do Senhor como todos os crentes devem fazer.

A sua carta era grande, mas esta é maior. Resta ver se me responde com uma maior ainda!

Sempre às suas ordens, com afeição espiritual,

Seu irmão em Cristo,

* * *

## Carta 27

## Provações

*Carangola, Minas*
8-iii-1923

Meu querido irmão,

Agora tenho presente a sua impressionante carta do dia 5 dêste, que li com muito interêsse e simpatia. Vejo que não lhe faltam as

provações, e isso é bom, porque é a *prova* da nossa fé que é preciosa aos olhos de Deus (1 Pedro 1:7).

E, contudo, parece um tanto estranho que êste ensino — que os crentes de hoje não precisam usar denominações, como no princípio não usavam — é um ensino tão perseguido por todos os «denominacionalistas». Tolera-se que o crente use *outra* denominação, mas se êle não quer usar nenhuma é alcunhado «darbista», e é perseguido.

Faz pensar num hospital, onde cada doente tem o nome do seu incômodo — paralítico, sifilítico, reumático, etc. Se entrar uma pessoa sadia, sem «ismo» nenhum, todos os doentes se levantarão contra êle: «Que está fazendo você aqui? Neste lugar você não cabe! Aqui não queremos os sãos!»

O argumento de um seu amigo: «Deus o quer dentro da denominação em que você nasceu e está» é exatamente o argumento dos padres, para prender a sua gente no Romanismo: «Nasceu e foi batizado romano — não deve nunca mudar de religião».

Em todo o caso, nunca persuadi a ninguém que saísse da sua denominação, e não tenciono aconselhar a ninguém que o faça. Foi Cristo quem chamou pelo nome a Suas ovelhas e as tirou para fora do redil do judaísmo, e se alguém não ouvir *a voz d'Êle* chamando-o para fora de todos os partidos humanos, é muito melhor demorar mais tempo — e escutar com mais atenção.

Tenho também muito receio de *apressar a obra de Deus na alma*. Deus não costuma ter pressa, mas nós somos tão impacientes, e muitas vêzes não queremos esperar o tempo d'Êle. Conta-se o caso de alguém ver uma borboleta esforçando-se para sair do casulo. Parecia-lhe uma luta demorada e penosa, e a pessoa teve pena e cortou o invólucro e deu liberdade ao cativo. Mas a borboleta saiu defeituosa, murcha, mirrada. *Aquêle grande esfôrço era necessário para o seu pleno desenvolvimento.* E assim pode ser também com a alma. Talvez nos seja necessário por muito conflito tomar posse da verdade, para então ser ela nossa para sempre. Mas o que recebemos com facilidade, perdemos facilmente também.

E' com muita satisfação e alegria que em qualquer ocasião dou testemunho da verdade, mas dizer a um indivíduo como êle deve proceder, não quero. Desejo antes aconselhá-lo a procurar a direção com Deus.

E em tôdas estas coisas o *servo* precisa diminuir para que o *Senhor* tome a dianteira. Desejo sôbre tudo que futuramente e cada vez mais o irmão possa dizer: «Aprendi do Senhor» e não «Aprendi de Fulano».

Saudações no amor de Cristo.

## Carta 28

## Trabalho unido

*Bananeiras. E. do Rio*
30-iii-1922

Prezado irmão,

Estou agora na fazenda do irmão —— para uma Escola Bíblica de um mês, e ontem o irmão —— mostrou-me a sua carta em que falou de uma proposta dos crentes denominacionais para inaugurar um «trabalho unido» em ——, de combinação entre êles e os outros crentes: a saber, os que não pertencem a nenhuma denominação.

*Trabalho unido* é o que sempre deve haver entre os crentes em qualquer localidade, e se esta proposta significa simplesmente que os crentes denominacionais desejam agora gozar da fraternidade comum com todos os seus irmãos em Cristo, abandonando o Livro de Ordem e culto denominacional para se governarem sòmente pela Bíblia como o suficiente e único Livro de Ordem e culto, louvo muito o seu propósito. Direi que não podem fazer melhor, e nesse terreno bíblico podem ficar à espera de todos os crentes, que por enquanto ainda querem conservar-se nos acanhados limites dos diferentes partidos no meio evangélico. E nesse terreno comum se encontrarão conosco também, e com muitos outros crentes que há anos procuram conservar-se livres de tudo quanto é de partido ou que faça divisão entre o povo de Deus.

Mas receio que a proposta de um «trabalho unido» não é de um carácter tão simples e sincero como isso. Se parte dos missionários ou pastores da denominação, parece-me que é apenas um meio de apanhar os nossos convertidos para mais tarde «professá-los» na sua denominação.

Para haver realmente trabalho unido, é preciso que quem tenha qualquer coisa que faça divisão, qualquer coisa que não é expressamente mandada pela Bíblia (como, por exemplo, algum Livro de Ordem e culto), abandone francamente tal coisa divisória, e abrace aquilo que é comum a todo o povo de Deus, como é a Bíblia: única e suficiente regra de fé e conduta para os crentes. Deve também deixar todo título partidário para abraçar sòmente os nomes comuns a todos os crentes: irmãos, crentes, cristãos, etc.

Mas ainda que os nossos irmãos denominacionais não queiram uma verdadeira fraternidade conosco no terreno comum da Igreja de Deus, podemos acompanhá-los em tudo que é de acôrdo com a Palavra divina. A nossa aprovação do bem acentuará o nosso pro-

testo contra o mal. E em tudo precisamos agir em dependência de Deus, com muita oração, e com muito amor fraternal.

Saudações no nome do Senhor Jesus.

* * *

## Carta 29

## O Batismo

*Bananeiras, E. do Rio*

30-iii-1923

Prezado irmão,

Recebi há pouco a sua carta do dia 30 de janeiro, referente ao Batismo, e fiquei um tanto entristecido pelo espírito intolerante que o irmão nela revela. O irmão engloba todos os crentes que não concordam consigo em uma só classe e em uma só condenação; todos êles são *pecadores*, pelo simples fato de terem encontrado nas suas Bíblias alguma coisa que o irmão ainda não achou na sua: isto é, *que os filhos vão juntos com seus pais, tanto para a bênção como para a condenação.*

E' justamente êste espírito intolerante que eu prevenia na carta anterior, dizendo que a insistência sôbre certas opiniões referentes ao Batismo é uma das coisas que tem dividido a Igreja de Deus, e pode ainda dividí-la mais. Porque se todos os crentes que não concordam com o parecer do irmão sôbre o Batismo são pecadores, então todos êles, isto é, a maioria dos crentes em todo o mundo, devem ser excomungados por êsse pecado de batizar seus filhos.

E quem é que assim passa sentença de condenação sôbre tantos dos seus irmãos, alguns dêles crentes de profundos conhecimentos bíblicos, cujos ensinos têm sido uma inspiração para milhares? Porventura é algum irmão mais velho e mais douto do que todos êles: algum sábio que, afinal, depois de tantos séculos, vem pôr têrmo a tôda discussão e resolver definitivamente a questão debatida entre os crentes por tanto tempo sem poderem chegar a um acôrdo? Não! nada disso! E' apenas um crente novato num canto de Minas que se levanta para fulminar a terrível sentença de *pecadores* contra a maioria de todos os crentes no mundo! Não seria melhor, meu caro irmão, um pouco mais de humildade, não digo para modificar as suas próprias convicções, mas apenas para conceder aos outros (que têm estudado a Bíblia tanto como o irmão ou ainda mais) a liberdade de agirem de acôrdo com o ensino que

nela acharam, sem serem por isso condenados — não, já se vê, por Deus, mas — pelo irmão . . .

Para o irmão, não pode haver dúvida que todo batismo é e só pode ser pela imersão, porque só escolheram lugar que tivesse bastante água (?). E contudo, o assunto não é tão fácil de resolver como lhe parece. No primeiro batismo recordado na Palavra é certo que não houve imersão. Quando «*todos foram batizados na nuvem e no mar*», é muito certo que não foram imersos, como também é muito certo que os filhos foram batizados junto com os pais. O batismo de Saulo não nos permite discernir uma imersão. Lemos: «*Levantando-se foi batizado*». Se tivesse havido uma imersão, teríamos lido: «Levantando-se *caminhou até o rio e ali* foi batizado». Também no caso de Cornélio é muito difícil achar o mergulho. Diz Atos 10:47: «*Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados êstes?*» Esta linguagem é muito própria no caso de tratar-se de trazer água em alguma vasilha, mas não tem cabimento no caso de ir ao rio e mergulhar-se, ou ser mergulhado por outro. Por isso o caro irmão não tem muita razão em dizer que a Bíblia «prova que todo batismo foi feito por imersão».

Alguns dos argumentos referentes ao Batismo dependem de um conhecimento do idioma em que o Novo Testamento foi escrito, e nós que não sabemos a língua grega não podemos ser muito positivos na matéria, e certamente não devemos condenar como «pecadores» os crentes mais instruídos, que costumam ler as Escrituras no grego e notar o exato valor de tôdas as palavras empregadas. Assim em Marcos 7:4 uma tradução ao pé da letra seria: «*E quando voltam do mercado, se não se* ***batizarem,*** *não comem*». Não podemos imaginar que o judeu havia de se mergulhar cada vez que voltasse para casa depois de comprar as suas verduras; o mais provável é que êle apenas se espargia com um pouco de água benta, como fazem os romanos. Em Lucas 11:38 «*O fariseu admirou-se, vendo que Jesus se não* ***batizara*** *antes de jantar*». Tampouco aqui podemos pensar em uma imersão completa, corpo, cabeça e tudo, mas provàvelmente o fariseu esperava ver Jesus servir-se da mesma água benta referida em Marcos 7, espargindo-a sôbre a Sua pessoa em sinal de purificação ceremonial.

Toco nestes pontos, não porque acho a quantidade de água empregada no batismo de importância alguma: tanto uso o mergulho como a aspersão: mas apenas com o desejo de ajudar o caro irmão a ser um pouco menos positivo em condenar seus irmãos que tenham encontrado na Bíblia algumas coisas que o irmão ainda não achou.

Bastam as passagens acima citadas para confirmar o dito que em alguns lugares da Bíblia é impossível admitir o batismo por imersão; e em nenhum lugar é inevitável admitir a imersão.

E há mais passagens ainda. O Batismo com o Espírito Santo não podia ser de maneira alguma um mergulho, e na palavra é expressamente chamado um «*derramamento*» (Atos 2:17,18 e 33). Em tôda parte da Escritura onde se pode perceber o processo do batismo, dá a idéia de a água ser aplicada à pessoa e não a pessoa ser aplicada à água.

O irmão pensa que o caso do carcereiro é todo a seu favor, mas realmente é todo pelo contrário. Para discernir isto é preciso usarmos de um pouco mais de estudo, mas vale a pena, se realmente desejamos saber a verdade e não apenas sustentar uma opinião. Embora Atos 16:33,34 fale do batismo do carcereiro «*e todos os seus*», fala sòmente de *êle* ter crido e *êle* alegrar-se (em cada caso o verbo está no singular). A última impressão da Bíblia de Almeida tem: «*e, na sua crença em Deus, alegrou se com tôda a sua casa*». Mas a palavra grega traduzida por cinco palavras portuguêsas «com-tôda-a-sua-casa» é um advérbio que mais literalmente se traduz «*familiarmente*»; é uma palavra que apenas qualifica a maneira com que êle se alegrou. que o fêz «em família», em vez de escônder se no seu quarto e alegrar-se sòzinho. Mas visto que não diz nem uma palavra de os filhos serem crentes, para não pensarmos no batismo de filhos crescidos incrédulos, é preferível entendermos que eram crianças pequenas.

A pregação do apóstolo incluía no seu auditório mais do que «*todos os seus*», pois foi dirigida «*a todos os que estavam em sua casa*» — dependentes, empregados, etc, mas sòmente os «seus» foram batizados.

E' muito certo que, em parte alguma da Palavra de Deus, é ordenado batizar crianças inconscientes, e êste silêncio pode ser atribuído a dois motivos diferentes: pode ser, como o irmão entende, porque não devem ser batizadas, ou pode ser pelo contrário, que o uso de os pais levarem consigo para o terreno do Cristianismo os filhos menores era uma coisa tão evidente que nem era preciso ordená-la. Os pais pelo seu batismo ficaram de uma vez fora do grêmio do judaísmo, como antigamente pela circuncisão tinham ficado fora do paganismo, e naturalmente nem sonharam em deixar os filhos atrás naquela «*geração perversa*» que êles tinham abandonado (Atos 2:40). A pessoa batizada é apenas «*revestida*» de Cristo: pelo seu batismo sòmente O tem por fora, exteriormente. Não podemos meter Cristo no coração da criança inconsciente, mas se de alguma maneira podemos «*revestí-la*» de Cristo (como o menino na Escola Miltar é revestido de patriota, com o fardamento militar, pela escolha de seus pais), então fazer isso é para a glória de Deus e para o bem do pequeno. E o pai que deseja dessa maneira servir a Deus não deve ser taxado de «pecador» pelos seus irmãos que não tenham compreendido a mesma verdade.

Para o irmão, o batismo da infância é pecado *porque não é pela fé.* Mas no primeiro batismo (no Mar Vermelho) quando as crianças foram batizadas junto com seus pais, a Escritura diz expressamente que *«pela fé passaram o Mar Vermelho»* — a fé, já se vê, não dos meninos mas de seus pais, que não haviam de deixar seus filhos atrás no paganismo, mas, até onde fôsse possível, levá-los consigo para gozarem das mesmas bênçãos espirituais que os pais esperavam gozar.

Se Deus tem permitido estas diferenças de compreensão da Sua verdade, não é para contendermos por isso, ou chamar uns aos outros «pecadores», mas para aprendermos a ser tolerantes e pacientes uns com os outros, esperando o dia, que breve vem, quando os crentes todos entenderão tudo perfeitamente, e conheceremos como somos conhecidos.

Se precisa mais alguma explicação, disponha dêste seu amigo e irmão em Cristo,

* * *

## Carta 30 — Senhores e Servos

*Carangola, Minas*

25-Iv-1923

Prezado Irmão,

É muito proveitoso estudarmos o ensino cristão referente aos senhores e aos servos, porque todos nós somos ou um ou outro, e alguns são ambas as coisas: servos de uns e senhores de outros.

O negociante é o senhor ou patrão dos seus caixeiros e o servo dos seus fregueses, aos quais, quando lhes escreve as suas cartas, êle se subscrita: «Vosso criado atento e obrigado». O meeiro é o servo do fazendeiro e o senhor de seus filhos, de quem êle deve exigir todo o respeito e obediência. Sòmente na Igreja o senhorio é inadmissível (1. Pedro 5:3), o ministro da Palavra sendo duplamente servo: de Deus e dos homens (Tito 1:1 e 2. Cor. 4:5).

O ensino cristão requer de um senhor justiça e equidade nos tratos com os servos (Col. 4:1), sem ameaças (Ef. 6:9), no reconhecimento que êle também tem um Senhor no céu. De um servo, obediência e fidelidade (Ef. 6:5-8), sujeição, silêncio e honestidade (Tito 2:9,10).

E' o *reconhecimento de Deus* que deve dar o carácter distintivo tanto ao senhor como ao servo crente. O patrão crente se lembra do Senhor dêle no céu, e procura ser para os seus servos tão bom como seu Senhor é bom para êle. O servo crente

está possuído da convicção que pode «*adornar a doutrina de Deus nosso Salvador*» (Tito 2:10) durante tôdas as horas do serviço diário, e, talvez com a enxada, servir ao Senhor Jesus Cristo, de quem receberá a maior recompensa.

Quando eu estava empregado num escritório em Lisboa, meu patrão, querendo ser agradável, lembrou-se de dizer que êle sabia apreciar um empregado bem educado, porque era sempre cumpridor dos seus deveres. Foi então que pensava comigo: «Não é por ser bem educado que procuro prestar bom serviço, mas porque no trabalho de todos os dias preciso adornar a doutrina de Deus».

Muitos há que não têm «o dom da palavra» e não podem pregar o Evangelho pùblicamente, mas nem por isso estão privados de prestar serviço na causa do Mestre. Pela vida, pelo trabalho (tão melhorado depois de crente), podem contribuir um claro testemunho ao poder do Evangelho para renovar o coração humano; e êste precioso testemunho pelos *braços* valerá tanto ou mais que o testemunho de muitas *bôcas*.

Mas, infelizmente, nem sempre é assim. Há alguns que se dizem crentes que aproveitam do patrão por êle ser irmão, dando-lhe escasso serviço. Êstes devem lembrar-se das palavras: — «*Todos os servos que estão debaixo do jugo estimem a seus senhores por dignos de tôda a honra, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados. E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos; antes os sirvam melhor, porque aquêles que lucram com o bom serviço prestado são crentes e amados*» (1.Tim.6:1,2).

Conheci um industrial crente na Europa com uma importante fábrica onde êle absolutamente não quis ter nenhum empregado crente. «Não! Não!» disse êle, «Eu não os quero! Começam a tratar de «irmão isto» e «irmão aquilo», mas não obedecem nem estão sujeitos.»

Certamente êsse industrial foi infeliz na sua experiência de empregados, mas até no Brasil tenho ouvido queixas. Há fazendeiros convertidos que têm mandado embora os meeiros crentes para encher os seus lugares com incrédulos, mais obedientes e mais laboriosos. Que vergonha, não digo para o Evangelho, mas para alguns que professaram seguir o seu ensino! Que pena que os patrões não conseguiram ensinar seus empregados crentes a cumprirem com seus deveres, em vez de os despedir — para prestarem mau serviço a outros patrões!

A prova mais certa de um bom servo é que êle trabalha tanto sem ser fiscalizado como faria na presença do patrão (Ef. 6:6). A prova mais certa de um bom patrão é que procura o bem-estar dos empregados sem ser rogado.

Viajando, há tempos, num vapor, tive por companheiros dois

jovens alemães. Um dia êstes lembraram-se de fazer exercícios militares, um como oficial, o outro como soldado raso. O primeiro mandava, positivo, terminante. O outro obedecia, pronto, submisso. Depois trocaram os papéis. Quem antes mandava obedecia, e quem antes obedecia mandava. E notei que fizeram-no bem feito, compreendendo cada um perfeitamente a parte que lhe competia.

Mas quando o patrão não sabe mandar, tudo vai para a ruína; e quando o empregado não sabe obedecer, pode ser «muito boa pessoa», mas é mau servo.

O homem é naturalmente insubmisso, e precisa aprender a obedecer desde pequeno. Muitos pais descuidam do ensino moral de seus filhos, e não os acostumam à obediência desde a sua infância. Crescem sem sujeição nem respeito pelos seus superiores. Um tal não admite que o patrão se queixe de coisa alguma. Logo que é admoestado, trata de despedir-se. Tais servos ninguém quer. O patrão prefere antes um empregado menos competente mas que seja mais submisso. Quem não sabe obedecer deve trabalhar por conta própria e nunca empregar-se com ninguém.

Sem dúvida é bom entre os crentes os muitos serem servos e os poucos senhores. Assim é mais fácil mostrar as virtudes cristãs de humildade, submissão e lealdade, e imitar o «Servo perfeito». Êsse que «*não veio para ser servido, mas para servir*» (Mat. 20.28) e que disse: «*Eu, porém, entre vós sou como aquêle que serve*» (Lucas 22:27).

Saudações fraternais.

* * *

## Carta 31

## O Nome do Partido

*Capital Federal*

22-v-1923

Meu caro irmão . . .

Agradeço a sua carta em que pede o meu parecer sôbre o artigo «Justificação de Voto», cujo escritor procura com tantos argumentos justificar o uso de nomes partidários entre os membros da Igreja de Deus, nomes que sempre representam diferenças e divisões, as quais êles tendem a acentuar e perpetuar.

O único distintivo escritural entre os diferentes membros da mesma igreja cristã é o distintivo de *localidade*, como a Igreja de Deus em Corinto ou a Igreja de Deus em Éfeso, e como podemos acrescentar no mesmo sentido, «a Igreja de Deus na Rua Camerino»

ou «a Igreja de Deus em Paracambi», etc. Se a Igreja de Deus é uma só Igreja: se o Corpo de Cristo é um só Corpo, certamente o uso de uma infinidade de nomes partidários pouco ajuda para afirmar êsse fato.

A Igreja bíblica absolutamente não tem distintivo partidário, e os crentes que desejam realmente aceitar a Bíblia como sua única e suficienta regra de fé e govêrno não devem sentir nenhuma necessidade de se distinguirem com um título qualquer que não seja bíblico. Mas no caso de se afastarem do estado normal e bíblico do crente, então sem dúvida lhes cabe um título qualquer para qualificar seu estado anormal.

O escritor afirma a «necessidade imprescindível de ter um nome que designe as várias secções em que se tem dividido» a Igreja de Jesus Cristo, mas se as divisões são inúteis e desnecessárias, evidentemente os nomes delas o são também, e quem se gloria no nome partidário gloria-se na sua vergonha.

Contudo, não devemos pensar que todo o mal está no nome. O título de partido é apenas *como o mal se chama*. Não é um mal a pessoa ser chamada «diabética». O mal está na doença, na falta de saúde que aflige a pessoa — e que talvez a afligiu por muito tempo antes de o seu mal ser classificado. E pelo contrário, a pessoa ser erradamente classificada como «diabética» nada a incomoda, enquanto não sente nenhuma alteração na sua saúde normal. Assim também o verdadeiro mal que aflige a Igreja de Deus é ser ela atualmente dividida em vários partidos, não em êsses partidos serem nomeados. É possível um grupo de crentes ser essencialmente sectário ao mesmo tempo que recusa todo nome partidário, como também é possível um grupo de crentes ser alcunhado com um nome qualquer sem ter nada do espírito sectário. Mas, visto que a divisão da Igreja de Deus é obra do Inimigo, podemos ter a certeza que êle há de combater tôda tentativa para a união, e há de fomentar um espírito sectário entre aquêles que mais protestam contra a divisão da Igreja.

Para tomar um exemplo: alguém me perguntou se o crente que fuma deve ser recusado na Ceia do Senhor! Respondi que não podemos fazer nenhuma regra absoluta referente ao fumo, porque a Escritura não o faz, mas que podemos exigir que tal pessoa nos convença que tudo que faz, incluindo o fumar, é feito «*para a glória de Deus*», porque nesse sentido a Bíblia é positiva: «*Fazei tudo para a glória de Deus*». O irmão me respondeu que fumar é um vício e um vício não pode ser para a glória de Deus. Então lhe respondi que não podemos dispor do assunto tão fàcilmente; que uma coisa pode ser vício para um e não para outros. Que há pessoas asmáticas que entendem que o cigarro lhes alivia a tosse, e por isso podem dar graças a Deus por êle e usá-lo «*para a glória de Deus*».

Que Deus nos guie a todos no caminho amplo da Sua vontade, onde podemos andar com todos os crentes piedosos, sem lhes impor quaisquer regras, governos ou métodos que as suas consciências não possam aceitar!

Saudações no Senhor Jesus.

Seu afeiçoado irmão em Cristo

* * *

## Carta 32

## «Um tal Darby»

*Capital Federal*
24-v-1923

Meu caro irmão,

Agradeço o empréstimo de «*O Jornal Batista*» de 8 de Março em que um escritor procura relatar quem era João Darby, descrever «a seita dos Darbistas» e provar que só os pastores devem batizar.

Como geralmente acontece em escritos dêste carácter, o artigo abunda em afirmações erradas que têm alguma semelhança com verdades. É bem conhecido que até um fato, contado por uma antagonista, costuma ter um aspecto mais feio que o mesmo fato referido por um amigo.

O escritor do artigo, considera que um dos grandes ensinadores do século passado, cujas obras, colecionadas em uns 30 volumes, são consultadas pelos ministros de tôdas as denominações, não é mais que «um tal Darby». Mas é bem provável que êle ignore completamente que êsse tal Darby reunia a espiritualidade de um santo com a erudição de um sábio, a suficiente prova dêste último sendo o fato que êle traduziu a Bíblia inteira em três diferentes linguas, a francesa, a alemã e a inglesa, e que essas traduções são estimadas até hoje como sendo as mais fiéis que existem. Êle também traduziu o Novo Testamento em italiano. Os escritos expositivos e doutrinários dêle revelam profundos conhecimentos bíblicos e uma rara capacidade judicial de apreciar todos os aspectos da verdade, e as suas cartas—colecionadas em três grossos volumes — deixam transparecer um espírito profundamente piedoso e um discernimento espiritual de inestimável valor em um guia que Deus tinha levantado para conduzir Seu povo para uma «terra prometida» que manava leite e mel de bênçãos espirituais.

Em uma das suas cartas, respondendo a um amigo que julgava que êle havia de insistir com todos sôbre as verdades que chegaram a

ser mais expressamente associadas com o seu nome, êle respondeu que não sentia nenhum interêsse em acentuar as verdades da Igreja mais do que quaisquer outras: que, com tôda pessoa com quem êle se encontrava, seu desejo era discernir *qual era o ensino que Deus tinha para essa pessoa*, e cooperar com Deus no mesmo sentido. Êle não era em sentido algum o apologista de qualquer especialidade doutrinária: nem sequer do ensino que o mundo religioso chama o darbismo. Quando o conheci êle tinha 81 ânos e eu 14, e êle faleceu poucos meses depois, na plena posse de tôdas as suas faculdades mentais, e até ao fim dando conselhos espirituais aos irmãos que rodeavam a sua cama. Morreu solteiro, apesar de ter tido muitos anos antes, um casamento contratado com a Viscondessa Powerscourt. mas os dois chegaram à convicção que a sua utilidade à Igreja de Deus seria impedida pelos cuidados de uma família; e assim êste abnegado servo de Deus, que já tinha renunciado posição e emprêgo pelo amor de Deus e do Evangelho, renunciou também os gosos do lar doméstico pelo mesmo motivo.

O título que o escritor do artigo dá a «o tal Darby» de «evangelista independente» é um título insuficiente para classificar um dos maiores teólogos do século passado. É verdade que êle evangelizava incansavelmente na Inglaterra, França, Suiça, Itália, Alemanha, e outros países, mas a sua contribuição mais importante à Igreja de Deus foi o seu profundo ensino bíblico, que naturalmente, o escritor do artigo ignora completamente.

É muito inadequado descrever o ensino do Sr. João Darby como «um movimento de protesto contra a organização elaborada da Igreja Anglicana», ainda que tenha incluído qualquer coisa desse caráter. Seria mais correto dizer que no comêço do seu ministério êle sentiu profundamete a triste circunstância que, no meio evangélico, cada diferença de parecer costuma tornar-se motivo de divisão e contenda entre os crentes, que por consequência se acham espalhados em partidos ou denominações. Por isso êle mostrou que as diversidades de pareceres não devem ser motivo de divisão mas de tolerância e paciência fraternal: aquêle que tinha aprendido uma verdade (como, por exemplo, a verdade referente ao Batismo) não excluindo o seu irmão que a não tinha aprendido, mas suportando-o com tôda a paciência até êle também ter compreendido a mesma verdade.

Dizer que «o tal Darby» se achava «desligado de qualquer igreja» não é correto, a não ser que o escritor do artigo entende que a Igreja de Deus não é Igreja. Se tivesse dito que estava desligado de quaquer *partido* na Igreja teria tido mais razão.

Tratando dos característicos dos tais «darbistas», o escritor

diz que «êles repelem qualquer nome, exceto os nomes de cristãos ou de «irmãos» Êle podia ter acrescentado que também repelem êsses nomes, no caso de serem empregados como distinguindo um partido: aceitam-nos apenas no mesmo sentido que são aplicáveis a todos os crentes, porque procuram fugir de formar partido algum ou de tomar qualquer título que não seja igualmente aplicável a todo o povo de Deus, e isso porque não desejam distinguir-se ou diferençar-se dos demais crentes em Cristo, mas identificar-se com êles em tudo que seja ortodoxo e escritural.

«Não reconhecem qualquer pessoa especialmente qualificada para pastor ou ministro» Errado outra vez! Creem que Cristo, subindo ao alto, deu dons aos homens, e que Êle mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas e outros para pastores e ensinadores, mas não entendem que um moço por ter cursado o Seminário, tem todos ou algum dêsses dons, ou mesmo que tenha, que por isso tem *monopólio* de ministério na Igreja. Reparam que os capítulos que falam expressamente sôbre o ministério na Igreja (1. Cor. 12 e 14) não se referem de maneira alguma a qualquer indivíduo apontado para «dirigir o culto», a não ser o Espirito Santo de Deus (1. Cor. 12:11). Não sei por que o escritor do artigo precisa chamar esta compreensão da verdade «disparatada»; nem por que êle segue dizendo: «Quando, porém, em uma congregação há mais de uma pessoa da mesma capacidade, quase sempre surgem divisões, porque todos êsses habilitados se julgam inspirados pelo Espirito (!) para dirigir».

Parece que o nosso escritor foi muito infeliz na única ocasião que êle assistiu a uma reunião dos tais «darbistas» — ou será que êle nunca assistiu em ocasião alguma, mas apenas imaginou tais «divisões»? Lendo em 1. Cor. 12 e 14 sôbre o livre exercício dos diferentes dons na Igreja, não vejo que o apóstolo contava em haver divisões ou contendas por ser o ministério distribuído entre vários irmãos, nem que êle insistia que, por isso, seria preciso limitá-lo a um só: a saber, ao único irmão presente com o dom de «pastor»

Não podemos estranhar que o escritor do artigo no «Jornal Batista» confunda pastores com presbíteros ou anciãos. Essa falta de discriminação é tão geral no meio evangélico que não mais causa surpresa. E contudo a diferença entre os *dons* e os *ofícios* é claramente mantida na Palavra inspirada, e um escritor cuidadoso não deve confundí-los. Para êle os pastores são *eleitos*, mas ainda não tenho lido na minha Bíblia um único caso de as ovelhas elegerem o seu pastor! «Aos pastores cabe o ministério da Palavra e a execução das ordenanças da Igreja.» Onde é que está escrito assim, na página inspirada?

Creio que não preciso dar mais atenção ao artigo que acabo de examinar.

Com saudações de amor fraternal,

Seu afeiçoado irmão em Cristo,

## Carta 33 — A Disciplina

*Carangola, Minas*

22-vi-1923

Presados irmãos,

Desejo dirigir às congregações que costumo visitar, algumas palavras sôbre a disciplina da Igreja, pois sei que em certos logares têm havido irregularidades no desempenho desta obrigação. Seria, em verdade, muito mais agradável se nunca fôsse preciso exercer a disciplina, se nunca tivéssemos que reprovar o mal nos outros— quando cada um tem tanto que corrigir em si. Mas sómente onde reina a perfeição é que poderemos estar livres dêsse tão triste dever.

Mas se a disciplina tem que ser exercida, é necessário que seja bem feita, para não acrescentar outro mal ao primeiro.

A primeira e mais esperançosa disciplina não precisa ser *da Igreja*. Pode ser feita por dois ou três irmãos de responsabilidade, dos quais se pode dizer: «*Velam por vossas almas como aquêles que hão de dar contas delas*» (Heb. 13:17). Quaisquer irmãos de quem se pode dizer isso são aptos para tomarem parte no govêrno.

Êstes irmãos, sabendo de algum pecado cometido por um crente da igreja local, tratarão primeiro de tudo de o admoestar particularmente, procurando ganhar a sua consciência e conseguir a sua restauração com Deus. Para isto necessitarão de muita oração antes de estarem com o acusado, e durante a entrevista.

Mas no caso de tratar-se de alguma ação escandalosa, que pùblicamente tem desonrado o testemunho do Senhor, é bem possível que não possa ficar sob a responsabilidade de dois ou três. O testemunho, pùblicamente desonrado, tem que ser pùblicamente vindicado. A pessoa tem que ser excluída da comunhão da Igreja, e essa disciplina *sòmente pode ser exercitada pela Igreja*, e não por dois ou três irmãos.

A Escritura que trata expressamente da *disciplina na Igreja* é 1. Cor. 5. Alí vemos que é no meio dos crentes reunidos

que o ato da exclusão da «pessoa iníqua» é praticado, os que não fazem parte da Igreja havendo-se retirado.

Porém nessa reunião pública não será preciso ouvir acusações ou expor particularidades. Tudo isto ter-se-á feito com antecedência, e os irmãos responsáveis, os anciãos da Igreja, apresentarão o resultado das suas indagações, chamarão o pecado pelo seu nome, e mostrarão pela Palavra como se deve proceder em tais casos. E terão o cuidado de verificar que a consciência da Igreja os acompanha, para não ouvirem mais tarde de algum irmão estimado: «Eu não estou de acôrdo com esta exclusão!»

Mas tenho ouvido de procedimento muito diferente e muito menos correto. De algum irmão que vem de fora «corta» o ofensor por sua própria conta e risco, como se fôsse algum «Reverendo» com autoridade para mandar e dispor na Igreja local. Ou de alguém que torna a colocar o acusado na Igreja antes de todos estarem satisfeitos com o seu arrependimento. Tais procedimentos sempre resultam em qeixas e confusão, porque não são bíblicos.

Um irmão de outra parte, sendo chamado, pode ajudar muito na disciplina da Igreja local, mas deve fugir de tomar a parte principal, limitando-se a aconselhar e mostrar o ensino das Escrituras referente ao caso. Um estudo mais cuidadoso de 1. Cor. 5 nos salvaria de muitos erros de procedimento na disciplina.

Onde a fraqueza é maior, e não há capacidade alguma para exercer a disciplina da Igreja, muito se pode conseguir mediante a oração sòmente. Em uma certa congregação na Espanha duas irmãs chegaram a saber que um irmão principal da Igreja estava vivendo ocultamente no pecado. Horrorizadas, não sabiam como deviam proceder, receando um grande prejuízo para o testemunho do Evangelho pela publicação do mal. As duas continuaram constantemente em oração, e depois de algum tempo Deus tirou pela morte a pessoa iníqua e não houve um escândalo público.

Peço aos irmãos que meditem sôbre êste assunto com oração.

Vosso pelo amor de Deus,

* * *

## Carta 34 — O Governo da Igreja Apostólica

*Mutum Minas*
31-7-1923

Meu querido irmão,

É só agora que posso dar começo ao exame do trabalho sôbre

o governo da Igreja Apostólica, que o irmão me emprestou. Chegamos aqui apenas há uma semana, e tenho estado, como o irmão pode imaginar, ocupadíssimo com arrumaçoes de casa, etc.

O tratado é muito bem escrito: apresenta uma argumentação clara, compreensível e lógica. Em defesa do sistema presbiteriano não tenho encontrado nada melhor, nem penso que o hei de encontrar.

Naturalmente traz os defeitos do sistema que defende: se não fôsse assim não seria uma defesa do presbiterianismo, ou então o presbiterianismo seria sem defeito. Mas êsses defeitos podem não ser evidentes aos apologistas dos outros sistemas de govêrno eclesiástico, porque êstes também apresentam os mesmos. Refiro-me mais especialmente à falta de discriminação entre os *dons* e os *ofícios*, uma falta que é comum à igreja romana e à igreja grega ortodoxa e a tôdas as denominações evangélicas.

E, contudo, a diferença entre as duas coisas é fundamental: os dons são dados à Igreja universal por Cristo glorificado (Ef. 4:11); os oficiais—os presbíteros—foram ordenados pelo apóstolo ou seu delegado *nas igrejas locais*. Por isso qualquer tentativa de fazer as mesmas regras aplicáveis a ambos, necessàriamente resulta em confusão.

Outra diferença que noto entre o presbiterianismo e a Bíblia é que esta, em todas as passagens que tratam amplamente do assunto reconhecem só uma classe de presbíteros, enquanto aquêle insiste em haver duas: prebíteros docentes e presbíteros regentes.

Se tal distinção fôsse bíblica, deveríamos encontrar algum sinal dela nas longas listas de qualificações dos prebíteros nas cartas a Timóteo e Tito. Seria de esperar que lêssemos, por exemplo: «os presbíteros docentes devem ser... porém os que são meramente regentes... Convém pois que o bispo seja apto para ensinar, *isto é sendo êle bispo docente, porque os bispos regentes não ensinam nem administram os sacramentos*». E em Tito: «Retendo firme a fiel palavra que é conforme a doutrina (*no caso de êle ser presbítero docente*) para que seja poderoso, tanto para admoestar com sã doutrina, como para convencer os contradizentes..,» E a mesma distinção teria naturalmente aparecido nos lugares menos importantes: «E de Mileto mandou a Éfeso a chamar os anciãos da igreja, *a saber o ancião docente e os três anciãos regentes*». A todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos (*o docente e os regentes*) e diáconos».

Mas tal discriminação absolutamente não se encontra nas passagens onde é mais necessária para apoiar o sistema presbiteriano, nem em quaisquer outras. Apenas em 1. Tim. 5:17 deparamos com o caso que sempre pode acontecer — alguns que têm o ofício de

presbíteros terem também o *dom* de ministrar a palavra, e serem por isso dignos de maior honra.

É preciso notar com cuidado que *todos* os presbíteros (anciãos) devem ser aptos para ensinar e para admoestar com a sã doutrina, mas isto não quer dizer que devem necessàriamente «*trabalhar na palavra e doutrina*» ainda que, se assim fazem são por isso dignos de mais honra. Compreendemos, pois, que a capacidade de ensinar e admoestar que lhes era essencial devia ter alguma relação com o seu «govêrno», mas que o ensino, pròpriamente dito, competia aos dons e não aos anciãos. Quando um ancião pregava, o fazia, não por ser ancião, mas por ser dotado por Cristo para o ministério da Palavra, como também, quando tomava parte no govêrno da Igreja local, o fazia, não por ser pregador, mas por ser presbítero.

É interessante notar que o crente pode ter um *dom* para governar (1 Cor. 12:28) e por isso ser competente para ajudar na administração da Igreja, sem ter sido apostòlicamente apontado como presbítero; como também pode ter obrigação de «*pastorear*» o rebanho de Deus (1. Ped. 5: 2) por ser ancião na Igreja, sem ter necessàriamente o «dom» de pastor. Contudo, um ancião faria êsse serviço diferentemente de um pastor. Êste cuida das ovelhas porque sente que Crito glorificado o tem expressamente chamado e preparado para tal trabalho; aquêle o fará levado por um sentimento de responsabilidade local, sem, talvez, julgar-se especialmente dotado para isso.

Não sei se em tudo me faço compreender, ou se lhe parece que apresento distinções sem importância. Em todo caso, creio que não afirmo nada que não seja bíblico.

O autor do tratado procura estabelecer seis princípios fundamentais no govêrno das Igrejas, e depois mostrar que a Igreja presbiteriana é a única que reconhece todos êles. Por isso segue-se, naturalmente, que, no caso de qualquer dos seis ser errado, a Igreja Presbiteriana está errada também. Procurarei agora mostrar que o primeiro dos tais «princípios apostólicos» (?), isto é, que «os oficiais das igrejas eram eleitos pelo povo», não é um princípio bíblico, no que diz respeito à escolha dos presbíteros ou anciãos.

O autor resume o seu argumento, na parte tirada de Atos 1, nas seguintes palavras: «O primeiro capítulo de Atos informa-nos com o exemplo de uma assembléia de vários irmãos que *destinaram* (?) um homem ao ofício tanto de apóstolo como de ministro», e acha alí uma clara e irresistível prova de ELEIÇÃO POPULAR.

Contudo, examinando o capítulo com atenção, descobrimos que não houve absolutamente eleição alguma da parte do povo. Muito pelo contrário, apesar de verificarem haver dois homens nas condições necessarias, os irmãos não se atreveram a escolher qual-

quer dêles para ser apóstolo em lugar de Judas. Não querendo nem eleger nem escolher, resolveram *lançar sortes* sôbre o caso, a fim de descobrir qual dêles DEUS tinha escolhido. Assim vemos que o incidente em Atos 1, prova exatamente o contrário daquilo que o autor pretende estabelecer: a eleição de um «ministro» por sufrágio popular.

De passagem, noto que o autor chama atenção para o caso de o serviço que Matias recebeu ser chamado *bispado, ministério e apostolado.* Mas convém notar também que é chamado *êste* ministério: não o ministério comum da Igreja, mas o ministério especial de dar testemunho da Ressurreição. Também o estudante cuidadoso há de descriminar entre o «bispado» ou «superintendência» de um *apóstolo* (a quem pode competir o cuidado de tôdas as igrejas, 2. Cor. 11:28) e a superintendência de um *ancião* na igreja local.

Creio que é escusado dizer-lhe que as palavras da trad. de Almeida em Atos 1:26 «por voto comum» não estão no original e evidentemente não concordam com o sentido da passagem. Se a Igreja em Jerusalém pediu a Deus que escolhesse, foi porque ela não se achou competente para isso; se a escolha divina foi conhecida mediante sortes, evidentemente não foi por voto comum.

O segundo caso em que o autor do tratado se baseia para estabelecer o «princípio da eleição popular dos oficiais da Igreja» é o incidente dos sete terem sido escolhidos pela Igreja para servirem às mesas. Que escolhamos os nossos servos, como em Atos 6, ou os nossos mensageiros como em 2. Cor. 8:23, é um princípio inteiramente admissível, mas o costume de escolher *dirigentes* pelo «sufrágio popular» é um princípio estranho ao Novo Testamento.

A terceira prova (?) de uma eleição popular, o nosso autor encontra em Atos 14:23; e neste caso êle não é mais feliz que no primeiro. Basta uma pessoa abrir o seu Testamento grego para verificar que quem elegeu ou apontou anciãos «para êles» isto é, para as Igrejas locais, foram *os apóstolos* e não «êles» mesmos. Se tal escolha foi feita, como o sentido primitivo da palavra *cheirotoneo* permite entender, por meio de levantar a mão, a construção gramatical da passagem mostra que foi feita pelas mãos levantadas dos apóstolos e não pelas da congregação. A devida atenção para a palavra *autois* («para êles») descobre isto claramente. A escolha é atribuida aos apóstolos e não a congregação.

Mas não deve ser necessário dizer a um autor presbiteriano que as palavras bíblicas nem sempre se empregam no sentido primitivo. Êle já o sabe quando a palavra *batizo* é estudada. Nem precisamos servir-nos de conjeturas: o própio autor de Atos nos permite saber que êle não emprega *cheirotoneo* em Atos 14:23 necessàriamento no sentido dos apóstolos escolherem ou apontarem os presbíteros por levantar as mãos—e muito menos de *a congre-*

*gação* ter assim feito a escolha— pois no cap 10:41 êle se serve do mesmo verbo (composto) falando de *Deus* escolher—e certamente ninguém vai dizer-nos que *Êle* escolheu, levantando a mão!

Contudo, o autor — ou tradutor — do tratado tem o atrevimento de chamar a versão de Atos 14:23 por Figueiredo «defeituosa», quando uma cuidadosa comparação com o original mostra que o defeito está em Almeida e não na versão Brasileira.

Nunca devemos perder de vista o fato que a palavra *presbíteros* significa «mais velho», e por isso é perfeitamente compreensível os apóstolos João e Pedro se chamarem «mais velhos» sem por isso entender que tivessem sido eleitos presbíteros «pelo sufrágio popular».

O autor não parece ser muito leal quando êle cita com aprovação as palavras de Almeida: *E havendo-lhes por comum consentimento elegido anciãos em cada igreja . . .*» sabendo êle perfeitamente que no original não há nada de tal «*comum consentimento*». A prova que isto não é um mero descuido da parte dêle é fornecida por uma nota do tradutor (pag. 34) em que êle expressamente aprova a tradução de Almeida e condena a de Figueiredo, quando, com o grego na mão, devia ter feito o contrário.

Não deve ser inteiramente sem significação que o ensino sôbre o apontamento de anciãos nas igrejas locais é duas vêzes detalhado em cartas dirigidas a *indivíduos*, e nunca se encontra nas cartas dirigidas às *Igrejas*. Se a escolha dos seus presbíteros cabia à Igreja local, é estranho que o apóstolo nunca diz coisa alguma sôbre o assunto quando escreve às Igrejas. Se êle duas vêzes trata minuciosamente do assunto quando escreve a indivíduos da sua inteira confiança, é motivo de pensar (sem atendermos a quaisquer outras provas) que competia a um tal indivíduo e não á Igreja local fazer a escolha.

Resta agora dizer alguma coisa sôbre a «ordenação» de Timóteo, e de Barnabé e Paulo em Atos 13:1-4

Primeiramente convém notar que nem um nem outro dos casos é chamado uma *ordenação* na palavra inspirada. Talvez não seja sempre censurável empregar uma palavra que não é bíblica, mas sempre é digno de reparo e consideração: se tal palavra realmente expressa bem o sentido bíblico sem acrescentar nem diminuir coisa alguma.

O ato praticado pelos profetas e doutores em Atos 13 já recebeu o seu título no capítulo 14, versículo 26. Aí é chamado «*encomendar à graça de Deus*» e não «ordenar», e se queremos ter idéias exatas de ensinos bíblicos, é conveniente apreciarmos devidamente o sentido das palavras das Escrituras, que certamente

expressam melhor o alcance do ensino do que quaisquer outras palavras nossas.

E, efetivamente, a palavra «ordenar» e «ordenação» dão idéias muito diferente de uma simples «encomendaçao à graça de Deus». Esta contempla um serviço da ocasião; aquelas, uma carga permanente. A pessoa «encomendada à graça de Deus» não muda de estado por isso; o homem «ordenado» passa de *leigo* para pertencer agora ao *clero* (distinções que não são bíblicas). O ministro «ordenado» espera ser chamado «Reverendo» e viver do Evangelho; o pregador apenas «encomendado à graça de Deus» não espera necessàriamente nem uma nem outra coisa.

Nas duas cartas a Timóteo há várias alusões ao «dom» (1.Tim. 4:14; 2. Tim. 1:6) ou «*vocação*» (1. 6:12) ou «*mandamentos*» (1. Tim. 1:3,5,18) ou «*depósito*» (1.Tim. 6:20; 2.Tim. 1:14) que lhe foi confiado. Notemos de passagem que a palavra traduzida «*dom*» não é a que se diz «*dom*» em Ef. 4:11, mas é da mesma raiz como a palavra «*graça*».

Esse dom foi-lhe dado por profecia (1. Tim. 1: 18;4:14) pela imposição das mãos dos apóstolos (2. Tim. 1:6) *e com* a imposição das mãos dos presbíteros (Tim. 4:14). O autor do tratado sôbre o Govêrno da Igreja favorece um tanto o seu argumento dizendo, erradamente, que foi *pela* imposição das mãos dos presbíteros (pag. 39).

Em nada do que lemos na Bíblia sôbre o caso somos avisados de que apresenta uma norma que se deve imitar. Muita pelo contrário: a profecia e a autoridade apostólica. Contudo, o interêsse no serviço do jovem servo de Deus da parte dos «mais velhos», e sua identificação com êle, é uma coisa muito instrutiva para o nosso govêrno hoje. Qualquer ramo de serviço que não possa ser aprovado pelos irmãos de idade e experiência provàvelmente não terá muito valor.

Mas, como é absurdo desenvolver um elaborado sistema de govêrno na Igreja de um incidente tão simples como o «dom de Timóteo» e a identificação dos irmãos mais velhos com o serviço dêle! Como é repreensível cristalizar um único caso bíblico em regras fixas para serem obedecidas pelas Igrejas em todo o mundo durante todos os séculos! como é triste fundar aquí uma base para haver na Igreja de Deus, onde todos os membros devem ser «sacerdotes», (1. Ped. 2:9), um *clero ordenado*!

Não sei se devo dedicar mais tempo ao estudo dêste tratado sôbre o govêrno da Igreja Apostólica. Êle contém muitas cousas boas e outras bem erradas. Entre as primeiras posso mencionar a prova da identificação entre presbíteros e bispos. O homem é «pres-

bítero» por ser um dos «mais velhos», é «bispo» por superintender ou velar a Igreja local, cooperando nesse serviço com os outros bispos locais, pois é de notar o contraste entre a ordem bíblica, de vários bispos em uma Igreja local, e o sistema episcopal de um bispo sôbre várias Igrejas locais.

Mas lembro-me de perguntar aqui, como se explica o caso que hoje, muitas vêzes, o *ancião* docente é um *moço* que há pouco se formou no Seminário? Se me dizem que uma idade madura não figura como uma das qualificações do presbítero, responderei que essa qualidade é inerente no título da pessoa: mas um *ancião moço* é um ser incompreensível!

Também é importante a discriminação entre os que tomam parte no govêrno da Igreja e os que não o fazem (pag. 47). mas vejo que o autor do tratado inclui o *ministério* nêsse governo, de maneira que quem não pertence ao govêrno da Igreja não faz parte do ministério: é um mero «irmão leigo». Isto pode ser o prebiterianismo mas não é o cristianismo. O autor diz com razão: «Não podemos unir-nos a qualquer denominação cristã, sem dar o nosso assentimento ou à verdade ou ao êrro sôbre êste ponto» (o govêrno da Igreja).

De passagem devo dizer que não poderei concordar que o *Códex Sinaiticus* e os códices A, B, e C, constituem os documentos mais ... valíosos do Novo Testamento», mas êsse é um assunto vasto demais para estudar nesta carta.

Acho muito incorreta a identificação da *Igreja* com o *Reino* (pág. 15). Não há dúvida que a Igreja está incluída no reino, mas é uma confusão presumir que são idênticos, e depois aplicar à Igreja as condições de govêrno que pertencem a um reino.

O pouco tempo disponível não me permite notar todos os erros do tratado. «Bispos, tambem chamamos pastôres e doutores.» Como pode o autor do tratado provar-nos pela Bíblia que os bispos eram também pastôres e doutores? «Os evangelistas eram missionários — homens que viajavam por diversas partes.» Então, não era lícito a alguém com o dom de evangelista achar o seu suficiente campo de serviço em uma só cidade? Por que é que lhes chama «oficias temporários ou extraordinários» ? Se a Igreja não tivesse evangelistas em todos os tempos, deixaria em poucos anos de existir, por falta de conversões.

Concordo inteiramente com o autor do tratado na sua condenação da Prelacia (pág. 54-58).

É interessante que, afinal, quando trata de mostrar a superioridade do Presbiterianismo, o autor confessa francamente que êsse sistema não está de acôrdo com o ensino bíblico! As suas palavras são: *Todos* os presbíteros, sendo bispos, devem ter igual

direito, segundo as Escrituras, de pregar e batizar, administrar a Santa Ceia e ordenar; MAS êsses deveres (pela lei constitucional da Igreja Presbiteriana) são acumulados em *um* dos presbíteros que por distinção se chama o ministro, etc.».

Sendo assim, parece escusado continuar mais a discussão do assunto. Cada um precisa escolher entre o que «deve ser» segundo o ensino das Escrituras, e o que atualmente prevalece, segundo «a lei constitucional da Igreja Presbiteriana». Contudo, fico um tanto admirado por achar tanta franqueza da parte de um escritor polêmico em admitir que o sistema que êle defende, em vez de conbinar com as Escrituras, está em contraste com elas!

Os artigos em «*O Expositor*» apresentam poucos argumentos diferentes dos do tratado sôbre o govêrno na Igreja. Diz: «Homens eruditos nos dizem, pela autoridade de escritores judaicos, que cada sinagoga tinha uma pluralidade de Governadores». Seria bom se pudéssemos saber os nomes e as obras dêsses homens eruditos e escritores judaicos.

O autor fala de *um* dos prebíteros na Igreja local ser «mais proeminente que os outros», e que era «distinguido dos mais por ser o pregador público autorizado». Ainda não li nada dêste «um» na minha Bíblia. «A natureza dêste govêrno é ainda mais manifesta pelo fato de os presbíteros serem chamados condutores ou guias». Mas Heb. 13:7,17 nada diz dos «guias» serem *presbíteros*.

Ao fundo da página 59, em letras pequenas, êle pretende provar que a administração da Ceia é privilégio exclusivo do «pregador» ou presbítero docente da igreja local (um indivíduo nunca mencionado na Bíblia). Mas onde é que a Palavra nos diz que tal serviço compete exclusivamente a essa pessoa desconhecida?

Creio que o irmão não terá paciência para ler mais agora mas se achar que tenho passado por alto qualquer pensamento de importância, peço que me escreva novamente.

Saudações no Senhor Jesus.

* * *

## Carta 35 **Nao é reimpressa, por não ser de interêsse permanente**

Carta 36

## Várias perguntas

*Mutum, Minas*
13-x-1923

Meu querido irmão . . ,

Agora é que posso começar a dar resposta às suas perguntas, pedindo primeiro iluminação divina, para poder ser-lhe útil.

*1. — Mat. caps. 5 a 7 e Lucas 6. Serão estas duas passagens um e o mesmo sermão?*

Possìvelmente, A dúvida está no caso de Mateus falar em «*subir a montanha*» e Lucas em «*descer a um lugar plano*», mas entende-se que o discurso foi proferido num planalto que existe nessa montanha. Mas muitos entendem que a ocasião era outra e que Jesus dava o mesmo ensino a diferentes grupos de pessoas.

*2. — Mat. 3:6,11. O Batismo data de João Batista? Êle foi o primeiro a empregá-lo, ou já era costume entre os judeus? Qual a razão e o valor do batismo de J. B.? Qual a diferença entre o batismo dêle e o dos apóstolos?*

*Dizem* que o batismo era um rito conhecido entre os judeus, mas eu ainda não tenho podido descobrir as bases dêsse dito. A razão e o valor dêle era para preparar o caminho do Senhor e endireitar as Suas veredas. Teve por fim separar os fiéis em Israel do restante da nação. João batizou *para o arrependimento* (Mat. 3:11); os apóstolos batizaram *para Cristo* (Gál. 3:27). Note: a preposição grega é a mesma em cada caso: «*eis*» Os israelitas foram batizados «*eis*» (*a* ou *para*) Moisés, na nuvem e no mar (1. Cor. 10:2). O significado é sempre o mesmo: de inclinação ou identificação. Os israelitas foram arrolados, por assim dizer, com Moisés, o Capitão da sua Salvação, e por serem associados com êle foram salvos do Egito. Nós, da mesma forma, mas com Cristo e não com Moisés. João, não podendo apresentar uma *Pessoa* como Centro do povo de Deus, apontou um *sentimento*: o arrependimento. Ajuntou um povo arrependido e não um povo cristão. Depois de Cristo Se ter manifestado, tornou-Se Êle, não o arrependimento, o Centro do povo de Deus. Por isso os discípulos em Atos 19, que tinham recebido apenas o batismo de João, foram rebatizados com o batismo cristão. *

---

* Mas *Dr. Bullinger* entende que ali não houve um rebatismo: Em um longo estudo do trecho êle pense provar que o sentido do v. 5 é «*os qne ouviram* [João Batista] *foram batizados*, etc.» E' certo que o v. 4 não fala nada sôbre o discurso do apóstolo ser interrompido por uma excursão ao rio para fazer os batismos.

3. — *Atos 2 O Espírito Santo não veio antes de Pentecostes? Os batizados por João não O receberam? (Mat. 3:11).*

O Espírito Santo não veio antes de Pentecostes, não. Os batizados por João não O receberam, nem tão pouco O receberam todos os que foram batizados com o batismo cristão (Atos 8:16) O batismo com água e o batismo com o Espírito Santo são coisas essencialmente diferentes. Aquêle é feito pelos homens; êste é feito por Deus.

4. — *Atos 1:15-26. Fêz bem S. Pedro? O verdadeiro substituto de Judas não foi S. Paulo? Que tal o emprêgo de sortes? É lícito ainda hoje, em casos semelhantes?*

Ser-nos-ia muito fácil consentir que isso fôsse uma escolha inútil e desnecessária, se não estivesse recordada *sem nenhuma nota de censura.* O uso de lançar sortes pertence aos tempos do judaísmo, *antes* da descida do Espírito Santo. Hoje seria mais de acôdo com a índole do Cristianismo, em vez de lançar sortes, rogar a Deus que manifestasse a Sua vontade pelo poder do Espírito Santo. Não se lê de nenhum caso de se lançarem sortes depois da descida do Espírito. Casos semelhantes quase que não se podem encontrar hoje. Havia então apenas dois homens competentes, e era preciso discernir entre êles qual era a testemunha que Deus tinha escolhido.

5. — *Qual é a sua opinião sôbre o antepor a palavra «santo» aos nomes dos apóstolos, evangelistas e pais da igreja?*

E' um costume sem motivo justificado, e se êles merecem ser chamados santos, por que não dizem também S. Moisés, S. Davi e S. Adão? Contudo não é pecado usar tal título, e às vêzes faz-se por ser costume.

6. — *João 20:23. Como se poderá destruir a conclusão que inferem os romanistas desta passagem? Qual a sua significação?*

Esta passagem é amplamente discutida no livro *Noites com os Romanistas*, no capítulo VI. Vemos pela passagem paralela em Lucas 24:33 que essa autoridade de perdoar pecados não foi dada exclusivamente aos apóstolos mas à *Igreja*, isto é, aos onze o outros juntamente com êles. E' importante notar que «apóstolos» não são mencionados, mas «discípulos». Notamos também que as pessoas competentes para exercerem essa autoridade *estavam cheias do Espírito Santo.* Parece que o Senhor Jesus estava responsabilizando os Seus discípulos pelos seus *atos coletivos*, que necessàriamente teriam um caráter mais permanente do que os atos individuais. Com tôda a certeza Êle não propõe abonar todos os atos errados da Sua Igreja, mas sòmente os que são dirigidos pelo Espírito Santo. Atribuir essa autoridade exclusivamente aos padres da Igreja Romana é o cúmulo da loucura, pois ela não foi dada sò-

mente aos apóstolos mas aos discípulos e outros com êles, e nada se diz de tal autoridade ter sido transmitida pelos apóstolos (não mencionados) aos padres romanos; e mesmos que fôsse transmitida, porque havia de ser exclusivamente a uma secção moderna da Igreja Universal — a Romana — e não à mais antiga, de Jerusalém ou de Antioquia ?

*7. — João 20:17. Qual a signifição destas palavras de Jesus ?*

E' semelhante a João 7:8 — «*Subi vós a esta festa: eu não subo a esta festa*» (há alguma dúvida se a palavra «*ainda*» tenha cabimento aqui). Porém mais tarde Jesus também subiu *ocultamente;* quer dizer, foi à festa, não para assistir a êsse ato religioso, mais para dar testemunho da verdade. Como eu poderia dizer: «Nunca vou ao teatro: apenas fui uma vez a fim de chamar para fora um parente que lá estava».

Assim também o Senhor Jesus ainda não tinha «*subido*» ao Pai em ressurreição, embora o Seu espírito, e o do «bom» ladrão, tivesse ido ao Paraíso no mesmo dia da crucificação. Mas isso não era a *subida oficial* nos têrmos do Salmo 24:7,8.

Uma coisa semelhante pode haver na Segunda Vinda de Cristo. Muitos entendem que Cristo virá ocultamente para buscar a Sua Igreja (Tess. 4) mas isso não será a Sua Vinda gloriosa (Tit. 2:13). Uma vinda é particular, outra oficial.

*8. — Mat. 13:11,12. Qual a significação destas palavras de Jesus ?*

Parece ser um princípio bíblico, que Deus só tem em vista a abundância, enquanto que a tendência humana é de contentar-se com pouco. Não há nenhumas promessas para o meio-crente, e quem procura remediar-se com um *pouco* de espiritualidade, perderá o pouco que tem. Aos outros não era dado conhecer os mistérios (segredos) do reino, *devido ao seu estado espiritual;* êles, se tivessem querido, poderiam também ter sido discípulos de Cristo.

*9. — João 7:8 e 10. Como harmonizar estas duas passagens ?*

Veja-se a resposta ao número 7.

*10. — Moisés escreveu todo o Pentateuco ? Quais as provas ? Haverá mal em afirmar o contrário ?*

Ser Moisés autor do Pentateuco, como era crença entre os judeus, é abundantemente confirmado por Cristo e pelos escritos apostólicos. Veja-se Mat. 19:7, 8:23-24; Marc. 10:3; 12:19; Lucas 16: 29:31; 20:37;24:27; João 5:45,46; 7:22; Atos 6;14;15:21; 26:22; 28:23; Rom. 10:5 e 19; 2. Cor. 3:15; Heb. 7:14. Não é proibido, contudo, admitir a possibilidade de o ter escrito *um editor* que acrescentasse algumas palavras, especialmente as que relatam a morte de Moisés. Se o editor ou editôres aumentou ou aumentaram alguma coisa, os sábios podem procurar determinar, mas eu não sou com-

petente para emitir uma opinião; porém, atendendo à imensa veneração que os israelitas tinham pelas próprias palavras das suas Escrituras, não é provável terem consentido em muitas modificações. Conheço as conclusões da «alta crítica», mas não as aceito nem mais nem menos. Felizmente existe uma *escola conservadora*, representada por homens igualmente eruditos.

Uma das provas do respeito dos judeus pela letra das Escrituras talvez se encontre em Gên. 32:30 e 31. Um lugar é chamado «Peniel» em 30, e «Penuel» em 31. Evidentemente foi um lapso da pena de algum escritor antiquíssimo, talvez do autor original, mas nenhum editor desde então até hoje tem se atrevido a emendar o lapso.

*11. — Mat. 23. Fazem mal os pregadores em atacarem delicadamente os erros do romanismo ou do espiritismo? «Cristo era Deus», dizem alguns; «tinha autoridade para fazê-lo; nós não». Pregando, por exemplo, sôbre 1 João 1;7, não posso aproveitar o ensejo para provar que o purgatório e a reincarnação não existem?*

Pode, com certeza. Os erros devem ser refutados — delicadamente. Geralmente a melhor maneira de o fazer é *pela apresentação da verdade.* E nem sempre os errados estão em condições de se lhes refutarem seus erros. Por exemplo, é geralmente inútil a maneira por que os evangelistas muitas vêzes falam com os romanos contra seus «ídolos», e que sòmente os provoca ainda mais. Se em vez de falar dos ídolos tivessem falado de Cristo, teria sido com mais proveito. O nosso empenho não deve ser fazer Protestantes mas Cristãos.

*12. — Se Adão não tivesse pecado, teríamos vida eterna aqui na terra: não morreríamos? A morte a que se referem Ezeq. 18:4,20; Rom. 6:2,3; 1:32; Gên. 2:17; Rom. 5:12; Tiag. 1:15; 1. Cor. 15:22; João 8:24 e 51, etc. é morte física ou espiritual (a condenação eterna)? Ambos são resultado do pecado?*

Sim, ambos são. A idéia essencial da morte é *separação de Deus,* que é a vida, mas às vêzes inclui também a da *separação do corpo,* em que o espírito humano vive. Nem sempre podemos determinar se a palavra «morte» é empregada em sentido físico ou espiritual. Pode ser física à vista dos homens e espiritual à vista de Deus. Assim, «A alma que pecar, essa morrerá». Os homens devem conhecer que o sofrimento e a morte física são conseqüências do pecado; mas perante Deus, no dia em que o homem peca, êle «morre»: fica afastado de Deus.

*13.—A predestinação é uma realidade, pois é bíblica — Rom.8:29, 30,33; Ef. 1:4,5; 1. Pedro 1:2; Atos 13:48; Mat. 20:16; Luc. 12:32; Rom. 9:21,21; etc. Mas não posso compreendê-la! Deus escolheu desde a eternidade alguns para a vida eterna; e os outros, não escolhidos,*

*perder-se-ão por isso? Que culpa têm, neste caso, os que se perdem Como harmonizar essas passagens como estas outras: Marc. 16:16; Atos 6:31; João 3:16; 1. Tim. 2:4; Ezeq. 18:23,32; Tit. 2:11; Atos 17:30; João 6:37, etc.? Acho dificílimo fazê-lo. Se eu não tivesse sido escolhido então não me salvaria? Como reconciliar a predestinação com o livre arbítrio do homem? Devemos pregar esta doutrina aos incrédulos ou silenciar-nos sôbre ela?*

Não podemos divorciar a predestinação divina da *presciência* divina (Rom. 8:29 e 30; 1. Ped. 1:2), e, tendo isso em vista, devemos notar que uma grande parte da dificuldade do assunto da predestinação vem da diferença entre uma perspectiva humana e uma perspectiva divina. Para nós há necessàriamente passado, presente, e futuro, e todo o nosso raciocínio respeita êste fato. Para Deus não existem êsses limites: para Êle o futuro é tão atual como o presente, e necessàriamente há de haver confusão se tentarmos agir como se fôssemos Êle. O professor de uma escola nos diz: «Desde há muito determinei dar o prêmio de um livro ao aluno que sair melhor nos exames, e visto que sei perfeitamente que Fulano é o mais inteligente e o mais instruído, podemos dizer que êle está destinado a possuir êsse livro». Mas ninguém diria que o professor por isso está destruindo o livre arbítrio dos seus alunos.

Outra parte das dificuldades vem do *raciocínio* sôbre a línguagem bíblica e não diretamente das mesmas palavras. E' mais prudente limitarmo-nos às afirmações bíblicas sem acrescentar coisa alguma, porque, num assunto tão profundo, é fácil errarmos pelo raciocínio. A escolha de Deus foi resultado da Sua presciência: isso sabemos claramente da Palavra, e pouco mais sabemos do assunto. Que Deus quer que todos os homens se salvem (1. Tim. 2:4) também sabemos, sem a mínima sombra de dúvida. E' sòmente o raciocínio humano que estabelece um conflito entre a presciência de Deus e a Sua infinita bondade. Cada vez que ouvimos uma afirmação exagerada sôbre a predestinação, devemos perguntar: «Isso é uma coisa que a Bíblia afirma, ou uma coisa que a teologia tem deduzido da Bíblia?» *Deus sabe* se vou plantar milho êste ano, mas a Sua presciência não destrói o meu livre arbítrio de fazê-lo, nem me livra da necessidade de o plantar, se quero comer angu.

Contudo, não quero dizer que o assunto não tenha as suas dificuldades. Em alguns dos seus aspectos é mais prudente deixá-lo indeterminado.

Não podemos com proveito pregar a predestinação aos incrédulos porque êles não podem apreciá-la devidamente. Por fora da porta da salvação lemos: «*Deus quer que todos os homens se salvem*», e sòmente depois de ter entrado é que descobrimos as palavras misteriosas: «*Eleitos nÊle antes da fundação do mundo*». E' o

raciocínio, não a Bíblia, que afirma que Deus *não* quer que todos os homens se salvem.

*14 —Outrp passo dificílimo para mim: a diferença tão grande entre o V. e o N. Test., entre o Deus do Velho e o Deus do Novo. Em vista de Heb. 13:8, por que essa diferença tão visível? Naturalmente não há, senão aos meus olhos, para os quais faltam as luzes elucidativas a êsse respeito Deus no V. T. é vingativo; é o «Senhor dos Exércitos»; privilegia a Israel, e às outras nações não; ira-Se constantemente; ordena a destruição de cidades inteiras, a morte de mulheres e crianças inocentes; abençoa as guerras; mata até a Uza por segurar na Arca; permite a poligamia (?) abençoando aos que dela usam; e assim muitas outras coisas que como que tornam injusta a pessoa de Jeova.*

*Sei que há explicações para isso, pois Deus nunca poderia deixar de ser justo, reto, santo, amoroso, atributos êstes, aliás, frisados mesmo no próprio V. T.; principalmente nos últimos livros dos profetas. Sei que a Bíblia é inspirada e Deus é justo, é perfeito, é um só; mas como justificar essa diferença tão notável é que não sei.*

Pensando bem, não há nenhuma dificuldade em aceitar o Deus do V. T. porque Êle é muito parecido com o Autor da natureza, como nós O conhecemos sem a Bíblia. O Autor da natureza é vingativo, ou por melhor dizer, justiceiro; não consente na transgressão de nenhuma das Suas leis. A criança mais inocente será queimada se meter a mão no fogo tanto como o homem mais iníquo. O Autor da natureza visita os pecados dos pais sôbre os filhos até a terceira e quarta geração — por exemplo, com a sífilis hereditária. O Autor da natureza permite a destruição de cidades inteiras (como Tóquio e Ioquoama) e a morte de mulheres e crianças inocentes, ou se isto se dá sem a Sua permissão é claro que Êle mesmo tem perdido o govêrno sôbre as fôrças que criou.

O que é mais difícil de aceitar é a revelação de Deus sob outro aspecto no N. T., porque para isso não há paralelo na natureza. Um Deus longânimo até ao extremo, propondo desde a eternidade felicidades indizíveis para — Seus inimigos! Sacrificando-Se a si mesmo para poder conseguir êsse propósito de amor sem depreciar em coisa alguma a santidade e a justiça.

E' o mesmo Deus, visto parcialmente no V. T. e plenamente no N. T. Lemos no V. T. como Êle habitava em densas trevas (1. Reis 8:12) porque uma plena revelação dêle, à parte da graça divina manifesta em Cristo, importaria a destruição dos homens pecadores. Mas agora Deus está na luz (1. João 1:7) e plenamente conhecido em Cristo.

Certamente Deus é vingativo, ou antes justiceiro: se o não fôsse, não seria respeitado. Um pai que aceita tôda classe de

ofensas de um filho sem o castigar, não merece o mínimo respeito. E podemos pensar que Deus deve ser menos severo que um pai humano? Um pai ignorante pode não fazer caso de seus meninos bricarem com outros meninos que têm coqueluche, mas um pai *médico*, compreendendo melhor o perigo, havia de os castigar severamente pela sua imprudência — e para o proveito dêles.

O título «*o Senhor dos Exércitos*» não tem nada com as guerras; seria melhor traduzido por «*o Senhor das multidões*».

«*Privilegia a Israel.*» Sim, Deus trata os homens assim como êles às vêzes tratam os seus terrenos: cultiva uma pequena parte para demonstrar a qualidade do todo. Deus achou conveniente cultivar com especial cuidado uma parte muito limitada da raça, para melhor demonstrar as lições que era necessário ensinar à raça tôda. Êste assunto é muito bem apresentado no livro «*Filosofia do Plano da Salvação*», um livro inglês antigo, mas que ainda merece estudo.

«*Ira-Se constantemente.*» Sim: como a natureza o faz. Contudo deixa perceber umas antecipações da graça que mais tarde havia de revelar. E se Deus não Se irasse contra o pecado, seria inferior aos nossos melhores sentimentos.

«*Ordena a destruição de cidades inteiras; a morte de mulheres e crianças inocentes.*» Assim, e talvez só assim, podia ensinar aos homens que os seus pecados terão conseqüências desagradáveis, para os outros, e se não querem desistir por amor de Deus nem para seu próprio interêsse, ao menos que se santifiquem um pouco por amor dos seus queridos. Também a destruição das crianças podia ser melhor para elas do que serem criadas na incredulidade e perderem-se eternamente.

«*Abençoa as guerras.*» A espada *deve ser* a serva de Deus para castigar a iniqüidade, e se sempre assim fôsse seria abençoada por Deus, como são os magistrados justos que de pronto castigam os iníquos. Mas infelizmente os homens têm prostituído a espada para servir as suas próprias paixões. Deus confiou a Israel uma santa tarefa, de purificar a Terra prometida de um povo horrìvelmente corruto (Lev. 18:27,28). Mas é provável que Israel pouco tenha compreendido da importância do serviço que lhe tinha sido entregue. Em vez de dizermos, sem mais nem menos, que Deus segundo o ensino do V.T. «abençoa as guerras», devemos antes dizer que Êle ordenava e abençoava *certas* guerras cujo motivo foi o extermínio de povos iníquos e impenitentes, mas que os homens ficaram longe de poderem cooperar dignamente com Êle nesse trabalho. No futuro vemos que o serviço de «*colhêr do Seu reino todos os escândalos e os que cometem iniqüidade*» será confiado aos *anjos*,

segundo o ensino do *Novo Testamento*, e então êles o farão mais dignamente.

A morte de Uza por segurar a Arca, é um caso solene, e à nossa vista, severo; mas considerando a tendência humana de tratar as coisas divinas com demasiada leviandade, não posso dizer que foi severo demais para acentuar a lição necessária.

«*Permite a poligamia.*» A poligamia não foi expressamente proibida no V. T. ainda que não há qualquer Escritura permitindo-a mas é terminantemente proibida pelo espírito do N. T. E' claro que aos crentes no Evangelho, com bênçãos mais espirituais, compete uma castidade mais perfeita do que era o costume em tempos primitivos. Infelizmente, hoje em dia, muitos homens casados, apesar de não praticarem a poligamia, têm em tão pouca conta a continência que deviam observar durante alguns períodos nas suas relações com sua espôsa, que chegam a arruinar a formosura e a saúde desta; uma coisa que é não menos censurável que a poligamia.

*15. — Mais um ponto bastante obscuro para mim — encontro-o nas afirmações do N. T. a respeito da salvação. Que está mediante a fé, sem as obras, muitas passagens o provam. Mas encontro muitas outras que, sem de leve se referirem à salvação pela fé em Jesus, salientam as obras como base da bem-aventurança após o juízo. Eis alguns: Mat. 25:31-46; Rom. 2:6-10; Mat. 16:27; 2. Cor. 5:10; Apoc, 2:23; Tiago 1:27; Mat 5:3-12; Luc. 10:25-28; 1. Tim. 4:16; Luc. 19:8,9. Estas passagens são claras, positivas e concludentes. Citadas isoladamente, os espíritas, com elas, pretendem provar a salvação pelas obras. Como liga-las, sem esforço, às que anunciam a salvação pela fé?*

Mat. 25:31-46 trata dos tempos futuros, quando o Evangelho da salvação pela graça não será mais pregado. Então será mesmo pelas obras: quer dizer, pela maneira como as «orações» tiveram tratado os «*irmãos*» de Cristo, isso é (por suposto) os judeus. Rom. 2:6-10 estabelece um princípio eterno e divino: que Deus costuma recompensar cada um conforme as suas obras, e, ainda mais, que propõe conceder àquele que procura glória, honra e incorrução (se tal pessoa houver) uma coisa que êle não procurou: a Vida Eterna — talvez enviando-lhe um mensageiro especial, como mandou a Cornélio, para lhe pregar o Evangelho. Mat. 16:27 refere-se ao mesmo tempo que Mat. 25:31-46 «*e então dará a cada um segundo as suas obras*». 2. Cor. 5:10 refere-se ao *galardão* do crente e não à salvação do pecador. O «tribunal de Cristo» é uma coisa, e o «grande trono branco» é outra.

Ao doutor da lei em Luc. 10:25-29 o Senhor Jesus apresentou o *caminho antigo* para a vida, que o homem precisa conhecer primeiro, para certificar-se que êle não é competente para ganhar a bênção assim. Porque enquanto êle pergunta «que *farei*,» é isso

mesmo que êle deve *fazer*. E' de notar, de passagem, que Jesus não lhe prometeu que assim êle herdaria «*vida eterna*», mas apenas a coisa mais parecida debaixo da lei: «viverás». 1 Tim. 43:16 faz-nos lembrar que a palavra «salvação» se emprega em muitos sentidos, Às vêzes se refere a alguma coisa feita por Cristo, e, outras vêzes, àquilo que nós temos que fazer. Uma palavra mais limitada e precisa no seu sentido teologico é *justificação*, que representa uma coisa que nós nunca podemos conseguir pelas nossas próprias fôrças.

O assunto da salvação é um tanto complicado, devido à natureza do homem, que não pode ser ignorada. Como salvar aos homens sem destruir a sua responsabilidade? É um problema que só Deus pode resolver. Por isso não podemos estranhar que às vêzes o crente seja tratado como um pecador perdoado e outras vêzes como uma pessoa responsável pelas suas ações, que será premiada por fazer o bem e reprovada se fizer o mal.

*16 — Uma irmã sensível demais com a morte dos animais, disse-me que não podia entender como é que Deus ordenava a morte de milhares de animais para expiação dos pecados. Que resposta lhe daria o senhor? O sacrifício data de Abel? As outras nações, como o Egito e a India, teriam copiado dos israelitas ou dos patriarcas a prática dos sacrifícios? Qual será a razão de ser o sacrifício de animais, e não outra coisa, o tipo do sacrifício de Cristo? Os israelitas tinham já a concepção da redenção efetuada mais tarde por Cristo, no ato dos sacrifícios, desde o Sinai? Salvaram-se pela fé no futuro Redentor?*

Se essa irmã tivesse pecado e ela mesma tivesse que matar um cordeiro com as próprias mãos, então ela teria compreendido a importância do decreto divino, que «*sem derramamento de sangue não se faz remissão*». Foi justamente porque tôdas as pessoas normais têm horror de ver os sofrimentos dos animais, que Deus marcou êsse meio para expiar os pecados. Foi como se Êle tivesse dito: «Por teres feito uma coisa de que Eu não gosto, agora terás que fazer uma coisa de que *tu* não gostas». Veja-se mais uma vez o livro «*Filosofia do Plano da Salvação*», e também um artigo no livro «*Palestras com os Meninos*», intitulado «A História de um Sacrifício».

Pensar que Deus achou agrado no sangue dos animais, é um absurdo, visto ter Êle dito expressamente que *não* gosta do sangue dos bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes (Isa. 1:11). A instituição dos sacrifícios não foi, com tôda a certeza, porque Deus gostasse do cheiro da carne queimada, como os incrédulos afirmam, mas porque era preciso ensinar aos homens lições solenes com respeito ao pecado, lições que não haviam de ser compreendidas tão bem por qualquer outro meio.

Não posso afirmar se as outras nações teriam ou não apren-

dido o uso de sacrifícios dos israelitas ou dos patriarcas. A grande lição de todo sacrifício é que «todo o pecado merece pena de morte», mas que pode ser expiado por *substituição;* isto é, pela morte de outro, idôneo. O israelita, vendo o animal agonizante, morto pela sua mão, diria: «Assim seria eu, se Deus não tivesse apontado um substituto.»

Não posso dizer que os israelitas tinham já a concepção da Redenção de Cristo, mas os mais inteligentes podiam sentir que a morte de um mero animal não devia ser suficiente para substituir *um homem.*

Nem posso dizer que se «salvam pela fé no futuro Redentor», Diria antes que aquêles que tinham fé, como vemos em Heb. 11. foram salvos pela sua fé em Deus.

*17. — O Batismo é ou não o substituto da circuncisão? S. Paulo fêz bem em ter circuncidado a Timóteo? Não foi uma fraqueza dêle?*

Num certo sentido o Batismo pode ser considerado o substituto da circucisão, mas não podemos dizer que o simbolismo dos dois ritos seja idêntico. Por exemplo, a circuncisão era só para os machos, enquanto que o batismo se entende ser para ambos os sexos. Mas em uma coisa os dois ritos figuravam a mesma verdade: *morte ao homem natural.* Parece que a ação de Paulo importava uma condescendência para os crentes zelosos da Lei, e sendo assim foi uma fraqueza. E' notável que o escritor recorda os fatos sem nenhuma palavra nem de aprovação nem de reprovação.

*18. — Tôda a Bíblia é inspirada? Não se encontram nela sentimentos meramente humanos? A parte histórica não é simplesmente trabalho dos homens? (Luc. 1:1-3; 1. Reis 14:29). A cosmogonia de Moisés não é sòmente fruto dos seus parcos conhecimentos a respeito do assunto? Não há na Bíblia conceitos, opiniões pessoais dos seus autores? (1. Cor. 7:25).*

A passagem de 1 Tim. 3:16, traduzida em qualquer das duas maneiras («*Tôda a Escrituro é divinamente inspirada é proveitosa para ensinar*», ou, «*Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa*») afirma o fato de haver neste mundo escritos dados por inspiração divina; por isso nos interessa descobrir quais são êles E' muito razoável entender que o apóstolo tivesse no seu pensamento as Escrituras aceitas como inspiradas no seu tempo — quer dizer, o V. T. Se não, êle havia de aproveitar a ocasião para avisar os seus leitores contra algumas delas: por exemplo, o Livro de Cânticos! Mas nada disso êle fêz.

Encontram-se na Bíblia muitos sentimentos meramente humanos, palavras de homens maus e de demônios, mas *recordadas por inspiração divina.*

O assunto de Inspiração é tão grande que não posso tentar discutí-lo em poucas linhas, nem para isso tenho competência. Mas não aceito o ditame de qualquer crítico que me diz que a Bíblia está cheia de erros e contradições, porque muitas vêzes, com o decorrer do tempo e maior estudo, verifica-se que quem errou foi o crítico e não a Bíblia. Pelo que tenho podido verificar, a cosmogonia de Moisés está de acôrdo com as mais recentes conclusões da ciência, apesar de êle empregar a linguagem popular e não a científica. Ela combina-se notàvelmente com a filososia de Herbert Spencer (veja-se o artigo em «O *Semeador*» a esse respeito. Ano II, pág. 76). De vez em quando algum geólogo calcula necessários milhares ou milhões de anos para a formação das rochas, etc, e geralmente outro calcula muito mais ou muito menos, mas nenhum dêles pode demonstrar que Deus sempre caminha com o mesmo passo, nem podem dizer quantos milhares de anos devemos admitir entre Gen. 1:1 e Gen. 1:2. Segundo uma das interpretações, há lugar para todos os anos que os geólogos precisam entre êsses dois versículos. De passagem devo notar que a hipótese da *evolução* está muito desacreditada hoje em dia, por não combinar de maneira alguma com os fatos observados. Poderei indicar-lhe vários livros em inglês sôbre êste assunto, mas ainda não vi nada em português no mesmo sentido.

1. Cor. 7:12 e 25 são muitos interessantes, mostrando casos raros em que o apóstolo escreveu segundo a sua própria inteligência e não por «inspiração divina». Mas é muito instrutivo ver como êle discrimina cuidadosamente entre os dois casos.

*19. — O corpo de Cristo depois da Sua ressurreição era o mesmo que antes, ou era um corpo espiritualizado, igual ao que havemos de ter após a ressurreição? Se era o mesmo, como explicar as Suas aparições em quartos fechados e as Suas repentinas desaparições (João 20:19,26; Luc. 24:31)?*

O assunto é difícil. Não poderei resolver o problema totalmente. Que o corpo do Senhor Jesus era *o mesmo que antes*, não creio. Lemos em 1. Cor. 15:44. «*Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual.*» Mas ainda fica a dificuldade do convite a Tomé, e ainda mais Luc. 24:39.

*20. — Costuma dizer-se que resistir ao Espírito Santo é aquele pecado para o qual não existe perdão (Mat. 12:32). Será? Se é, onde a prova?*

Não é precisamente assim. A explicação encontra-se em Mar. 3:30: «Porque diziam: *Tem espírito imundo*». E' alguém presenciar um milagre de Cristo, feito no poder do Espírito Santo (que deve subjugar o espírito humano em adoração), e em vez de dar graças a Deus por isso, deliberadamente atribuir a maravilha a um

espírito imundo. Note-se de passagem que pessoas apreensivas às vêzes têm pensado terem cometido êsse pecado, ou que podem cometê-lo em qualquer momento. Mas Deus não castiga a ninguém por uma mera perturbação dos nervos, mas só quando vê um coração irremediàvelmente perverso.

*21. — Os espíritas costumam citar as seguintes passagens com que julgam provada a reencarnação — Mal. 4:5 e Mat. 11:14; João 3;3; Gál. 6:7; Mat. 7:21; 5:27. Como lhes explicaria cada uma dessas passagens?*

Para apreciar devidamente a «identificação» de João Batista com Elias, é preciso examinar *tôdas* as passagens que se referem a ela. A saber: Mat. 11:14; 17:11; Mar. 9:11-13; Luc. 1:17; Mal 3:1; 4:5,6.

Examinando tôdas estas passagens com cuidado, vemos que João veio *«no espírito e poder de Elias»*, e, se êles quisessem dar-lhe crédito, *«êste é o Elias que havia de vir»*. Se tivesse sido uma reencarnação de Elias, então teria sido isso mesmo ainda que êles não quisessem dar-lhe crédito algum. E' evidente a todo cuidadoso estudante de profecia que o *pleno cumprimento* de Mal. 4:5,6 é ainda futuro, mas havia aquilo com João que, se o testemunho dêle tivesse sido recebido, justificaria a conclusão de que Elias, ou antes um no espírito e poder de Elias, tinha vindo. Outras passagens que apresentam a identificação de pessoas aliás distintas são Mat. 10:40 e Filemon 12,17. Veja-se a nota no Scofield Bible, pág. 1023.

João 3:3. Ensinar que *«nascer de novo»* importa «reencarnar» é meramente uma falta de inteligência, pois Jesus expressamente explica que Êle *não* se referia a outro nascimento carnal, mas a um novo nascimento *espiritual*. As outras passagens não contêm nem a mais fraca sugestão de reencarnação, por isso não precisam ser explicadas. Se os espíritas não têm base mais firme do que essa para sua crença, então o caso dêles caduca!

*22. — Os «mortos» de 1. Ped. 4:6 são os que já tinham morrido quando Pedro escreveu a espístola?*

Sim. São *«os espíritos* (agora) *em prisão»* do cap. anterior, a quem o Espírito de Cristo em Noé pregou o Evangelho de salvação pela arca, quando a longanimidade de Deus esperava mais de cem anos pela sua conversão.

*23. — Qual é a sua opinião a respeito de Mat. 11:3? (1) João Batista, com esta pergunta, pretendia a conversão a Cristo dos dois discípulos? ou (2) por se achar na prisão havia tempos, mentalmente enfraquecido, duvidava realmente do caráter messiânico de Jesus?*

*ou (3) alimentava êle a esperança dos seus compatriotas da redenção política de Jesus?*

O (2), com um pouco do (3).

Agora devo deixar de responder a mais perguntas por um pouco, esperando continuar oportunamente.

Saudações no Senhor Jesus,

* * *

## Carta 37 — Mais perguntas

*Mutum, Minas*

24-10-1923

Meu caro irmão . . .

Hoje continuarei a tarefa de responder às suas perguntas, esperando que, pela bênção divina, luz e proveito saiam do trabalho.

24. — *Mat. 11:16,17. Qual a significação destas palavras?*

A queixa dos meninos foi que seus companheiros não estavam de acôrdo com o caráter do momento. Havendo alegria não se alegravam, e havendo chôro não choravam. Então Jesus fêz a mesma queixa dos homens «desta geração». Quando era hora de arrependimento, segundo a pregação de João Batista, em vez de se arrependerem, disseram: «*Tem demônio*». Quando o Cristo estava com êles, e era hora de alegria pela presença do Messias, longe de terem parte nessa alegria, censuraram o Cristo como se Êle fôsse «*um homem comilão e beberrão*».

25. — *Col. 1:16. Que significam «principados» e «potestades» aqui?*

Será melhor incluir na resposta os «*tronos*» e «*dominações*» também, e então as quatro coisas incluem tôdas as diferentes formas de govêrno que há no mundo, como também poderes sobrenaturais no mundo espiritual. E' bom ligar êste versículs com Rom. 13:1,2, que também afirma que «*as potestades que há são ordenadas por Deus*». Que haja govêrno neste mundo vemos ser a vontade de Deus: Êle tem estabelecido essas autoridades. Contudo, nem sempre podemos afirmar que o *usurpador que se apodera do poder* seja ordenado por Deus, embora ele ocupe o lugar de «*um ministro de Deus*» (Rom. 13:4) e será responsável como tal, e caíndo, até, por isso, em maior condenação (Mat. 24:50,51).

*26. — Jos. 6:6. Êsse Josué é o filho de Nun? Não tinha êle morrido?*

Certamente é êle mesmo. Lemos da sua morte no cap. 24:29. «*Josué, filho de Nun, o servo do Senhor, faleceu, sendo da idade de cento e dez anos*».

Mas talvez quis referir-se a Juíz. 2:6, que nomeia Josué depois de êle ter morrido em Juíz. 1:1. Realmente a morte de Josué é mencionada ao menos três vêzes: em Josué 24:29; Juízes 1:1 e 2:8. Evidentemente Juíz 2:6-9 é uma repetição ou citação de Jos. 24:28-31, a fim de fazer um prefácio necessário à história dos juizes.

*17. — 1. Tess. 5:23. Qual a distinção entre corpo, alma e espírito?*

A discriminação dada por Dr. C. I. Scofield é a melhor que tenho encontrado: «O espírito é essa parte do homem que *sabe* (1. Cor. 2:11) — a sua mente. A alma é a sede dos *afetos e desejos*, e por isso das *emoções* e da *vontade* — o «eu». «Minha alma está cheia de tristeza» (Mat. 26:38 e 11:29 e João 12:27). A palavra traduzida «alma» no V. T. é do mesmo sentido que a palavra «alma» no N. T. (Deut. 6:5; 14:26; 1. Sal. 18:1; 20:4,17; Jó 7:11,15; 14:22; Sal. 42:6; 84:2). A palavra no N. T. para espírito (*pneuma*) como o *ruach* no V. T, é traduzida também «ar», «fôlego», «vento», mas especialmente «espírito», seja de Deus (Gên. 1:2; Mat. 3:16) ou do homem (Gên. 41:8; 1. Cor. 5:5). Porque o homem é *espírito* êle pode estar consciente de Deus, e comunicar com Deus (Jó 32:8; Sal. 18:28; Prov. 20:27); porque êle é *alma* êle tem consciência de si mesmo (Sal. 13:2; 42:5,6,11); porque êle é *corpo* êle tem, mediante os seus sentidos, consciência do mundo, da matéria (Gên. 1:26)».

*28. — Como explicaria o senhor aos espíritas o nascimento de aleijados; os gênios (temperamentos) tão diferentes uns dos outros; a vida difícil, triste e infeliz de certas pessoas; os gênios (talentos); a inteligência precoce de certas crianças; as semelhanças do caráter de certas pessoas com outras de gerações posteriores; a morte dos inocentes, aos milhares, nas castástrofes e flagelos da natureza, as curas e milagres realizados por êles, e as revelações e comunicações de espíritos?*

O *nascimento de aleijados* é algumas vêzes a *culpa dos pais*, e em geral não precisa outra explicação, senão o conhecimento de que um pai não pode ter certeza que o próprio filho não sofrerá pelos pecados dêle. Há outros casos em que os pais não têm culpa alguma (João 6:3), mas em que Deus tenciona conseguir algum fim mais sublime pelo prejuízo físico. Tôdas estas perguntas supõem que o sofrimento seja prejuízo, mas nem sempre é assim. Pode haver um grande bem espiritual mediante um mal físico. *Diferença de temperamento* geralmente resulta de influências morais e espiri-

tuais da parte da mãe antes do nascimento do filho, e mostram como ela deve cuidar em ter o espírito sereno, com uma sincera fé em Deus, todo o tempo que espera o nascimento da criança. Por exemplo, uma mulher que vive sempre em brigas com o marido, não deve estranhar que o filho tenha um gênio mau. A *vida* pode ser *difícil* e até infeliz, mas nem por isso precisa ser triste As dificuldades são feitas para serem vencidas, e na luta desenvolve-se o *caráter*, que sòmente assim pode ser robustecido. Conta-se que os suiços das montanhas são mais corajosos que os das planícies porque se acostumam a lutar com as dificuldades e a vencê-las. *Inteligência precoce de certas crianças* — também resulta de certas influências na gravidez. *Semelhanças de caráter* — não são para estranhar: o mais estranho é a infinita variedade de caráter entre os seres humanos, de maneira que é impossível encontrar dois iguais em tudo. *Morte dos inocentes.* Veja-se a resposta ao no. 14. Qual é o maior mal: a morte dos inocentes, ou serem eles criados na incredulidade? *Curas e milagres dos espíritas.* Cada caso precisa ser examinado separadamente para se poder apreciar o seu valor, mas se eu quero uma cura milagrosa, tenho mais fé em DEUS para fazê-la do que nos espíritos, invocados em desobediência à Sua vontade. Se os crentes tivessem a mesma fé em Deus que os espíritas têm nos seus «médiuns», veriam maiores milagres do que os dos espíritas. Talvez estas coisas devam nos servir de aviso, para termos tanta fé em Deus como os descrentes têm nos seus «espíritos». *«As revelações e comunicações dos espíritos».* E' de notar que a Bíblia nunca diz que a comunicação com os espíritos é *impossível*, mas sempre repete que é *proibida.* Contudo, as supostas comunicações quase nunca satisfazem uma pessoa séria. Nunca revelam qualquer coisa que tenha importância, nunca descobrem qualquer verdade nova. Pode ser que haja comunicações com os mortos em *alguns* casos, feitas expressamente contra a vontade de Deus, mas distinguir as verdadeiras das falsas seria difícil, e, visto que se trata de um assunto proibido para o crente, é fácil recusar tocar nêle de maneira alguma. Na Vida do filosofo Swedenborg lemos que êle teve extraordinárias comunicações de «anjos» ou de outros seres espirituais. Mas êle estava longe de ser um cristão ortodoxo.

*29. — As proezas pueris de Sansão foram feitas com a vontade de Deus? Êle representa nessas façanhas a vontade divina?*

Sansão era um homem muito carnal, mas em algumas coisas êle serviu a vontade de Deus: tendo libertado o Seu povo das mãos dos filisteus algumas vêzes. Deus às vêzes serve-Se de instrumentos bem estranhos, mas não podemos dizer que tudo quanto fazem seja segundo a vontade dÊle. Por exemplo: Nabucodonozor

era um flagêlo de Deus para castigar o Seu povo rebelde, mas isso não quer dizer que tudo o que N. fêz fosse de acordo com a vontade divina.

*30. — Tiago 1:5. Que quer dizer a palavra «sabedoria» aqui?*

Veja-se cap. 3:17.

*31. — 1. João 5:7,8. Temos no v. 7 a revelação da Trindade? «Palavra» é Jesus? No v. 8a que se referem as palavras «água» e «sangue»?*

Aqui temos um bem conhecido *acréscimo* à Palavra inspirada. As palavras «. . . *no céu: o Pae, a Palavra e o Espírito Santo; e êstes três são um. E três são os que testificam na terra*» devem ser omitidas, como na Versão Brasileira. Resulta então o seguinte: «*E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espirito é a verdade. Pois tres são os que dão testemunho, o Espirito, a água e o sangue, e êstes três concordam*»

Assim «*Palavra*» desaparece. O «*sangue*» evidentemente é o sangue de Jesus, derramado na cruz. O sentido da palavra «*água*» é problemático. Pode ser uma alusão à «*água*» que saiu do lado do Senhor, ou pode ser a «*água*» da Palavra de Deus (Ef. 5:26). E' um ponto que devo deixar indeterminado.

*32. — A Santa Ceia é simplesmente um ato comemorativo, ou um meio de graça?*

As duas coisas, quando ela é recebida devidamente, mas tudo depende disso, pois em si o mero ato de tomar os elementos sagrados nada adianta, no caso de não haver uma apreciação espiritual do significado. Escusado é dizer que na Santa Ceia não há graça *salvadora*. O crente deve alimentar a sua alma com Cristo (João 6:51) e disso a Ceia é apenas uma figura. Um rito, assim como uma nota do Banco, não tem valor em si mesmo; o valor está naquilo que êle representa.

*33. — Cristo morreu numa sexta-feira? Se morreu, como passou três noites na sepultura?*

E' outro trecho difícil. Tenho lido uma explicação muito engenhosa pretendendo mostrar que Cristo morreu na quinta e não na sexta-feira. Se não me engano o Dr. Torrey tem alguma coisa sôbre o assunto. A explicação comum: que entre os judeus era costume falar de «um dia-e-noite» como uma unidade, não satisfaz a linguagem de Mat. 12:40, que fala explìcitamente de «*três dias e três noites*». Aceitando o caso da crucificação ser na sexta-feira, poderemos, porventura, admitir a idéia do prazo ter sido *abreviado*, pela vontade divina?

*34. — Dizem os céticos que é impossível a ressurreição dos*

*corpos, pois êstes não existirão mais no Segundo Advento de Jesus. Que lhes responderia o irmão?*

Que a matéria é eterna, como o próprio cético admite. Não posso dizer que seria mais difícil para a onipotência reunir os elementos físicos de um corpo derretido há dois mil anos, do que arrebatar depois êsse corpo ao encontro do Senhor nos ares. Contudo não somos obrigados a afirmar uma ressurreição material. Em 1. Cor. 15:44 distingue-se entre o corpo animal que temos e o corpo espiritual que teremos.

35. — (a) *Crê o irmão que o milênio seja antes ou depois da Vinda de Cristo?* Depois. Não me recordo de nenhuma passagem da Palavra que dê a entender que Cristo há de reinar por mil anos sôbre êste mundo (Apoc. 20:4) *antes de voltar para êle.* (b) *Passaremos o milênio na terra ou nos ares (1. Tess 4:17)?* Não posso dizer, mas «*estaremos sempre com o Senhor*». É um problema interessante, mas creio que tem que ficar indeterminado. (c) *A nossa «cidade será no céu». Que deduz das referências a êste respeito?* Se o irmão se refere a Fil. 3:20, êsse versículo fala de alguma coisa que «está» atualmente, não que «será» no futuro. Nem se refere a uma *cidade*, mas melhor a uma «pátria», como na V.B.; ou, melhor ainda, «política» (o grego é *politeuma*, uma palavra que importa «direitos» de cidadão»). (d) *O monte das Oliveiras (Zac. 14:4) será o ponto em que Jesus pisará na terra?* Sim. (e) *Antes da ressurreição, nossa alma gozará, na presença de Jesus, da mesma felicidade que depois?* De felicidade, sim, mas não da mesma, pois sem o corpo o crente não pode gozar plenamente. Contudo, o assunto tem as suas dificuldades. (f) *Por que, então, fala tanto o apóstolo da ressurreição, e nem de leve se refere da comunhão da alma com Cristo antes da ressurreição? (1. Cor. 15:18-20,51,52; 1. Tess. 4:13-18).* Mas êle fala também do estado do crente depois da morte e antes da ressurreição: Fil. 1:23; 2. Cor. 5:8.

36. — *Deus pode arrepender-se?* Sim, e não. «*Aquêle que é a fôrça de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é um homem para que se arrependa*» (1. Sam. 15:29). Isso quer dizer que Deus não é mutável como os homens, mas a Sua palavra é firme e certa. Contudo: «*Se a tal nação... se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que lhe cuidava fazer*» e, pelo contrário: «*Se fizer o mal diante dos meus olhos... então me arrependerei do bem que tinha dito lhe faria*» (Jer. 18:8-10). Em Êx. 32:14 Deus mudou de propósito para dar valor à intercessão de Moisés, e neste sentido arrependeu-Se, isto é, deixou de castigar a Israel.

37. — *Mat. 8:22. Peço explicar esta passagem.* Não convinha falar dos mortos na presença do Senhor da Vida. Cristo requer o supremo lugar nas afeições dos Seus discípulos. O tal discípulo

estava prêso pelos laços de família, e o Senhor Jesus quis ganhar a sua inteira devoção.

38. — *O corpo no inferno?* O corpo do crente em ressurreição será um corpo espiritual (1. Cor. 15:44). A Escritura nada nos revela com respeito ao «corpo» do descrente na ressurreição dos injustos.

39. — *Mar. 11:27 e João 6:44. Referem-se à predestinação?*

Não expressamente, mas talvez indiretamente. A verdade acentuada aqui é outra.

40. — *Mar. 2:28. Quer Cristo dizer aqui que Êle tem autoridade para mudar o sábado para o domingo, como afirmãm?*

Não. Tal mudança de sábado em domingo nunca se encontra na Bíblia. O caráter dos dois dias é essencialmente diferente. O sábado é no *fim* da semana: descanso depois de ter trabalhado, de acôrdo com o ensino do V. T. O domingo é o *primeiro* dia da semana, e no poder dêsse dia passado em ocupação com Cristo em ressurreição (João 20:19,26) podemos trabalhar tôda a semana no Seu serviço. Descansar no sábado era ordenado aos judeus por uma lei divina. A guarda do domingo não obedece qualquer lei (Rom. 15:5)

41. — *Mat. 12:20. Qual a sua significação?*

Não é uma Escritura muito fácil de se lhe afirmar o sentido. Do «*Meu servo*» se dizem cinco coisas que não fará e duas que fará: «*anunciará aos gentios o juízo*» e «*fará triunfar o juízo*». As cinco negativas tôdas combinam no sentido de um serviço *quieto*, sem ruído nem violência. Creio que devemos tomar o v. 20 no mesmo sentido, e, sendo assim, contém um precioso exemplo para nós: que, encontrando alguém parecido com uma cana quebrada ou o morrão que fumega, devemos tratar dêle tão delicadamente que não apaguemos êsse resto de vida que nêle ainda se manifesta.

42 — *Mat. 12:43 45. Qual a sua significação?*

Geralmente toma-se no sentido de Israel, voltando do capiveiro na Babilônia, ter encontrado a sua casa (terra) varrida da idolatria (que nunca mais praticou até hoje), mas longe de melhorar espiritualmente, êle tomou sete espíritos piores ainda, e ficou em tal ponto de perversidade que crucificou o seu Messias. Assim não vale nada «varrer a casa» se o estado espiritual não melhora.

43. — *Mat. 24:15-20. Referem-se êstes versículos à Vinda do Senhor e à destruição de Jerusalém? Que se entende dos 16,17,18, 19 e 20?*

A interpretação do Dr. Scofield parece ser a mais satisfatória. Diz êle: «Mat. 24 com Luc. 11:20-24 respondem à tríplice pergunta de Mat. 24:3, Primeira pergunta: «*Quando serão essas coisas?*» isto é, a destruição do templo e da cidade. Resposta em Luc.

21:20-24. Segunda e terceira perguntas: «*E que sinal haverá da Tua vinda e do fim do século?*» Resposta Mat. 24:4-33. Os vs. 4:14 têm uma interpretação dupla: (1) Êles dão o caráter do século - guerras, conflitos internacionais, fomes, pestes, perseguições e falsos cristos (Dan. 9.26). Ora isto não descreve um mundo convertido. (2) Mas a mesma resposta (vs. 4-14), aplica-se de uma maneira especial ao *fim* da época, isto é à setuagesima semana de Dan. 9:24-27. Tudo o que tem caracterizado a *época* aparece com mais intensidade no *fim* dela. O versículo 14 refere se expressamente à proclamação das boas novas de que o Reino está próximo, essa pregação sendo feita pelo restante judaíco (Isa. 1:9; Apoc. 14:6,7; Rom. 11:5). O versículo 15 dá o sinal da abominação (Dan. 9:27) — o homem do pecado, ou a Bêsta (2. Tess. 2:3-8; Dan. 9:27; 12:10; Apoc. 13:4-7).»

*44. — Mat. 25:21 e 24. Qual a sua significação?*

O versículo 21 refere-se ao fato de os crentes terem parte no govêrno dêste mundo no milênio, como galardão pelo seu fiel serviço durante o tempo presente, v. 24. O servo devia ter agido de acôrdo com o seu conhecimento do seu senhor (um conhecimento talvez errado), mas não fazendo assim, foi reprovado. Note que tudo isto se refere aos tempos do fim, quando o Evangelho da graça não será mais pregado, mas sim o Evangelho do *reino.* Por isso o galardão é segundo a fidelidade do servo e não segundo a graça do Senhor.

*45. — Luc. 13:32. Qual a sua significação? Por que usa Jesus Cristo a expressão «rapôsa»?*

Naturalmente usou a palavra porque julgou o caráter de Herodes de acôrdo com o caráter da rapôsa: uma criatura geralmente tida por sutil, sagaz e aventureira. Não sei se os *dias* referidos são para tomar ao pé da letra, ou se são «mais ou menos».

*46. — Luc. 16:1-13. Não entendo esta parábola.*

Talvez seja a parábola mais discutida e que mais vêzes aparece para ser explicada. E por minha parte não posso dizer que tenha encontrado uma explicação totalmente satisfatória. O erudito *Dr. Bullinger* deu uma interessante tradução nova do versículo 9: «*E eu, porventura, vos digo: Granjeai amigos com as riquezas da injustiça, para que quando necessitardes* (ou, quando êles faltarem) *vos recebam nos tabernáculos eternos?* Não. *Quem é fiel no mínimo,* etc.» Contudo, não sou competente para dizer quanta razão êle tenha para assim traduzir. Êle diz que o «*não*», que no original não se encontra, subentende-se do argumento.

Podemos notar alguns pontos para ajudarem a uma melhor compreensão da parábola. Não sabemos nada da natureza do contrato entre o mordomo e o seu senhor, e êsse conhecimento é essencial para compreendermos o caráter moral dêle. Êle foi lou-

vado, não por Deus mas pelo seu patrão, por haver procedido *prudentemente* (não retamente). Êle certamente não se mostrou exigente. Quis sacrificar alguma coisa presentemente, que podia ter exigido, afim de ter o que lhe era necessário mais tarde. Por isso modificou o compromisso dos devedores do seu senhor. Podemos quase ter a certeza que essa modificação não deu prejuízo ao patrão, pois que se assim tivesse sido, seria mais natural o patrão falar do prejuizo que teve e não da prudência do servo.

E' preciso sempre notar que se trata de um dos filhos dêste mundo, que, contudo, mostrou-se ser prudente em providenciar para o futuro. E os filhos da luz, parecem às vêzes, menos prudentes e precavidos.

*47. — Luc. 22:31 . . .?*

A única parte dêste versículo que parece necessitar de alguma explicação são as palavras «*Satanás vos pediu.*» Pode ser que seja parecido com Jó 2:3 — «*Havendo-me tu incitado contra êle, para o consumir sem causa.*»

*48. — João 4:10. «Dom de Deus» ? . . .*

Pois, Cristo, o Messias prometido, era o «*dom de Deus*», mas a mulher por enquanto não O estava conhecendo.

*49. — João 6:53-58. A «carne» e o «pão» referem-se ao Seu corpo «moído por nós», e o «sangue» ao Seu sangue remidor ?*

Aqui temos uma figura original. A carne e o sangue *separados* importam a morte da Vítima, «comer e beber» significando uma verdadeira aceitação do valor da morte de Cristo. Uma apropriação espiritual, parecida com a apropriação da carne por quem come dela.

*50. — João 7:7. «Não vos aborrece» ? E João 15:19 ?*

Lendo o versículo 19 ambas as passagens ficam inteligíveis: «*Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu*». Jesus disse aos Seus irmãos: «*O mundo não vos pode aborrecer*» porque êles mesmos eram mundanos.

*51. — Mat. 13:9. Que quer dizer Cristo com estas palavras ?*

Parece ser um apêlo às consciências dos Seus ouvintes. Com certeza todos tinham ouvidos naturais para ouvirem a voz dÊle, mas alguns estavam no caso das pessoas repreendidas em João 8:47 — «*Vós não escutais as palavras de Deus, porque não sois de Deus.*»

*52. — João 3:8 . . .?*

Êste versículo afirma que o Novo Nascimento é uma coisa misteriosa, à semelhança do vento, que os Seus ouvintes não sabiam explicar, nem a sua origem nem o seu paradeiro.

*53. — 1. Ped. 3:19,20 . . . ?*

Êste versículo é mais inteligível, subentendendo-se a palavra «agora» no meio dêle. «*No qual também foi, e pregou aos espíritos (agora) em prisão.*» O Espírito de Cristo em Noé, um pregador da justiça, evangelizava o mundo de então durante o tempo em que a arca estava sendo construída. Êles não deram ouvidos, e agora os seus espíritos estão na «prisão».

Esta é uma explicação bem antiga: creio que é de S. Agostinho, e não tenho achado nenhuma melhor por enquanto.

*54. — Judas 9 . . .?*

Um incidente recordado sòmente aqui, de maneira que tudo o que sabemos a seu respeito encontra-se nesse mesmo verículo.

*55. — Como justificar o casamento de Oséias?*

Pode haver circunstâncias não recordadas no caso, que modificariam a nossa impressão do seu caráter. Achei a seguinte nota na minha Bíblia: «Oséias 3:1,2. O incidente não recordado é que a mulher tinha sido obrigada a deixar a casa do profeta e a ficar escrava de outro. O profeta é mandado renovar o seu amor para com ela. Isso êle faz, e a resgata por um pequeno pagamento.»

*56. — Moisés foi sepultado ou trasladado? Qual a sua opinião?*

Êle foi sepultado por Deus «*num vale, na terra de Moab, defronte de Betpeor*» (Deut. 34:6).

*58. — João 12:44 . . .?*

O Senhor Jesus, como perfeito representante do Pai, quis levar os pensamentos dos discípulos adiante, para não se ocuparem só com Êle mas reconhecerem que atrás dÊle estava o Pai, e tôda a confiança depositada no Filho equivalia a uma confiança no Pai. Um caixeiro viajante pode dizer: «Quem negocia comigo, negocia com a casa mais forte do Brasil», porque fala do nome de quem êle representa.

*59. — Lucas 19:21 . . .?*

O servo «*maligno*» devia ter procedido de acôrdo com a sua compreensão do seu senhor (ainda que fôsse uma compreensão incorreta). E quem entende que Deus é severo e exigente, precisa proceder de acôrdo com isso. Se não, que pode esperar, a não ser o castigo?

*60. — Lucas 18:42 . . .?*

E' como se o médico dissesse ao convalescente: «A tua fé em mim te curou», ao mesmo tempo que sabe que não foi a fé mas o remédio que curou a pessoa. Mas sem a fé não teria tomado o remédio, por isso, em um sentido, a sua fé o curou.

*61. — 1. Cor. 11:30 . . .?*

Fracos e doentes fisicamente; «*dormem*», quer dizer que já morreram alguns dos tais doentes.

*62. — 1. Cor. 12:8. Que se entende na Bíblia pela palavra «ciência», que é tantas vêzes repetida?*

A palavra grega é *gnosis*: conhecimento, ciência, doutrina, sabedoria. Não podemos limitar a palavra a um só sentido.

*63. — 1. Cor. 13:9-12 . . .?*

Afirma que todo o conhecimento atual é incompleto, mas que no futuro «*conheceremos como somos conhecidos*». Não noto qualquer dificuldade na passagem.

*64. — 1. Cor. 15:29 . . .? Batizados pelos MORTOS?*

Aqui temos mais um dos grandes problemas da Palavra inspirada. Não acho aceitável a explicação comum: que foram batizados para preencher as vagas deixadas nas fileiras cristãs pelo falecimento ou martírio de outros crentes. Não me consta que o batismo de algum crente primitivo tivesse que esperar uma «vaga» assim formada. Muito pelo contrário, creio que a pessoa era batizada sem referência alguma a outros crentes vivos ou falecidos. A preposição é *huper*: «sôbre» ou «por».

Para entender a passagem é preciso notar que os versículos 20 a 28 formam um parêntese. O argumento do v. 19 continua no v. 29. O apóstolo está discutindo todos os prejuízos dos crentes na suposição de que não haja ressurreição. Além dos já mencionados nos vs. 14-19 êle se lembra de acrescentar: «*Que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Pois por que se batizam pelos mortos?*»

O batismo nos coloca com os mortos; mais expressamente com Cristo morto, e com todos os outros que foram sepultados pelo batismo na semelhança da Sua morte. Mas se não há ressurreição, para que serve sermos identificados com gente morta? A dificuldade está no *plural* da palavra «*mortos*». Mas creio que o apóstolo está *generalizando* aqui e notando que não há vantagem em sermos chefiados por pessoas falecidas, porque precisamos um *vivo* Capitão da nossa salvação.

Não sei se esta explicação lhe satisfará, mas é a melhor que tenho encontrado.

*65. — Como se explica o caso de Balaão? Por que foi morto?*

«Balaão é o tipo do profeta que quer um bom preço pelo seu dom. Êste é o *caminho* de Balaão (2 Ped. 2:15) e é característico dos falsos ensinadores. O *êrro* de Balaão (Judas 11) foi que êle não viu mais que a moralidade natural — um Deus santo, segundo a idéia dêle, não podia deixar de amaldiçoar um povo tal como Israel. Como todos os ensinadores falsos, êle ignorava a moralidade mais

sublime de uma expiação substituinte, pela qual Deus pode ser justo e também o justificador de pecadores crentes (Rom. 3:26). A *doutrina* de Balaão (Apoc 2:14) refere-se ao seu ensino a Balaque de como podia corromper o povo que não podia amaldiçoar (Núm. 31:16 com Núm 25:1-3 e Tiago 4:4). (*Scofield*). Foi morto porque se aliou com os inimigos do povo de Deus, e por isso partilhou da sorte dêles.

*66. — Efés. 4:11; Rom. 12:7-8; 1. Cor. 12:28. Êstes dons são perpetuados ainda hoje?*

Alguns dêles, com certeza. Talvez todos em alguma medida, mas os «dons sinais» pertenciam mais expressamente ao comêço do Evangelho, e não podemos estranhar que pouco aparecem hoje. O dom de línguas, ao que se pode ver, tem desaparecido quase por completo: nunca ouvi de nenhum caso de alguém ministrar com inteligência e proveito em uma língua que não conhecia. E, contudo, os Pentecostais fazem muita questão de que todos os seus adeptos tenham êsse dom! Quando pensamos em dons milagrosos, devemos sempre recordar-nos da *decadência da Igreja*, e de que Deus não há de abençoar com tantos sinais uma Igreja decadente e dividida como abençoou a Igreja primitiva e unida, em todo o fervor do seu primeiro amor.

*67 — 1. Cor. 14:29. Assim como cessaram certos dons, as manifestações extraordinárias do Espírito Santo, não cessou também o dom dos «profetas», de falarem «para aperfeiçoamento dos santos» nas reuniões dos crentes?*

Pode ter cessado, ou pode ter escasseado, devido à falta de exercícios; mas a experiência provará. Durante mais de 40 anos tenho freqüentado reuniões onde há liberdade para o exercício dos dons que houver disponíveis nas igrejas locais, e ser-me-ia difícil acreditar que tenham cessado inteiramente. Um dos dons mais fáceis de verificar é o de *evangelista*. Tenho ouvido de um moço analfabeto no Estado de S. Paulo com um dom mui notável de converter gente, citando as Escrituras de memória, e com um verdadeiro entusiasmo pela conversão dos seus semelhantes. Como evangelista êsse moço valia muito mais do que muitos sábios doutores-bispos.

Ainda em relação a êste assunto dos dons, lembro-me que devemos desejar ardentemente os melhores dons, mas se êles todos cessaram não vale a pena desejá-los. Porém: o que é o dom de alguém? Um crente velho e instruído disse que o dom da pessoa é «a impressão que essa pessoa tem de Cristo». O evangelista está ocupado com Cristo como o *caminho* para Deus: que só por Êle podem os homens voltar ao seu Criador. O ensinador está ocupado com Cristo como *a verdade*: que nÊle estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e ciência. O pastor lembra-se de Cristo como

*a vida*, e procura ver as verdades apresentadas pelo «ensinador» interpretadas nas vidas dos crentes. Por isso o serviço dêle pode muito bem ser melhor prestado nas casas dos irmãos do que na Igreja. Acho êste dom de «pastor» um dos mais preciosos e importantes, como também um dos mais raros.

*68. — Qual é a sua opinião a respeito dos milagres? Perpetuam-se? Não os fazemos porque cessaram, ou porque nos falta a fé para tanto?*

Mais por esta última razão. Tôda a vida do crente que anda com Deus será como que um milagre contínuo. Nunca quero limitar o que Deus pode fazer ainda hoje, embora pouca experiência tenha do milagroso.

*69. — A ordem de Mat. 28:19-20 foi dada só aos apóstolos ou a êles e outros irmãos? Foi dada mais de uma vez, ou não? Do monte das Oliveiras ou não? (Atos 1:8).*

A ordem de *fazer discípulos* de tôdas as nações foi dada sòmente em Mat. Em Mar. 16:15 é de *pregar o Evangelho*; em Luc. 24:47 é de pregar o *arrependimento e a remissão dos pecados*. Atos 1:8 parece ser a mesma ocasião que Mat. mas a linguagem é diferente.

*70. — (a) O vinho que Jesus tomava e o de I. Tim. 5:23 continha álcool?* Provàvelmente. *(b) Peca o crente bebendo cerveja ou vinho uma vez ou outra?* Conforme o caso. Veja-se 71.

*71. — Peca o crente que fuma?*

Sim, e não. Não podemos classificar tôdas as ações em dois grupos de «pecados» e «não pecados». O que não é de fé é pecado. Isto quer dizer, qualquer ação que não temos aprendido com Deus, que não temos a convicção de ser a vontade dÊle, é pecado. Para saber se uma coisa é pecado ou não, precisamos saber o *motivo* da ação. Devemos fazer *tudo* para a glória de Deus, e se o crente entende que é para a glória de Deus que êle fuma, para êle não é pecado fumar, ainda que o seja para outra pessoa. A prova de êle poder fazê-lo para a glória de Deus, é êle poder dar graças por isso e pedir a bênção de Deus sôbre seu cigarro. Em todo caso, nunca recebi nenhum auxílio espiritual de um crente que fuma, nem mesmo espero recebê-lo. A mesma resposta aplica-se ao assunto de beber vinho. Mas aí acresce mais uma circunstância: a bedida tem sido a ruína de milhares, mas, se nós sentimos a necessidade de usá-la por motivos de saúde (como Timóteo), podemos fazê-lo sem repugnância. Há muitos anos que resolvi *nunca* beber vinho por mero prazer; mas algumas vêzes o tenho tomado como remédio.

*72. — Pode dar-se o caso de um filho de crentes, membro da Igreja, que crê sinceramente em Jesus e constantemente ora e lê a Bíblia, não ser ainda realmente convertido, regenerado e santificado? A conversão não pode ser às vêzes paulatina neste caso?*

Pode, sim. A *conversão* importa uma transformação do nosso ser espiritual, que infelizmente nem sempre se realiza ao comêço. Pedro, um verdadeiro crente, necessitava ser convertido novamente (Luc. 22:32). A *santificação*, no seu sentido prático, leva tôda a vida a aperfeiçoar-se (1 Tess 5:23), mas a *regeneração*, se isso quer dizer novo nascimento, é o primeiro acontecimento da vida espiritual de um filho de Deus.

O caso de um filho de crentes é um caso muito especial, pelo motivo de que êle tem sido sempre criado no Evangelho e suavemente encaminhado nas coisas espirituais, de modo que está acostumado com elas sem conhecer ainda o seu valor verdadeiro. Que significa para êles as palavras «*Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo*» se êle ainda não tem sido abalado, por assim dizer, por nenhum terremoto? A palavra «*salvação*» pouco sentido tem para quem ainda não se sentiu perdido.

*73. — Um «crente» que não consiga dominar as suas paixões carnais, os pecados na carne, os sentimentos e desejos maus, embora creia no Evangelho com tôda a sinceridade, e reconheça os seus pecados e busque o socorro do Alto, estará convertido e salvo?*

Convertido, talvez, se o seu olhar agora, em vez de se voltar para o mundo, está fitado em Deus. Salvo, sim, em um sentido, porque a salvação é uma palavra de muito alcance. Eu prefereria empregar aqui a palavra *justificado*, uma palavra que tem um sentido mais limitado e preciso do que *salvo*. E agora poderei passar adiante e dizer que já respondi à pergunta; mas não desejo assim fazer. Não pergunto quem é êsse «crente», porque pode-me dizer que seu nome é Legião; mas, quem quer que seja, devo reconhecer que, além de responder à pergunta, preciso aconselhar e animar a pessoa.

O certo é que esta pergunta revela o mais freqüente e mais triste conflito da vida cristã; freqüente, porque a carne está em todos nós, e a carne não é convertida, mas condenada (Rom. 8:3), porém ela não quer aceitar essa condenação. Triste, porque tem de ser travado sòzinho, sem o auxílio de amigos na hora da angústia, nem o seu aplauso na vitória. Duplamente triste *por ser desnecessário*, pois o crente que vive deveras perto do seu Salvador está reforçado contra as solicitações da sua carne. Contudo, Deus nos conhece, sabe como e quando somos tentados; e quanto mais sentimos a nossa fraqueza na luta, mais convencidos somos de que necessitamos de *um Salvador*.

*74. — Qual a sua opinião a respeito do «Exército de Salvação»? Extraordinárias conversões têm-se efetuado por seu intermédio? E da Associação Cristã de Moços?*

Discrimino entre o «Exército» e os membros dêle. Existe

neste mundo uma instituição suficiente para todo o serviço cristão, que é a Igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade (1. Tim. 3:15). Se ela fôsse fiel às suas obrigações, não seria preciso formar outra qualquer sociedade para os mesmos fins. Mas ela não tem sido fiel, e por isso há lugar para muitas outras organizações, Exércitos, A. C. M., etc., etc. Não aprovo de maneira alguma o E. de S.. que é um despotismo em estilo militar no meio do cristianismo evangélico, dispondo absolutamente dos seus membros com uma disciplina autocrática, em completo desprêzo de 1 Cor. 5, onde vemos que a disciplina é exercitada por tôda a Igreja local, e não por um «general» absoluto.

Contudo, nesse Exército há muitos fiéis servos de Deus, que são abençoados por Êle, de acôrdo com a sua obediência à vontade divina — e não de acôrdo com a sua obediência ao General. Não encaro a A. C. M. tanto como uma instituição religiosa; mas com certeza tem muito valor moral e instrutivo entre a mocidade.

*75. — 2. Tim. 2:4. Costumam citar esta passagem para provar que o «ministro do Evangelho» não deve ter outra ocupação a não ser a do ministério. Que queria Paulo afirmar aqui? Aquêle que fôr chamado para o trabalho do Senhor (vocação esta provada), não dispondo de recursos, não pode ter a sua profissão e trabalhar ao mesmo tempo no Evangelho, dando a êste trabalho mais tempo e energia? Não caem numa falta aquêles que, por desejarem trabalhar só para o Senhor, não têm recurso para o sustento, comodidade e instrução de sua família?*

A Escritura citada diz: «*Ninguém que milita* ***se embaraça*** *com negócios desta vida*». Disto aprendemos a importância de o crente chamado para o ministério fugir de tudo que seja um *embaraço* para êle no seu serviço. Não diz que êle «não se ocupa» com serviços materiais. Sabemos que o próprio apóstolo ocupava-se de vez em quando com seu ofício, mas o seu principal serviço era pregar o Evangelho de Deus. Mas há muita diferença entre um pregador que faz tendas, e um fabricante de tendas que às vêzes prega. Muitos crentes pouco dotados podem estar neste último caso; alguns como o apóstolo e Timóteo, estão no primeiro. Contudo, cada servo de Deus que tem ouvido a chamada para o ministério da Palavra precisa ter todo cuidado de que a sua ocupação material não lhe sirva de embaraço. O apóstolo, longe de sentir-se embaraçado no seu ministério pelo trabalho manual, encarava-o como *parte do seu testemunho.* Êle disse aos anciãos de Éfeso: «*Tenho vos* ***mostrado*** *em tudo que, trabalhando assim*, etc.» Mas nem sempre pode ser assim. Especialmente os missionários no interior da África, onde o calor é muito, não podem ocupar-se muito com trabalhos manuais. No caso de um pregador do Evangelho não receber o suficiente em donativos dos crentes para o sustento da sua família, êle deve ver nisso

uma prova de que Deus quer que êle se ocupe também com outro serviço que possa ajudar nas suas despesas.

*76. — Afinal é lícito ou não comprar no Domingo? Há tantos que não sòmente compram como trabalham. Comprando, não estamos fazendo outros trabalhar, e nós negociando?*

Visto que não estamos debaixo da lei, é difícil encarar o assunto de um ponto de vista legal («é lícito»). O crente espiritual fugirá de tôdas estas coisas: compras, vendas e trabalhos aos Domingos. Mas se êle as praticar, não está transgredindo nenhuma lei, porque êle não está debaixo da lei mas debaixo da graça. Porém em tôdas estas coisas êle precisa consultar a vontade de Deus, e também pensar nas consciências dos seus irmãos. Tôdas as denominações evangélicas colocam os seus convertidos debaixo da Lei dos dez mandamentos, e depois queixam-se que uma porcentagem dêles são apanhados pelos Sabatistas! Nada mais natural! Todos os que estão debaixo da Lei de Moisés têm obrigação de guardar o Sábado e não o Domingo.

*77. Os anjos têm corpo no céu? Se têm, é semelhante ao nosso? Que espécie de corpo teremos na ressurreição? material? com as formas que hoje o nosso tem? Reconhecer-nos-emos no céu? A matéria pode ser eterna?*

Não posso dizer nada sôbre o estado dos anjos no céu, mas na terra apareciam várias vêzes em forma humana (Gên. 19:1). Teremos «*corpo espiritual*» (1 Cor. 15:44), e parece-me ser provável que terá a forma que hoje o nosso tem. Sim, reconhecer-nos-emos no céu, porque o nosso conhecimento futuro será maior e não menor do que o de agora (1 Cor. 13:9-10). Os cientistas nos dizem que a matéria é eterna; mas o assunto tem as suas dificuldades. A palavra «eterna» inclui muita coisa .....

*78. — Rom. 5:14. Desde Adão até Moisés, por que?*

E' preciso continuar a leitura para apanhar o sentido da passagem: «*Mas a morte reinou desde Adão até Moises, até* (ou *ainda*) *sôbre aquêles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão*». O argumento do apóstolo é que mesmo antes da lei o pecado estava no mundo, porém o pecado não é imputado *como transgressão* onde não há lei. Contudo, os povos primitivos, ainda que não fôssem transgressores, eram pecadores, e a prova disso é que a morte reinou sôbre êles, embora o seu pecado não tivesse sido do mesmo caráter do de Adão: uma transgressão. De Israel, Oseias podia dizer: «*Porém êles traspassaram o concêrto como Adão*» (6:7), e assim não sòmente eram pecadores mas transgressores também.

*79. — Os índios, que nunca ouviram o Evangelho, perder-se-ão?*

Em qualquer nação os que temem a Deus e obram a justiça são *agradáveis a Deus*. A pena é que sejam tão poucos, pois a maioria dos homens ama os seus pecados. A criança recém-nascida quase inconscientemente chama pela mãe nos seus momentos de necessidade, e o índio talvez faça uma coisa parecida, apelando para Deus sem verdadeiramente O conhecer. Se há castigo futuro para os índios impenitentes, não será tão grande como o castigo de gentes mais instruídas e mais responsáveis que rejeitam o Evangelho. Lemos de «*muitos açoites*» e «*poucos açoites*» (Luc. 12:47,48).

*80. — Os remidos no céu orarão pelos da terra? Apoc. 5:8.*

Este versículo não o diz, nem posso eu dizê-lo tão pouco.

*81. — Sei que se deve orar pela conversão dos pecadores. Mas encontro aqui uma coisa incompreensível. Deus salvará Fulano porque eu oro por êle? Se êle não tivesse as minhas orações, perder-se-ia?*

O assunto tem as suas dificuldades. E'-nos permitido o privilégio da oração, em parte para termos comunhão com Deus nos Seus propósitos. Nunca devemos pensar que o valor da oração é para vencer a pouca vontade de Deus na salvação dos homens. Deus Se tem mostrado infinitamente mais desejoso pela salvação dos pecadores do que nós o somos. Não posso dizer que Fulano se perderia se não tivesse as orações do irmão. Mas se fôsse revelado que tôda oração pela conversão dos descrentes é uma coisa inútil e desnecessária, nós havíamos de sentir-nos privados de uma preciosa cooperação com Deus na Sua obra de salvar os homens.

*82. — Devo derramar o meu sangue e matar em defesa da Pátria?*

Às vêzes é preciso que haja derramamento de sangue e até matança neste mundo, mas nem todos igualmente servem para matadores. Admitindo que é preciso matar vacas e bois, ninguém diria que uma senhorita delicada estivesse no caso de ser a matadora, porque fora da matança há outros serviços mais de acôrdo com o caráter e índole de uma mulher. Assim também na guerra, há serviços mais de acôrdo com a índole do crente do que matar: por exemplo, os serviços da Cruz Vermelha. O nosso zêlo deve ser mais pelo *direito* e pela *humanidade* do que pela Pátria.

Saudações.

* * *

## Carta 38

## A Ocasião da Ceia

*Mutum, Minas*

1-xi-1923

Prezado irmão J. A.,

Saudações no Senhor Jesus. Estou ouvindo que há alguns irmãos que ensinam que, logo que acaba a Ceia do Senhor e se faz a Coleta, a reunião está terminada, e não há mais nada que fazer senão irem-se embora.

Ao meu ver, isso é uma idéia muito errada. E' verdade que nas várias denominações a Ceia é colocada geralmente ao fim da reunião, mas a Palavra de Deus nada determina nesse sentido.

Em todo caso, devemos fugir de fazer regras que não são bíblicas, porque não serão aceitas por todos os crentes, e o resultado final pode ser a divisão entre os que aceitam a regra e os que não a aceitam.

Na Reunião da Ceia esperamos provar a *direção do Espírito Santo* em todo o serviço: nos hinos indicados para cantar, nas ações de graças e louvores a Deus, como também no ato de tomarmos os símbolos do corpo e do sangue do Senhor — guiando-nos com respeito à maneira e ao momento em que se deve realizar êsse precioso ato.

Longe de pensar, porém, que êsse ato seja sempre no *fim* do serviço, acho mais provável que pertencerá ao princípio. Lemos em 1. Cor. 10:17. «*Nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo*». Assim vemos que a Ceia do Senhor simboliza não sòmente o próprio corpo e sangue do Senhor Jesus, mas também o Seu Corpo místico, que é a Igreja. Quando «*todos participamos do mesmo pão*» isso significa, entre outras coisas, que nós, apesar de sermos individualmente muitos e diversos, nesse ato ficamos sendo uma coisa só: um «*pão*» ou um «*corpo*», ou, como se fala em 1. Ped. 2:5, um «*sacerdócio*». Individualmente somos sacerdotes, mas coletivamente somos um *sacerdócio*, como individualmente há soldados, os quais reunidos em certas condições, são um regimento ou um exército.

Podemos achar os soldados reunidos em grupos, nos cafés ou cinemas, mas assim reunidos não são regimento. E' sòmente quando reunidos de uma certa maneira e sob o comando do coronel que podem agir como um regimento.

Ora, o único ato que conheço que reune os crentes como uma Igreja, que constitui os sacerdotes em um sacerdócio, é a Ceia do Senhor. Nesse ato os «*muitos*» são «*um*». Até realizar-se a Ceia do Senhor, não me parece que a Igreja esteja formada como

um sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais. Por isso considero a Ceia mais própria no começo da reunião do que no fim; como o ponto de partida de nosso culto a Deus e não o final dêle. Não digo que deve ser positivamente a primeira coisa, porque muitas vêzes os ânimos dos crentes não estão preparados para êsse ato logo que entram no salão; mas também não creio que pertencerá ao fim, como se fôsse uma coisa quase esquecida durante tôda a reunião.

«*Mais bem-aventurado é dar do que receber*», mas não podemos dar a Deus devidamente os nossos louvores sem termos primeiro *recebido* dÊle alguma bênção espiritual. Na Ceia recebemos, e, tendo recebido, podemos dar. Êste é o distintivo do Cristianismo, receber de Deus as Suas bênçãos, para depois dar-Lhe os nossos serviços e os nossos louvores. No judaísmo era o contrário: o israelita servia a Deus na esperança de, no fim, ganhar a Sua bênção. Por isso, colocar a Ceia ao fim do serviço me parece ser mais de acôrdo com o caráter do judaísmo do que do Evangelho.

Saudações no Senhor Jesus.

* * *

## Carta 39 — Pregação do Evangelho

*Mutum, Minas*

11-xii-1923

Prezado irmão N. N.,

Recebi ontem a sua apreciável carta do dia 1 do corrente, e acho interessante o assunto dela, a saber, se o serviço do Evangelho em uma reunião de pregação obedece às mesmas condições que uma reunião da Igreja, isto é, no que diz respeito ao fato de os irmãos esperarem que o Espírito Santo Se sirva, em dado momento, de qualquer irmão, sem alguma preparação prévia da sua parte?

Respondo que a evangelização é um serviço individual e não coletivo. A Igreja não evangeliza, e o dom do evangelista não é mencionado na lista dos dons que Deus pôs *na Igreja* (1. Cor. 12:28), ainda que êle figura entre os dons que Cristo, subindo ao alto, deu aos homens (Ef. 4:11).

Mas as Escrituras falam muito sôbre o interêsse e a cooperação da Igreja tôda no trabalho de evangelização (1 Tess. 1:8; Fil. 1:5, etc.), de maneira que não podemos dizer que ela não tenha nada que ver com tal serviço; ela ajudará muito pela assistência de todos os crentes às reuniões e pelo empréstimo do seu salão (se o tem) para o serviço de evangelização.

E no caso de haver um irmão com dom de evangelista na Igreja local, que goze da confiança de todos os crentes, será muito próprio a Igreja ceder-lhe o uso do salão para o seu trabalho, como também cooperar com êle e ajudá-lo pela sua presença.

Contudo, muitas vêzes nas nossas reuniões não há ninguém especialmente dotado para o serviço de evangelização, e então o trabalho muda de caráter. Em vez do salão ser cedido a um que é reconhecido como competente e que aceita a responsabilidade do serviço, pregando constantemente ou convidando outro de sua confiança para pregar, o salão é deixado à disposição de quaisquer outros irmãos que, sem terem notàvelmente o dom de evangelistas, podem «*fazer a obra de um evangelista*» (2. Tim. 4:5), e prestar algum serviço bom e aceitável.

Mas qualquer que prega, ou com muito ou com pouco dom, precisa de *preparo*, sem o qual o serviço dêle será muito inferior a um trabalho preparado com cuidado e oração.

Um irmão com bastante dom poderá com proveito ocupar todo o tempo, e, no caso de seu discurso ser no poder do Espírito Santo, podia ser muito inconveniente outro irmão acrescentar mais palavras, de menor valor, e que poderiam desfazer a profunda impressão do primeiro discurso. Mas é mais freqüente nas nossas reuniões não terem os pregadores dons notáveis, e, ainda que possam falar com proveito por quinze ou vinte minutos, não poderem com vantagem preencher todo o tempo. Assim dá-se o caso de ser bom haver dois ou três dispostos e preparados para tomarem parte no trabalho. Em tôdas estas coisas temos que discriminar entre o *ideal* de um serviço perfeito, e o *real* de um serviço muito incompleto e imperfeito.

Se esta resposta não satisfaz, peço que me escreva outra vez.

Saudações no Senhor Jesus.

* * *

## Carta 40

## A Ceia do Senhor

Mutum, Minas
17-ii-1924

Prezado irmão F. T.,

Recebi hoje a sua missiva de ontem referente à Ceia do Senhor, e trato de responder sem demora.

E' verdade que em certos lugares remotos há bastante dificuldade em conseguir a Ceia do Senhor por falta de elementos necessários. Lembro-me de uma ocasião em que, procurando umas duas

ou três léguas em redor, não se encontrou nem cálix nem pão nem vinho.

Pergunta-me se é lícito empregar rôsca quando não há pão? Não posso dizer que seja proibido, e se alguém não aprovar, que se comprometa então a ir buscar pão tôdas as semanas à vila. Já vi uma amostra do «pão» que os judeus empregavam na Ceia pascoal: uma coisa mais parecida com uma rôsca do que com o pão francês, que compramos nas padarias. O que tem importância não é o material mas o espiritual; porém, podendo evitar coisas ruins nos elementos consagrados, é melhor. Tenho, às vêzes, na Ceia, provado vinho que parece vinagre, e pão feito em casa de alguém, tão pesado que me parecia quase impossível de engulir.

Nestes lugares remotos, nem sempre podemos conseguir a mesma perfeição no serviço que se obtém nas cidades, por isso é preciso muita paciência uns com os outros.

Se os elementos devem seguir da direita para a esquerda, ou vice-versa, não é revelado na Palavra inspirada, por isso não podemos afirmar nada a êsse respeito. Tanto valor tem uma coisa como outra. O costume comum, que não é mencionado na Bíblia, é que as coisas geralmente correm na direção em que *o relógio anda.*

Receio muito a ocupação com formas e ritos: com a matéria e não com o espírito — que é Cristo. Tenho notado que uma demasiada ocupação com a parte material do serviço tende a depreciar a parte espiritual.

Saudações no Senhor Jesus.

* * *

## Carta 41 — Coisas Proibidas

*Mutum, Minas*
3-ii-1924

Prezado irmão,

Recebi hoje a sua carta do dia 8 de Janeiro, perguntando-me se é proibido chegar jumento a égua.

O mais que posso dizer é que foi proibido ao israelita debaixo da Lei (Lev. 19:19), como também foi proibido comer carne de porco, trabalhar no Sábado, etc. Também lhe foi proibido vestir-se de casimira como está fabricado hoje — uma mistura de lã e algodão (Lev. 19:19) — mas nós não estamos debaixo da mesma lei, por isso não posso dizer que tais coisas não sejam proibidas também. Contudo, está escrito para o nosso ensino (1. Cor. 10:11) e cada um

deve procurar receber das leis do Velho Testamento algum ensino para a sua própria vida espiritual, mas não impôr a sua proibição sôbre os outros.

A única proibição cerimonial que passou do Velho para o Novo Testamento, foi a proibição *de comer sangue* (Atos 15:20).

Saudações no Senhor Jesus.

* * *

## Carta 42 — O Silêncio das Mulheres na Igreja

*Em atenção ao parecer de um irmão muito estimado, esta Carta até o presente não foi impressa. Mas o assunto é de importância, e resolvi, afinal, submetê-la ao critério dos leitores de «Cartas Ocasionais»*

*Capital Federal*

21-v-1923

Meu caro irmão . . .,

Recebi à sua carta esta manhã, e achei-a interessante porque o assunto de mulheres orarem na Reunião de Oração nos ocupou ontem à tarde em nosso estudo bíblico.

A resposta mais fácil é uma resposta positiva: Sim ou Não; uma regra «dura e segura» como dizemos em inglês: mas não me parece que o caso se possa resolver com tanta facilidade.

Se podemos tomar 1 Cor. 14:34 em sentido absoluto e se podemos provar que qualquer reunião de oração seja necessàriamente uma reunião da Igreja, então não sòmente seria proibido às mulheres orarem mas também cantarem — visto que não se pode cantar silenciosamente. Mas creio que ninguém entende que o «*silêncio*» das mulheres na Igreja deve ser tão completo que elas nem devem cantar os hinos, uma vez que o façam com modéstia. Contudo, quando alguma moça pretende valer-se da sua voz forte para *dominar o canto* e obrigar todos a acompanharem o compasso lento que ela quer, então ela evidentemente necessita atender mais à modéstia que a Bíblia indica como um dos maiores enfeites das mulheres.

Não me parece ser de todo certo que uma reunião de oração seja sempre uma reunião da Igreja, e devido à atual fraqueza que prevalece entre os crentes, às vêzes nessa reunião, em alguns lugares, não haverá mais que dois ou três irmãos que oram, e então vem a ser de bastante interêsse resolver se, em vista de semelhante situação fraca, será totalmente proibido a uma mulher cooperar

em oração: se necessàriamente o serviço de oração tem que ser limitado à capacidade espiritual de dois ou três irmãos?

Para tais casos parece-me ser permissível atribuir a essa reunião um caráter mais íntimo, mais particular, e assim ceder lugar às irmãs para orarem.

Creio que há muita instrução em apreciar todo o ensino bíblico relativo à posição da mulher e do homem. Evidentemente a mulher ocupa um lugar subordinado: deve estar em sujeição; o seu procedimento é governado pela modéstia que lhe é natural. Todo o ensino bíblico nos mostra que a mulher não deve procurar salientar-se ou dominar sôbre o homem: fazer tal coisa seria repugnante ao sentimento natural e espiritual de tôda mulher piedosa. Mas vivemos em tempos de grande fraqueza e abatimento, e nem sempre podemos realizar o *ideal* em nosso serviço cristão. O ideal está expresso nas palavras do apóstolo: «*Quero pois que os homens orem em todo lugar*» (1. Tim. 2:8). Mas quando muitos dos homens não oram, quando ficam mudos e sem préstimo, não me admiro que o Senhor Se sirva de uma mulher — talvez para envergonhar os homens inúteis; como Êle fêz uma vez em Israel, levantando uma mulher como generalíssima do exército, talvez por não haver um homem capaz.

Mas em uma reunião bem concorrida, onde há bastantes irmãos dispostos e preparados para orarem, não seria de acôrdo com o acanhamento e a modéstia ensinados na Palavra que as mulheres se adiantassem e os homens se limitassem a dizer «Amém» às orações delas.

Porém não poderei repreender terminantemente qualquer irmã que tenha orado em reunião de oração. Considero-o como indício de fraqueza entre os crentes reunidos e talvez uma culpável falta de espiritualidade entre os homens. Mas no caso de haver bastantes irmãos dispostos para orarem, talvez eu chamasse a atenção de tal irmã, depois da reunião, para êsse fato, e lhe perguntasse se não achava mais conveniente, mais escritural, limitar-se a dizer «Amém» às orações dêles e não contar que êles dissessem «Amém» à oração dela?

O apóstolo dá quatro motivos para o silêncio da mulher na Igreja, dois na Epístola aos Coríntios e dois na Epístola a Timóteo, e a consideração dêles nos ajudará a discernir por que êsse silêncio convém, como também quais são as excepções, ou ocasiões em que não precisa ser observado.

O primeiro motivo em 1. Cor. 14:34,35 é a *sujeição*, e o segundo é a *modéstia*. Em 1. Tim. 2:11-14 o primeiro motivo é que ela *não tem a prioridade*, por ter sido formada depois de Adão, e o

segundo é *que ela foi enganada*, e por isso não deve figurar como ensinadora do homem, que não foi enganado pela serpente.

É digno de reparo que nenhum dêstes motivos se refere às condições locais em Corinto, como, por exemplo, à ignorância das mulheres gregas ou uma tendência para elas conversarem na Igreja, como alguns têm imaginado.

Uma apreciação dêstes motivos para o silêncio das mulheres nos mostra (1) que não lhes é proibido cantar hinos, podendo fazê-lo com a devida sujeição e modéstia. (2) Que não lhes compete o serviço de ensinar ou exortar aos homens — ao menos, na Igreja — podendo, porém, ensinar ou exortar às crianças e às moças (Tit. 2:4). (3) Que não lhes é proibido expressamente *orar* em público, no caso de poder fazer isso em sujeição e modéstia, sem usurpar o lugar de prioridade que compete ao homem; mas talvez nem isso ela queira fazer em qualquer reunião *da Igreja*, atendendo à palavra mais terminante em 1. Cor. 14:34.

Não deve ser sem significação que o silêncio da mulher na Igreja é tão completo, segundo o ensino da Palavra, que nem lhe é permitido fazer uma pergunta numa reunião de estudo bíblico (1. Cor. 14:35), embora nos pareça que isso se podia fazer sem ofender qualquer dos quatro motivos que o apóstolo alega para o seu silêncio. Mas onde êste ensino tem sido esquecido e as mulheres se salientam nas Igrejas, não podemos estranhar que às vêzes elas não se limitem a orar, mas citem hinos para serem cantados ou se levantem para ler alguma passagem das Escrituras. Contudo, torno a repetir que, num ajuntamento de caráter mais particular e não «*da Igreja*», a proibição bíblica não tem a mesma aplicação, e portanto o préstimo das mulheres pode ser bem aproveitado.

Alguns têm procurado desfazer o ensino expresso da Bíblia referente ao silêncio das mulheres nas Igrejas, combatendo-o com outra citação bíblica: que «*em Cristo não há nem macho nem fêmea*», ao qual a suficiente resposta é: «em Cristo», não, mas nas Igrejas, sim. De outra maneira que valor teriam os ensinos detalhados dirigidos aos homens e às mulheres referentes ao seu comportamento nas Igrejas (1. Cor. 11:1-16; 14:34; 1. Tim. 2:8-15, etc.)?

Em qualquer reunião onde é sabido que o caso de uma mulher orar pùblicamente seria reprovado pela consciência de alguns dos assistentes, uma irmã espiritual teria todo cuidado em manter-se silenciosa. «*Portai-vos de modo que não deis escândalo, nem aos judeus, nem aos gregos, nem á Igreja de Deus.*»

Há mais um motivo porque considero a oração da mulher na reunião uma coisa rara e excepcional: na circunstância de ter ela

muitas vêzes uma voz tão fraca que não se ouve longe, e à qual por isso muitos não podem dizer «Amém».

Seu afeiçoado irmão em Cristo,

• • •

## Carta 43 — Um Apêlo aos Novos Crentes

Devido ao Evangelho ter-se tornado conhecido nestes últimos tempos em muitas diferentes partes do Brasil, abundam novos crentes no Senhor Jesus Cristo que têm chegado a conhecer o amor de Deus revelado no Dom de Seu amado Filho, e a contar com a graça divina para ter uma vida mais santa que nos tempos da sua incredulidade.

Devemos nos alegrar pelo constante progresso do Evangelho e ao mesmo tempo ajudar os novos convertidos no desenvolvimento da sua vida espiritual.

Nesta carta ocupar-me-ei apenas com um aspecto dêste assunto: preciso escrever umas palavras de aviso aos meus novos irmãos, em Cristo, aconselhando-os a não aceitarem quaisquer *nomes partidários* para se diferençarem dos demais crentes.

Geralmente acontece que, pouco depois de uma pessoa ter crido no Evangelho de Deus e assim ter nascido de novo como um membro do Corpo de Cristo, é procurada pelos representantes de diferentes partidos ou denominações evangélicas e solicitada para "professar-se" em qualquer das suas igrejas. Consentindo nisso, o irmão em vez de ficar sendo apenas um crente em Cristo, vem a ser «crente metodista», ou «crente batista» ou tal.

Como crente no Senhor Jesus êle sentia-se ligado com todos os demais crentes, seus irmãos em Cristo, e podia reunir-se com êles em qualquer parte, mas como crente denominacional êle se acha desligado de todos os irmãos que não têm a mesma denominação.

Nesta carta não vou examinar a razão de ser das diversas divisões e denominações evangélicas, mas apenas noto que tôda divisão entre os crentes é reprovada pela Palavra de Deus (1. Cor. 1:12,13), e o comêço do denominacionalismo é enèrgicamente censurado pelo apóstolo Paulo quando êle diz: «*Cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu de Apolos, e eu de Cefas, e eu de Cristo. Está Cristo dividido? foi Paulo crucificado por vós? ou fôstes vós batizados em nome de Paulo?*»

O crente novato, não podendo discutir os erros do denomina-

cionalismo que atualmente divide a Igreja de Deus, pode, sem mais discussão, recusar a aceitar qualquer nome ou título que não encontre na sua Bíblia: Adventista, Metodista, Darbista, Batista, Presbiteriano, Pentecostal, etc., e dizer que nem deseja assinar qualquer jornal ou revista que traz alguns dêsses nomes. Assim êle se livrará, fàcilmente, das solicitações dos propagandistas denominacionais, que deviam ocupar seu tempo melhor na evangelização dos incrédulos, e não em angariar adeptos para as suas irmandades entre os crentes novatos e inexperientes.

Com certeza os tais propagandistas vos dirão: «É preciso ser batizado novamente», «é preciso fazer a sua profissão de fé», etc., mas a resposta será que tudo isto podemos fazer sem ligarmo-nos com qualquer partido. O crente que entende que não foi batizado, pode pedir o batismo, ou por aspersão ou por imersão, às mãos de qualquer irmão idôneo, e pode fazer a confissão da sua fé no meio dos crentes reunidos, não uma vez só, mas constantemente, lembrando-se sempre que a melhor «profissão de fé» que êle pode fazer é o exemplo da sua vida transformada pela graça de Deus.

Terminando esta carta, desejo acrescentar uma advertência contra um costume muito errado que alguns crentes usam de empregar a palavra «Cristãos» ou «Irmãos unidos» como título dos crentes que não aceitam os diversos nomes partidários que atualmente dividem os irmãos em Cristo.

Todo crente é «cristão», e assumir êsse nome como título de apenas alguns crentes é um êrro bem triste. Sem querer fazê-lo, estão se servindo do nome de Cristo para dividir a Sua igreja. Quando falamos de «nós cristãos» devemos incluir nesse título *todos* os crentes do mundo, e não uma fração dêles.

Termino esta carta com a lembrança que, embora devemos reprovar enèrgicamente todo o sectarismo e divisão da Igreja de Deus, devemos ter para com nossos irmãos denominacionais o mesmo amor e simpatia que temos para com todo crente em Cristo, embora não possamos aprovar o seu costume de aliciar adeptos dentre os crentes menos instruídos.

Que Deus vos guarde do mal nestes tempos difíceis, pede

Vosso sincero irmão em Cristo,

* * *

## Carta 44 **Não se reimprime, por não ser mais necessária.**

**Carta 45. O assunto da Carta 45 — «Batizado pelos mortos» — está explicado na Carta 37, pág. 113, por isso não precisa ser reimpressa.**

## Carta 46 — O Batismo

Devido às diferenças de ensino e oportunidade, sempre há de haver desigualdades de inteligência espiritual, e, por conseqüência, diversidade de opinião acêrca de alguns pontos de doutrina, até que «*todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo*».

Tal diversidade não ameaça por si o bem-estar da Igreja de Deus, mais do que a desigualdade de inteligência entre uma criança e um moço perturbaria a felicidade de uma família. Sòmente fornece ocasião para paciente e afetuoso ensino.

Porém devemos notar que é a constante tentativa do inimigo das almas servir-se destas diferenças de entendimento para promover uma alienação de espírito entre os crentes, e, finalmente, uma completa quebra de associação. É esta funesta tendência que devemos prevenir com todo o cuidado, a fim de, de qualquer maneira, evitar tão triste resultado.

O pensamento central da doutrina cristã é o de *unidade em Cristo*, por isso não nos deve surpreender que o grande desejo do inimigo seja corromper ou destruir essa unidade. O meio, porém, que êle emprega com maior êxito é um que talvez muitos não tenham observado. É um «*zêlo de Deus*» e da letra da verdade, pelo qual Satanás quer ver os crentes contender de u'a maneira muito contrária ao espírito da verdade.

O assunto do Batismo, em vez de fornecer matéria para amigável e paciente estudo, num espírito de confiança fraternal, tem sido assunto de amarga controvérsia, e, finalmente, tem servido para fazer divisão entre os que são irmãos em Cristo, membros do Seu Corpo, e pedras vivas na Sua Igreja.

A literatura do assunto tem, infelizmente, sinais do mesmo espírito, e pouco há, de tudo que se acha escrito concernente ao Batismo, que sirva para a edificação da Igreja em amor (Ef. 4:16). É esta consideração que me leva a tocar no assunto com receio, e com o desejo de ser guardado do mesmo espírito contencioso.

É de notar-se que nas Escrituras, e principalmente nas epístolas de S. Paulo, o Batismo ocupa lugar muito secundário, e se atualmente está muito nos pensamentos dos crentes, é por serem ocupados com ordenanças em vez de Cristo; com a sombra em vez da

realidade. «*Cristo enviou-me não para batizar mas para evangelizar*», diz o apóstolo, e a mesma linguagem convém hoje a todos os que desejam servir ao Senhor, embora êles, como Paulo, batizem um ou outro segundo as necessidades da ocasião.

O nosso estudo divide-se em duas partes: (1) Qual o ensino das Escrituras sôbre o Batismo? (2) Existe na Palavra de Deus autoridade para estabelecer uma denominação tendo o Batismo como seu centro e condição de comunhão, incluindo todos que tenham chegado a um certo conhecimento sôbre o ponto, e excluindo todos que não concordam?

É necessário distinguir cuidadosamente estas questões, pois tem-se presumido que, se há um certo parecer acêrca do Batismo, há por isso obrigação de se separar dos demais cristãos e reunir-se à denominação batista. Também há outra denominação de crentes (?) os quais julgam que só êles têm a verdade acêrca do Sábado, e assim com semelhante presunção ensinam que, no caso de concordar com a sua doutrina, tem de se juntar à sua associação.

Supondo que os diversos grupos reunidos em tôrno de certas doutrinas têm razão nos seus pareceres, é evidente que nos colocam na difícil posição de nos vermos obrigados a unir-nos a todos êles, na medida que a nossa inteligência alcança as verdades que ensinam. Em tal caso parece que a divisão é verdadeiramente a ordem divina, e um certo grau de inteligência a condição de comunhão.

Mas todo coração sincero há de repudiar tal pensamento, e reconhecer que na Igreja *de Deus* há lugar para todo grau de inteligência espiritual, a única condição de comunhão sendo *a lealdade de coração a Cristo.* Êle procura reunir os Seus em tôrno de Si, em vez de os ver divididos por motivo de doutrinas ou práticas, embora as mais corretas.

A Palavra de Deus nos indica com quem podemos associar em um dia de ruína (2. Tim. 2:22), e de quem devemos afastar-nos (2 Tess. 3:6), mas a condição é o que toca no coração e na vida, e não na inteligência.

Aprendemos, pois, que, qualquer que seja a conclusão para a qual o nosso estudo nos leve, não temos obrigação de nos apartar dos nossos irmãos que pensem diferentemente, visto que nenhuma ordenança se nos oferece como centro de congregação para o povo de Deus, mas sim a bendita Pessoa do Cristo vivente, à destra de Deus.

Há duas perguntas que se ouvem muitas vêzes: *Como* se deve batizar? e *A quem* se deve batizar?

As ordenanças da economia mosaica são minuciosamente descritas, por haver uma significação espiritual em todo detalhe. No

regime cristão há uma notável ausência de cerimônias, visto que os verdadeiros adoradores adoram o Pai *em espírito e em verdade.* E visto que a sabedoria das Escrituras deixa de discutir o processo do Batismo, podemos também deixá-lo à consciência individual do batizador, tendo a certeza de que qualquer ensino que nos ocupe com formas e cerimônias não é de Deus. Seguramente o que Êle aprecia não é nem a quantidade nem a qualidade da água, mas o precioso Nome de Seu amado Filho, *para quem* somos batizados.

Assim vemos no caso de «certos discípulos» mencionados em Atos 19, a questão não é: «Como fôstes batizados?» mas sim «Em que batismo, logo, fôstes vós batizados?» Quão sábio é o silêncio das Escrituras! *

Para sabermos *quem* deve ser batizado devemos entender o sentido do rito segundo as Escrituras, e nesta matéria queremos antes dar um resumo de algumas importantes cartas sôbre o assunto, do que oferecer as nossas próprias conclusões. As cartas encontram-se na correspondência do falecido J. N. Darby, e são do seguinte sentido: —

«Deploro a ocupação dos pensamentos dos crentes com o Batismo, e o costume de insistir no seu estudo, como se faz muitas vêzes. Não ocupa a pessoa com Cristo nem com a Igreja, mas com ordenanças, e acho que isso é um grande êrro que sempre prejudica a pessoa assim ocupada... Se alguém nunca foi batizado é claro que o deve ser; se já o foi não e admissível batizá-lo outra vez.

A idéia que o Batismo serve como testemunho, para mim não tem valor algum, pois se eu fôsse batizado amanhã ninguém diria que me tornei cristão; diriam apenas que me fiz batista, ou que «entendi o batismo», como vulgarmente se diz.

Geralmente o primeiro ponto em que se insiste é o de *obediência.* Em resposta nego absolutamente que obediência a quais-

---

* Nota: Alguns dirão que uma pessoa não é batizada não sendo completamente imergida; e citam o dicionário em seu apoio: Podemos entender que o ato de imergir a pessoa melhor simboliza uma «sepultura» (embora nos sepulcros orientais o corpo estava colocado horizontalmente sôbre uma especie de prateleira lavrada na rocha, e não depositado verticalmente numa cova), e achar assim que a imersão pode realizar melhor o sentido de Rom. 6:3. Porém o dicionário nem sempre resolve os problemas bíblicos.

Os discípulos foram batizados no Espírito Santo e no fogo, mas não foram imergidos nêles; e S. Pedro o descreve como um «*derramamento*» do Espírito. No caso de alguém preferir «*derramar*» no ato de batizar com água, quem pode dizer que Deus não o aceita? O assunto tem sido bastante discutido por outros escritores, mas não será proveitoso estudá-lo mais aqui.

quer ordenanças faça parte do Cristianismo. O insistir em obediência às ordenanças é um princípio perigoso, e contra o espírito do Cristianismo. A Escritura diz a êste respeito: «*Por que vos carregam ainda de ordenanças?*» e tal insistência enfraquece todo o caráter espiritual. Nas Escrituras o caso do Batismo não é assunto de obediência. A prova é esta: quando o eunuco de Candace chegou à água, êle disse: «*Que me impede que eu seja batizado?*» uma expressão que, se fôsse assunto de obediência, não teria cabimento.

Há outro caso também que demonstra que a idéia de obediência não pertence ao Batismo. Pedro diz: «*Pode alguém impedir a água, para que não sejam batizados êstes, que também receberam como nós o Espírito Santo?*» Ambos êstes casos provam que era um privilégio desejado ou conferido, mas não que fôsse um ato de obediência. O Batismo era o meio de admitir entre os cristãos; é um ato do batizador, e não um ato do batizado. Os apóstolos não foram batizados; êles, os doze (mas não o apóstolo Paulo), foram enviados para batizar, para admitir à Casa de Deus.

Bem sei que às vêzes se apresenta o batismo de João Batista para provar que os apóstolos foram batizados, mais isso é uma completa confusão, visto que o batismo de João não tinha referência alguma à morte e ressurreição — pelo contrário, teve por fim preparar um povo para receber Cristo antes de Êle morrer. Por isso alguns que tinham recebido o batismo de João foram batizados outra vez (Atos 19).

O segundo ponto que se apresenta para apoiar o re-batizar é que o Batismo é uma confissão pública que o homem é já morto e ressuscitado em Cristo. Isto é também inteiramente contra o ensino da Palavra. Batismo, em figura, coloca a pessoa em lugar de morte, mas isso manifesta que a pessoa ainda não estava nesse lugar. «*Levanta-te,*» diz Ananias, «*e recebe o batismo, e lava os teus pecados*», não «recebe o batismo como sinal que os teus pecados já estão lavados». Outra vez, «*Sepultados com Êle no batismo*» (Col. 2:12). «*Todos quantos fomos batizados em Cristo fomos batizados na sua morte*» (Rom. 6:3). E assim em todos os lugares. «*Todos quantos fôstes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo.*» Não foram batizados por já estarem revestidos. Só os que seguem os princípios do romanismo supõem que a obra está feita pelo batismo. O Batismo é uma figura de morrer e ressurgir — não de ser já morto e ressurgido.

Ainda mais; diz-se que o Batismo nos torna membros do Corpo de Cristo; mas isto é mais um ensino que não se acha nas Escrituras. O Batismo não tem, nem sequer figuradamente, referência alguma à unidade do Corpo. «*Por um Espírito somos todos*

*batizados em um só Corpo»* — não por água. O batismo do Epírito é o sêlo da fé, como a Bíblia muitas vêzes declara. *«No qual também, havendo crido, fôstes selados com o Espírito Santo da promessa»* (Ef. 1:13). E tendo já recebido o Espírito, como no caso de Cornélio, foram depois batizados, para serem reconhecidos entre os crentes.

O Batismo apresenta a doutrina — eu, um pecador vivo, morro ao pecado, e torno a ressurgir para ser aceito no Nome de Cristo, como vivo para Deus no poder da Sua ressurreição: daquela operação de Deus que O levantou dentre os mortos.

Bem sei que se diz: Mas não lemos em S. Marcos, *«Quem crer e fôr batizado»?* Concordo que sim, e diz mais, *«Será salvo»*. Não desejo, de modo algum, acusar os Batistas de uma falta de honestidade em suprimirem êste último, que dá todo o sentido e significação à oração, mas digo que mostra como o parecer dêles impede inteiramente a sua apreciação do sentido da Escritura. Por que não citam a passagem tôda? Podem negar que eu, e mais crentes que não somos re-batizados segundo as idéias dêles, somos salvos? Não podem, nem querem assim dizer; mas então, por que é que citam a passagem incompleta? Dizer que é necessário acrescentar à fé de uma pessoa a sua obediência [a um rito] para ser salva, é coisa que quase ninguém ousaria fazer.

O que importa, então, o Batismo? E' o meio de admitir o batizado para um lugar de privilégio. No caso de Cornélio não podiam recusar água. No caso do eunuco não havia impedimento de êle ser batizado. Em 1. Cor. 10 vemos claramente que o Batismo é a admissão pública para uma associação exterior com Deus, como quando Israel atravessou o Mar Vermelho; da mesma maneira em que a Ceia do Senhor é uma figura e expressão de comida e bebida (de sustento espiritual) no deserto. O Batismo não é sequer uma figura de ter vida espiritual, nem de ser feito parte do Corpo de Cristo, nem de ser feito filho de Deus. No ensino de S. Paulo o Batismo significa a morte; segundo Pedro ou Ananias, importa salvar, lavar os pecados, em figura. Representa a passagem desde o estado de um homem pecaminoso para o lugar onde estão os privilégios divinos, principalmente a presença do Espírito Santo, que está entre os crentes como Satanás está no mundo. (Êste lugar de privilégio e bênção chama-se a Casa de Deus, 1. Tim. 3:15, e também *«uma grande casa»*, 2. Tim. 2:20. É mais extensivo do que o Corpo de Cristo, que é a Igreja de Deus.) Paulo em Tito 3 reconhece a mesma verdade.

Então a questão vem a ser: É permitido receber crianças ou crentes? Crentes, com certeza, se ainda não foram recebidos, mas se já foram não o podem tornar a ser. E se o não foram, claramente a maneira de os receber pùblicamente é pelo Batismo. Mas seremos obrigados a deixar as nossas crianças de fora, isso é,

no lugar onde domina Satanás? Parece-me que a Escritura concede aos pais crentes o direito de trazer os seus pequenos a Cristo, mas isto agora só pode ser pela morte, segundo o símbolo do Batismo, visto que «*o que é nascido da carne, é carne*».

Pergunta-se: «O que podem fazer as crianças? Qual é o benefício que obtêm pelo Batismo?» As crianças não fazem nada; a graça opera a favor delas. Ninguém se aproxima por aquilo que faz. O benefício que alcançam é que são trazidas para a Casa onde o Espírito Santo habita, para serem criadas na admoestação do Senhor.

Admito que não há mandamento para batizar crianças; nem tão pouco há para batizar crentes, assim como não há mandamento algum para ser batizado. As Escrituras requerem que as crianças sejam recebidas. Os que as recebem, recebem a Cristo; e das tais é o reino dos céus. O filho de um pai crente é santo. Não duvido por um momento que se morrem são recebidas como salvas no céu (veja-se Mat. 18). Quem dirá que não podem ser recebidas na terra pela Igreja? Mas diz-se: «Então, por que não se lhes dá a Ceia do Senhor?» Porque a Ceia é um símbolo da unidade do Corpo, e elas não pertencem a êste até serem batizadas pelo Espírito Santo.

Visto que das tais é o reino do céu, não poderei receber a criança para o reino em Nome de Cristo? e sendo em Seu Nome não devia ser por uma figura de morte e ressurreição para o reino? E mais, a Palavra diz explìcitamente que são santas, no caso de um dos pais ser crente (não intrìnsecamente santas, já se vê), e a passagem tem uma aplicação imediata ao ponto que estamos considerando.

Se um judeu casou com uma pagã, profanou-se. A mulher já era profana, e por isso a mulher e as crianças tinham que ser repudiadas. Isto foi o que a lei ordenou. Porém sobreveio a graça; um dos pais era tido por crente, o outro não. Teriam que se apartar, como devia fazer o judeu? Não! o incrédulo ficou santificado do mesmo modo como o judeu ficara profanado; santificado, não santo, como o judeu foi profanado mas não era profano; e as crianças eram santas embora as do judeu eram profanas. Quais foram, então, as conseqüências no caso do filho do judeu? Não podia receber os privilégios do Judaísmo pela circuncisão — era profano. O filho do cristão, sendo santo, estava em condições de receber os privilégios cristãos, incluindo o Batismo. Vemos assim uma decisão bíblica sôbre o ponto, que indica os princípios que nos devem guiar.

O caso dos Batistas que julgam que êles mesmos não tinham sido batizados, não oferece dificuldade; é evidente que o devem ser. Nunca foram admitidos formalmente entre os cristãos sôbre a terra; pode ser que pertençam ao Corpo de Cristo (como Cornélio)

pelo batismo do Espírito Santo, mas nunca foram formalmente admitidos à CASA de Deus sôbre a terra, a saber, para o lugar onde o Espírito Santo habita.

É bem claro, segundo o Novo Testamento, que o Batismo nunca se apresenta como assunto de *obediência*. Se assim fôsse, seríamos salvos pela nossa obediência; teríamos os nossos pecados lavados pela nossa obediência; pois isto é o que se diz do Batismo. A idéia da obediência de um crente a qualquer ordenança é completamente errada, tanto no caso da Ceia do Senhor como do Batismo. Se um amigo me diz: «Guarde isto em memória de mim», e respondo, «Obedecerei ao seu mandato», o amigo havia de ficar triste. Havia de entender que o dom não era apreciado.

O assunto é lato, mas o princípio é que os filhos de um crente são santos e (longe de as crianças não serem admissíveis aos privilégios da Casa de Deus) «*das tais é o reino dos céus*».

---

Achei êste estudo entre os meus papéis. Creio que foi escrito ou traduzido pelo falecido J. M. Rendell, mas o seu principal interêsse é que apresenta alguns ensinos do Sr. Darby sôbre o assunto: — *S. E. M.*

---

## Carta 47 — Ainda Mais Perguntas

*Mutum, Minas*

*5-v-1924*

Meu caro irmão .....

Agora vou vêr se poderei responder às suas perguntas antes de iniciar a minha viagem no dia 12 dêste, pois, de outra maneira, será só a bordo do vapor que terei tempo suficiente. E ali não terei recurso nenhum aos livros necessários para poder satisfazer o seu pedido no que diz respeito a certas perguntas mais difíceis.

*1.— Satanás: (1) Qual a sua origem? Como apoiar nas Escrituras a afirmação corrente que êle foi um anjo que quis usurpar o lugar de Deus, e que, por isso, foi lançado à terra? Vejo uma base apenas em 2. Ped. 2:4 («inferno, cadeias de escuridão», aqui, que significam?) e Jud. 6. (2) É uma personalidade real ou alegórica? (3) É uma única pessoa ou muitas? (Falam-se de DIABOS e DEMÔNIOS.) (4) Qual a sua habitação própria? Êle vive «nos ares», segundo inferem de Ef. 6:12? (5) É verdade que êle nos tenta? Tôda e qualquer tentação é atribuída a êle? Se é, não nos tira a responsabilidade? (6) É atribuída a êle tôda a manifestação espírita? (Os espíritos que nos revelam só podem ser maus, não?) (7) O caso da tentação de Jó é real ou figurado? Satanás apareceu, falou a Deus, Êste lhe respondeu, etc.? (Considero êste passo bem difícil.) (8) Na tentação de Cristo, o que*

*contam os evangelistas é real ou figurado? Por exemplo: Satanás levou mesmo Cristo para o pináculo do templo, ou O tentou no que isso representa? (9) Por que Satanás será sôlto após o Milênio por algum tempo e não destruído de uma vez para sempre? (10) Os endemoninhados eram homens em quem Satanás se encarnara, ou simplesmente alguma doença? Os judeus parece que tôda enfermidade atribuíam aos espíritos satânicos. Ainda existem hoje casos semelhantes? (11) Como explicar a passagem de 2. Cor. 12:7? (12) A «serpente» em Gên. 3 era um animal ou representava Satanás?*

(1) Naturalmente a origem de Satanás foi êle ser criado por Deus, como quaisquer outros dos seres vivos, anjos, etc. As duas grandes passagens da Palavra que mais revelam sôbre a queda de Satanás são Isa. 14:12-14 e Ezeq. 28:12-19. Nesta última passagem devemos distinguir entre o *príncipe* de Tiro, do v. 2, e o *rei* de Tiro do v. 12 em diante. Êsse último se refere quase por completo a Satanás. De passagem podemos notar como é solene um homem estar tão completamente sob o poder de Satanás que a palavra inspirada se refere mais a êsse último do que a êle! Vemos outro caso semelhante no endemoninhado gadareno.

Originalmente parece que êle foi um dos querubins (Eze. 28:14), mas elevou-se o seu coração por causa da sua formosura (Eze. 28: 17), e dizia no seu coração: «*Subirei ao céu, exaltarei o meu trono acima das estrêlas de Deus e sentar-me-ei no monte da congregação nas extremidades do Norte. Subirei acima das alturas das nuvens e serei semelhante ao Altíssimo*» (Isa. 14:13,14).

(2) Na Bíblia, Satanás é sempre apresentado como uma personalidade real e não alegórica. (3) Satanás é um, mas tem muitos servos — os demônios. (4) A habitação própria dêle não posso afirmar. Geralmente é referida aos «*ares*», mas em Jó êle se apresenta perante Deus (no céu?) depois de ter rodeado a terra e passeado por ela. Talvez que seja difícil limitar um espírito a uma localidade. (5) Que Satanás *tenta* aprendemos de 1. Crôn. 21:1; Mat. 4; Luc. 22:31; Atos 5:3; 1. Cor. 7:5; 2. Cor. 12:7. Mas nem tôda tentação vem dêle — pode vir da nossa própria carne (Tiago 1:14) ou pode vir de algum demônio que não é Satanás mas um servo dêle (Mat. 15:22). Mas a tentação não destrói a nossa responsabilidade. Ainda que a mesma pessoa me convide todos os dias a roubar, fico sendo responsável a não fazê-lo. Creio ser muito provável que Satanás muitas vêzes faz seu apêlo à nossa carne, como fêz com Eva. É preciso cuidado em não atribuir a Satanás os atributos divinos de onipotência, onisciência e onipresença. Êle não pode pessoalmente tentar a todos em tôda parte, porque êle não está em tôda parte para fazê-lo. Mas êle tem muitos servos, diabólicos e *humanos*. Creio que é muito freqüente entre os crentes atribuir a Satanás as tentações que devem ser referidas à carne.

(6) As manifestações espíritas, quando não são meramente ilusões, podem ser atribuídas a *espíritos malignos*, mas não necessàriamente a Satanás. Não posso dizer sem mais nem menos que «os espíritos que se revelam só podem ser maus», porque os *anjos* têm se comunicado com os homens. Mas *nas sessões espíritas* feitas em flagrante desobediência à Palavra de Deus, não espero haver nada que seja bom.

(7) O caso da tentação de Jó é apresentado como real, e certamente não como uma alegoria. Concordo que apresenta dificuldades, mas não vale a pena fugir delas com a afirmação que o caso não se deu.

(8) Que Satanás levou o Senhor Jesus a um pináculo do templo, a Bíblia afirma, mas precisamente em que sentido ou como o fêz, não diz, nem posso eu dizer. Em corpo, talvez, ou em visão durante um sono:

(9) Satanás será sôlto depois do Milênio, talvez para revelar aquêles que apenas renderam a Cristo uma obediência fingida, e que, aparecendo um chefe para os dirigir, haviam de lançar dêles o Seu jugo (Sal. 2:3).

(10) Os endemoninhados eram possessos por demônios, mas não por Satanás, salvo o caso de Judas (João 13:27). Existem hoje casos semelhantes: veja-se o excelente livro «Pastor Hsi». Eu já vi dois casos que sòmente poderia explicar por espíritos malignos. Em nada eram parecidos com loucura.

(11) Em 2. Cor. 12:7 vemos mais um caso de como Satanás pode, às vêzes, ser permitido afligir os corpos dos crentes, quando Deus vê que disso resultará um benefício espiritual ainda maior. O outro caso clássico é o de Jó. Contudo, não devemos ser positivos que Satanás tinha *ocasionado* o tal espinho na carne; pode ser que êle apenas se tenha servido dêle para tentar o servo de Deus, e por isso Paulo o chamou «um mensageiro de Satanás».

(12) Entendo que a serpente em Gên. 3 era a forma em que Satanás se apresentou a Eva. A identificação da serpente com Satanás se encontra em Apoc. 12:9.

*2. Há quem negue a existência literal do Êden, bem como a realidade de outras narrativas e afirmações de Gênesis, como a expulsão dos nossos primeiros pais; o querubim à entrada do Paraíso; o formar Deus a Adão do pó e Eva de uma costela de Adão; os fatos de Gên. 11:1-9; as grandes vidas em Gên. 5. Peço ao irmão que trate largamente de cada um dêstes pontos.*

Não me será possível tratar *largamente* de nenhum dêles. Todos os pontos vão ligados com a credibilidade da Bíblia, o Livro em que se acham recordados. Na Bíblia encontro muitíssimas afirmações de alto valor moral e espiritual *que posso verificar*, e algu-

mas mais estranhas que não posso verificar. Aceito estas últimas em atenção às primeiras. Por mil motivos creio na veracidade da Bíblia, por isso aceito as suas palavras com respeito e fé, persuadido que mais tarde a sua veracidade será verificada tão completamente como a das outras.

Ou tôda a Escritura do Velho e Novo Testamento é inspirada de Deus ou não é. Tôdas as vitórias, todo o progresso do Cristianismo durante os séculos, tem sido baseado na convicção que é. Uma vez que começamos a escolher e decidir entre as diferentes partes da Palavra, perdemos a nossa fé e o nosso vigor espiritual. Ainda mais, tôda a atitude do Senhor Jesus perante as Escrituras reconhecia a sua veracidade, e, apesar de Êle denunciar sem compaixão as tradições errôneas do Seu tempo, Êle nunca denunciou qualquer afirmação do Velho Testamento. Se Êle aceitou como verídica a afirmação que Eva foi formada de uma costela de Adão ou que Deus pôs querubins à entrada do Jardim, acho mais prudente deixar o assunto assim, e não ceder lugar a qualquer dúvida que poderia começar um abalo geral dos alicerces da nossa fé.

3. *Há também uma tendência nos dias de hoje para negar a existência, como personalidade, de Adão. Dizem que Adão, significando homem, representa a humanidade, e mais, que todos os homens não são descendentes de um só homem criado. Peço dar-lhe uma refutação. A personalidade de Adão não faz parte integrante das doutrinas cristãs?*

Conheço muito bem essa tendência. Chama-se o «Modernismo». Eu não sou competente para refutar capazmente as negações de homens muito mais ilustrados do que eu, nem tenho comigo aqui em Mutum quaisquer livros úteis para êsse fim.

Em todo caso, acho sumamente ridículo alguém identificar Adão com a humanidade. Em tal caso, quem era Eva, com quem a humanidade casou? Quando foi que a humanidade fêz para si um avental de fôlhas da figueira, para ser mais tarde substituído por uma túnica de pele — ou querem que achemos ali um indício do desenvolvimento do vestuário durante os séculos? Como devemos entender que a humanidade viveu «cento e trinta anos» e gerou um filho à sua semelhança e chamou-o Seth? Como devemos entender o caso da humanidade viver 930 anos e depois morrer?

No dicionário que tenho aqui o sentido do nome Adão é dado como sendo *terra* e *firme* e não *homem*.

Certamente a personalidade de Adão faz parte integrante das doutrinas cristãs. Êle figura na genealogia de Cristo; em Rom. 5 fala-se da sua transgressão e em 1. Cor. 15 se diz que era «*uma alma vivente*».

4. *Como conciliar Mar. 15:25 e João 19:14?*

«João emprega o tempo romano, Marcos o hebraico» (*Scofield*).

Entre os judeus o dia tinha 12 horas e a noite 12 horas. O dia começava às 6 da manhã, e a noite às 6 da tarde. A terceira hora do dia (veja-se Atos 2:15) seria às 9 nos nossos relógios, que seguem o estilo romano. A sexta hora em João 4:6 seria às 6 da tarde, em João 19:14 às 6 da manhã.

5. *Citam Mat. 23:23 para provar a perpetuação do dízimo. Não acha forçada esta interpretação?*

Acho importante ver que o Senhor Jesus expressamente reconheceu e aprovou o dízimo como obrigatório aos judeus. Desta circunstância podemos aprender que Êle não há de desaprovar que nós contribuímos o mesmo, ou mais.

6. *Mat. 23:30,31. Peço que me torne mais claras estas palavras.*

Parece que aqui o Senhor está afirmando o poder de *tendências hereditárias*. Apesar de os fariseus condenarem pela bôca os crimes de seus pais, êles, tendo em si o mesmo sangue, seriam capazes de fazer as mesmas coisas. Em vez de se orgulharem pela sua superioridade moral, deviam ter reconhecido que só pela graça divina podiam apresentar uma conduta menos repreensível do que seus ante-passados.

7. *Mat. 5:26. Os romanistas citam esta passagem como prova do purgatório. Peço (1) refutação dessa doutrina pela mesma passagem, e (2) explicação da mesma.*

A interpretação romana faz confusão de *pessoas* e *tempos*. Segundo ela o «adversário» do homem é Deus; mas Deus nunca Se revelou como adversário das Suas criaturas, e muito menos pela bôca do próprio Salvador! Antes «*Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo*».

Evidentemente, pela construção do versículo, vemos que trata de alguma coisa que se deve fazer agora mesmo, e não futuramente; e tôdas as conseqüências são imediatas e não futuras.

(2) O sermão da montanha apresenta as leis do Reinado de Cristo: um reinado de justiça (diferente do atual reinado da *graça*; Rom. 5:21). Nesse reinado de Cristo, quem ofende estará sujeito a uma justiça imediata e rigorosa, e precisa reconciliar-se depressa com o seu adversário, para não sofrer as conseqüências da sua ofensa. Se não, pode contar que o castigo é certo, e a indenização será exigida até o último ceitil.

Se tratasse de um futuro purgatório, como se podia falar de *pagar* o último ceitil? Seria antes «sofrer até o final da pena». Deus não pede nem aceita *pagamentos* do pecador, como se êste pudesse expiar as suas ofensas com dinheiro. Por isso a linguagem é inaplicável a qualquer satisfação oferecida pelos pecadores.

8. *1. Cor. 5:5?*

Êste versículo é de muita importância no caso de algum crente que peca, mostrando como Satanás pode ser o instrumento de Deus para o castigo da sua carne, mas que, afinal, o seu espírito será salvo «*no dia de Jesus Cristo*».

A disciplina na Igreja hoje não pode ter precisamente êste caráter. No princípio do Cristianismo, fora da Igreja havia apenas o mundo, onde Satanás reina. Hoje, um iníquo, excluído de uma denominação, imediatamente se liga com outra!

9. *Como se explica a descida do Espírito Santo, com dom de línguas, mais de uma vez depois de Pentecostes?*

As duas ocasiões que conheço de o Espírito Santo vir sôbre pessoas depois de Pentecostes e haver o dom de línguas na mesma ocasião são Atos 10:44 e 19:6. Não é referido expressamente como uma «descida», mas o Espírito Santo «caiu» sôbre êles, ou «veio» sôbre êles. Não me parece que os casos necessitem de qualquer explicação. Atos 10:44 é muito importante como sendo a primeira vez que o Espírito Santo veio sôbre crentes gentios, e sem a imposição de mãos apostólicas, como a conseqüência normal de aceitar Cristo como Salvador. Êste caso serve para estabelecer o que deve ser a norma de hoje, ainda mais importante porque agora não podemos mais ter a imposição das mãos dos apóstolos.

*10. 1. Cor. 14:4. Os pentecostais citam esta passagem como base do costume que êles têm de, em reuniões só da Igreja, falar «línguas» que ninguém entende. Êles pretendem provar a perpetuação do dom de línguas principalmente por êste cap. 14 de 1. Cor.*

Há certas naturezas que gostam de extravagâncias, e as tais são atraídas pelos pentecostais e as suas «línguas incompreensíveis».

Em 1. Cor. 14 o apóstolo ocupa 20 versículos com assunto de «línguas», e sempre no sentido de diminuir ou mesmo proibir (v. 28) o uso delas nas igrejas.

Devemos lembrar que falar uma língua desconhecida aos outros pode ser um caso milagroso ou pode não ser: por exemplo, se aqui eu orar na língua inglêsa, edifico-me a mim mesmo, mas não a Igreja, que não pode dizer «*amém*» à oração desconhecida. Parece que nesse capítulo o apóstolo trata dos dois casos sem distinguir entre êles. Por exemplo, no v. 4, quem fala ao menos «*edifica a si mesmo*», porque sabe o que está dizendo, mas nas reuniões pentecostais nem êle sabe o que está dizendo, por isso *ninguém* é edificado. Depois alguém se levanta e alega que está interpretando o primeiro — mas quem pode garantir-me que isso é verdade? Evidentemente o costume dá lugar para uma infinidade de absurdos e ensinos errados.

*11. Como conciliar João 1:33 com Mat. 3:14,15?*

As palavras de João Batista «*Eu não o conhecia*» não importam necessàriamente que João nunca O tivesse visto, nem falado com Êle. Sendo primos, é bem provável que eram conhecidos e que João bem sabia o caráter, extraordinàriamente piedoso, do moço Jesus. Mas ainda não O conhecia como o futuro Messias, embora achava inconveniente batizar como «arrependido», um Homem que julgava muito mais espiritual do que êle mesmo. O que êle não compreendia era que Jesus Se identificava com os arrependidos em Israel, pensando nos pecados da nação e não nos dÊle mesmo.

*12. Um moço, no Ceará, citou-me Atos 15:35-41 como justificativa da existência das denominações. Disse êle que a separação era providencial, pois, em vez de um só trabalho, fizeram dois. Confesso que não pude responder satisfatòriamente.*

É pena que seu amigo no Ceará achou a justificação do denominacionalismo em *uma contenda entre irmãos!* Seguindo o mesmo processo de raciocínio poderei argumentar pelas vantagens das perseguições, porque depois da perseguição em Atos 8:1 «*os que andavam dispersos iam por tôda parte, anunciando a palavra*»! Eis a vantagem das perseguições para o progresso do Evangelho!

Mas a verdade é que o *amor de Deus*, e não as perseguições dos inimigos do Evangelho, nem as contendas entre irmãos, é o motivo mais forte para servirmos ao Senhor no Evangelho. E quem nos pode provar que, no caso de os irmãos não terem contendido, o serviço de evangelização teria sido menos? Podiam ter ido por tôda parte evangelizando com ainda mais animação, contando com as orações dos seus irmãos, com quem não tinham tido nenhuma desavença.

*13. Ef. 4:26 . . .?*

Um versículo muito importante, mostrando que, na presença do mal, o crente não deve mostrar nem consentimento nem indiferença. Deve «irar-se», manifestando uma santa indignação. Devemos reprovar o mal positivamente, mas, visto a fraqueza da nossa carne, não podemos *conservar* em nosso coração essa preocupação com o pecado sem prejuízo para o nosso próprio espírito. Por isso «*não se ponha o sol sôbre a vossa ira*». Mas tantas vêzes o crente dorme com essa mesma triste preocupação e se levanta ainda com ela — e talvez viva tôda a vida com ela!

Aprendi muito com uma piedosa irmã, que, quando não aprovava uma coisa, tinha o costume de o dizer uma vez, *e nunca mais tocar no assunto.*

*14 Há dois livros no V. T. bem obscuros para mim — Eclesiastes e Cânticos. Não há nêles certas expressões que não concordam*

com o teor geral da Bíblia? À luz de que fatos podemos entendê-los?

Eclesiastes é o livro do homem «*debaixo do sol*», e do seu raciocínio com referência à vida. É o melhor que o homem pode fazer, sabendo que há um Deus santo, e que Êle trará tudo ao juízo. As frases-chaves são «*debaixo do sol*»; «*percebi*»; «*eu disse no meu coração*». A pena da inspiração recorda corretamente os pensamentos, mas as razões e conclusões são do homem. Que essas conclusões são corretas em declarar que é vaidade dedicar a vida às coisas terrenas, é certamente a verdade. Mas a «conclusão» (12: 13) é legal — o melhor que o homem pode fazer à parte da redenção — e ignora o Evangelho. (*Scofield*).

*Cânticos* é ainda mais interessante. É a linguagem do amor humano, o mais lindo sentimento que se encontra no coração natural, mas que nos deixa perceber, *como por luz refletida*, o amor de Deus para com Israel e o amor de Cristo para com Sua Igreja.

Acho importante que as Escrituras não nos deixam ver diretamente nem as angústias nem o amor do coração de Cristo, mas ao mesmo tempo revelam as duas coisas *indiretamente* àqueles que têm olhos para ver. Os evangelhos recordam, como que friamente, os sofrimentos de Cristo, sem nos deixar ouvir nem um gemido dos Seus santos lábios. Mas nos Salmos de Davi, profèticamente, por uma «luz refletida», podemos ler reverentemente as angústias da Sua alma. E em Cânticos, também indiretamente, percebemos alguma coisa do Seu amor para com a Sua Igreja, e o gôzo que espera ter nela. Mas tais assuntos são sagrados demais para serem expostos aos olhos mercenários de tipógrafos, por isso são discernidos sòmente por aquêles que têm os olhos espirituais abertos.

*15. Diz a V. B. que João 8:1-11 não está no original. Se é fato, devemos dizê-lo aos crentes e não devemos pregar sôbre essa passagem?*

Procure-se na biblioteca o livro «*Causes of Corruption in the Traditional Text*», p. 232, por Dean Burgon, e lerá com atenção as provas, mais do que suficientes, que êle apresenta da autenticidade dos referidos versículos.

*16. 1. Tim. 2:15 . . .?*

A tradução de Fig. é péssima aqui; a de Almeida um pouco melhor, mas a da V. B. é preferível: «*Entretanto ela será salva no dar filhos ao mundo, se permanecer na fé, no amor e na santidade, com moderação*».

Êste versículo ensina-nos que uma mulher piedosa poderá contar com a bênção de Deus na suprema provação da sua vida — na hora quando nascem seus filhos — atendendo ela às condições

indicadas. Pode muito bem ser que as palavras «*com moderação*» tenham um sentido especial aqui, um sentido com que os médicos estão muito de acôrdo. Não diz, já se vê, que convém haver «moderação» na santidade, mas moderação nas relações sexuais.

*17. João 3:13 . . . ?*

«Ninguém subiu ao céu, senão aquêle que desceu do céu, a saber, o Filho do homem que está no céu.» A V. B. omite, mas sem motivo suficiente, as palavras «*que está no céu*»; veja-se o livro «*Causes of Corruption*» por Burgon & Miller.

Não penso que aqui o Senhor esteja dizendo que Êle já tinha «*subido*» ao céu, mas antes que, estando em pensamento sempre ali, nem precisava «subir» para conhecer as coisas espirituais e celestes. Também Elias não «subiu» ali por seu próprio poder e direito, mas foi assunto pelo poder de Deus.

*18. Como conciliar Rom. 4:2,3 com Tiago 2:21 ?*

Romanos, em vez de contradizer Tiago, é-nos muito útil em entendê-lo melhor. Paulo fala daquilo que Deus vê — a fé; Tiago, daquilo que os homens vêem — as obras, a evidência visível da fé. É impossível haver fé sem obras, como é impossível haver fogo sem calor.

*19. Ecl. 9:3,7-9 . . . ?*

É o mais que a sabedoria humana pode saber pela luz da ciência. Para apreciar devidamente o Livro de Eclesiastes, deve ler «*Old Groans and New Songs*» por F. C. Jennings.

*20. Rom. 9:22. Como harmoniza o Sr., a um incrédulo, estas palavras, com o amor e misericórdia de Deus ?*

Deus é absolutamente soberano, e tem o direito de fazer o que quer no Seu universo. O que inspira a nossa adoração é que Êle sempre emprega a Sua soberania em beneficiar as Suas criaturas. Podia ter destruído, com tôda a razão, uma raça de pecadores: «*querendo mostrar a Sua ira, e dar a conhecer o Seu poder* (em vez de os destruir, Êle) *suportou com muita paciência os vasos da ira preparados* (pelas suas próprias más obras) *para perdição; para que desse a conhecer as riquezas da Sua glória, nos vasos de misericórdia que* (mediante a obra redentora de Cristo) *para glória já dantes preparou.*»

*21. Rom. 10:6,7 . . . ?*

E' muito interessante esta aplicação de uma escritura do V.T. e mostra como, às vêzes, o apóstolo «converteu ao Cristianismo» palavras que originalmente tinham um sentido mui diferente. Moisés falava da Lei; Paulo aplica as suas palavras ao Evangelho. É como se, citando as palavras de Moisés, êle dissesse: «Para nós estas palavras significam . . . »

*22. Rom. 10:17. Desejaria uma melhor compreensão dêste texto à luz de sua explicação.*

Uma tradução mais correta seria «*a fé vem por uma notícia, e a notícia pela palavra de Deus*». A fé não pode existir sem alguma coisa que se crê, e essa coisa nos vem «*pela palavra de Deus*» no Evangelho. E' a mesma notícia do amor e graça de Deus no Evangelho que inspira a nossa fé.

*23. Rom. 12:1 . . . ?*

Não sei por que tôdas as versões portuguêsas traduzem «*pela compaixão de Deus*» e não «*pelas compaixões de Deus*», como está no original Essas campaixões de Deus são tôdas as Suas manifestações em graça, declaradas desde o princípio da epístola. Depois de apresentar uma revelação nunca igualada da doutrina do Evangelho em que tôda a graça divina é declarada, o apóstolo começa sua exortação baseada nessas verdades.

O irmão quererá mais explicação dêste versículo, ou acha tudo muito compreensível? Vale a pena meditar bem, com muita oração, nas palavras «*que apresenteis os vossos corpos . . . a Deus*», e ver como e quando se tem feito isso.

*24. Rom. 12:2 ?*

Não sei bem qual é a dificuldade que encontra neste versículo, mas apresenta um ensino muito precioso, tanto na sua exortação negativa como na positiva. Notamos de passagem que a transformação de todo o ser do crente (na imagem de Cristo) será «*pela renovação do seu entendimento*», que vem, em grande medida, pela meditação na verdade de Deus.

*25. Ef. 5:19. Qual a sua distinção entre salmos, hinos e cânticos?*

«*Salmos* é provàvelmente empregada restritamente aos salmos do V. T., *humnos* (pouco usado, devido à sua associação com o paganismo) é uma canção de louvor a Deus. Um salmo podia ser *de profundis*, mas um hino havia de ser mais ou menos um *magnificat* (*Trench*); *ode* é um cântico que pode ser um salmo ou hino, ou mesmo uma expressão mais geral de sentimento cristão.» (*Green*).

*26. Rom. 13:1. Tôdas as "potestades" são então ordenadas por Deus? Devemos sujeitar-nos a qualquer autoridade, mesmo que seja injusta?*

Em geral podemos dizer que tôdas as autoridades são de Deus, embora nem sempre o são os indivíduos que as exercem — que também podem ser incompetentes. Mas o crente reconhece que é a vontade de Deus que haja govêrno estável no mundo, e respeita e obedece o funcionário em atenção à dignidade do seu ofício; nem sempre por crer na excelência da sua pessoa. O crente deve sujei-

tar-se a uma autoridade injusta, mas lembrando que devemos sempre obedecer a Deus antes que os homens; por isso não obedecerá contra a sua consciência.

*27. 1. Cor. 7:14 b (quanto aos filhos)?*

Vemos que, um do casal sendo crente, os filhos têm outra posição perante Deus do que se ambos os pais fôssem descrentes. E pràticamente, também, a parte convertida do casal deve saber «*santificar*» seus filhos por exemplo e ensino cristão. O versículo é importante por dar um caráter distinto aos filhos dos crentes desde a nascença, mesmo quando só um dos pais é convertido. As crianças não nascem crentes, mas nascem «*santas*». Contudo, não nascem «*revestidas de Cristo*» (Gál. 3:27) — porque isso depende de um certo rito cristão que ainda pode ser praticado mais tarde.

*28. Rom. 15:4. Começa o verso com o advérbio «porque» como havendo relação com o verso anterior. Existe essa relação?*

A conjunção no grego é *gar*, que nem sempre é exatamente equivalente ao *porque* em português. Vale a pena verificar isto em uma boa gramática grega — *Green* ou *Winer* por exemplo. Em todo caso, não parece referir-se ao versículo *imediatamente* anterior, mas talvez ao v. 11 do cap. 14.

*29. Mat. 1:18. Que quer dizer a palavra «desposada» aqui?*

Entre os judeus havia «desposório» algum tempo antes do casamento. Veja-se a «*Vida de Cristo*» por Edersheim, ou outros autores.

*30. A Bíblia fala na ressurreição, mas pouco da união (?) do espírito logo após a morte. Por que? Não dá êste fato base aos sabatistas para crerem no «sono» do «espírito» até a ressurreição?*

O principal versículo que combate essa idéia sabatista é 2. Cor. 5:8: «*Desejamos muito deixar êste corpo, e habitar com o Senhor*». Parece impossível que o apóstolo quisesse deixar o corpo e ficar inconsciente por milhares de anos à espera da ressurreição. As suas palavras mostram que êle contava estar «*com o Senhor*» imediatamente depois da morte; e é muito certo que não esperava a ressurreição imediatamente depois da morte. Fil. 1:23 parece dar o mesmo sentido. Em todo caso, a grande esperança do crente é a ressurreição, como o mesmo Paulo mostra em 2. Cor. 5:4, onde êle não deseja ser despido do corpo natural, mas antes ser revestido com um corpo espiritual, quando, na ressurreição, o mortal será absorvido pela vida.

*31. Mat. 3:6. Como responderia o irmão a um padre que citasse êsse versículo para demonstrar a confissão auricular?*

Havia de dizer-lhe que aí a confissão foi *pública* e não auricular: não foi secreta, no ouvido de um padre. Mas a confissão pública ou particular de pecados não é uma coisa proibida no Cris-

tianismo. Muito pelo contrário, pode às vêzes ser necessária (Tiago 5:16), especialmente quando o crente pede as orações dos anciãos da Igreja para obter a cura de alguma doença. Mas a confissão auricular do romanismo, com tôdas as suas características distintivas, é um mal muito grande.

Creio que o valor das palavras «*Confessai as vossas culpas uns aos outros*» tem sido esquecido quando se pede as orações dos irmãos.

*32. Mat. 3:9. «Pedras» a que se refere?*

Às pedras do deserto, que êle apontava com a mão. É a figura de *hipérbole*, a «figura da retórica que exagera ou diminui excessivamente a verdade das coisas, para que produzam maior impressão». João Batista, crendo que Deus tinha feito Adão do pó, presume que Êle poderá suscitar filhos a Abraão das pedras! Uma lógica mais fria havia de objetar que, em todo caso, não seriam filhos de Abraão; mas um discurso eloqüente e colorido às vêzes atende pouco à lógica. *Filhos* na Bíblia nem sempre são descendentes (veja-se Mat 5:45); *se apresentam as características* da pessoa podem ser chamados «filhos». Somos «*filhos da luz*» (1. Tess 5:5, etc), não porque a luz nos gerasse, mas porque pela graça de Deus somos iluminados e luminosos.

*33. Que se entende de sentarem-se os apóstolos em 12 tronos?*

Entende-se que será assim mesmo (Mat. 19:28). No Milênio os apóstolos terão um lugar especial de govêrno sôbre Israel.

*34. Mat. 5:33-36. Qual a relação dos vs. 34-36 com o 33?*

O v. 33 provàvelmente se refere a Núm. 30:2, mas o ensino do Senhor é uma coisa mais espiritual: de não jurar de maneira nenhuma. A relação é uma relação de contraste.

*35. O «Pai Nosso» foi ensinado aos judeus sòmente? Quais as provas? Não foi ensinado aos discípulos «cristãos»? Não é para nós um modêlo para as nossas orações? Não vejo vantagem em usá-lo maquinalmente; mas, com sinceridade e fervor?*

Diz Scofield: — «No 'Pai nosso' o Senhor dá um incomparável modêlo para tôda oração. Ensina-nos que a verdadeira oração começa com louvor a Deus; coloca os interêsses do Reino antes de quaisquer interêsses pessoais; aceita de antemão a vontade de Deus, em dar ou recusar o pedido; e pede que a necessidade atual seja suprida, deixando o futuro ao cuidado e amor do Pai. Empregada como uma *forma*, a oração dominical está, dispensacionalmente, sôbre terreno legal, e não sôbre o terreno da Igreja; não é oferecida no Nome de Cristo (veja-se João 14:13,14; 16:24), e ela faz um perdão humano, como havia de ser debaixo da lei, a condição do perdão divino; exatamente o contrário de Ef. 4:32, debaixo da graça.»

Esta oração foi ensinada aos discípulos cristãos, antes de,

Cristo ausentar-Se dêles e ensinar-lhes a pedir ao Pai no Seu nome. E' como diz Scofield, um incomparável modêlo para as nossas orações.

*36. Mat. 8:20. Devemos interpretar literalmente — que Jesus não tinha onde reclinar a cabeça?*

Não. Porque uma vez Êle reclinou a cabeça sôbre um travesseiro na embarcação (Mar. 4:38). A passagem quer dizer que Êle não era proprietário.

*37. João 16:8-11 . . . ?*

Em vez de «*convencerá o mundo*» leia-se «*arguirá o mundo*». «*Do pecado*», não por ser a descrença o único pecado, mas porque se tivessem crido, não seria preciso arguí-los de nenhum pecado, por serem todos perdoados. «*Da justiça*», porque foi a coisa mais justa possível, Deus levar a Jesus ao céu depois de Êle ter glorificado ao Pai aqui. «*Do juízo*» — aqui se contempla a condenação de Satanás como sendo o principal ato de juízo da parte de Deus.

*38. Mat. 11:12 . . . ?*

Diz Scofield: — «Tem sido muito discutido se a «*violência*» aqui é externa, *contra* o reino nas pessoas de João Batista e Jesus, ou se significa que, considerando a oposição dos escribas e fariseus, sòmente os violentamente resolutos iam forçar a sua entrada nêle. Ambas as coisas são verdadeiras. O Rei e Seu arauto sofreram violência, e isto é o primeiro e maior sentido da passagem; mas também alguns estavam resolutamente fazendo-se discípulos (Luc. 16:16).»

*39. Mat. 13:31-32. Interpretação desta parábola?*

«Aquilo que tinha sido semeado como um grão de mostarda se torna uma grande árvore; um símbolo que representa um grande poder na terra. O Assírio, Faraó, Nabucodonozor, são apresentados na Palavra como grandes árvores. Tal seria também a forma do reino, que começou em pequenez pela palavra semeada pelo Senhor, e mais tarde pelos Seus discípulos. Aquilo que essa semente produziu havia de assumir gradualmente a forma de um grande poder, fazendo-se proeminente na terra, de maneira que outros (mesmo descrentes) haviam de abrigar-se debaixo dela como aves nos ramos de uma árvore. Isto, na verdade, tem acontecido.» (*Darby*).

*40. Mat. 13:52 . . . ?*

«Estas parábolas contêm coisas novas e velhas. A doutrina do reino, por exemplo, era bem conhecida. Que êsse reino tomasse a forma descrita pelo Senhor, que êle abraçasse todo o mundo sem distinção — o povo de Deus derivando a sua existência, não de Abraão, mas da Palavra — tudo isto era inteiramente novo. Tudo era de Deus. O escriba tinha conhecimento do reino, mas estava inteiramente ignorante do carácter que assumiria: o reino

dos céus plantado neste mundo por meio da Palavra.» (*Darby*). Por isso qualquer dos escribas precisava ser *instruído* no reino.

*41. 1. Cor. 2:7-10 . . . ?*

Não sei bem o motivo da pergunta: o que é que necessita explicação? Talvez quais são as coisas que Deus preparou, de que o homem natural não tem sonhado, mas que Deus nos tem revelado pelo Seu Espírito.

Entre elas creio que podemos contar as verdades da *salvação, santificação, adoção de filhos,* etc. e muitas outras preciosidades cristãs.

*42. 1. Cor. 2:15 . . . ?*

«*E êle não é julgado por ninguém.*» Melhor: «*não é discernido*». Tem-se dito que o procedimento do crente deve ser tal que ninguém o compreenda que não conheça o seu Salvador. Como é que o mundo podia entender o caso de Paulo de repente abandonar a sua carreira de advogado e transformar-se em pregador itinerante? Quem não conhecia a Cristo havia de dizer que êle praticou uma loucura.

*43. 1. Cor. 2:16 . . . ?*

«*Nós, porém, temos a mente de Cristo.*» Depois de convertidos, temos o modo de pensar dÊle. Encaramos as coisas do Seu ponto de vista.

*44. 1. Cor. 3:22,23 . . . ?*

«*Tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus.*» O crente tem o direito de possuir tôdas as coisas, como o israelita tinha o direito de tomar posse de tôda a terra prometida. Mas infelizmente algumas das tribos não conseguiram tomar posse de tôda a sua herança — alguns possuíram os vales, mas não podiam possuir as montanhas; e há crentes que podem dar graças a Deus pelas coisas agradáveis da vida, mas são vencidos pelas coisas amargas. O apóstolo Paulo tinha tomado posse de tôda a herança; podia dizer: «*Sei estar abatido, e sei também ter abundância: em tôda maneira e em tôdas as coisas estou instruído, assim a ter fartura como a ter fome, assim a ter abundância, como a padecer necessidade*» (Fil. 4:12). Mas quantos há que padecem necessidade *e não sabem fazê-lo* para a glória de Deus! Quando qualquer circunstância apenas serve como mais um motivo de dar graças a Deus, podemos ter a certeza que tal circunstância — ou seja «morte» ou seja «vida» — é «nossa», não sòmente em título mas em experiência.

*45. 1. Cor. 5:5. Refere-se à segunda Vinda de Cristo?*

O Dia do Senhor Jesus *começa* com a Sua Segunda Vinda.

*46. 1. Cor. 6:10. Que são os «efeminados»?*

*autoridade sôbre a sua própria vontade, e tem resolvido isto no seu coração — de guardar a sua virgindade, êle faz bem. Assim aquêle que se casa faz bem; e aquêle que não se casa faz melhor.»*

*53. 1. Cor. 10:26,28b. Qual a relação destas palavras com os vs. 25 e 28a?*

O crente, quando contempla as coisas apetecíveis que a natureza lhe prôporciona, tem o direito de dizer: «Tudo isto pertence a meu Pai»; mas se êle sabe que êsses bens têm sido aplicados à idolatria, êle recusa comer, pelo mesmo motivo: «Tudo isto pertence a meu Pai», e não consente que o que é dÊle seja tão mal empregado.

*54. 1. Cor. 11:5. Por que «desonra»?*

No oriente, nesses tempos, uma mulher aparecer com a cabeça exposta importava uma falta de modéstia. Em Londres hoje é quase a mesma coisa: uma mulher que anda na rua sem nada na cabeça pode ser olhada como leviana. No Brasil não há nada disto, pois as mulheres mais virtuosas andam por tôda parte sem cobrir a cabeça. Contudo, nunca montam a cavalo sem chapéu!

*55. 1. Cor. 11:10. «Por causa dos anjos»?*

Veja-se cap. 4:9. Os anjos contemplam as coisas neste mundo, e especialmente a Igreja (Ef. 3:10).

*56. 1. Cor. 13:1. «Línguas dos anjos»?*

Anjos têm falado aos homens, e as suas comunicações têm sido tão importantes que é permissível ao apóstolo atribuir-lhes uma certa eloqüência.

*57. 1. Tim. 3:16. «Justificado em espírito, visto dos anjos.»*

Precisamente em que sentido o apóstolo fala do Senhor como *«justificado em espírito»* é difícil dizer. Geralmente é entendido referir-se ao Espírito Santo, e muitas ocasiões podem ser citadas que combinam com êsse sentido. *«Visto dos anjos»*, porque, afinal, os anjos do céu puderam contemplar neste mundo pela primeira vez um Homem perfeito.

*58. Heb. 13:18, 1. Ped. 3:16. Que vem a ser a «boa consciência»?*

Uma consciência que não nos acusa de culpa alguma.

*59. Os judeus criam na vida eterna, no céu, após a morte?*

Os fariseus esperavam uma ressurreição (Atos 23:8), por isso êles, ao menos, esperavam uma vida futura, mas com certeza uma coisa muito diferente daquilo que Cristo entendia por *«vida eterna»* — um conhecimento íntimo do Pai e do Filho (João 17:3) que nós gozamos *desde agora*, porque *temos* a vida eterna: não apenas esperamo-la depois da morte.

Aqui devo terminar esta carta, deixando as outras vinte per-

guntas para alguma ocasião futura, mas, visto que espero viajar durante seis meses, creio que não me será possível atendê-las tão cedo.

Peço as suas orações que a minha visita a Portugal e a Inglaterra seja ricamente abençoada por Deus.

Com amor fraternal,

Seu afeiçoado irmão em Cristo,

* * *

## Carta 48 «O Papel Aceita Tudo»

Certos crentes sinceros têm ficado um tanto confundidos pela observação de algum inimigo do Evangelho: «Ora, o papel aceita tudo!» como se isso fôsse o suficiente para tirar todo o valor de qualquer coisa escrita ou impressa sôbre papel.

A suficiente resposta será dupla, «Felizmente» e também «Infelizmente».

Felizmente o papel aceita tudo, e por isso podemos achar impresso sôbre papel o Livro Inspirado de Deus — a Bíblia Sagrada — tanto como o jornal que recorda as palavras passageiras dos homens. Se por qualquer circunstância fôsse sòmente possível imprimir os livros profanos sôbre papel e não os livros sagrados, que grande prejuízo para os homens! Então a arte tipográfica seria apenas um prejuízo para a raça, e em nenhum sentido uma bênção. Sim, felizmente, «o papel aceita tudo».

Mas também *infelizmente* o papel aceita tudo, e não sòmente encontramos as Sagradas Escrituras escritas sôbre papel, mas também escritos sem valor e romances imorais. Não sòmente encontramos notas do Banco impressas sôbre papel, mas também notas falsas que nada têm com o Banco. Contudo, dizer que «o papel aceita tudo» não é um argumento, mas apenas a afirmação de um fato sem nenhuma significação, a não ser que nos faz recordar o progresso da tipografia. Da mesma maneira podemos dizer que o ar aceita tudo, por isso podemos falar e ouvir a voz do nosso semelhante, e o ôlho aceita tudo, por isso podemos ver e ler o que está escrito sôbre papel.

O papel aceita tudo porque é matéria inerte, sem vida e sem vontade, sem poder de recusar coisa alguma. Mas o homem, porque é um ser racional, não deve aceitar tudo que seus mestres lhe ensinam, sem levá-lo à prova da verdade contida na Palavra de Deus. Faz pena ver homens inteligentes aceitando tôda classe de erros apenas porque seus pais os acreditavam: «aceitando tudo» como se

fôssem fôlhas de papel na tipografia, postas ali para receber a impressão que o dono quer lhes dar.

O papel aceita tudo porque é papel mesmo, mas nós devemos provar tudo antes de o aceitar. Quem prega o Evangelho de Deus não receia que as suas palavras sejam confrontadas com a Palavra divina, pois êle deseja em tudo harmonizar-se com a verdade de Deus. Mas quem foge da prova bíblica e receia que as Escrituras Sagradas sejam conhecidas pelo povo, mostra que não ensina a verdade, e abusa da ignorância dos seus ouvintes quando quer que êles aceitem tudo sem verificar nada. Quando o apóstolo Paulo partiu de Tessalônica e foi para Beréia, o escritor recorda que os de Beréia eram mais nobres do que os de Tessalônica, porque receberam a Palavra com tôda a avidez, *indagando diàriamente nas Escrituras* se estas coisas eram assim. Se o povo fizesse isso hoje, se levasse tudo à pedra de toque da Palavra de Deus, não havia de ser iludido por ensinos errados, aceitando tudo que seus mestres falam.

* * *

## Carta 49 — Contaminações Cerimoniais

30-x-1925.

Prezado irmão M. P.,

Recebi a sua carta do dia 20 dêste, e trato em seguida de responder à sua pergunta: «As mulheres e moças quando estão com as hemorragias devem ou não sentar-se no círculo do santuário e tomar parte (na Ceia do Senhor)?»

Esta pergunta com referência às mulheres não pode ser estudada sem ao mesmo tempo estudar o caso dos homens que podem ser igualmente contaminados carnalmente (Lev. 15:16). Se a mulher estiver impedida, o homem estará também.

Tais contaminações cerimoniais debaixo da Lei não foram repetidas no Novo Testamento, e não podemos insistir em alguém que vive debaixo da Graça governar a sua vida pelas regras marcadas pela Lei. Contudo, todo o capítulo 15 de Levítico tem instrução para nós, e cada um deve meditar no ensino que possa ter para a sua própria vida espiritual. Não sei se preciso acrescentar mais sôbre o assunto.

Lembro-me de dizer mais que a nossa Casa de Oração não é o «santuário». O santuário hoje não é uma coisa material, mas moral: é a própria presença de Deus. Alguém pode estar presente na reunião muitas vêzes, e nunca entrar no santuário. Ou pode

estar privado de assistir às reuniões e contudo permanecer no santuário da presença divina.

Saudações no Senhor.

* * *

## Carta 50 — Cobrindo a Cabeça

13-viii-1926.

Prezado irmão G — A —,

Desejo agora referir-me à sua pergunta referente às mulheres cobrirem a cabeça nas reuniões. Na sua carta me fala: «Algumas irmãs que entre nós usam cobrir a cabeça nas reuniões, deixam de o fazer, se porventura lhes assistem em outros meios evangélicos, pretextando não quererem escandalizar aos outros».

Parece que tais irmãs não notaram a diferença entre o ensino no começo e no fim de Romanos 14. No fim do capítulo Paulo fala sôbre certas coisas, certas comidas, que o crente toma *pelo seu próprio gôsto*, e com referência a tais coisas êle diz: «*Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem fazer outras coisas em que teu irmão tropece, ou se escandalize, ou se enfraqueça*».

Mas no princípio do capítulo êle fala de coisas que a pessoa faz «*para o Senhor*», e com isso o outro não deve nem pode ficar escandalizado.

Ora, a mulher que cobre a cabeça na Igreja, o faz, não para satisfazer um gôsto carnal, mas em obediência a uma expressa ordem bíblica; faz isso *para o Senhor*, entendendo que tal obediência é agradável a Êle. Por isso ela não deve acreditar que outras mulheres possam ser «escandalizadas» por ela sujeitar-se ao ensino bíblico. Assim é que respondo à sua pergunta.

Saudações no Senhor Jesus.

* * *

## Carta 51 — O Pentecostismo

Divisa, 13-vi-1926.

Prezado irmão S. R.,

Só hoje é que posso tratar de escrever alguma coisa com respeito à propaganda dos pentecostais, e nem agora poderei entrar no assunto completamente, pois não tenho tido tempo para estudar alguns escritos que lhe dizem respeito, os quais mais tarde poderei

examinar. Vou apenas notar algumas considerações que me vêm ao pensamento agora.

Considero o Pentecostismo uma propaganda muito ruim por ser ela baseada no engano e na mentira. Um homem ou uma mulher se levanta na Igreja e diz uma porção de incoerências que não edificam a ninguém, nem a êle mesmo, e assim desobedece 1. Cor. 14:4. Depois outro (ou outra) se levanta e *diz* que está interpretando o primeiro, e diz isso mentindo, pois sabe que não entendeu coisa alguma que o primeiro falou, nem poderá repetir meia dúzia das palavras do primeiro, dando o sentido de cada uma delas. Assim o pentecostal fica com a sua consciência cauterizada pela mentira, e a mentira nas coisas mais sagradas, pois êle está mentindo ao Espírito Santo (Atos 5:4). E' uma propaganda baseada na credulidade dos crentes, pois os pentecostais alegam o que não podem provar de maneira alguma: (1) que é o Espírito Santo que lhes ensina a falar as suas incoerências, e (2) que quem interpreta, interpreta-as corretamente.

E' nossa obrigação *provar* os espíritos, e qualquer propaganda que torna impossível essa prova, não pode ser de Deus. Os pentecostais querem que aceitemos as suas falas sem prová-las.

E' fácil ver a tirania espiritual que pode resultar de semelhante tipo de propaganda. O irmão Fulano se levanta e fala palavras incompreensíveis. O irmão Sicrano interpreta: «O Espírito Santo disse, pela bôca de Fulano, que Beltrano deve dar a metade dos seus bens para construir nossa Casa de Oração». Por isso Beltrano fica cheio de susto. Como pode êle atrever-se a desobedecer ao expresso mandato do Espírito Santo? Ou pode ser diferente: «O Espírito Santo diz que José não pode mais ser nosso presbítero; agora sou eu que sou mandado assumir êsse ofício». «O Espírito Santo diz que a irmã Maria está em pecado e deve ser excomungada.»

O «dom de línguas» dos pentecostais difere completamente do dom de línguas em Atos 2:8, quando «*ouvimos cada um na nossa própria língua em que somos nascidos*». Difere do dom de línguas em 1. Cor. 14:4, onde «*o que fala língua estranha edifica-se a si mesmo*». Perguntemos ao pentecostal qual a edificação que êle recebeu das suas próprias palavras incompreensíveis, antes de elas serem interpretadas, e êle terá que confessar que não recebeu edificação alguma.

O Espírito Santo nunca ensina a ninguém a desobediência à Palavra de Deus, por isso o espírito que influi os pentecostais é um espírito de êrro, pois ensina às mulheres a falarem na Igreja, apesar de isso ser-lhes expressamente proibido (1. Cor. 14:34). O

crente que se acostuma a desobedecer a uma parte da Palavra seguirá mais tarde a desobedecer a outra.

O Espírito Santo é um Espírito de *santidade*, mas a propaganda pentecostal promove o fanatismo, o desequilíbrio, a histeria e a imoralidade. Em 1912, quando estive no Pará, achei os crentes mais sensatos muito escandalizados com as reuniões de oração dos pentecostais, de noite, às vêzes com as luzes apagadas, e todos prostrados no chão, orando (?). Tais práticas combinam com a histeria e o fanatismo, mas não com a santidade.

O Pentecostismo tem atraído muitos dos crentes mais sinceros e ingênuos. Êles têm aspirado uma vida mais espiritual do que o comum entre os crentes; mais do poder do Espírito Santo nas suas vidas; e entendem que o Pentecostismo lhes oferece o que desejam. Tenho muitas simpatias com tais crentes, mas nenhuma simpatia com a propaganda que, quando pedem pão, lhes oferece a «pedra» de línguas inúteis. Quase todo o êrro faz propaganda de alguma verdade esquecida, e o Pentecostismo serve para chamar a atenção dos crentes para a realidade da presença do Espírito Santo na Igreja, uma verdade muitas vêzes quase esquecida entre os crentes bem sinceros. Todos nós precisamos mais do poder do Espírito Santo nas nossas vidas, não para podermos falar maluquices, mas para podermos ter uma vida mais santa e dar um testemunho mais brilhante do nosso Salvador.

Mais tarde talvez lhe escreva outra vez sôbre o assunto, mas por enquanto basta isto.

Com saudações no Senhor Jesus aos irmãos por aí, e à sua espôsa,

Seu, pelo amor de Deus,

* * *

## Carta 52 — Empréstimo da Casa de Oração

Coati, 22-viii-1926

Prezado irmão,

Pedistes o meu parecer, se a Casa de Oração, recentemente construída aqui, deve ser emprestada aos presbiterianos para as reuniões especiais dêles.

Respondo, que qualquer Casa de Oração que pertence à Igreja de Deus deve ser disponível para todo o povo de Deus na localidade, para o ensino de tôda a Palavra de Deus. Deve ser um lugar onde o Nome do Senhor Jesus Cristo é exaltado como o

único centro de reunião dos crentes, e por isso não seria conveniente que ali se falasse em outros nomes que apresentam outros centros de reunião, tais como batista, metodista, presbiteriana, sabatista, etc.

Mas, visto que os irmãos presbiterianos, além de pertencerem a uma denominação evangélica, pertencem igualmente como nós (que não aceitamos denominação alguma) à «*Igreja do Deus vivo, coluna e firmeza da verdade*», não deve repugnar a consciência dêles reunir-se como tais, como membros de Cristo — enfim, como hão de reunir-se (conosco) no céu — e devemos ter prazer em êles se reunirem assim no nosso salão, e nós com êles. Não será preciso, nem conveniente, marcar uma hora diferente para tal reunião, pois isso serviria apenas para acentuar as *divisões* que Satanás tem introduzido entre o povo de Deus, e que o Apóstolo tão terminantemente reprovou em 1. Cor. 1:12,13.

Se êles, reunindo conosco como irmãos em Cristo e membros da mesma Igreja Universal de Deus, acharem entre nós quaisquer costumes reprovados pela Palavra, devem nos admoestar e corrigir; e nós também devemos proceder para com êles da mesma maneira. Assim podemos e devemos cultivar com êles (e com todos) o amor fraternal e a harmonia cristã que a Palavra ensina, e, unidos como membros de Cristo, sem apresentar nenhum distintivo partidário, pelejar pelo progresso do Evangelho nesta zona.

As convicções bíblicas que êles tenham diferentes das nossas, ou que nós tenhamos diferentes das dêles, devem ser motivo de mútua tolerância e paciência, e não de debates e contendas.

Que Deus vos dirija em fazer tudo para a Sua glória, de acôrdo com a Sua Palavra!

Vosso afeiçoado irmão em Cristo,

* * *

## Carta 53 — Por que creio a Bíblia

15-x-1926

Meu caro irmão J. G.,

Recebi hoje mesmo a sua carta do dia 11 dêste, e trato imediatamente de responder.

Em resposta à sua primeira pergunta, e para que tenha com que responder aos contradizentes, vou dar-lhe Oito Razões por que creio ser a Bíblia a Palavra de Deus.

(1) *Porque ela satisfaz as necessidades espirituais dos homens.* As necessidades da sua *consciência*, que precisa de **perdão.** As necessidades da sua *alma*, da sua *vida*, que precisa de **poder** e graça diária. As necessidades do seu *coração*, que precisa de **amor**, de consolação e de esperança.

(2) *Por motivo da sua maravilhosa unidade.* A Bíblia foi escrita por uns 40 homens em tempos e circunstâncias bem diversas, mas ela apresenta uma unidade de pensamento, de propósito, de ensino moral e profético; o Velho Testamento *antecipando* o Messias, e o Novo recordando-O.

(3) *Porque é superior a todos os demais livros.* E' mais lido que qualquer outro. E' um Livro imortal. E' o Livro mais velho, mas, ainda assim, o Livro de mais interêsse atualmente.

(4) *Por motivo da sua influência sôbre o mundo.* Por tôda parte onde a Bíblia é obedecida ela tem transformado o lar, elevado a mulher, santificado o bêrço e redimido os homens.

(5) *Por motivo do carácter dos homens que crêem nela.* Desconfiamos de um ensino ou propaganda aprovada por homens máus, mas o carácter dos que crêem na Bíblia costuma ser bom. Podemos fazer um confronto dos caracteres dos crentes e dos descrentes com alguma vantagem para os primeiros.

(6) *Porque revela um meio de salvação*, e não há outro.

(7) *Porque o homem, por si só, não teria podido produzir a Bíblia.*

(8) *Porque aquêles que crescem em santidade prezam a Bíblia cada vez mais.*

Com respeito às mulheres nas Igrejas, não há dúvida alguma que a mulher deve ficar calada na Igreja. Ela pode orar na Igreja, mas *silenciosamente.* Quando não é em sentido algum uma reunião da Igreja, creio que não há proibição, e ela pode orar, como por exemplo numa reunião de mulheres.

Referente aos cento e vinte anos em Gên. 6:3. Não me parece que êsses 120 marcavam a idade dos homens, mas o *prazo antes de o Dilúvio* destruir a terra.

Saudações aos irmãos por aí.

Seu, pelo amor de Deus,

* * *

## Carta 54

**Casa de Oração**

17-xi-1926

Prezado irmão F. P. da S.,

Muito agradecido pela sua carta de 11 p. p., que me foi entre-

gue pelo A., que atualmente está conosco, e parece que está tirando resultado dos seus estudos.

Êle apresentou-me também a pergunta com respeito à Casa de Oração: se devem continuar a construção, visto que o proprietário do terreno, o irmão A. de C., se tornou presbiteriano.

Em resposta direi, primeiro de tudo, que tenho muita pena em saber que um irmão que tem conhecido o terreno comum do Cristianismo, onde todos os crentes podem estar juntos em comunhão fraternal, com plena liberdade de obedecer à Palavra de Deus tal e qual como possam entendê-la, abandonou êsse amplo e bíblico terreno para aliar-se a uma denominação onde cabem apenas os crentes de um certo parecer, sendo excluídos dessa irmandade todos os demais crentes que têm convicções diferentes.

Tal sistema de dividir os crentes em partidos é expressamente proibido na Palavra de Deus (1. Cor. 1:12 e 13) e tem causado o maior prejuízo possível no meio evangélico. Devemos ter tôda a paciência com os nossos irmãos presbiterianos que foram convertidos nesse sistema, e não sabem que a Bíblia proíbe a divisão e os nomes partidários (veja-se a mesma escritura citada acima), mas devemos deveras lastimar que crentes que conhecem essa proibição e têm a Bíblia aberta nas suas mãos, afiliem-se a quaisquer dessas irmandades ou partidos. E' de esperar que esta aventura do irmão C. seja apenas uma excursão passageira, e que brevemente êle volte a gozar da liberdade de partidos humanos com que Cristo nos libertou — deixando de usar qualquer título ou denominação que não encontra na sua Bíblia.

Mas os irmãos querem ter o meu parecer de como devem proceder atualmente com respeito à construção da Casa de Oração, em vista das circunstâncias acima referidas.

Creio que podemos ajudar na construção de qualquer salão onde o Nome de Cristo será o único título admitido, e onde não haja nada que chame atenção para outros nomes como centros diversos de união, tais como metodista, presbiteriano, fluminense, etc. Em geral isto é bem entendido entre os irmãos que se reunem conosco, e não é preciso fazer nenhuma declaração por escrito nesse sentido, mas no presente caso, atendendo às circunstâncias atuais, para oferecer alguma garantia aos irmãos que desejarem contribuir com seu dinheiro ou serviço, faço a proposta que todos os interessados, incluindo o irmão A. C., assinem uma declaração afirmando que a Casa de Oração será construída com o acôrdo de todos os assinantes para ser um centro onde o Nome de Cristo sòmente será reconhecido como o único e suficiente centro de união do povo. Vou mandar-lhe uma declaração nesses têrmos, e se os irmãos todos, incluindo o irmão A. C., acharem conveniente assiná-la, creio que isso

servirá em grande medida para restaurar a confiança dos crentes mais distantes que queiram contribuir para as despesas da construção. Seu irmão em Cristo,

* * *

## Declaração dos crentes interessados na construção de uma casa de oração nos terrenos do irmão A. de C.

Nós, os abaixo assinados, estamos de acôrdo que a referida Casa de Oração deve ser conservada livre de tudo que divida ou cause partidos na Igreja de Deus, e que nela o Nome do Senhor Jesus Cristo será reconhecido como o único e suficiente Centro de união do Seu povo, e propomos conservá-la sempre nesse caráter, admitindo todo ministério que exalte o Nome de Cristo e recusando qualquer propaganda que ocupe os crentes com outros nomes que apresentem diferentes centros de união. Em sinal dêste nosso acôrdo firmamos o presente documento.

## Carta 55

## O Russelismo

19-i-1927.

Prezado irmão A. P.,

Agradecido pela sua carta do dia 12, recebida hoje. Alegro-me por ser lembrado nas suas orações, e peço que continue com êsse serviço.

Referente à propaganda dos «Estudantes da Bíblia», creio que não tem valor algum. A seita foi fundada por um tal «Pastor Russell» nos Estados Unidos do Norte. Infelizmente êle não deu um testemunho muito exemplar nos seus últimos anos, e quando a mulher dêle o divorciou ela provou que o tinha encontrado mais de uma vez com a empregada sentada nas suas pernas. Por tais coisas a seita é um tanto desacreditada nos Estados Unidos, mas aqui no Brasil, onde o carácter do seu fundador é desconhecido, ainda progride.

O D. N. é um moço que estudou para o ministério batista, mas foi expulso do Seminário, e depois tentou fundar uma propaganda particular. Por algum tempo manteve certas relações conosco, e J. M. especialmente procurou ajudá-lo e encaminhá-lo, mas pouco a pouco êle se afastava cada vez mais, e afinal uniu-se com os tais «Estudantes», e hoje é um dos principais propagandistas dêles.

Pode notar um característico idêntico em tôdas estas seitas heréticas: nenhuma delas proclama o Evangelho da *graça* de Deus. A propaganda dêles é sempre uma salvação pelas obras, nunca pela obra e graça de Deus. Segundo o impresso que me mandou «os *humildes* (não os crentes no Senhor Jesus) viverão felizes na terra restaurada».

Não aceito por um momento o argumento do Sr. D., que «a terra restaurada será o paraíso». Em 2. Cor. 12:2 e 4 o paraíso é identificado, não com a terra, mas com o terceiro céu. Alguns entendem que *antes da cruz de Cristo* o paraíso era a parte do Hades onde os crentes falecidos estavam, e que êsse lugar foi depois transferido para o terceiro céu; mas eu não quero afirmar isso positivamente, por não ser necessário.

A mudança de tradução que o Sr. D. quer fazer, não é necessário. Todos os tradutores concordam que Jesus disse ao ladrão: «*Estarás hoje comigo no paraíso*». O espírito de Jesus havia de ir imediatamente ao Pai, mesmo que Êle ainda não tivesse «subido» corporealmente. E o espírito do ladrão arrependido ia com Êle para êsse paraíso da presença de Deus. Na Bíblia a terra restaurada durante o Milênio nunca é chamada o paraíso.

Sem mais assunto por enquanto,

Seu afeiçoado irmão em Cristo, * * *

## Carta 56 — Os Presbíteros

Faria Lemos, 24 de Março de 1925

Caro irmão F. O. de S.,

Tenho comigo sua prezada carta. Teria prazer em poder fazer algumas considerações mais minuciosas sôbre o assunto de presbíteros, mas o tempo é pouco e a minha saúde não permite que me preocupe além de certa medida, razão porque lhe escrevo ligeiramente.

O irmão me escreve sôbre o pensamento aí de estabelecerem presbíteros e diáconos na igreja local, e do livro de ordem. Poderei ser forçado por circunstâncias especiais a tolerar a prática de qualquer coisa em desacôrdo com a Palavra, se não tiver outro remédio, em vista de as coisas andarem tão mal, muitas vêzes, entre os irmãos que professam estar no terreno amplo das Escrituras, mas por fidelidade hei de dizer sempre o que creio ser o ensino apostólico em qualquer assunto.

Não há nenhum ensino nas Escrituras que dê lugar a essa escolha de presbíteros em uma igreja local. O que encontramos é que o apóstolo Paulo estabeleceu presbíteros em cada igreja (Atos 14:23). A expressão «*por comum consentimento*» parece que não está no original, mas mesmo que se ache ali, nada favorece a eleição como muitos entendem atualmente.

Também Tito foi deixado em Creta para que pusesse as coisas em boa ordem e estabelecesse presbíteros de cidade em cidade (Tit.

1:5): um delegado apostólico destinado para êsse serviço. Não temos hoje nem o apóstolo nem o seu delegado, por isso ninguém os pode substituir nesse mister, visto que as Escrituras não dão liberdade às igrejas locais e nem a qualquer crente para fazer tal serviço.

Presbítero, ancião ou bispo são o mesmo ofício, e encontramos um convite muito significativo em 1 Tim. 3:1 dirigido a todos os crentes; também há na Palavra instruções muito claras sôbre as qualificações de tais pessoas, 1. Tim. 3:2-7 e Tito 1:6-9; o lugar e a qualidade do trabalho, 1. Ped.5:2 e 3, «*apascentai o rebanho de Deus que está entre vós*», 1.Tim. 5:17, «*os anciãos que governam bem*», e 1.Tim. 3:5, «*ter cuidado da Igreja de Deus*»; o reconhecimento pela igreja local, 1.Tess. 5:12 e 13; a recompensa, 1. Tim. 5:17, e 1. Ped. 5:4; como é pôsto no trabalho, Atos 20:28.

Uma eleição por parte da Igreja, ou nomeação por qualquer pessoa ou corporação, e consequente colocação oficial no cargo, não existe. Não obstante há o govêrno na Igreja de Deus, pelo qual estou clamando cada dia desde muito tempo, mas em conformidade com as Escrituras.

O diáçono, como é entendido, é um servo da Igreja, e por isso ela pode escolhê-lo, e o escolhe sempre que é necessário para qualquer mister. Porém nunca é preciso estar-se ocupado com formalidades que têm muito valor nas sociedades mundanas, mas não na Igreja.

Sôbre o livro de ordem, vou mandar-lhe uns folhetos referentes ao assunto, mas cito uma passagem bíblica que é suficiente para nos mostrar o verdadeiro livro de ordem. E' em Atos 20:32. O apóstolo despedia-se dos anciãos de Éfeso, contando não os ver mais, e nesse momento tão solene para aquêle fiel e amoroso servo de Deus e da Igreja, êle encomendou-os «*a Deus e à Palavra da Sua graça*», acrescentando que é poderosa para os edificar e dar-lhes herança entre os santificados.

Muito me tenho batido pela necessidade de um trabalho especial com os irmãos que têm aptidão para o ministério, a fim de haver um ministério idôneo para preparar os crentes contra êstes assaltos de erros entre os que estão reunidos em conformidade com a verdade.

Quando digo *idôneos*, quero dizer o que a palavra significa, apto para exercer a função, capaz, adequado, próprio para o fim a que se destina.

Mesmo com um ministério idôneo teremos de ver essas coisas; quanto mais sem êle!

Terminando, me subscrevo seu dedicado irmão,

*A. G. Filgueiras*

*Nota.* Tenho achado que esta carta expõe lùcidamente o ensino bíblico referente ao ofício de presbítero, e por isso tenho mandado cópias dela a vários irmãos que me têm escrito pedindo esclarecimentos do assunto. Mas é preciso que as passagens referidas *sejam lidas* com tôda a atenção, ou a sua importância não será percebida.

O ensino bíblico diz respeito ao estado de coisas que existia nos tempos bíblicos, e precisamos reconhecer que hoje, infelizmente, a situação é bem diferente. Atualmente a Igreja de Deus está dividida em uma variedade de grupos e irmandades independentes, cada um organizado o melhor possível para poder prescindir dos crentes que não lhe pertencem. A única Igreja que nós podemos reconhecer, *a Igreja do Deus vivo, coluna e firmeza da verdade*, compõe-se de todos os crentes, e não se pode prescindir de nenhum dêles, nem quer fazê-lo. Pode muito bem ser que um irmão que deve nos ajudar como presbítero se encontre em alguma denominação vizinha, e temos que nos contentar sem o seu préstimo. Mas nunca devemos nos conformar com a falta do menor dos nossos irmãos, que pertencem igualmente como nós à mesma Igreja de Deus. Sem êles devemos sempre sentir-nos aleijados e incompletos, prejudicados tanto no govêrno como no ministério da Igreja. Contudo, podemos confiar que, ainda assim, Deus nos proporcionará uma suficiente média de ambos para podermos viver em paz e harmonia para a Sua glória, enquanto esperamos o dia vindouro em que Cristo apresentará a Si mesmo a Sua Igreja, tão dividida hoje, unida, sem mácula nem ruga nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Até êsse momento nunca devemos perder de vista que nós não somos a Igreja, mas apenas parte incompleta dela, e por isso sem podermos desfrutar tôdas as glórias e bênçãos que seriam gozadas pela Igreja unida.

Às vêzes dá-se o caso que todos os crentes no lugar frequentam as nossas reuniões, e então podemos esperar que o ministério e o govêrno da Igreja local sejam realizados sem termos que sentir a falta de irmãos queridos que, devido às divisões eclesiásticas, se encontram distribuídos entre diferentes denominações. Em tais circunstâncias podemos esperar provar melhor as condições descritas na Bíblia.

* * *

## Carta 57 — Unidade

*Rio, 8-iii-1928*

Prezados irmãos,

Tenho notado últimamente entre algumas das congregações que visito uma tendência de insistir em uma *uniformidade de pare-*

cer sôbre pontos de importância secundária, como se o nosso terreno de comunhão fôsse o de um conhecimento único, ao modo de cada denominação, e não o da Igreja universal, que abrange e inclui no seu meio crentes de conhecimentos e convicções muito diversos.

Receio que esta tendência resulte em sermos sectários em nossos pensamentos, reconhecendo como dos «nossos» apenas aquêles que têm aprendido o mesmo que sabemos, em vez de contemplarmos todo crente em Cristo como membro da Igreja à qual pertencemos.

Êste ponto tem sido tão bem explicado pelo erudito Ricardo Holden, no tratado «*Posição e Princípios*», que acho proveitoso transcrever as palavras dêle: —

«Inquirindo as causas da desunião na Igreja, os irmãos compreendem que provém principalmente das diversidades de pareceres acêrca de certas doutrinas e do regime eclesiástico, as quais divergências de idéia têm levado os crentes em geral a separarem-se mùtuamente daqueles com quem discordam, para andarem de sociedade só com os que concordam com êles, expressando a sua solidariedade pela adoção de organizações que servem para dar efeito às suas idéias. Para estas agremiações adotam então nomes que as distinguem de outras quaisquer; e compõem «*Credos*» ou «*Confissões de fé*» que contribuem para o mesmo fim.

«Os 'irmãos' reparam que, embora todos os crentes concordam sôbre as doutrinas fundamentais do Cristianismo, alguns, em vez de verem em Cristo o seu Centro comum, vêem nestas tantas opiniões, a quem nos temos referido, outros tantos centros de união restrita, formando assim grupos separados, em vez de andarem todos unidos.»

* * *

Cada irmandade no meio evangélico atrai para si apenas aquêles crentes que têm o modo de pensar aprovado por essa irmandade. Se nós queremos provar a unidade da Igreja de Deus não devemos procurá la em qualquer modo de pensar, visto que os pensamentos e convicções dos crentes são muito diversos, apesar de todos serem contemplados por Deus como membros da Sua Igreja, mas podemos verificar essa unidade no fato de todos *sentirem* a mesma coisa (Fil. 2:2; 3:16; 4:2) — o mesmo amor para com o único Salvador. Numa família pode haver um filho de dois anos e outro de vinte, e êles quase não têm nenhum pensamento em comum, mas ambos têm um mesmo sentimento: o mesmo amor a seus pais.

Para o meio divino por Deus estabelecido, para Cristo como

Centro da congregação do Seu povo, são atraídos crentes dos mais diferentes pareceres; por isso seria uma lástima se fôssem admitidos para êsse meio apenas os irmãos com uma certa compreensão da verdade. Se um grupo de crentes reunidos no Nome do Senhor Jesus, e desejosos de ter comunhão com todo o povo de Deus no amplo terreno do seu Cristianismo comum, se orgulha em ter todos no seu meio com idéias idênticas sôbre pontos discutidos (como por exemplo o Batismo) em que é bem sabido que há diversidades de parecer na Igreja de Deus, é gloriar-se na sua vergonha, em êles, à semelhança das denominações, não terem podido atrair senão os crentes que concordam com êles em tudo.

Espero poder encontrar nas congregações que visito crentes de todos os conhecimentos e convicções, os que sabem e os que precisam ainda aprender, mas todos unidos no mesmo amor ao único Salvador e no desejo de honrá-Lo por uma vida santa e irrepreensível.

Vosso irmão, pelo amor de Deus,

* * *

# INDICE ALFABÉTICO


| | pág. |
|---|---|
| Apêlo aos Novos Crentes | 127 |
| Asseio | 6 |
| Batismo | 49, 73, 129 |
| Batista, Um Tratado | 20 |
| Bíblia, Por que creio a | 156 |
| Cabeça, Cobrindo a | 153 |
| Casa de Oração | 157 |
| Casa de Oração, Empréstimo da | 155 |
| Casamentos | 10 |
| Ceia do Senhor | 11, 122 |
| Ceia, Ocasião da | 120 |
| Clericalismo | 17 |
| Cobrindo a Cabeça | 153 |
| Coisas Proibidas | 123 |
| Coleta e Dívida | 9 |
| Coletas da Igreja | 5 |
| Contaminações Cerimoniais | 152 |
| Contribuição | 34 |
| Crianças | 15 |
| Darby, Um tal | 80 |
| Denominacionalismo | 51 |
| Disciplina | 38, 83 |
| Dívida, Coleta e | 9 |
| Dízimo | 27,38 |
| Empréstimo da Casa de Oração | 155 |
| Ensinos Errados | 13 |
| Evangelho, Pregação do | 121 |
| Govêrno da Igreja | 84 |
| Hinos | 91 |
| Hospedagem | 8 |
| Mais Perguntas | 104 |
| Ministério | 38, 45, 62 |
| Mocidade | 32 |
| Mocidade Evangélica | 40 |
| Morte de Cristo | 24 |
| Mulheres, Silêncio das | 124 |
| Nome de Partido | 78 |
| Novos Crentes, Apêlo aos | 127 |
| Oração e Cura | 29 |
| Papel aceita Tudo | 151 |
| Pentecostismo | 153 |
| Perguntas, Ainda mais | 135 |
| Perguntas, Mais | 104 |
| Perguntas, Várias | 92 |
| Por que creio a Bíblia | 156 |
| Pregação do Evangelho | 121 |
| Presbíteros | 56, 160 |
| Proibidas, Coisas | 123 |
| Provações | 70 |
| Russelismo | 159 |
| Sabatismo | 43 |
| Sabatistas | 22 |
| Senhores e Servos | 76 |
| Silêncio das Mulheres | 124 |
| Testemunhas de Jeová | 159 |
| Trabalho Unido | 72 |
| Um tal Darby | 80 |
| Unidade | 162 |
| Várias Perguntas | 92 |

# ÍNDICE BÍBLICO


| Gênesis | pág. |
|---|---|
| 1:1,2 | 102,105 |
| 1:26 | 105 |
| 2:17 | 95 |
| 3:1 | 136,137 |
| 6:3 | 157 |
| 11:1-9 | 137 |
| 14:18-20 | 36 |
| 19:1 | 118 |
| 28:20-22 | 27,36 |
| 32:30,31 | 95 |
| 41:8 | 105 |
| **Êxodo** | |
| 14:29 | 50 |
| 32:14 | 108 |
| **Levítico** | |
| 15:16 | 152 |
| 18:27,28 | 98 |
| 19:19 | 123 |
| 31 | 14 |
| 27:30-32 | 27,36 |
| **Números** | |
| 15:32-35 | 23,43 |
| 18:20-32 | 27,29,36 |
| caps. 22-24 | 113 |
| 25:1-3 | 114 |
| 30:2 | 146 |
| 31:16 | 114 |
| **Deuteronômio** | |
| 6:5 | 105 |
| 14:22 | 36 |
| 26 | 105 |
| 18:10 | 14 |
| 34:6 | 112 |
| **Josué** | |
| 6:6 | 105 |
| 24:29 | 105 |
| **Juízes** | |
| 1:1 | 105 |
| 2:6,8 | 105 |
| **1 Samuel** | |
| 15:29 | 108 |
| 18:1 | 105 |
| 20:4,17 | 105 |
| **1 Reis** | |
| 8:12 | 97 |
| 14:29 | 101 |
| **2 Reis** | |
| 4:9,10 | 8 |
| 20:1-7 | 31 |

| 1 Crônicas | pág. |
|---|---|
| 21:1 | 136 |
| **2 Crônicas** | |
| 16:12 | 32 |
| **Jó** | |
| 2:3 | 111 |
| 7:11,15 | 105 |
| 14:22 | 105 |
| 32:8 | 105 |
| **Salmos** | |
| 2:3 | 136 |
| 13:2 | 105 |
| 18:28 | 105 |
| 22:15,16 | 26 |
| 24:7,8 | 94 |
| 42:5,6,11 | 105 |
| 84:2 | 105 |
| 127 | 149 |
| **Provérbios** | |
| 3:9 | 34 |
| 20:27 | 105 |
| **Eclesiastes** | |
| 9:3,7-9 | 143 |
| 12:13 | 142 |
| **Cânticos** | 142 |
| **Isaías** | |
| 1:9 | 110 |
| 11 | 100 |
| 14:12-14 | 136 |
| 53:10 | 26 |
| **Jeremias** | |
| 18:8-10 | 108 |
| **Ezequiel** | |
| 18:4,20 | 95 |
| 23,32 | 96 |
| 28:12-19 | 136 |
| 34 | 58 |
| **Daniel** | |
| 9:26,27 | 110 |
| 12:10 | 110 |
| **Oséias** | |
| 3:1,2 | 118 |
| 6:7 | 112 |
| **Zacarias** | |
| 13:7 | 26 |
| 14:4 | 108 |
| **Malaquias** | |
| 3:1 | 103 |
| 4:5 | 103 |

| Mateus | pág. |
|---|---|
| 1:18 | 145 |
| 3:6-11 | 92, 93, 145, 146 |
| 14-16 | 50, 105, 141 |
| 4:1-11 | 136, 137 |
| 5:3-12 | 99 |
| 26 | 139 |
| 27 | 103 |
| 33-36,45 | 146 |
| 6:6 | 8 |
| 9-13 | 146 |
| 7:21 | 103 |
| 8:20 | 147 |
| 22 | 108 |
| 10:40 | 103 |
| 11:3 | 103 |
| 12 | 147 |
| 14 | 103 |
| 16,17 | 104 |
| 27 | 109 |
| 29 | 105 |
| 12:20 | 109 |
| 32 | 102 |
| 40 | 107 |
| 43-45 | 109 |
| 13:9 | 111 |
| 11,12 | 94 |
| 31-32,52 | 147 |
| 55 | 149 |
| 15:22 | 136 |
| 16:27 | 99 |
| 28 | 149 |
| 17:11 | 103 |
| 18:18 | 48 |
| 20 | 44 |
| 19:7,8 | 94 |
| 28 | 146 |
| 20:16 | 95 |
| 28 | 25,78 |
| 22:24 | 94 |
| 23:23 | 36, 38, 139 |
| 30,31 | 139 |
| 24:3,15-20 | 109, 110 |
| 34 | 149 |
| 50,51 | 104 |
| 25:21,24 | 110 |
| 31-46 | 99 |
| 26:38 | 105 |
| 28:19,20 | 115 |

**Marcos**

2:28 109
3:30 102
4:38 147
7:4 74
9:11-13 103
10:3 94
12:19 94
15:25 138
16:15 115
16 21,96

**Lucas**

1:1-3 101
17 103
2:21 44
3:16 22
10:25-28 99
11:38 22,74
42 27
12:32 95
47,48 119
13:32 110
16:1-13 110
16 147
29-31 94
18:42 112
19:8,9 99
21 112
20:37 94
21:20-24 109
22:27 78
31 111,136
32 116
24:27 94
31,39 102
33 93
47 115

**João**

1:33 141
3:3 103
5 41
8 111
13 143
16 96
4:6 139
10 111
5:45,46 94
6:37 96
44 109
53-58 107,111
7:7 111
8,10,22 94
8:1-11 142
24,51 95
9:3 105
10:18 25
12:27 105
44 112
13:27 137
14:13,14 146
16:8-11 147
24 146
17:3 150
21 52
19:14 138,139
20:17 94
19,26 44,102,109
23 93

**Atos**

1:8 115
26 87
2:1 44
8 154
17,18 50,75
23 25
33,40 75
41 21
4:27,28 25
5:3 136
4 154
6:1-7 87
14 94
8:1 141
16 93
37 21
10:41 88
44 140
47 50,74
13:1-4 88
5 62
48 95
14:23,26 57,87,88,160
15:10 23,70
20 124
21 94
35-41 141
16:31 96
33,34 75
17:30 96
19:1-7 21,92,131,140
20:6 44
28 47
34-36 6.7,39
23:8 150
26:22 94
28:23 94

**Romanos**

1:26,27 149
32 95
2:6-10 99
3:25 24
26 114
4:2,3 143
5:12 95
14 118
21 139
6:2,3 22,131,132
13 34
23 95
8:3 116
29,30,33 95
9:20,21 95
22 143
10:5 94
6,7 143
13 41
17 144
19 94
11:5 110
12:1,2 144
7,8 64,114
13 6
13:1,2,4 104,144
14:5 109
6 55,153
19 50
21 153
15:4 27,145
27 5
16:17 40

**I Coríntios**

1:12-13 52,127,156,158
2:7-10,15,16 148
11 105
3:22,23 148
4:9-11 40,150
5:1-13 40,83,117
5 105,140,148
6:10 148
7:4,5 136,149
12,25 101,102
14 145
36-38 149
9:6-18 5
14 39
10:2 50,92,133
11 123
17 120
26,28 150

11:5,10 150
1-16 126
30 112
12:1-11 46
8 56,113
11 12,18,82
18 70
28 46,47,70,86,114,121
13:1 150
9-12 113
14:4 61,82,140,154
29 19,114
34,35 124,125,126,154
40 62
15:18 20,51,52 108
22 95
29 113
44 102,103,109,118
16:2 6,29,35

**2 Coríntios**

3:15 94
4:5 76
5:4,8 108,145
10 99
8:7 35
23 87
9:8 10
11:28 87
12:2,4 160
7 136

**Gálatas**

3:27 92,145
4:21 23
6:1 40
6 5
7 103

**Efésios**

1:4,5 95
12 133
2:20 69
3:10 150
4:8-11 46,47,61,62,85, 89,114,121
12-16 39,129
26 141
32 146
5:19 19,144
26 107
6:5-8 76,77
9 76
13 135

**Filipenses**

1:5 121
23 108,145
2:13 42
3:20 108
4:6 6
12 148

**Colossenses**

1:16 104
2:12 132
4:1 76

**1 Tessalonicenses**

1:8 121
4:13-18 108
5:5 146
12 59,64,68,161
23 105,116

**2 Tessalonicenses**

2:3-8 110
3:6 40,130
14,15 40

**1 Timóteo**

1:3,5,18 89
2:4 96
8-15 125,126
15 142
3:1-13 59,64,161
15 117,133
16 101,150
4:14 89
16 99,100
5:1-13 6,40
3-16 6
17 57,59,64,85,161
19 12
20 40
22 69
23 32,115
6:1,2 77
5 40
12,20 89

**2 Timóteo**

1:6 69,89
14 89
2:4 117
20 139
22 130
4:2 40
5 122

**Tito**

1:1 76
5-9 50,161
2:4 126
9,10 76,77
11 96
13 94
3:8 64

**Filemon**

12,17 103

**Hebreus**

2:14 26
7:14 94
9:10 22
10:5-10 26
22 6
12:6 32
13:7 91
8 97
15 61
17 83,91
18 150

**Tiago**

1:5 107
14 136
15 95
27 99
2:21 143
3:17 107
4:4 114
5:13-17 30,32

**1 Pedro**

1:2 95
7 71
2:5 18,61,120
9 89
3:16 150
19,20 111
4:6 103
5:1-4 40,47,76,86,161

**2 Pedro**

2:4 135
15 113

**1 João**

1:7 95,97
2:6 43
5:7,8 107

**2 João**

10 45

**Judas**

6 135
9 112
11 113

**Apocalipse**

2:14 114
23 99
5:8 119
12:9 137
13:4-7 110
14:6,7 110
20:4 108
22:18,19 21